



DR. PRAZER

OS BASTIDORES DE UM **HOMEM FERIDO**

TOM ADAMZ



DR. PRAZER

OS BASTIDORES DE UM HOMEM FERIDO

T O M A D A M Z

— É PROIBIDA A REPRODUÇÃO —

Publicação: Amazon/Kindle - Goiânia - GO.

Capa: Jéssica Veiga / Magic Capas

Revisão: Angélica Podda.

Versão: E-book.

1ª Edição/2018

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do autor.

SUMÁRIO

[CAPÍTULO UM](#)
[CAPÍTULO DOIS](#)
[CAPÍTULO TRÊS](#)
[CAPÍTULO QUATRO](#)
[CAPÍTULO CINCO](#)
[CAPÍTULO SEIS](#)
[CAPÍTULO SETE](#)
[CAPÍTULO OITO](#)
[CAPÍTULO NOVE](#)
[CAPÍTULO DEZ](#)
[CAPÍTULO ONZE](#)
[CAPÍTULO DOZE](#)
[CAPÍTULO TREZE](#)
[CAPÍTULO QUATORZE](#)
[INTERLÚDIO 1](#)
[CAPÍTULO QUINZE](#)
[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)
[CAPÍTULO DEZESSETE](#)
[CAPÍTULO DEZOITO](#)
[CAPÍTULO DEZENOVE](#)
[CAPÍTULO VINTE](#)
[CAPÍTULO VINTE E UM](#)
[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)
[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)
[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)
[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)
[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)
[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)
[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)
[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)
[CAPÍTULO TRINTA](#)
[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)
[CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)
[CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)
[INTERLÚDIO 2](#)
[CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)
[CAPÍTULO TRINTA E CINCO](#)
[CAPÍTULO TRINTA E SEIS](#)
[CAPÍTULO TRINTA E SETE](#)
[CAPÍTULO TRINTA E OITO](#)
[INTERLÚDIO 3](#)
[CAPÍTULO TRINTA E NOVE](#)
[CAPÍTULO QUARENTA](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E UM](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E DOIS](#)

[CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO](#)
[INTERLÚDIO 4](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E CINCO](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E SEIS](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E SETE](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E OITO](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E NOVE](#)
[CAPÍTULO CINQUENTA](#)
[INTERLÚDIO 5](#)
[CAPÍTULO CINQUENTA E UM](#)
[CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS](#)
[CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS](#)
[CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO](#)
[CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO](#)
[CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS](#)
[CAPÍTULO CINQUENTA E SETE](#)
[EPÍLOGO](#)
[SOBRE O AUTOR](#)
[RECOMENDAÇÕES](#)

CAPÍTULO UM



Eu tinha uma carreira promissora e estagiava em um dos melhores escritórios de advocacia de Goiânia — Goiás, mas aquela tragédia mudou a minha vida completamente.

Hoje, quase sete anos depois, sou o maior especialista em mulheres que já existiu nesse país. Sei o que elas querem, o que gostam, como realizá-las na cama e em um relacionamento.

Elas me procuram e eu as atendo, as enfeitiço e mostro um mundo completamente novo. O mundo exótico do prazer em uma viagem embriagante. Mas, não se apaixonem, pois sou apenas prazer. Doutor Prazer.

• • •

Depois de um mal-entendido com o marido de uma cliente, solicitei que fosse feita a blindagem do meu veículo. De vez em quando eles surgem e, como de costume, a culpa é sempre minha. A verdade é que não, não é minha. Se há algum culpado nessa história, são vocês, pois como dizem: *quando a comida é farta em casa, não se tem fome na rua*.

Gosto do meu trabalho e do luxo que ele me proporciona, assim como também gosto das minhas clientes, mas o meu interesse é puramente filantrópico. Claro, em alguns anos de profissão passei por situações inusitadas e incontáveis casos de “paixonite aguda” e, infelizmente, parti vários corações.

As sessões começam às oito horas da manhã. Todas são agendadas com antecedência. Atuo em um bairro nobre da capital, que conta com segurança armada, e seis belos pares de pernas que me auxiliam. A *Clínica do Prazer* atende apenas mulheres. Os únicos homens presentes neste prédio são os agentes contratados para garantir a minha segurança. Aqui dentro só há espaço para um macho alfa, e esse sou eu.

— Doutor Prazer? — hesitei com a caneta e, sem tirar os olhos do papel, dei um longo suspiro.

— Um segundo. — respondi, retornando aos meus rabiscos.

(...) Um dos muitos mistérios sobre mim é que nem mesmo minhas funcionárias sabem meu nome verdadeiro. Desde o começo sempre usei pseudônimos até encontrar o ideal. A minha secretária é a única exceção, pois além de lidar com meus compromissos, vez ou outra me avisa sobre alguma emergência em casa. (...)

Ergui a cabeça, abrindo um largo sorriso. Rodopiei a caneta nos dedos e a coloquei sobre a mesa suavemente, mirando Janaína.

— A senhora Erika chegou. — anunciou a primeira cliente do dia.

— Leve-a até ao consultório. Estou apenas terminando... — franzi a testa. — Algumas anotações.

— Perdoe minha intromissão...

— Perdoada. — interrompi-a, fixando meus olhos nela. Janaína engoliu em seco.

— A editora entrou em contato. Eles querem saber se o senhor estudou a proposta de lançar o livro contando a sua biografia. — colou a prancheta que tinha nas mãos ao busto, erguendo os ombros.

— Informe a eles que quando eu tiver uma posição, darei um retorno. — Janaína assentiu com a cabeça, retirando-se em seguida.

Odeio tanto cobranças que isso me impediu de ter um relacionamento duradouro. Na verdade, nunca insisti em relacionamentos. Chega a ser irônico. Aconselho mulheres, ensino-lhes como ter um bom relacionamento e, às vezes, até me entroso de forma mais íntima com algumas delas, mas já faz muitos anos que não me envolvo sentimentalmente com uma mulher. Na verdade, isso aconteceu com uma única mulher...

[...]

Erika é uma mulher bonita, no auge dos seus trinta e cinco anos. Cabelos loiros e longos, olhos claros, pele bronzeada e lábios finos que enfeitam um rosto quase angelical. O corpo é repleto de curvas; ainda no primeiro casamento, sentiu-se infeliz com o homem ao seu lado. A vida sexual parada vem travando a relação e o entrosamento do casal. Costumeiramente, o mesmo problema de todas as outras.

— Transam quantas vezes por semana? — mantive-me de pernas cruzadas, admirando-a encarar o teto, deitada no divã.

— Sendo sincera, nenhuma nesse mês. — disse em tom melancólico.

— Suspeita que ele tenha outra? — fiz a mais óbvia pergunta de todas. Elas sempre suspeitam e na maioria dos casos a dúvida se mostra verdadeira.

— Sim. Estou certa em pensar isso? — girou a cabeça, arregalando os olhos ao me impor tal questão.

— Talvez. — fui sincero.

Assim que vi seus olhos lacrimejarem, dei um longo suspiro, sacudindo a cabeça.

— Você o ama?

— Sim.

— Quanto?

— Não sei medir esse tipo de coisa e... — sua voz embargou.

— Entendo.

Certas situações exigem dos cônjuges um pouco de frieza. Retomar o leme de um barco em colisão, destinado ao naufrágio, não é nada fácil.

— Quantas vezes ele já chupou sua boceta? — a minha pergunta a fez desviar o rosto do meu, mirando o teto.

Erika emudeceu, assustada com aquela pergunta. Geralmente, elas ficam assim na primeira sessão. Na segunda se desenvolvem mais e na terceira...

— Ouviu minha pergunta, Senhora?

— S-Sim, eu ouvi.

— Por favor, responda. — insisti.

— Nenhuma.

— Então ele é péssimo de cama. — Erika girou novamente a cabeça em minha direção. Os olhos seguiam arregalados.

— Homens usam as duas cabeças. A de cima não funciona muito bem e quando a de baixo age, assume o controle. O meu trabalho aqui é te dar uma noção de como um homem pensa. — pontuei.

— E como eles pensam?

— Imagine um mar de bocetas voadoras. — encarei as nuvens através do grande blindex da sala e ela me acompanhou. — Os homens veem o mundo dessa forma. Eles imaginam que podem foder todas, mas não podem. Na verdade, a maioria não sabe foder direito.

— Não? — encarou-me outra vez.

— Não.

— Homens são egocêntricos. Gostam de ser servidos, mas não gostam de servir. É necessário ensiná-los a pedir.

— Como?

— Se ele quer um doce, o faça desejar o doce. — simplifiquei a equação que toda mulher gostaria de resolver.

Algumas vezes, as sessões não ajudam a reatar casamentos. O efeito ocorre ao contrário e apenas finda o irreparável. Isso ficou claro na nossa terceira sessão. Obviamente, uma mulher bonita como Erika certamente arrumará outro homem, melhor que o seu futuro ex-marido.

[...]

Erika estava pegando fogo. O sutiã aberto, com os seios à mostra. Grandes aréolas rosadas e molhadas com minha saliva. O seu corpo suave mesmo com o ar-condicionado ligado.

Suas mãos afagavam meus cabelos, enquanto eu movimentava minha língua em movimentos circulares, beliscando seu clitóris suavemente com os dentes, depois chupando-o com vontade. Os seus movimentos indicavam que aquilo era bom. Suas pernas se mexiam inquietamente e de vez em quando gemidos baixos e manhosos escapavam dos seus lábios.

Tratando-se de mulheres, realmente sou um perverso. Nada me delicia tanto como chupar uma bocetinha molhada, que clama por meu pau.

Afastei o rosto, encarando-a. Aquela expressão de *quero mais* me encantava. Roci o polegar em seu rosto, deslizando-o até seus lábios, desenhando-os.

— O que quer? — sussurrei, usando um tom sexy.

— Foda-me! — gemeu, subindo ambas as mãos da cintura aos seios, massageando-os.

E que belos seios. Pequenos e em pé. Confesso que me sinto mais confortável com mulheres de peito pequeno. Os grandes são bons para foder, mas os pequenos são perfeitos para se colocar na boca.

Coloquei dois dedos dentro de sua boca, deixando-a chupá-los. O empenho com que seus lábios deslizavam me deixava excitado. Retirei os dedos de sua boca, deslizando-os por todo o seu corpo, até que a penetrei gentilmente, arrancando um gemido agudo.

— Peça.

— Quero senti-lo dentro de mim. — mordeu os lábios e, ao corar, virou o rosto para o lado.

Ouvir aquilo me fez sentir outra fígada no pau. A minha calça estava quase estourando de tanto desejo. Elas sempre diziam que fora da cama eu era doce, mas nela, salgado.

O ritmo dos meus dedos era lento e profundo. Eles eram grossos e ela apertada. Uma combinação perfeita para o prazer. Retirei-os gentilmente e, usando apenas o indicador, desci ao seu cuzinho, massageando-o.

— Sabia que homens adoram sexo anal, senhora Erika? — usei um tom sacana.

— Não. — soltou um gritinho quando tentei penetrar.

— Na verdade, nós homens, queremos fodê-las de todos os jeitos. — tentei penetrar sua entrada outra vez. — Com tantas opções, o prazer pode se tornar infinito. — abri um sorriso perverso.

— N-Não sabia. — gemeu, se contorcendo no divã.

— Agora sabe. — recolhi meu corpo, colando as costas na cadeira e cruzei as pernas, admirando-a. — A consulta está encerrada. — sorri de canto.

Por instantes, ela pareceu querer me dizer algo, mas desistiu. Erika apenas se vestiu e saiu do meu consultório em silêncio. Mais tarde, Janaína me informou que Erika comprou um pacote de atendimento especial, com dez sessões em horários noturnos.

Mais uma cliente satisfeita!

Pode soar cruel, mas eu jogo com as mulheres. Se elas me interessam, transo com elas, caso contrário apenas as aconselho, mas sempre, sempre haverá o jogo da conquista e do prazer. Eu sou um caçador que, quando encontra sua presa, a tortura até ouvi-la pedir para ser comida.

Sou um verdadeiro cafajeste, mas um que fode bem.

CAPÍTULO DOIS



Às seis da manhã eu já estava de pé.

Ao encarar-me no espelho, passei a mão pela barba cerrada, admirando-me. Olhos negros, cabelos curtos e sempre penteados para trás. Peitoral largo e musculoso, com alguns pelos rasos que desciam até o pé do meu abdômen. Um corpo razoável para quem malha apenas três vezes por semana. Coxas definidas e um belo traseiro. Não que eu me importe com isso, mas, geralmente, elas gostam.

Depois do banho rápido, segui para o quarto, enxugando-me. Joguei a toalha no cesto e dirigi-me ao guarda-roupas, pegando uma cueca.

— Doutor Prazer? — a voz melosa ecoou atrás de mim.

— Tome um banho e vista-se, Laura. — respondi, sem olhar para trás. Peguei um jeans justo e uma camisa social branca, pondo-os em cima da cama.

Laura era uma amiga da família. Sua mãe e minha mãe são comadres e acabamos nos conhecendo através dessa proximidade das duas, o que nos levou a um envolvimento mais íntimo, ainda assim, sem compromisso algum.

— Mas já? — gemeu, ainda escondida debaixo dos lençóis.

— Sabe como funciona. — vesti a calça e a camisa. — Tenho que ir para casa antes que dona Ana comece a me ligar.

— Não seja cruel.

— Só na cama.

Dirigi-me ao criado-mudo e peguei meu relógio, ajeitando-o em meu pulso. Girei o corpo e parei de frente a um grande espelho. Ajeitei os cabelos com a mão e em seguida, fiz o mesmo com o colarinho.

— Veio de carro? — encarei o relógio de pulso, antes de mirá-la e ser respondido com um aceno positivo. — Fico feliz que tenha conseguido resolver o problema com a seguradora.

— Após uma longa discussão indenizaram o valor integral. — referiu-se à batida do seu veículo. Foi realmente uma sorte ela ter tido apenas alguns arranhões.

— Nos vemos mais tarde? Posso passar na sua casa...

— Deixe para fazer isso em uma ocasião especial. — joguei-lhe uma piscadela.

Ainda que seja uma amiga da família, gosto de manter essa intimidade na cama, longe da minha

casa. Assim evito problemas futuros ou, ao menos, tento.

Estalei o pescoço de um lado a outro e deixei o apartamento. Peguei o carro no estacionamento e segui para minha casa.

Entrei com o veículo no condomínio fechado e segui para minha residência. Assim que estacionei, fui recepcionado por minha mãe, uma senhora com seus cinquenta e cinco anos, apesar de mentir piamente que ainda estava nos quarenta e nove. Alta, cabelos tingidos de loiro e embelezada com joias.

Desci do carro e abri o meu melhor sorriso.

— Bom dia.

— O dia está uma merda! — ralhou. — Acordei com enxaqueca e o seu filho está com febre. — colocou ambas as mãos na cintura. — Que porra de pai você é? Não pergunta pelo garoto e nem sabe como ele está. Onde passou a noite?

— Trabalhando.

— Sempre a mesma desculpa. — acenou com a mão, dando-me as costas. — Entre logo.

— Sim senhora. — assenti com a cabeça.

Acompanhei-a até a sala; em seguida, subi as escadas em direção ao quarto do meu filho. Deparei-me com a babá medindo sua temperatura.

— Papai! — ele sorriu, sentando-se na cama.

— Trinta e seis graus. Diminuiu... — Clara murmurou.

— Papai, vamos sair hoje? — ele sorriu empolgado, balançando os pés sem parar, deixando aqueles grandes olhos azuis fixos em mim.

— Campeão, você parece meio doente. — aproximei-me, sentando na cama ao seu lado e, ao pousar a mão em sua nuca, beijei sua testa, ganhando um abraço. Voltei-me a Clara. — Já deu os remédios?

— Sim senhor.

— Não, não estou doente, papai. — tornei a encará-lo.

— Tem certeza? — arqueei uma sobrancelha, recebendo um aceno de cabeça como resposta. — Ir ao cinema, hein?

— Sim! — insistiu, empolgado.

— Se o senhor quiser eu mesma faço isso...

— Não será necessário. — interrompi-a.

— Como quiser, senhor Miguel. — assentiu com a cabeça, deixando o quarto.

Preciso ser um pai melhor. A minha mãe estava certa. Eu realmente era um *pai merda*, daquelas que impregnam no sapato e fedem de maneira ardente, causando coceira no nariz.

— Papai...

— Sim? — sorri, encarando aqueles grandes olhos azuis.

— Semana que vem tenho uma apresentação na escola... — gemeu, abaixando a cabeça.

Nunca vou nessas coisas e o aniversário dele é daqui a alguns dias. Sete anos. Dei um longo suspiro. Certo, vamos começar a trabalhar a ideia de ser um bom pai.

— Que dia é a apresentação? — perguntei, surpreendendo-o.

— Você vai? — abriu um largo sorriso, completamente empolgado.

— Gostaria de me ver lá? — franzi a testa.

— Muito!

— Irei, mas não posso fazer isso sempre, ok? — baguncei seus cabelos.

O abraço tornou-se ainda mais apertado. Senti meu coração partir-se em dois. Essa criança, meu filho... Não é que eu não a ame... Você é tão parecido com a sua mãe. E saber que você não a tem por minha culpa, me deixa completamente enfurecido comigo mesmo. Talvez fosse melhor eu... Não! Isso passou, agora preciso cuidar de você.

Passamos parte da manhã e toda a tarde no shopping. Confesso que me diverti um pouco. Vê-lo alegre daquele jeito me deixava mais que feliz.

Foi complicado reagendar os horários das minhas clientes para poder ir à apresentação do meu filho. Ao menos foi o que Janaína disse, me mandando mensagens a todo o instante, aguardando o meu aval para realocar os horários. Cheguei a trabalhar até meia-noite em dias que costumava encerrar às seis.

• • •

Assim que cheguei à portaria da escola, fui recepcionado por algumas professoras. Cumprimentei-as e entrei. Escolhi um lugar na frente, eu queria que ele me visse ali. Foi o prazo de me sentar para que uma moça com o uniforme da escola se sentasse ao meu lado.

— Senhor Miguel Souza? — ela perguntou discretamente, sem me encarar.

— Apenas Miguel, por favor. — odeio meu sobrenome. Soa pobre e eu não gosto de me lembrar da pobreza.

— Sou a professora do Maic. Eu gostaria de ter uma palavrinha com o senhor depois da apresentação.

— Imagino que sim, mas sou um homem muito ocupado...

— Até para o seu filho? — girou a cabeça em minha direção, mas manteve meus olhos à frente.

Dei um longo suspiro, roçando os dedos.

— Ao fim da apresentação me procure, senhorita...? — encarei-a.

Seus cabelos eram presos em um rabo de cavalo com uma mexa caída sobre o olho esquerdo. Rosto fino e olhos cor-de-mel. O corpo era normal. Não havia nada de espetacular nela, exceto a língua rápida em responder os pais dos alunos. Era bonita, mas não se comparava a nenhuma das mulheres que saíam comigo.

— Liandra.

— Senhorita Liandra. — forcei um sorriso, assentindo com a cabeça.

Imaginei que ela fosse se retirar, mas sequer se mexeu. Liandra permaneceu ao meu lado toda a apresentação, mas não lhe dei importância. O sorriso do meu garoto ao ver-me na primeira fileira foi algo impagável.

Confesso que eu ainda estava descobrindo como ser pai, pois não tinha muita prática nisso. Eu não tive um homem presente na minha vida para me espelhar. Não que isso justifique...

Ao fim da apresentação, Maic veio até mim, completamente eufórico.

— Você viu, papai? — apoiou as mãos em meus joelhos, com o rosto próximo ao meu. — Eu fui o Romeu da Julieta.

— Arrasando corações desde pequeno. — baguncei seus cabelos e, apesar de estar com os olhos fixos nele, não pude deixar de notar com uma breve olhada de soslaio a expressão de repreensão estampada na cara da professora.

— Que tal conversar com seus coleguinhas enquanto falo com sua educadora?

Maic me encarou, depois encarou a professora. Deu uma risada e disparou em direção aos colegas. Colei as costas na poltrona e cruzei as pernas.

— Se puder ser breve... — murmurei.

— Tentarei. — levantou-se, parando em minha frente com os braços cruzados, parecendo me analisar.

— Então comece.

— O seu filho é uma criança triste. — engoli em seco. — E aqui, na escola, acompanhamos as crianças de perto. Entende o que quero dizer?

— Sim. Interrogam as crianças.

— Não! — franziu a testa, trazendo um ar de reprovação. — Procuramos saber qual é o problema.

— Ou procuram um problema.

Liandra sorriu sem graça, abaixou a cabeça e a sacudiu algumas vezes.

— O sonho do seu filho é ter um pai presente. — disparou outra vez, tornando a me fazer engolir em seco.

— Foi ele quem lhe disse isso?

— Sim.

— Às vezes trabalhamos muito para dar as condições que desejamos aos nossos filhos. — retruquei, não escondendo meu incômodo ao entrar naquele assunto.

— Proporcionar boas condições é essencial, mas o amor se sobressai a qualquer condição. O seu filho é uma criança carente. — preparei-me para retrucar outra vez, mas ela foi mais rápida. — Vê como ele está feliz hoje? Isso é uma raridade. Maic sempre é calado, fica nos cantos e não conversa muito.

— Você quer foder o meu dia, é isso? — virei o rosto para o lado, irritado.

— Não, senhor Miguel. Quero salvar a sua relação de pai e filho. Mais que isso, quero evitar que Maic se isole do mundo por conta de um pai ausente.

— Quem você pensa que é... — levantei-me, aproximando meu rosto do dela, encarando-a friamente nos olhos.

— Sou a professora do seu filho. — Liandra arrebitou o nariz, mantendo-se firme em suas palavras.

— Bela merda. — murmurei, pondo as mãos nos bolsos. — A senhorita é casada?

Liandra afastou o rosto para trás, me olhando com estranheza.

— Isso não vem ao caso.

— Mulheres sem uma vida sexual ativa se apegam a coisas. A maioria em animais para abraçar, mas no seu caso, noto que são as crianças. — parti para o ataque. — Você se preocupa demais com os filhos dos outros, professora Liandra. — abri um pequeno sorriso, findando-o rapidamente.

— A minha vida particular não te diz respeito, senhor Miguel, e a minha preocupação com os meus alunos é natural. — suspirou, pondo ambas as mãos na cintura. — De todo modo, como eu suspeitava, há um problema na relação pai e filho. Eu só não imaginava que o pai fosse... — hesitou, suspirando.

— Fosse? — ergui as sobrancelhas.

— Eu já disse o que tinha para dizer. Tenha uma boa tarde, senhor Miguel. — assentiu com a cabeça, seguindo em passos apressados para fora do auditório.

— Uma ótima tarde para a senhorita também, professora Liandra. — ergui o tom de voz, vendo-a sumir ao atravessar a saída do auditório.

Detesto essas professoras intrometidas. Sei que sou um péssimo pai, caralho! Mas não precisa me dizer isso. Que pai gosta de ouvir isso?

Aquelazinha certamente é uma dessas beatonas que não conseguem um único namorado por conta das suas manias e busca alívio se intrometendo na vida dos pais. Eu deveria reclamar com a direção. Deveria, mas não o farei. Não vou lhe dar o gostinho de saber que me atingiu.

CAPÍTULO TRÊS

POR LIANDRA



As palavras daquele homem ainda estavam ecoando por minha cabeça: “*Mulheres sem uma vida sexual ativa se apegam em coisas*”. Como ele ousa associar minha preocupação como educadora com falta de sexo? Isso foi tão baixo!

Dei um longo suspiro, esfregando o rosto. Não arrumei um homem simplesmente por não querer. Eu tenho coisas mais importantes para me preocupar.

Cruzei as pernas, deitando a cabeça na almofada do sofá.

— E eu não me apego a animais... — resmunguei, fechando o cenho. — Quer dizer, eu queria ter um canil ou quem sabe algumas centenas de gatos, mas... — bufei. — Isso não tem nada a ver!

— Babaca! — soquei o sofá.

A porta do apartamento subitamente abriu. Era Marcelly, minha amiga desde a faculdade. Assim como eu, ela também trabalhava no meio educacional, mas em outra escola.

— Estou exausta! — gemeu. — Reunião de pais é um porre!

— Não me fale em pais.

— Ué, as reuniões de fim de ano na sua escola já começaram? — franziu a testa.

— Não.

— Então? — passou por mim, seguindo para a cozinha.

— Chamei um pai para conversar... O típico pai babaca que não dá atenção ao filho e quando questionamos numa boa o mau desempenho da criança, a resposta vem com uma pergunta: “Sua vida sexual é ativa?”. — revirei os olhos, imitando-o.

— Sério? — Marcelly abriu a boca, espantada.

— Infelizmente sim.

— Ele é ao menos bonito?

— Você viu o Maic quando foi me ajudar nas festividades do ano passado, não viu? — lembrei-a.

— Aquele garotinho lindo? Quando ele crescer vai destruir corações.

— É o pai dele.

— Eles são parecidos? — voltou com um pote de sorvete na mão e a colher em outra.

— O Maic é a cara do pai, sem tirar nem por. Só os olhos que não. Talvez sejam os olhos da mãe.
— comentei.

— Cacetada! Então o pai *super grosso* da vez é um bonitão de parar o quarteirão? — lancei-lhe um olhar de repreensão, fazendo-a sacudir a cabeça. — Homens bonitos se acham. Odeio isso, mana.

— Ele é realmente muito bonito, mas tem algo nele que me incomoda. — um arrepio subiu por minha espinha só de lembrar como aqueles olhos negros vasculharam-me quando nos vimos pela primeira vez.

— Tipo o quê?

— Arrogante.

— Fale mais. Coloque para fora. — gesticulou com uma das mãos, parecendo interessada no drama do dia. — Vamos falar sobre o gostosão.

Contive uma risada e tomei seu pote de sorvete e a colher, servindo-me. Ela fez uma careta, mas não se importou. Quando estamos prestes a ter um “ADN – Ataque de Nervos”, somos solidárias umas com as outras. Coisa de mulher.

— O filho de uma boa mãe é bonito, arrogante, estúpido, idiota, babaca e... Eu já disse bonito? — franzi a testa, fazendo-a rir.

— Adoraria conhecê-lo. — Marcelly deitou a cabeça no sofá, encarando o teto. — Como ele se chama?

— Miguel. — dei outra colherada no pote.

— Nome de anjo.

— Temperamento de demônio.

Entreolhamo-nos e caímos na risada. O silêncio pairou por alguns minutos, o suficiente para devorarmos todo o sorvete.

— Lembra que eu comentei contigo sobre o tal Doutor Prazer? — sentou-se na ponta do sofá, trazendo o rosto para frente.

— Sim, me lembro. — acompanhei-a.

— Consegui uma consulta. — sussurrou.

— O quê? — perguntei novamente para confirmar.

— Consegui uma consulta com o Doutor Prazer, Liandra. — abriu um largo sorriso.

A ficha demorou a cair, mas quando caiu, saltamos juntas, pulando feito dois cangurus no meio da sala, aos berros.

— Gente! — comentei, ainda desacreditada daquilo. — Eu adoraria ser consultada por aquele homem. Ele foi apelidado de *piroca de ouro*, sabia? — abri um sorriso sacana.

— Quem não gostaria? — Marcelly suspirou, jogando-se no sofá de braços abertos. — O cara ficou superfamoso dando conselhos amorosos para mulheres, sem falar nos boatos... — sentou-se rapidamente no sofá.

Sentei-me ao seu lado, encarando-a.

— Que boatos?

— Os boatos, ora! — franziu a testa em repreensão, como se eu fosse obrigada a saber tudo.

— Não ouvi nada. — sacudi a cabeça.

— Dizem que ele costuma transar com algumas clientes, mas só com as que ele deseja. — contou entre sussurros.

— Quando se pode escolher, apenas as melhores são selecionadas. — dei de ombros. — Eu certamente não seria uma dessas.

— Nossa, que baixa autoestima a sua. — fez uma careta. — Isso acaba afetando a gente, sabia? Se você não se sente confiante, como eu deveria me sentir?

— Como assim “como você deveria se sentir”? — revirei os olhos. — Você é linda.

— É, sou, mas você é muito mais.

— Queria ter esses melões que você tem. — apalpei meu busto, erguendo-os.

— O problema de ter melões é que eles só param em pé com suporte. Tirou o sutiã, os melões descem. — arqueou uma das sobrancelhas.

— Ah, para! Homens adoram mulheres com os seios grandes. — acenei com uma das mãos.

— Isso foi reconfortante.

— De nada.

— Quando é a consulta? — peguei o controle da TV, ligando-a em um canal qualquer, apenas para

ouvir outro som além das nossas vozes.

— Segunda-feira.

— Já? — trouxe a cabeça para trás.

— É, eu meio que subornei a secretária dele para conseguir com essa rapidez. — ergueu os ombros. — Eu preciso me consultar com aquele homem, amiga.

— Quanto você gastou nessa brincadeira? — perguntei sem tirar os olhos da TV, interessada na feira de adoção de animais.

— Três mil reais.

— Trezentos? Ah, foi pouco. — respondi, encantada com os filhotes de gato siamês.

— Não, não falei trezentos. Eu disse três mil reais. — ergueu o tom de voz.

Paralisei por completo, girando a cabeça roboticamente em sua direção.

— Bebeu enxaguante bucal outra vez? — foi a única coisa que consegui dizer.

— Vai valer a pena. — assentiu com a cabeça, unindo as mãos religiosamente, quase que em uma prece.

— Por três mil reais, torço para que não só a piroca, mas que as bolas também sejam de ouro. — assenti com a cabeça, avaliando aquela “rapidez” como um mau negócio.

— Na verdade foram quatro mil. — ergueu os ombros, fazendo uma careta.

Arregalei os olhos, pasma com aquela situação.

— A consulta é mil reais, e o restante você já sabe.

— Bom, espero que os seus quatro mil de investimento tragam bons resultados. — desejei-lhe sorte do fundo do coração, não pelo desejo, mas pelo investimento.

[...]

Acordei sendo sacolejada na cama. Eu ainda estava bêbada de sono quando a primeira visão que tive foi a de um espantalho. Provavelmente o meu grito tinha acordado todos os vizinhos.

— Estou morrendo. — Marcelly gemeu.

Olheiras enormes, cabelos bagunçados e bafo de vômito. Sentei-me na cama, esfregando os olhos, tentando entender que merda havia acontecido.

— Sabe como fico ansiosa... — sacudiu a cabeça. — Comi, comi e comi mais. Agora estou no trecho constante entre quarto e banheiro. — deitou o rosto na cama.

— Como? Quer dizer, quando? — sacudi a cabeça, ainda confusa. — Você não pode trabalhar nesse estado!

— Foda-se o trabalho. — retrucou em tom choroso. — Não estou em condições de ver o Doutor Prazer. — lamentou entre gemidos.

— Foda-se a consulta. Olhe para você...

— Não! — rugiu, avançando sobre mim como um animal feroz e segurando minha camisola, deixou seu rosto tão próximo ao meu que fiquei completamente paralisada. — Eu queria muito ir... — choramingou outra vez.

Empurrei-a para trás, segurando em seus ombros.

— Respire fundo. — ela obedeceu. — Agora pegue o telefone e remarque a consulta. — assenti com a cabeça.

— Esse é o problema! Eles não remarcam consultas, droga! — afundou o rosto novamente na cama.

— Isso é realmente um problema. — concordei.

Alguns segundos foram suficientes para ela se erguer, dando espaço a um sorriso diabólico no seu rosto.

— Por que está me olhando assim?

— Não vou perder meu dinheiro.

— E como pretender solucionar esse problema? Indo ao PROCON? — ironizei.

— Não. — rosnou, esfregando as mãos umas nas outras, mirando-me fixamente.

Marcelly nem precisou dizer para que eu entendesse o que se passava naquela cabecinha oca.

— Não! Definitivamente não! — sorri sem graça.

— Sim.

— Não! — retruquei, levantando-me da cama.

— Por mim. — agarrou-se nas minhas pernas, segurando-me. — Pense nisso como uma tacada do destino.

— Nada a ver. — revirei os olhos.

— Quatro mil reais, Liandra. — gemeu.

— Não vou pagar quatro mil reais por uma consulta. — ralhei, batendo as mãos nos quadris, subindo-as para a cintura.

— Não vai pagar. Estou te dando a consulta. Vá no meu lugar e arrase por mim. — insistiu.

— Sei... — comentei desconfiada.

— Estou falando sério. — levantou-se, segurando em meus ombros. — Antes você usar do que eu perder o dinheiro.

Sacudi a cabeça diante daqueles olhos pidões e, por fim, me decidi.

— Ok, eu vou.

— Isso! — saltou.

— Mas... — apontei o indicador em sua direção.

Não deu tempo. Marcelly disparou às pressas em direção ao banheiro. Semicerrei os olhos, ouvindo os sons monstruosos que ecoavam pelo apartamento inteiro. Ela realmente estava mal, pois nada a faria desistir dessa consulta. E quando digo nada, realmente quero dizer nada. Marcelly fala nesse Doutor Prazer há meses.

Confesso que a fama do homem me encantava. Como não encantaria quando o cara é tido como um especialista?

Legiões de mulheres do país inteiro iam atrás dele em busca dos seus conselhos e, segundo os boatos, de outras atividades, coisas mais íntimas...

CAPÍTULO QUATRO



As cenas da noite passada não saíam da minha cabeça...

Ao abrir a porta principal, dei de cara com Clara sentada em um sofá e Maic dormindo no outro. Ele estava com uma roupa de sair. Aquilo imediatamente me indicou que eu havia feito alguma merda.

— Perdão, senhor Miguel. — Clara colocou-se de pé. — Ele não quis subir para o quarto. Apesar de eu ter insistido, Maic disse que aguardava o senhor.

Engoli em seco, voltando meus olhos para o meu garoto.

— Por gentileza, Clara... — franzi a testa, sacudindo a cabeça. — Eu prometi algo que me esqueci? — encarei-a, esperando por uma resposta sincera.

— Sim, senhor. É a semana do aniversário de Maic e sempre fica acertado de saírem juntos todas as noites. — explicou.

Esfreguei o rosto com ambas as mãos, em seguida, as desci para a cintura, encarando o teto.

— Sou um péssimo pai. — suspirei, voltando-me a Clara. — Vamos, pode dizer, Clara, sou um péssimo pai, não sou? — mirei-a, deixando-a desconcertada.

— Ah, eu... — ergueu os ombros, estalando os dedos de maneira nervosa.

— Esqueça isso, pode se retirar. — acenei com uma das mãos.

— Sim, senhor. — assentiu com a cabeça e hesitou por alguns instantes. — Eu gostaria de lembrá-lo que, há alguns meses atrás, o informei sobre a minha saída. Os meus pais estão doentes e eu vou voltar para o Nordeste.

Putá merda! Eu tinha me esquecido.

— Sinto por isso. — respondi desconcertado, sem imaginar onde eu conseguiria arrumar outra babá tão competente quanto Clara. Suzy, a primeira, não deu certo com mamãe. Rafaela era ótima, mas mamãe a pegou roubando e fui obrigado a demiti-la.

— Obrigada. — assentiu com a cabeça, retirando-se.

Aproximei-me do sofá e peguei Maic no colo. Deitei sua cabeça em meu ombro e subi as escadas. Ao deixá-lo no quarto, admirei-o por alguns instantes, passando uma das mãos por seus cabelos.

— Papai? — a voz sonolenta chamou-me.

— Oi, campeão.

Maic ainda coçava os olhos quando se sentou na cama, encarando-me fixamente com aqueles grandes olhos azuis.

— Você me ama?

Senti meu peito palpitar com aquela pergunta. Se chegamos ao ponto dessa questão ser feita, há algo errado na nossa relação. Abaixei a cabeça, em seguida, ergui o rosto, abrindo o meu melhor sorriso.

— É claro que o amo. Você é meu filho. — rocei o polegar em seu rosto.

— Nunca tem tempo para mim. — fez um beicinho, erguendo os ombros enquanto roçava os pés um nos outros.

Responder o quê? Aquilo me deixou sem palavras. Quando seu filho te joga contra a parede, não dá simplesmente para mentir. Não tem como, é impossível.

— Como estão os preparativos para o aniversário? — mudei de assunto.

— Não sei se quero comemorar. — virou o rosto para o lado, abaixando a cabeça.

— Ora, vamos, me diga o que quer ganhar. — ergui seu queixo, fixando meus olhos nos seus.

— Só queria passar mais tempo com você, papai. — disse baixinho, com lágrimas brotando em seus olhos.

Dei um rápido suspiro, mordendo os lábios, assentindo com a cabeça. Você é um otário, Miguel. Olha o que faz com seu próprio filho? O moleque só quer curtir um pouco com o pai...

[...]

— Doutor Prazer? — Janaína entrou na sala, livrando-me das lembranças da noite passada.

— Sim?

— A primeira cliente chegou.

— Estou em um péssimo dia hoje. — expliquei.

— Vinte minutos, Doutor Prazer. — assenti com a cabeça.

Esse é o tempo que tenho para colocar minha melhor máscara e fingir que está tudo bem, mas não está. Como as coisas poderiam estar bem?

— Foco, Miguel. Foco! — apoiei os cotovelos na mesa, massageando minhas têmporas.

O exercício mental durou dez minutos e nesse pequeno espaço de tempo eu já estava dentro do consultório aguardando a primeira cliente. A cadeira giratória estava em frente ao vidro espelhado que dava vista para a cidade, de costas para o divã e para a porta.

Assim que a porta se abriu, ordenei:

— Sente-se.

— Bom dia, Doutor Prazer. — disse com voz trêmula. — Não sou a Marcelly. Ela agendou a consulta, mas acabei vindo em seu lugar. O meu nome é...

— Não importa. — interrompi-a. — Se veio até mim, seu problema não deve ser muito diferente do dela. — respondi, sem me mexer na cadeira. Eu estava realmente sem saco aquela manhã.

— Não sei ao certo se tenho um problema.

— É o que vamos descobrir.

O silêncio pairou por alguns segundos e girei a cadeira discretamente, o suficiente para confirmar que a cliente havia se deitado no divã, antes de voltar para a mesma posição.

— É casada?

— Não.

— Namora?

— Não.

— Quando foi sua última transa?

— Não me lembro... — disse meio sem jeito.

— Quantos anos você tem?

— Completo vinte e sete esse ano.

— Vinte e sete anos e está solteira. Certamente sente falta de uma boa foda. — sorri ao comentar aquilo.

— Às vezes.

Apenas para confirmar minhas dúvidas...

— Gosta de animais?

— Muito! — a alegria na voz deixou clara qual era a situação.

Há muitas razões para mulheres optarem por não se envolver sexualmente com um cara. Excesso de trabalho, falta de interesse, problemas familiares, problemas de saúde e decepções amorosas, mas, na maioria dos casos, é apenas o eterno sonho do príncipe encantado surgindo montado em um cavalo branco com rosas nas mãos, convidando-as para um final feliz.

Dei um longo suspiro.

— É um problema gostar de animais? — perguntou curiosa.

— Não. Por que seria?

— Por nada.

— O que faz nas horas vagas, senhorita?

— Fora o plano de aula? — soltou uma risada frustrada. — Sento no sofá e vejo séries, filmes, coisas do tipo.

— Se masturba com que frequência?

— Quem disse que...

— É claro que sim. — interrompi-a. — Costuma usar os dedos ou tem um consolo? — cruzei as pernas, tentando imaginar sua expressão.

Silêncio.

— Ouviu minha pergunta, senhorita?

— S-Sim.

— Prefere os dedos ou um consolo? — insisti.

— Você faz sempre essas perguntas?

— Cada perfil de cliente requer um determinado tipo de abordagem.

— Qual o meu tipo requer?

— Eu diria que algo mais ofensivo. — estalei o pescoço de um lado a outro. — Ao seu lado tem uma mesinha e em cima dela tem uma venda. Viu?

— Sim.

— Que tal jogar comigo, senhorita?

— E que tipo de jogo seria?

— O jogo do prazer. — respondi, começando a dobrar as mangas da minha camisa, em seguida, afrouxei minha gravata.

Nada melhor que uma boa foda para acabar com toda a tensão da noite passada. Eu precisava daquilo, eu precisava de prazer.

— Acho melhor não...

— Você está tão excitada que consigo sentir o aroma da sua boceta daqui. — cortei-a. — Cheira bem, muito bem.

— E-E-Eu...

— Vendou os olhos?

— Eu nem disse se quero! — rosnou.

— O meu trabalho aqui é te fazer querer. — deslizei a língua pelos lábios, estalando-a.

— Não transo com desconhecidos. É necessário haver química nesse tipo de situação e...

— Vamos apenas brincar. Sendo mais objetivo, irei brincar com seu corpo. Isso vai ativar seus sentidos. Essa é uma etapa essencial em casos como o seu.

E o plano de foda rápida foi por água abaixo. Gosto das difíceis. Se tem algo me enche de tesão é conquistá-las.

— O que quer dizer com casos como o meu?

— Imagine meus dedos beliscando o bico dos seus seios. Puxando-os para frente e para trás. Consegue?

A cliente ficou muda.

— Agora sinta minhas mãos descendo por sua barriga, apontando dentro da sua calcinha. — girei a cadeira lentamente, encostando a cabeça no apoio para admirar o teto. — E, finalmente, chego ao clitóris, massageando-o lentamente... — fiz uma pausa rápida. — com a ponta da língua.

— Pare! — gemeu baixinho.

— Você tem cinco segundos para se decidir, senhorita.

— Mas eu não...

— Quatro.

— Espere um pouco!

— Três... Dois... Um.

— Eu... — hesitou com a voz trêmula, um tanto ofegante.

— Por hoje a sua consulta está encerrada, senhorita. — girei a cadeira novamente, dando-lhe as costas.

Ouvi quando ela se levantou.

— A secretária vai agendar uma segunda consulta ainda essa semana. Agora que nos conhecemos, as coisas tendem a se desenvolver melhor. Tenha um bom dia. — finalizei.

Ela deixou o consultório em silêncio, sem dizer mais nada. É natural. Eu sou um completo estranho, ela está com medo, mas que mulher não ficaria quando um homem desconhecido quer tocá-la? Não importa. Nenhuma cliente sai insatisfeita do meu consultório e essa não será a primeira.

Assim que ouvi a porta ranger, girei a cadeira, voltando-me a minha secretária.

— Ela disse algo?

— Não.

— Remarque a consulta dela. Aliás, qual é mesmo o nome? — franzi a testa.

— Estava agendado no nome de Marcelly, mas quem veio foi a... — começou a folhear os papéis da sua prancheta. — Liandra. — arregalei os olhos.

Pisquei algumas vezes, esboçando um sorriso de canto, balançando o indicador. *Não, seria muita coincidência, mas... Liandra não é um nome tão comum. Contudo, analisando bem agora, a voz realmente me pareceu familiar...*

— Algum problema, senhor?

— Nenhum.

Talvez eu devesse ter perguntado como eram as características dessa cliente, mas que graça teria? O jogo só se torna interessante quando traz expectativas. Espero que não seja quem penso que é, pois se for...

Só de imaginar que aquela mulher que havia acabado de sair do meu consultório era a educadora de língua afiada, meu sangue fervia. Mordi os lábios, sorrindo entre as possibilidades do que faria caso minhas suspeitas fossem confirmadas.

— Posso mandar entrar a segunda?

— Por favor. — assenti com a cabeça.

CAPÍTULO CINCO

POR LIANDRA



Cheguei em casa completamente desconcertada. O filho da mãe é realmente bom. Com meras perguntas ele conseguiu me excitar. O pior de tudo é que o Doutor Prazer sugeriu a mesma coisa que o babaca do senhor Miguel havia me dito quando o questionei sobre a falta de tempo com o filho.

Não cheguei a ver seu rosto. Momento algum ele me encarou ou mesmo falou comigo diretamente, mas eu o senti através da voz. Apenas com a voz ele me fez desejá-lo, me deixou arrepiada e até mesmo... Excitada.

— Que tipo de homem é você, Doutor Prazer? — murmurei sentada no sofá, ainda inerte ao que havia acontecido naquele consultório.

Em que momento da minha vida eualaria dessas coisas com um homem que eu nunca vi? Foi uma insanidade! Uma completa loucura! Um pouco mais e eu teria...

— Liandra? — a voz gutural ecoou do quarto.

— Oi?

— Estou morrendo, amiga. — gemeu baixo.

Lancei-me em direção ao quarto de Marcelly. Preparei um *shake* com alguns efervescentes para má digestão. Uma hora depois ela estava me enchendo de perguntas e, obviamente, contei-lhe tudo que havia acontecido naquele consultório.

— Cacetada! — ela abriu a boca, balançando a cabeça. — Ele é melhor do que pensei.

— Parece ser um bom profissional, mas...

— Mas? — Marcelly ergueu as sobrancelhas.

— Será que ele fode com todas as clientes?

— Ah, isso não. Apenas algumas conseguem tal proeza. — respondeu, jogando-se na cama. — Ele toca todas elas, mas fode com poucas.

— Você retrata sexo como algo tão corriqueiro. — critiquei, dando um longo suspiro.

— Já passei da fase do príncipe encantado. — lançou-me um sorriso de canto.

— Pois eu ainda espero o meu! — assenti com a cabeça.

— Vai acabar encontrando um ogro. — disparou aos risos.

— Deus me *dibre!* — dei de ombros.

— Ainda acho que você pecou em não aceitar a proposta do jogo. — Marcelly comentou e subitamente virou-se em minha direção. — É claro que você vai à segunda consulta, não é?

— Claro que não. — neguei com a cabeça.

Nem eu mesma sabia ao certo, mas se ele conseguiu me fazer reagir dessa forma sem me encarar, imagine o que ele poderia fazer frente a frente comigo?

— Por que não? — Marcelly se levantou, pondo ambas as mãos na cintura, batendo o pé incansavelmente.

— Ele associou o meu apego a animais e qualquer outra coisa com ausência de sexo. — bufei.

— Tipo o bonitão da escola? — torci a boca. — O pai do Maic?

Aparentemente é uma regra os homens pensarem que mulheres apegadas a animais ou qualquer outra coisa, segundo palavras deles, carecem de sexo.

Bando de imbecis!

— Não vou voltar. — comentei enfurecida só de imaginar que Doutor Prazer poderia ser parecido com Miguel em alguma coisa.

— Claro que vai! — Marcelly protestou. — Pense no que ele pode te proporcionar. Você está ali para ser servida. Foda-se o que ele pensa.

— Foda-se o que ela pensa e foda-me também, não é? — ela riu fazendo uma careta tão engraçada, que também caí na gargalhada.

[...]

O primeiro sinal da tarde havia soado e pouco a pouco os alunos começavam a entrar na sala. Eu os esperava na porta, cumprimentando um por um. Maic passou por mim e sequer respondeu.

— O que há dessa vez... — murmurei, colocando ambas as mãos na cintura.

Segui o cronograma da aula e cada vez que meus olhos pousavam em Maic, eu sabia que a tendência do seu entrosamento era piorar, consequentemente as notas também, e isso era péssimo em fim de ano. O problema não estava nele, estava no lar. É de se imaginar que a convivência com um homem grosseiro como seu pai certamente era insuportável.

Quando o último sinal bateu, todos se apressaram para guardar os materiais. Maic o fazia sem pressa, cabisbaixo, parecendo estar longe da Terra. Precipitei-me em sua direção em passos lentos,

parando em sua frente.

— Oi? — sorri.

— Oi.

— Hum, quer conversar um pouco comigo?

— Não. — deu de ombros.

— Seu aniversário é essa semana, não é? Quantos anos vai fazer?

Por instantes, Maic parou parecendo contar, em seguida, voltou a guardar os materiais.

— Sete.

— Imagino que estejam preparando uma festona para comemorar seu dia. — comentei com empolgação.

— Não quero festa. — respondeu baixinho.

— Não? — aquilo realmente me surpreendeu. *Qual criança não gosta de festa?*

— Eu não gosto.

Maic colocou a mochila nas costas e me encarou por instantes, mirou a porta e tornou a me encarar.

— Tia Liandra...

— Sim?

— Eu sou um garoto mau? — perguntou inocentemente, me surpreendendo com aquele questionamento. Por qual motivo ele seria um garoto mau?

— Não! Claro que não! — afaguei seus cabelos.

— Então por que meu pai não tem tempo para mim? Será que ele quer me abandonar? — torceu a boca para o lado, mirando o chão.

— Ah, o seu pai é um homem ocupado. Ele dá o seu melhor para que você tenha condições. — dei um longo suspiro.

Eu estava mentindo para uma criança. Odeio mentir, ainda mais para um pequeno. O que mais eu faria? Eu não posso simplesmente dizer o que penso do pai dele e de tal atitude.

— Todos os pais são assim? — um pequeno sorriso que trazia esperança surgiu em seu rosto.

— Acho que sim. — assenti com a cabeça.

Menti outra vez. A maioria dos pais estruturados não são assim. Geralmente, as crianças têm uma base familiar mais sólida.

— Então está tudo bem, não é? — alegrou-se de tal forma que senti meu coração se despedaçar.

Sorri sem graça, abaixando a cabeça. Fazer um pequeno sorrir com inverdades era cruel. Soa imperdoável, mas, às vezes, era necessário. O que eu poderia fazer para ver essa criança feliz?

— Maic?

Virei-me para trás, deparando-me com a babá na porta da sala.

— Até mais, tia Liandra. — saiu às pressas, com um largo sorriso.

— Até...

Um longo suspiro escapou dos meus lábios. Se há uma coisa que fiz na vida e que me arrependi segundos depois, foi ter essa conversa.

Em um ímpeto de loucura, simplesmente marchei rumo à direção. Solicitei à secretária da escola que chamasse o senhor Miguel. Como educadora, é meu dever sustentar o aprendizado e bem-estar dos meus alunos, ainda que interfira na vida pessoal dos pais. Se há um problema juntamente com a criança que está na minha sala de aula, vou até o fim para solucionar!

CAPÍTULO SEIS



— Uma reunião de pais ou uma reunião comigo? — arqueei uma das sobrancelhas, encarando Janaína que acabara de me dar o recado da escola.

— Com o senhor.

— Estou sem tempo para isso. — acenei com uma das mãos, voltando a atenção às finanças de fim do mês.

— Devo remarcar, senhor?

— Apenas cancele. — respondi, folheando a página seguinte.

O controle de gastos e lucros é muito importante e preciso computar tudo em um gráfico. Esse é o tipo de coisa que gosto de fazer pessoalmente; meu dinheiro, meus interesses. Nenhum contador se empenhará tanto quanto eu.

— E se insistirem?

— Ignore-os. — rosnei.

— Sim, senhor.

Assim que a porta se fechou, simplesmente parei e apoiei os cotovelos sobre a mesa, esfregando o rosto. Eu estava com milhares de coisas na cabeça, ideias tão desconexas que eu me sentia perdido.

Encerrei o expediente aquele dia às seis horas e resolvi andar um pouco. Estacionei o carro no *Parque Flamboyant*, próximo a minha casa, e lancei-me em direção ao lago, onde me pus a admirar aqueles grandes peixes dourados.

Eu só queria esvaziar um pouco a mente. Tirar aquele amontoado de pensamentos da cabeça e chegar em casa sem qualquer peso nas costas.

Os dois dias seguintes cumpriram a mesma rotina. A escola me ligava e eu me recusava a atender suas ligações. Uma hora eles iriam cansar.

Sexta-feira, pouco depois do almoço, fui informado de que Clara havia tido um imprevisto e que não poderia chegar a tempo. Acabei tendo que remarcar alguns compromissos para levar Maic à escola.

— Já pensou no que vai querer de aniversário? — perguntei, dando-lhe uma olhada rápida, antes de acelerar o carro quando vi o sinal abrir.

— Ainda não sei, papai.

— Então pense. — sorri.

— O Ramon disse que o pai dele vai levá-lo à Disneylândia. — comentou empolgado. — Ele também disse que é muito legal e que essa é a segunda vez que eles vão.

Onde fica a Disney mesmo? Estados Unidos, Orlando... Muito longe para acompanhar!

— Tenho certeza que você e sua avó vão adorar essa viagem. — sorri, olhando-o rapidamente antes de estacionar o carro na porta da escola.

— Quero ir com você, papai. — encarou-me com aqueles olhos pidões.

— Vou fazer o possível para irmos juntos. — afaguei seus cabelos, o vendo abaixar a cabeça, tristonho.

— Você sempre diz isso... — virou o rosto para o lado.

— Eu tento cumprir... — defendi-me, usando um tom ameno.

Maic não deu ouvidos, apenas desceu do carro e correu para dentro da escola, sem olhar para trás. Dei um longo suspiro, socando o volante.

— O dia começou muito bem... — murmurei. — Tem como ficar pior?

Um tic-tac nervoso ecoava no vidro. Olhei do lado do passageiro e não vi ninguém, assim que me virei para o meu lado, deparei-me com a professora Liandra.

Eu e minha boca grande!

Abaixei o vidro do carro e forcei um sorriso.

— Pois não?

— Bom dia, senhor Miguel. — abriu um sorriso forçado, fechando-o rapidamente. — A escola tem te ligado, no entanto, sua secretária sempre informa que o senhor está indisponível.

— É mesmo? — ergui as sobrancelhas. — Juro que não chegou nada ao meu conhecimento.

— Imagino que não. — cruzou os braços, franzindo os lábios.

— Tem um minuto?

— Estou muito atrasado e...

— Seu filho irá reprovar.

— O quê? — franzi a testa.

— Um minuto. — Ela assentiu com a cabeça.

— Eu realmente estou atrasado e...

— Desinteressado do progresso acadêmico do filho. Se o seu garoto não te interessa, o que deve te interessar? — desafiou-me não só com palavras, mas, também com aquela expressão sabichona que me deixava muito *puto*.

— Vou estacionar o carro, professora, e é bom que não seja uma perda de tempo. — ergui o vidro do veículo e procurei pela vaga mais próxima.

Entrei na escola e dei uma rápida conferida no relógio de pulso. Quase uma da tarde. Vou me atrasar. Estalei o pescoço de um lado a outro e segui pelo corredor, aproximando-me de Liandra que me aguardava na porta de uma sala.

— Por favor. — indicou com as mãos.

— Primeiro as damas.

— O ambiente é profissional. Entre! — retrucou com rispidez.

— Sim, senhora.

Assim que atravesssei a porta, Liandra me acompanhou e a fechou. Sentei-me na cadeira de um aluno e ela na mesa do professor. Por alguma razão aquela situação me incomodava. Era como se eu fosse um garoto travesso prestes a levar um sermão.

— Podemos trocar de lugar? — ergui as sobrancelhas, fazendo-a revirar os olhos.

— Não!

— Prossiga.

— Maic vem tendo um baixo desempenho em seu aprendizado. Ele está aéreo na sala de aula e tem tido dificuldade em muitas matérias. — deu um longo suspiro, unindo as mãos religiosamente. *Lá vem!* — O seu filho é meu aluno desde o começo do ano. Maic sempre foi muito na dele, mas, por alguma razão, de uns tempos para cá as coisas não estão... — fez uma pausa, procurando por uma palavra. Um péssimo sinal. — normais.

— E a senhorita acha que o problema é? — cruzei as pernas, apoiando um dos braços em cima da mesa.

— O senhor.

— Como? — levei a cabeça para trás, abrindo um sorriso de canto. Tenho absoluta certeza que

ouvi errado.

— O senhor é o problema. — repetiu.

Não, não ouvi errado. Ela teve a ousadia de me apontar como culpado pelo baixo desempenho de Maic. Essa professorazinha de quinta categoria ao menos tem provas irrefutáveis de que tal afirmação pode ser confirmada?

— Prove! — mirei-a nos olhos, sem sequer piscar.

— Como comentei outro dia, conversamos muito com os alunos e em uma dessas conversas...

— Interrogatórios!

— Maic identificou o problema. Não como um problema, claro. Ele ama o pai e só quer um pouco de atenção, então, acho que desabafar foi um meio de aliviar a rejeição que vem sentindo da sua parte. — assentiu com a cabeça.

— Um homem que trabalha em uma área como a minha é um homem muito ocupado...

— No que o senhor trabalha? — ergueu as sobrancelhas.

— Tenho um consultório.

— O senhor é médico? — ergueu as sobrancelhas.

— Não. Sou veterinário. — abri um sorriso sutil.

— Imaginei que não gostasse de animais e...

— Apenas das fêmeas. — estalei a língua, fazendo-a corar.

Liandra abaixou a cabeça e a ergueu com um sorriso sem graça. Deu um longo suspiro e se levantou, vindo em minha direção.

— Entendo. Então, o problema é que você é um daqueles tipinhos...

Coloquei-me de pé, encarando-a nos olhos.

— Defina “aqueles tipinhos”, senhorita Liandra, educadora de crianças. — ergui uma das sobrancelhas.

— Daqueles que...

Sua voz falhou quando a porta se abriu. Uma senhora idosa encarou-nos, pigarreou e ajeitou os óculos com o indicador.

— Outros pais procuram pela senhorita, professora Liandra. Eles querem falar sobre os exames finais. — avisou.

— Estou indo, diretora. A minha conversa com o senhor Miguel já se encerrou. — a velha assentiu com a cabeça e se retirou.

Encaramo-nos por mais alguns instantes. Aquela expressão de desaprovação, os olhos firmes e o corpo colocado de forma tão ofensiva me deixava furioso. Pior que isso, com desejo de fazê-la se submeter a mim.

— Crianças se apegam facilmente ao protetor, mas na ausência de afeto, é ainda mais fácil de se desvincularem. — disse aquilo num tom de alerta, lançando-se em direção à porta.

Antes que ela saísse, a segurei pelo braço. Seu rosto se virou para trás, dando de cara com o meu.

— Isso não é da sua conta. — rosnei.

— Quantas vezes vou ter de repetir que tudo envolvendo meus alunos também me envolve? — arqueou uma sobrancelha, puxando o braço para frente. — Até outra hora, senhor Miguel. — abriu a porta, preparando-se para sair, mas parou, de costas para mim. — Espero sinceramente que o senhor reveja suas atitudes como pai. — disparou, lançando-se pelo corredor.

— Vaca! — murmurei.

Marchei em direção ao carro, proferindo tantos xingamentos contra aquela mulher que só me dei conta de que ela também era minha cliente quando cheguei ao consultório.

Assim que passei pela sala da minha secretária, esbocei um sorriso perverso de canto.

— A senhorita Liandra já confirmou o retorno? — ajeitei meu colarinho.

— Ainda não. Devo insistir?

— Até que aceite. — ordenei, marchando para o meu escritório.

— A cliente está esperando o senhor há vinte minutos. — avisou-me.

— Mande-a aguardar na sala de consulta. Tive um imprevisto, mas... — *nada que eu não compense*. Ia dizer, mas, melhor não.

Às vezes o ego é um problema, mesmo na presença dos funcionários. Um bom empregador é exemplar, justo e modesto. Não que eu tenha todas essas qualidades, mas é necessário fazer de conta que as possuo.

Enquanto preparava-me para atender a primeira cliente, a ousadia de Liandra seguia martelando minha cabeça. Como era atrevida!

— Vou te domar, mocinha. E quando você estiver gemendo nos meus braços, vou revelar quem sou eu. Qual será a sua reação?

Ri sozinho só de imaginar mil e uma coisas que poderiam acontecer quando aquele momento chegasse.

CAPÍTULO SETE

POR LIANDRA



— Ele é um grosseirão! — soquei o sofá com ambas as mãos.

— Continua sendo um gato.

— Acredita que ele insinuou que sou uma cadela? — franzi a testa, sacudindo a cabeça. — Quando perguntei sua profissão, ele respondeu que atendia em um consultório e eu perguntei se era médico, mas ele disse que era veterinário, então entramos naquela questão que ele me provocou no outro dia e eu perguntei se ele gostava de animais e ele respondeu: *gosto. Apenas das fêmeas*. — abri a boca, ainda pasma ao me lembrar daquilo.

— Isso foi uma puta cantada! — disse Marcelly, comendo pipoca. Talvez o meu dia fosse mais interessante que o filme, pois ela não tirava os olhos de mim.

— Eu *já* saíria com um homem daqueles. — neguei com a cabeça. — É completamente surreal. Somos muito diferentes.

— Por isso mesmo. — meteu outra mãozada na bacia, enchendo a boca de pipocas. — Os opostos se atraem. — comentou com a boca cheia.

Dei de ombros e fingi que não ouvi.

— A única coisa que me atrai naquele homem é a vontade de pregar a mão naquela carona. — resmunguei.

— Oi?

— Nada. — acenei com a mão.

— Ah, eu tinha esquecido de dizer. — encarei-a. — A clínica do prazer ligou agendando a segunda consulta.

Suspirei, lembrando daquela voz rouca e sensual. De como ele parecia ser gostoso fazendo perguntas tão simples.

Depois de passar tanta raiva com aquele grosseirão do Miguel, eu precisava relaxar. Definitivamente, preciso conversar com um perfeito cavalheiro. Um homem que saiba como tratar uma mulher.

— Você vai? — Marcelly perguntou curiosa.

— Sim.

— Isso!

Qualquer outra que fosse tão louca pelo Doutor Prazer como Marcelly ficaria completamente desapontada em me ver aceitar a segunda consulta. Ela já havia melhorado e poderia muito bem ir, mas optou por me deixar voltar ao consultório.

• • •

Às oito da manhã em ponto eu estava na clínica, aguardando com outras mulheres na sala de espera. Só se ouvia falar no Doutor Prazer.

— Ele é realmente ótimo, não é? — uma loira com as pernas cruzadas comentava com a moça ao seu lado.

— É sim. As dicas dele deram um mega impulso no meu casamento. — sorriu.

— Ah, comigo o efeito foi contrário. Meti o pé na bunda do meu atual, agora ex-marido. — gargalhou.

Girei a cabeça para o lado, mirando outras duas no canto.

— Ele é muito bonito. — a morena comentou discretamente, folheando a revista.

— Será que é casado?

— Que mulher deixaria o marido ter uma profissão dessas? Só uma louca! — sacudiu a cabeça.

E pensar que eu ainda não havia visto o Doutor Prazer. Ele é um homem misterioso. Não quis saber meu nome e nem se deu ao trabalho de revelar seu rosto a mim. Apenas desenterrou fatos sobre a minha vida pessoal e sexual que não tive coragem de negar.

Como será que ele é? Sem dúvida é bonito, pois todas dizem isso. Um homem feio não faria esse tipo de fama, faria? Exceto se... Corei só de imaginar o que acontecia naquele consultório.

— Senhorita Liandra. — a secretária surgiu na sala de espera.

Levantei-me e segui em sua direção silenciosamente. Eu estava tão empolgada quanto as outras, mas não gostava de demonstrar isso, pois me sentia desconfortável.

— O Doutor Prazer a está aguardando. — deu um passo para o lado, me dando passagem.

— Obrigada.

Bati na porta do consultório e entrei. Ele não respondeu. A cadeira giratória permanecia na mesma posição da última vez. Também notei que no divã de couro branco havia uma toalha.

— Por favor, entre. — disse com a voz rouca.

Soava másculo e ao mesmo tempo sensual, ainda que rouca.

— Posso retirar a toalha? — perguntei, aproximando-me do móvel.

— Acho melhor não.

— Certo. — assenti com a cabeça.

Deite-me no divã. Girei a cabeça um pouco para o lado e a venda continuava lá. Dei um longo suspiro, tentando imaginar como era aquele homem, o famoso Dr. Prazer.

— Quando verei seu rosto? — pensei alto demais.

— Quando merecer. — foi o prazo de fechar a boca para obter uma resposta.

— Isso é critério seu? — um sorriso de canto escapou dos meus lábios.

— Totalmente.

Ouvi-lo soar tão voraz daquele jeito me deixava ouriçada. Como ele consegue fazer isso apenas com palavras?

— Quero ser um pouco mais agressivo hoje. — ouvi sua cadeira girar.

Assim que fiz menção de olhar para trás, fui repreendida.

— Não pode. Sabe que não deve. O jogo não tem graça se for assim. — explicou.

Contive minha curiosidade, suspirei outra vez e mirei o teto. Certo, Doutor Misterioso, vamos seguir do seu jeito.

— Podemos começar? — perguntou.

— Sim.

— Coloque a venda.

Engoli em seco e peguei o utensílio ao meu lado, vendando meus olhos. Aconcheguei-me melhor no divã, mas senti um leve tremor nas pernas quando ouvi o ranger da cadeira; em seguida, seus passos lentos e pesados se aproximando.

— A sessão de hoje será feita de forma diferente, se me permitir, claro. Não faço nada que minhas clientes não autorizem. — disse.

Ouvi as rodinhas da cadeira girarem e um outro ranger. Será que ele se sentou?

— Preciso autorizar o quê?

— Ser tocada.

— Onde?

— Onde eu quiser. — aquilo soou tão sexy que senti meu rosto arder, seguido por um arrepio que se findou entre minhas pernas.

— O que pretende?

— Estou autorizado? — engoli em seco, me pondo a pensar.

Ele é um estranho. Ainda é um homem sem rosto para mim. Eu não deveria, mas ao mesmo tempo, quero tanto...

— Não. Ainda não. — ofeguei, impondo limites.

Também sei jogar, doutor.

— Ok. Então retornemos ao diálogo. O que frustrou seus relacionamentos? — ele prosseguiu.

— O meu ex-namorado era controlador.

— E você se cansou disso?

— Não o deixei controlar. — dizer aquilo me fez sentir uma satisfação interior tremenda.

— Os homens preferem mulheres submissas.

— Omissas. — corriji-o.

A ferocidade em suas perguntas ante minhas respostas estranhamente me despertava certo prazer no diálogo.

— Gosta de ser independente?

— Sem dúvida!

— E se não fosse necessário?

— Sempre será.

— Por quê?

— O que uma mulher estéril faria em casa o dia todo a não ser cuidar dos afazeres domésticos? — confessei algo que havia dito a poucos. — Se eu pudesse ter filhos, adoraria ter tempo para apreciar a

infância dos meus pequenos.

Doutor Prazer simplesmente ficou mudo. Ouvi quando ele se mexeu na cadeira, ainda em silêncio.

— Espantado, doutor?

— Estou. Não vou mentir.

— Acredito que seja um caso raro entre suas clientes. — comentei, virando o rosto para o lado, usando um tom de penitência.

Era realmente uma penitência. Logo eu, que adoro tanto crianças e que sempre sonhei ser mãe. Como não me sentir mal com isso?

— Você é a primeira, mas não vejo isso como um problema que afete sua vida sexual e amorosa. De todo modo, vamos mudar o rumo da conversa... Maternidade não é minha especialidade. — pontuou.

— O senhor tem filhos? — perguntei despretensiosamente, ignorando seu pedido.

— Eu... — hesitou por alguns instantes. — Vamos focar apenas em você, Liandra.

— Entendido.

Senti que ele diria sim, mas no fim, não disse nada. Um clima estranho instalou-se entre nós. Eu não sabia o que dizer e ele seguiu mudo.

— Por hoje é só. — finalizou. — A minha secretária irá marcar a próxima consulta.

Ouvi seus passos se distanciarem aos poucos. Tentei espiar rapidamente, mas só vi seu vulto sumindo quando a porta se fechou.

Que tipo de homem você é, Doutor Prazer? Afinei os olhos.

CAPÍTULO OITO



Cheguei em casa naquela noite com Liandra na cabeça. Sendo mais exato, com sua confissão sobre ser estéril. Aquilo de alguma forma mexeu comigo. Desde quando sou sentimental?

Analizando friamente, agora sei a razão de ela me detestar: mulheres têm instintos maternos. Elas não gostam de homens que são pais ruins e desatentos. Mais que isso, protegem suas crias de tudo e todos.

Por instantes, a nossa discussão na escola veio à mente e aquelas palavras soaram dolorosas até em mim: *“Mulheres sem uma vida sexual ativa se apegam a coisas. A maioria em animais para abraçar, mas no seu caso, noto que são as crianças”*.

Isso foi extremamente cruel. Juro que se eu soubesse, não teria dito.

Esfreguei o rosto com ambas as mãos e me deitei na cama, massageando as têmporas. Eu queria apenas fodê-la e agora me apiedei da sua situação? Cômico, para não dizer trágico.

• • •

Estávamos voltando de uma festa e, aos risos, cantávamos música sertaneja. Era meu aniversário de vinte e dois anos. Karine tinha acabado de completar dezenove. Ela tinha a pele clara, cabelos loiros e olhos azuis como o mar. Ela era linda e era a mulher que eu amava, a única que amei.

Conhecemo-nos em uma festa da faculdade. Eu até tinha tirado da mente a ideia de continuar sendo um vadio que seduzia mulheres e feito um acordo comigo mesmo: trabalhar em prol da minha futura família. A verdade é que eu estava completamente apaixonado por ela.

— Estou tão feliz. — dei-lhe uma olhada rápida, retribuindo seu sorriso. — Falta apenas um mês para ele chegar.

— Ainda temos que decidir o nome. — provoquei-a.

— Claro que não!

— Não? — ergui as sobrancelhas, mordendo os lábios, mantendo os olhos fixos na estrada. Eu adorava provocá-la assim.

— Não! Você perdeu a corrida. — lembrou-me.

Sendo sincero, não perdi a corrida. Seria injusto disputar corrida com uma mulher grávida. Eu queria muito que o nome dele fosse Jorge, mas como a deixei vencer a corrida, será Maic.

— O campeão vai se chamar Maic. — confirmei.

— Isso mesmo. — disse, tocando minha mão que estava pousada na marcha.

— Semana que vem é o nosso casamento. — abri um sorriso bobo.

— Empolgado?

— Muito! Empolgada?

— Espero que a bolsa não estoure no meio da cerimônia. — olhei-a rapidamente e ambos rimos.

— Você ainda vai entrar no oitavo mês, meu amor. Não se preocupe com isso. — acalmei-a.

Ouvi quando ela respirou fundo e deitou o rosto em meu ombro. Segurei o volante com uma das mãos, afagando seus cabelos.

— Eu te amo. — senti meu coração palpitar.

Era delicioso ouvir aquilo. Eu me sentia um garoto bobo dando seu primeiro beijo ainda na adolescência. Jamais pensei que fosse sentir por uma mulher o que sentia por ela. Eu me via curtindo a vida adoidado, saindo com várias mulheres, até que a conheci.

— Eu também te amo.

Assim que a estrada indicou uma curva, peguei o volante com ambas as mãos e diminuí. Estávamos indo muito bem, até que um clarão surgiu do nada em nossa frente. Era um caminhão...

Pisquei algumas vezes, cobrindo o rosto para evitar a claridade do quarto. Os meus olhos ardiam, o meu corpo estava completamente dolorido.

— Senhor Miguel? Senhor Miguel? — girei a cabeça na direção da voz e vi um vulto. Firmei os olhos, piscando algumas vezes e, quando minha visão normalizou, deparei-me com uma mulher vestindo um uniforme branco.

— Onde estou?

— O senhor está em um hospital. — aquela última palavra ecoou por minha cabeça tantas vezes que fiquei zozzo.

Imediatamente, imagens vieram à minha cabeça. Havíamos sofrido um acidente. Eu ainda conseguia ouvir o som da sirene.

— Onde está a minha mulher? — preparei-me para levantar, mas fui impedido pela enfermeira.

— Acalme-se, o médico está vindo conversar com o senhor. Tudo vai ficar bem.

O meu coração estava acelerado. Como tudo vai ficar bem? Sofremos um acidente? Onde está a

minha mulher? E o meu filho? Eles estão bem?

Assim que o médico apontou na porta, a enfermeira seguiu em sua direção. Eles cochicharam algo e ela saiu às pressas.

— Doutor, onde está a minha mulher?

— Acalme-se, rapaz... — ele sorriu sem graça, se aproximando.

— Juro que estou tentando ficar calmo. — cerrei os punhos, apertando-os com toda a força.

— O seu filho nasceu saudável. — tocou meu ombro.

Quis sorrir, quis gritar de alegria, mas aquele aperto no coração seguia. Era uma angústia incessante. A enfermeira voltou, parou ao meu lado e aplicou algo no soro.

Depois de alguns segundos me dei conta de que havia algo errado. *Como assim nasceu?* Karine ainda não tinha completado nove meses de gravidez.

— Doutor... — coloquei-me de pé e o puxei pelo jaleco. Instintivamente ele ergueu as mãos, rendendo-se. — O que aconteceu com a minha mulher? — senti minha voz tremular.

A enfermeira abaixou a cabeça e o médico permaneceu calado, deixando que a expressão em seu rosto respondesse minha pergunta.

Pela primeira vez na vida, depois que me tornei homem, chorei. Lágrimas rolavam incessantemente. Caí de joelhos no chão, escondendo as lágrimas que desciam por meu rosto.

— O nosso casamento estava marcado para semana que vem... — contei a eles choroso. — estava tudo pago. Até financiamos uma casa... — ofeguei, subindo as mãos pelos cabelos. — E-E-Eu não acredito nisso, eu me recuso a acreditar.

Eles permaneceram ao meu lado, em silêncio e não desmentiram. Eu queria que fosse uma brincadeira, eu os perdoaria. Juro que os perdoaria se fosse uma maldita brincadeira, mas não era.

— O quarto do bebê. Terminamos de escolher os móveis tem apenas alguns dias. — expliquei, como se aquilo fosse fazer alguma diferença. — O que eu vou fazer agora? Como o meu filho vai crescer sem uma mãe? Como eu vou seguir sem minha futura esposa? — encarei aquele homem em minha frente.

Era inacreditável. Parecia mentira, mas era apenas a vida mostrando que nem tudo é como queremos. Karine foi velada e enterrada no dia seguinte, e eu voltei a morar com minha mãe e meu filho.

Eu amava aquela criança mais que a minha própria vida, mais que qualquer coisa que já havia amado no mundo. Quando eu olhava aquele rostinho rosado, com grandes olhos azuis, era como se eu visse Karine sorrir para mim.

Então veio o sentimento de culpa. Saiu o laudo dos exames do acidente. O motorista que nos

atingiu estava bêbado, mas eu também havia tomado uns drinques, não ao ponto de ficar bêbado, mas tomei.

“A culpa é sua! — Joana, minha sogra, cutucava meu peito com o indicador, acusando-me aos berros. — Você a matou!”.

Eles não estavam lá. Ninguém estava lá. O que eu poderia dizer para me defender? Por outro lado, talvez realmente tenha sido culpa minha. Eu poderia ter pedido folga do trabalho na segunda-feira e ter pego a estrada pela manhã, como Karine sugeriu, mas não, a minha maldita pressa a levou de encontro à morte em uma curva noturna.

A minha ex-sogra sentia tanto ódio de mim, que apenas o fato de Maic parecer comigo foi o suficiente para ela desprezá-lo com todas as suas forças. Ela simplesmente o excluiu como neto, como filho da sua filha, como sangue do seu sangue. E talvez Joana estivesse certa. A culpa era minha. Toda minha. Eu matei minha mulher. Eu matei a mãe do meu filho. Eu fidei meu filho a não conhecer a mãe e a não ter uma vida como a de outras crianças. Assim como afastei seus avós maternos, mesmo sem querer.

Subitamente acordei, levantando-me da cama bruscamente. Um pesadelo. Um maldito pesadelo real que vinha me atormentando, me lembrando daquilo.

Sentei na cama e dei um longo suspiro. Calcei os chinelos e esfreguei o rosto. Segui até a porta e a abri, encarando o quarto de Maic. Entrei silenciosamente e me pus a admirá-lo.

— Você tem os olhos da sua mãe. — sussurrei. — Eu te amo tanto, mas eu... — hesitei.

Eu sou um monstro... Por isso eu tenho vergonha de encarar você, meu filho. Não sou tão próximo e por essa razão não quero que se apegue a mim, pois quando você souber o que aconteceu, irá me odiar, assim como me odeio.

Mordi os lábios e inclinei-me para beijar sua testa. Os meus olhos estavam marejados, quase despencando minha dor. Sentei-me no chão, ao lado da sua cama, em completo silêncio.

Será que um dia vou ser digno do seu perdão, Maic?

Pensar naquilo, e no que uma revelação daquelas poderia suscitar, me deixava em pânico. As lágrimas caíam enquanto eu fungava baixo. Não importa! Ainda que você me odeie, eu sempre vou te amar.

As pessoas vivem me dizendo que sou um péssimo pai. De fato, sou um pai ausente, que não dá a devida atenção e carinho. Eu tento focar a minha vida no trabalho, pois se eu parar para te encarar, vou enlouquecer.

Que direito eu tenho de ver um mísero sorriso no seu rosto ou mesmo de te abraçar? A verdade é que eu fujo de você e da sua presença, pois o que mais temo na vida é o seu julgamento.

Sinceramente, não sei o que faria se ouvisse de você a sentença de culpa. Eu realmente entregaria os pontos e sairia do jogo. Passo o dia no escritório, às vezes a noite, mas é assim que posso te dar uma

vida que não tive na infância, é assim que garanto seu futuro, um futuro que todo pai que ama seu filho deseja.

Sei que um dia você vai descobrir tudo e nesse dia irei pedir perdão de joelhos. Vai doer em nós dois, mas vai doer mais em você do que dói em mim hoje. Você vai estar perdido, vai procurar por um culpado e vai se deparar comigo...

Dei um longo suspiro, fungando outra vez. Esfreguei o rosto com ambas as mãos e me levantei. Olhei-o novamente e ajeitei sua coberta, cobrindo-o direito.

Não demorei mais. Deixei o quarto e desci para o primeiro andar, onde me servi com um café forte da máquina de bebidas quentes. Ainda era madrugada e eu a passaria sentado no meu escritório rodeado por meus demônios.

Era o que eu esperava, ao menos até meus olhos pousarem em um grande álbum no topo da estante de livros. Levantei-me e fui até ele, pegando-o. Assim que o abri, deparei-me com Maic.

A primeira foto o trazia com um ano de idade, poucos cabelos e dentes, vestido como marinheiro. Todos estavam sorrindo, exceto eu. A segunda foto o mostrava com três anos de idade. Lembro bem quando lhe dei aquela bicicleta. Ele caiu centenas de vezes. Folheei o álbum, indo mais para frente. O quinto aniversário e, nessa foto, eu estava sorrindo e Maic não.

Ah, eram dias difíceis aqueles, pois ele perguntava constantemente sobre a mãe e eu não sabia o que dizer. A culpa era maior, ainda acho que segue igual e que só me acostumei com a dor, mas naquele dia em particular eu o ouvi perguntar: *por que eu não tenho mamãe?* Senti-me rasgado em tantas partes que nada nesse mundo conseguiria reparar aquele estrago.

Os meus olhos arderam outra vez. Sentei-me no sofá do escritório e admirei cada uma daquelas centenas de fotos. Eu o vi crescer, eu o amei antes mesmo de nascer e continuo o amando, mas preciso começar a demonstrar isso antes que seja tarde.

Suspirei profundamente, olhando a última foto do álbum. O último aniversário dele. Vários balões espalhados no salão de festas, e ele abraçado a mim, com o mesmo sorriso inocente no rosto.

Passei os dedos pela foto e, por instantes, ouvi as mesmas palavras daquele dia:

“Promete nunca me abandonar?”.

“Prometo”.

Aquele maldito aperto no coração. Eu odiava sentir aquilo. Sinto que estou completamente destruído por dentro. É como se eu não conseguisse demonstrar afeto, como se não fizesse falta, mas sabia que fazia, sabia que precisava demonstrar amor e carinho, mas havia algo que me travava por completo.

A culpa.

CAPÍTULO NOVE

POR LIANDRA



— Como foi? — fui recepcionada na porta do apartamento por Marcelly, completamente eufórica.

Abri um sorriso de lado e abaixei a cabeça.

— Conversamos. — dei de ombros, entrando.

Ouvi a porta bater atrás de mim. Em seguida, Marcelly colocou-se em minha frente.

— E aí? — ergueu as sobrancelhas.

— Conversamos mais.

A expressão de empolgação sumiu, dando lugar a uma careta de decepção.

— Achei que ao menos alguém nessa casa estaria bem servida...

— Você está muito bem servida. — arqueei uma das sobrancelhas. — Ombros largos, braços fortes, corpão malhado e olhos que hipnotizam... — referi-me ao rapaz que Marcelly havia mencionado.

— Não gosto de caras bonitos demais. — jogou-se em um sofá e eu fiz o mesmo.

— Como assim? — franzi a testa, revirando os olhos.

— Homens bonitos atraem chifres. O meu último relacionamento foi um fiasco. — fez um “o” com a mão.

— Homens sem caráter, você quis dizer. — corrigi.

— Que seja. — deu de ombros.

— Acho que você deveria dar uma chance...

— Não mude de assunto, mocinha. — abriu um sorriso sacana. — Vamos, me conte tudo o que aconteceu naquele consultório. — mordeu os lábios, sem tirar os olhos de mim.

Dei um longo suspiro e contei. Estava indo bem até a parte que confessei minha esterilidade ao Doutor Prazer.

— Você não devia ter dito isso. Quer dizer, ninguém precisa saber disso. — sacudiu a cabeça. — Não é da conta dele, é?

— Simplesmente saiu.

— Você está bem? — Marcelly levantou-se e sentou ao meu lado, pegando minhas mãos e roçando os polegares em minha pele. — Podemos tomar sorvete até quase explodir.

— Não precisa. Estou bem. — menti.

— Tem certeza? — assenti com a cabeça. — Então vou indo. Preciso passar na minha mãe antes de ir para a escola. — disse, pegando a bolsa e saindo.

Eu não queria preocupá-la com meus próprios problemas. Há coisas que prefiro guardar apenas para mim, mas saber que isso foi um empecilho em quase todos os meus relacionamentos, soa como se eu jamais fosse encontrar um homem com quem pudesse construir uma família.

Aquele idiota do Miguel acha que gosto de animais por não estar em um relacionamento. Ri sozinha no sofá, sacudindo a cabeça. Antes fosse, antes fosse...

Coloquei-me de pé, respirei fundo e disse a mim mesma: *se encontrar o homem certo, isso não será um problema!*

Era um pouco tarde quando mamãe me ligou.

— Boa noite. — ela disse.

— Boa noite, mamãe. Estou com saudade, como vocês estão?

— Seu pai está ótimo. Ele vem fazendo um bico aqui e outro ali. Acho que o “seu Juarez” ainda não se acostumou com a aposentadoria antes dos sessenta. — rimos.

— Ele sempre foi inquieto.

— Sim. — mamãe concordou. — Qualquer hora dessas estaremos indo lhe ver, ok?

— Ah, eu adoraria recebê-los aqui em casa. — respondi empolgada.

Eu estava há pouco mais de um ano na capital e desde que vim meus pais ainda não tinham me visitado.

— Vou desligar. Você deve estar cansada e ainda tem que trabalhar. Te amo, filha.

— Também te amo, mamãe.

• • •

Diariamente eu conferia a ficha dos alunos. Vez ou outra algum estava fazendo aniversário. Naquele dia em questão, Liliane, apelidada por si mesma de Lili, estava completando sete anos. Uma garotinha esperta, cujos cabelos louros angelicais batiam nas costas, sempre alegre. E no dia seguinte, o

pequeno Maic.

Senti um aperto no coração. Como aquela criança triste me comovia. Às vezes eu sentia uma imensa vontade de abraçá-lo e dizer que tudo ficaria bem, mas quem sou eu? Sou apenas sua professora.

Maic estava mudo na sala, com o rostinho deitado na carteira, e sequer se preocupava em acompanhar os colegas na tarefa. Eu tentava me focar na aula, mas aquilo era cruel. Eu não conseguia ser omissa, não diante de tamanha tristeza...

Na hora do intervalo todos saíram, mas ele permaneceu na sala de aula, cabisbaixo e pensativo. O que ele poderia estar pensando?

— Então amanhã é seu aniversário... — puxei assunto, aproximando-me em passos lentos e então, sentei-me em sua mesa. — Está empolgado, meu amor?

— Não... — torceu a boca, abaixando a cabeça.

— Um rapazinho não faz sete anos todos os dias. — tentei soar mais festiva.

— Amanhã não é só meu aniversário, é também o aniversário da morte da minha mamãe. — ergueu o rosto, que estava completamente vermelho e os grandes olhos azuis lacrimejavam.

Perdi o fôlego quando ouvi aquilo. Eu realmente não sabia. Provavelmente nem a direção. Essas coisas são contadas à escola, mas é um critério dos guardiões fazê-lo ou não.

Em um impulso instintivo o abracei contra meu corpo, afagando seus cabelos. O pequeno se rendeu ao choro, soluçando.

— Tia Liandra... — afastou-se, enxugando o rosto com a barra da camisa. — Por que eu não tenho mamãe? Todas as outras crianças têm mamãe. — perguntou em tom choroso, trazendo um inconformismo naquilo que me deixou despedaçada e sem saber o que responder.

— Eu não sei, Maic. — sussurrei, roçando o polegar em seu rosto. Diante daqueles olhos pidões, prossegui. — Deus ama os pequeninos, sabia? Sua mãe certamente está com Ele te olhando lá de cima.

— Eu queria ela aqui, comigo. — disse com tanta força que seu rosto se avermelhava ainda mais, fazendo meus olhos marejarem.

Não posso chorar, não posso! Preciso lhe passar segurança.

A minha cabeça maquinava uma saída, um meio para confortá-lo, mas qual? Quanto mais eu pensava, mais as ideias pareciam ridículas. Preciso fazer algo, eu me sinto na obrigação de fazer essa criança ser feliz como as outras.

— Maic... — sorri ao chamá-lo. — Peça-me o que quiser de aniversário.

Ele encheu as bochechas de ar e cruzou os braços, fungando algumas vezes. O choro cessou e por

longos minutos meditou.

— Quer ir à minha festa de aniversário? — pediu, abrindo um pequeno sorriso.

Pisquei algumas vezes com aquilo. Fui pega de surpresa. Eu não imaginava que...

— E a senhora pode também me ajudar a organizar tudo. E também a fazer os convites e a escolher o bolo e, também a ajudar na decoração. — sugeriu, completamente empolgado com a ideia.

— Ah... Bom... — comecei, meio sem jeito. — Acho que seu pai não vai ficar muito feliz com isso.

— Ele não vai se importar. — sacudiu a cabeça, entristecendo-se. — Ele não liga. Ele tenta me enganar dizendo que gosta de mim, mas eu acho que... Ele não gosta muito... — suspirou e subitamente me encarou, sorrindo outra vez. — Eu vou pedir e ele vai deixar.

Enchi os pulmões de ar e dei um longo suspiro. Pelo Maic, Liandra. Você está fazendo isso pelo Maic. Serão apenas algumas horas se o pai dele concordar. Apenas algumas horas...

— Tudo bem. Peça a seu pai para entrar em contato comigo e, se ele autorizar, irei te ajudar na festa. — sorri.

— Isso! — Maic saltou da cadeira. — Vou dizer a ele assim que chegar em casa.

Carência. É tudo o que vejo quando encaro aquela criança. A falta de um pai presente e a ausência do amor de uma mãe.

— Vou para o recreio dizer aos meus colegas que vai ter festa. — disse, correndo para fora da sala.

Acompanhei-o com os olhos. Então é isso, vou entrar na toca do leão. Prefiro não imaginar como é ficar na presença daquele homem... Sacudi a cabeça, suspirando. *Um completo idiota!*

Depois da aula, passei em uma pizzaria perto de casa e deixei uma pizza encomendada para mais tarde. A noite estava demorando a passar com aquele silêncio incômodo. Marcelly saiu com seu futuro namorado, mesmo que ela diga que não, sei que está caidinha por ele.

Quase onze da noite e eu às lágrimas pela quadragésima-quinta vez assistindo ao filme “Titanic”. Ah, como é lindo.

O telefone celular tocou, me tirando daquele transe emocionante. Pausei o filme e peguei o aparelho. *Número desconhecido.*

— Quem será uma hora dessas? — franzi a testa e acabei atendendo. — Alô? Quer falar com quem? Quem é você?

— Imaginei que a senhorita recebesse muitas ligações à noite. — disse. A voz era masculina, mas

não consegui identificar.

— Quem é você?

— O pai do Maic. — senti minhas mãos suarem.

— Ah, sim. — rosnei. — Não costumo receber ligações de homens à noite, senhor Miguel Souza. — retruquei sua provocação.

— Apenas Miguel, por favor. — suspirou. — Maic me pediu para deixá-la ajudar nos preparativos da festa. Ele parecia bem empolgado com isso... — fez uma pausa. — O que fez para deixá-lo tão feliz? Quer dizer, era quase certo que faríamos a festa, mas que ele não a queria...

— Acho que... Tornei-me amiga dele. — sorri ao dizer aquilo. — Crianças sentem as coisas, senhor Miguel. Elas não são bobas. O seu filho é um dos garotos mais espertos que eu tenho na sala de aula. Não tente enganá-lo ou terá problemas.

Ele ficou mudo por longos segundos.

— Oi?

— Eu gostaria de me encontrar com você para discutir algumas questões da festa; saber seus horários e sua disponibilidade.

— Isso é mesmo necessário? — ergui as sobrancelhas, detestando aquela ideia.

— Sem dúvida. Está disponível à noite?

— Só pelas manhãs. — menti. De modo algum vou sair com aquele homem à noite. Isso soaria como um encontro... *Deus me dibre!*

— Que horas?

— Às oito. Que tal no *Café das Moças* da Avenida 85? — ele riu. Aquilo me fez sentir tão ridícula que me deu nos nervos!

— Qual é a graça?! — rosnei.

— Nada. O café é por minha conta.

— De modo algum. Eu pago meu próprio café. — dispensei seu cavalheirismo barato.

— Como quiser. — desligou o telefone.

— Grosso!

O *Café das Moças* é um local reservado para leitura. Apesar de que já faz um bom tempo que não

sento e me debruço sobre um romance, é um local acolhedor. Antes se chamava *Café Com Leitura*, mas devido ao público ser, em maioria esmagadora, composto por mulheres, a proprietária mudou o nome.

Alguma coisa dentro de mim dizia que eu deveria me manter o mais longe possível daquele homem. Era como se eu sentisse que deveria procurar abrigo, pois um furacão estava chegando para devastar a minha vida.

Ainda assim irei. Prometi ao Maic que iria e vou, mesmo que isso me custe um mês de mau humor por conta do gênio do seu pai.

CAPÍTULO DEZ



Quando Maic me fez aquele pedido, pensei duas vezes antes de aceitar, mas ao ver o sorriso em seu rosto, acabei cedendo. Sem falar que a professora conseguiu deixá-lo otimista com a festa de aniversário.

Acordei cedo àquele dia. Tomei uma ducha e me aprontei. Escolhi um traje esporte fino. Blazer preto e um jeans azul-marinho colado. Ajeitei os cabelos no espelho e sorri.

— Você é realmente um gato. — joguei-me uma piscadela.

Como combinado, eu estava no *Café das Moças* às oito horas. Confesso que, por instantes, imaginei uma convenção de *beatonas*, mas não, não era nada disso. Tratava-se apenas de mulheres fanáticas por leitura. Um ambiente onde homens são raros e que quando surgem, atraem olhares discretos e cochichos.

Olhei novamente no relógio de pulso. Oito e meia. Bufei, erguendo dois dedos para a atendente que prontamente veio em minha direção.

— Um café com creme, por gentileza. — sorri ao fazer o pedido, recebendo um sorriso tímido de volta.

Ela era bem bonita: cabelos curtos e cacheados, olhos negros, negra, de lábios encantadores e um corpo que aparentemente dava sinais de ser repleto de curvas. Não sei dizer ao certo, pois suas roupas eram folgadas. Contudo, jovem demais.

— O café com creme está em falta. — permaneceu segurando a folha de pedidos.

— Cappuccino?

— Acabamos de abrir e a minha patroa ainda não chegou com os itens que estão faltando. — sorri sem graça.

— E o que temos aqui? — ergui as sobrancelhas.

— Apenas café.

— Um café com duas gotas de adoçante, por favor.

— Já trago para o senhor. — assentiu com a cabeça, se retirando.

Uma cafeteria onde faltam os mais variados tipos de café e que servem apenas café comum. Eu deveria pedir o quê? Rosquinhas coloridas com sorrisos? Francamente!

Abaixei a cabeça quando ouvi a voz dela.

— Bom dia, Ana. — então esse é o nome da atendente. Ainda assim, jovem demais, Miguel. Ela deveria ter no máximo dezenove anos, talvez vinte.

— Bom dia, Liandra.

Assim que ergui o rosto a vi vindo em minha direção. Pelo visto ela e a mocinha do café eram amigas.

— Desculpe o atraso. — disse ofegante e, em seguida, sentou-se à mesa. — Acabei perdendo a hora. Não foi minha intenção, mil perdões.

— Se me der o telefone da sua amiga bonitinha... — apontei com um movimento de cabeça e ela acompanhou. — Perdoo com certeza.

Assim que seu rosto retornou, fixando-se ao meu, pude ver uma expressão de desaprovação tomá-lo. Abri um largo sorriso e sacudi a cabeça.

— Estou apenas brincando.

— Você brinca demais, senhor Miguel Souza. — senti minha bochecha arquear com aquele “Souza”.

— Confesso que gosto de jogos.

— Pois eu não! — rosnou, deu um longo suspiro e apoiou os cotovelos sobre a mesa, unindo as mãos. — Pode começar, senhor *Miguel*.

— O café *puro* ainda não chegou. Aliás, é a única coisa que servem aqui. — cruzei as pernas, encarando-a.

Ergui os dedos novamente e assim que a atendente me viu, indiquei dois com a mão, sinalizando eu e Liandra. Não demorou e o café foi servido.

— Uma verdadeira merda. — cuspi o pouco do líquido que não havia engolido na xícara.

— Isso é nojento. — Liandra trouxe a cabeça para trás, me olhando com desprezo.

— Concordo. Esse café não é bom.

— Eu não estava falando sobre o café...

— Como sabe, — a interrompi, fazendo uma pausa rápida. — vamos fazer o aniversário do Maic e ele quer muito que a professora vá à festa e ajude com todos os detalhes. Sabendo disto, não acho justo que você perca seu dia com suas ocupações, mesmo eu achando que não tenha muitas... — vi suas bochechas corarem. — Sinto-me no dever de lhe remunerar.

Liandra uniu os lábios, balançou a cabeça para os lados e deu um longo suspiro.

— Não estou fazendo isso pelo dinheiro. A única razão de me propor a te tolerar por algumas horas... — mordeu os lábios com aquilo. — é gostar do seu filho. O sorriso que vi no rosto dele é algo impagável.

Tal revelação me deixou desconcertado.

— Entendo. De todo modo eu insisto... — apoiei os cotovelos na mesa, mirando-a.

— E eu recuso. — abri um sorriso de lado.

— É difícil negociar com a senhorita.

— Aprendi com os gatos. Sempre assisto um ou outro programa sobre *pet's* que nos ensina a analisar o comportamento dos animais. — disparou.

— Com os gatos... — torci a boca, abaixando a cabeça. — Sobre o que falei outro dia...

— Não importa. Já passou.

Ignorei-a.

— Eu realmente não quis dizer aquilo.

— Quis sim, tanto que disse.

— Não, eu não queria. Eu só me senti...

— Atacado? — ergueu as sobrancelhas, adotando uma falsa expressão de piedade.

Suspirei profundamente. Eu tento, juro que tento, mas assim não dá. Vou na defensiva e ela ataca, mudo para a ofensiva e ela continua atacando.

— Estive pensando esses dias sobre minha postura como pai e realmente estou deixando a desejar. — passei os dedos de um lado a outro na mesa. — Sabe, não tive um pai, então ainda não sei fazer isso muito bem.

— Quando vai parar de usar desculpas? — aquilo me atingiu em cheio, fazendo meu sangue ferver.

— Não é uma desculpa!

— Claro que é. Se você não teve um pai, essa é mais uma razão para saber como o seu filho se sente. — disse em tom ameno, dessa vez não soava como uma repreensão. Era um lembrete.

Abri a boca para respondê-la, mas fechei-a imediatamente.

— Ontem Maic me disse que hoje também é aniversário da morte da mãe dele. — aquilo me surpreendeu. — Ele estava triste e me impôs uma pergunta que cortou meu coração.

— Qual?

— “Por que eu não tenho mamãe, professora”?

Um arrepio tenebroso percorreu meu corpo e meu coração foi a mil em questão de segundos. Abaixei a cabeça, me pondo a pensar naquilo.

— Sinto muito por isso. — disse Liandra. Assim que ergui o rosto, mirei seus olhos, vendo sinceridade neles. — Imagino que tenha sido uma fatalidade.

— E foi... — dei um longo suspiro. — Essa tragédia mudou a minha vida completamente e me rendeu um fardo tão pesado que não sei até quando vou suportar. Eu ainda tento, apenas por ele. — confessei.

Ao notar a expressão de espanto em seu rosto, sacudi a cabeça, forçando um sorriso.

— Eu não deveria ter dito isso, não é da sua conta. — enchi os pulmões de ar e me recompus. — Então, senhorita Liandra, estamos combinados?

Ela permaneceu com os olhos fixos em mim, parecendo me analisar. Foi um erro deixar aquilo escapar. Um tremendo erro.

— Estamos combinados, senhorita? — insisti.

— S-Sim.

— Por favor, me passe seu telefone. Vou te adicionar no *WhatsApp*. Quando eu enviar o motorista, basta mandar sua localização.

— Sim.

Liandra me passou o telefone e eu a adicionei, em seguida, mandei um sinal de vírgula e ela respondeu com o mesmo sinal. Confesso que ri.

Você é desafiadora, professora Liandra, e isso me incomoda em uma mulher. Não sei dizer a razão, mas faz sentir que não estou no controle e quando não tenho controle, não há satisfação.

Coloquei-me de pé e ela me acompanhou. Estendi a mão para cumprimentá-la e assim que ela a pegou, beijei-a. Foi o prazo dos meus lábios tocarem sua pele para que ela recuasse rapidamente, como se eu tivesse fincado minhas presas vampírescas em sua carne.

— Obrigado por ser atenciosa com meu filho.

— Não faço mais que minha obrigação.

— Está fazendo mais que isso.

Troquei um último olhar com ela e a deixei ali, de pé. Passei no caixa e paguei a conta antes de deixar o *Café das Moças*, que deveria servir os mais variados tipos de café, mas serve apenas café comum.

Ao chegar em casa, seguimos a rotina daquele dia. Maic estava me esperando na sala, vestindo uma roupa social. Quando apontei na porta, ele me encarou rapidamente, desviando nossos olhares.

Lancei-me em sua direção e abaixei-me, ficando na mesma altura que a sua. Ergui seu rosto, mirando aqueles grandes olhos azuis. Os olhos da mãe.

— Se não quiser ir, não precisa. — sussurrei.

— Gosto de deixar flores. — franziu os lábios.

— Escolheu as mais bonitas? — tentei soar otimista, mesmo sentindo meus olhos arderem.

— As mais bonitas do mundo todo, papai. — ele sorriu.

Peguei em sua mão e seguimos juntos para o carro. O cemitério ficava longe e a ausência de assunto entre nós, especialmente naquele dia, era incômoda. Eu não sabia o que dizer e também não gostava de tocar naquele assunto. E, de certo modo, era um alívio não ouvi-lo questionar, pois não sei se saberia mentir.

Era um dia realmente triste para nós dois. Aquilo abria uma interrogação na minha cabeça. Será que eu deveria tentar arrumar uma boa mãe para Maic? Não uma que substituísse Karine, mas alguém que fosse afetuosa o suficiente para sanar esse vazio maternal que há dentro dele.

No entanto, o problema seria encontrar uma boa mãe. Não precisava ser bonita, nem me agradar. Na verdade, eu não precisava gostar dela. Bastaria o meu filho gostar. Eu lhe daria joias, roupas, dinheiro e tudo que me pedisse...

— Pronto. — disse depois de acender a vela branca, colocando-se ao meu lado.

Ficamos parados lado a lado, encarando a lápide de Karine. Ela estava tão bonita naquela foto, havia tanta vida em sua face.

Subitamente senti Maic abraçar minhas pernas. Afaguei seus cabelos e o peguei no colo, deixando-o deitar o rosto em meu ombro. O choro era baixo e contínuo. Um choro tão sentido que me fazia sentir o pior homem do mundo.

CAPÍTULO ONZE

POR LIANDRA



“Essa tragédia mudou a minha vida completamente e me rendeu um fardo tão pesado que não sei até quando vou suportar. Eu ainda tento, apenas por ele”.

Aquela confissão não saía da minha cabeça. Por mais que eu tentasse tirar aquele homem da minha mente, ele havia se fixado ali. As suas palavras traziam tamanha dor e culpa que ouvir aquilo me deixou sem o que dizer.

Por que ele parece se sentir culpado? Qual é o motivo? Como a mãe de Maic morreu?

Essas eram coisas que eu não deveria especular, mas a curiosidade havia se tornado maior que qualquer pensamento sensato. E, mesmo sem nenhuma resposta, concluí:

— Miguel é um homem ferido... — murmurei com os olhos fixos na TV desligada. — Quem vê toda essa pose imponente não imaginaria que por trás de uma muralha de pedra existe um pobre coração...

Quem é você e qual é sua ferida, Miguel Souza?

Sacudi a cabeça.

Não acredito que estou me apiedando por aquele grosseirão que se acha a última *Coca-Cola* do deserto. Ainda assim ele continua sendo um babaca!

Eu não deveria estar pensando nisso. Como Miguel disse, não é da minha conta, mas... Recuso-me a ver Maic sofrer.

...

Maic não foi à escola naquela tarde. Segui com a aula, mas minha cabeça estava naquele pequeno coraçãozinho. Como ele estaria se sentindo? O que passava por sua cabecinha?

Eu precisava desabafar com alguém. Expor aquilo para uma pessoa de confiança e ver se a minha avaliação não estava errada. Ao chegar em casa, sentei com Marcelly no sofá e lhe contei tudo.

— Não sei o que dizer. — falou com os olhos arregalados.

— É uma situação muito complicada... — lamentei.

— Só acho que isso é algo muito pessoal e que você não deveria se meter. — advertiu, deitando-se no sofá para encarar o teto. — Isso realmente estragou o meu dia.

O meu também, amiga.

Permaneci em silêncio, concordando e ao mesmo tempo discordando. Não devo me meter, não seria profissional, mas quando vejo aqueles olhinhos azuis tão tristes, não consigo.

Eu adoro crianças, as amo de todo o coração, todavia, nenhuma delas conseguiu despertar meu instinto materno, não como Maic. Sinto que devo abraçá-lo e protegê-lo como se fosse meu. Sim, é isso que sinto quando o vejo tão sozinho e perdido em questões complexas que um pequenino não deveria tentar solucionar.

No dia seguinte, como combinamos, o motorista veio cedo me buscar. Ao chegar à casa de Maic, não consegui esconder minha perplexidade. Claro, eu imaginava que o senhor Miguel tivesse uma excelente condição financeira, afinal, o filho estuda na melhor escola da capital, mas não achei que fosse tanta.

A residência, se é que posso chamar assim, lembra uma daquelas mansões de novela. Três andares, com algumas colunas e vidro escuro espelhado.

Precipitei-me em direção à grande porta da entrada. Devia ter no mínimo uns três metros de altura. Ao me aproximar, ela se abriu e deparei-me com o que menos queria ver.

Miguel usava um short curto, sem camisa e estava completamente suado, com uma toalha de rosto em uma das mãos. Até tentei desviar os olhos, mas era impossível não avaliar o corpo daquele ogro: braços fortes e musculosos, o peito largo e com pelos ralos que tocavam o pé do abdômen. O calção mal cobria as coxas malhadas e grossas.

— Bom dia, senhorita Liandra. — cumprimentou-me e roboticamente estendi a mão, forçando-me a focalizar seu rosto. — Estou completamente suado e você parece ter tomado banho ainda há pouco... — recusou o cumprimento.

— S-Sim.

— Excelente aroma de rosas. Isso me lembra aquelas senhorinhas que fazem crochê. — comentou, me fazendo corar em fúria. Em seguida, colocou-se ao lado da porta. — Por favor, entre. Maic ainda está dormindo.

— Obrigada. — ignorei a provocação.

Por segundos, ficamos lado a lado, próximos. O seu aroma invadiu minhas narinas. Ele tinha um cheiro tão sexual e másculo, que me vi obrigada a prender a respiração.

— Quer tomar algo? — neguei com a cabeça. — Comer? — repeti o gesto e ele arqueou a sobrancelha. — Seu rosto está ficando vermelho.

Soltei o ar preso nos pulmões e inspirei profundamente.

— Acho que é o clima.

— Por um momento pensei que estivesse prestes a ter uma parada cardiorrespiratória. — abriu um sorriso sacana, pondo as mãos na cintura. — Sorte sua a minha boca ser treinada.

Corei ao ouvir aquilo.

É coisa da sua cabeça. Disse a mim mesma repetidas vezes, tentando me convencer de que aquilo não tinha sido uma cantada barata.

— Eu até convidaria a senhorita para me acompanhar no banho, mas vejo que não é necessário. — sorriu, passando por mim, seguindo em direção às escadas. — Não demoro.

— Espero que desça pelo ralo do chuveiro... — murmurei.

— Disse algo? — parou nos pés da escada, encarando-me.

— Onde fica o banheiro? — forcei um sorriso, procurando uma desculpa para sair da sua presença.

— Temos doze banheiros. A senhorita tem preferência por algum cômodo em particular? — abriu um sorriso, usando um tom sugestivo.

— De preferência aqui, no primeiro andar. — *longe de você!* Pensei comigo.

— O banheiro social fica na segunda porta do corredor atrás da escada. — indicou, subindo os degraus.

Ele faz questão de mostrar como é bonito e o quanto é rico, mas se esqueceu de que ao mesmo tempo isso só deixa claro o quanto ele é vazio, arrogante e insuportável!

Sentei-me no sofá e mantive-me imóvel, aguardando o motivo de eu estar ali.

— Quem é você, garota? — uma voz incrédula me fez girar a cabeça para trás.

Deparei-me com uma senhora bem vestida e repleta de joias. Era alta, magra e loira. Parecia uma daquelas ricas que atuavam como vilã de novela.

Até tentei me apresentar, mas ela foi mais rápida.

— Meu Deus! — arregalou os olhos, rodeando o sofá e parou em minha frente, subindo os olhos por mim, antes de me encarar com desprezo. — Miguel trouxe uma puta para casa. — a expressão de incredulidade estava estampada em seu rosto.

Como é que é? Sacudi a cabeça, negando-me a acreditar naquilo.

— A senhora deve estar enganada, eu sou a...

— Não dirija a palavra a mim, garota. — cortou-me com rispidez, seguindo em direção às escadas e sem olhar para trás, avisou: — Permaneça com o traseiro nesse sofá, entendeu? Fizemos a contagem dos itens da casa semana passada e se sumir qualquer coisa, você terá problemas. — ameaçou, subindo apressadamente para o andar superior.

Pisquei algumas vezes, franzindo a testa. Isso foi constrangedor, ao mesmo tempo, me atentou ao óbvio. Então ele traz profissionais do sexo para casa? *Canalha!*

De repente, vozes ecoaram no andar de cima e, em seguida, passos que indicavam que estava vindo alguém. Coloquei-me de pé, com as mãos unidas, encarando o topo da escada.

— Essa aí. — disse a senhora, apontando o dedo em minha direção.

Miguel surgiu ao seu lado, usando apenas uma toalha, com o corpo ainda molhado. Assim que ele me viu, abriu um pequeno sorriso, abaixou a cabeça e beijou o rosto da senhora. Os cabelos molhados, com rastros d'água cobrindo seu corpo que, apesar da toalha, era possível ver aquela excitação entre as pernas. Rapidamente desviei meus olhos dele, focando naquela senhora que eu ainda não sabia quem era.

— “Essa aí” é a professora do seu neto. Eu avisei que a traria para ajudar na festa, lembra? — explicou, deixando-a desconcertada. — Posso tomar meu banho agora, mamãe?

Então a senhora é a mãe dele. Agora já sei de onde ele puxou esse gênio...

— Avisou? — franziu a testa. — Bom, que seja. — gesticulou com uma das mãos.

Quis abrir meu maior sorriso, mas não o fiz. Seria deselegante. Apenas mantive-me parada, esperando um pedido de desculpas, ainda que fosse dos piores.

— Sinta-se em casa. — ela meneou a cabeça e simplesmente sumiu.

É, esperei demais. Tal mãe, tal filho.

Sozinha naquele casarão, dei-me a oportunidade de zanzar pelos cômodos do térreo. Assim que entrei na outra sala, encontrei uma empregada, que me encarou rapidamente e sorriu.

— Bom dia.

— Bom dia, senhorita. — respondeu sem tirar os olhos do pano de chão.

— As pessoas aqui costumam dormir até mais tarde?

— Dona Ana e o senhor Miguel costumam acordar bem cedo. O único que dorme até às dez horas é o Maic. — explicou.

Ana? Esse é o nome daquela senhora amável? Justo o nome da minha mãe?

— Só moram três pessoas nessa casa? — perguntei incrédula.

Qual a necessidade de um casarão de três andares para três únicas pessoas? É ter muita grana para jogar fora. Claro, ricos adoram manter as aparências. Ele, sem dúvida, gosta disso.

— Sim, senhorita. Geralmente, nos finais de ano recebemos muitas visitas. — parou, passando uma das mãos pela testa suada.

Era uma moça simples, morena e vestida formalmente como alguém que exercia sua função. Impecável demais para o meu gosto. Imagino que os assuntos da casa fiquem por conta da mãe...

— Dona Ana parece ser um amor de pessoa... — comentei e assim que ela me encarou, abri um sorriso de canto.

— Não sabe o quanto, senhorita. — ela retribuiu o sorriso.

— E ele, como ele é? — rodeei um dos três sofás, parando na frente de um grande quadro cheio de borrões. Era estranho, sem vida e sem definição.

— O senhor Miguel é educado. — minha bochecha se contraiu, me fazendo conter uma gargalhada. — Apesar de ser muito ocupado, nunca tratou um funcionário mal.

— Entendo.

Então a questão aqui não é ser educado, é ser menos grosseiro. Imagino o que os funcionários passam nessa casa.

— Tia! — girei o corpo para trás assim que ouvi Maic me chamar. — Você veio. — sorriu, ainda coçando os olhos, lançando-se em minha direção.

Abaixei-me para ficar em sua altura e o recebi com um abraço apertado. Em seguida, afastei-me.

— Claro que vim. Por algum momento duvidou disso? — Maic ergueu os ombros sem jeito e me puxou pela mão.

— Vou te mostrar a casa inteira e depois vamos para o salão de festas. O papai contratou pessoas para nos ajudar. — disse.

— O papai é muito gentil...

— É sim, ele disse que hoje posso fazer o que eu quiser, desde que não coloque fogo na casa. — gargalhou.

Aquele rostinho feliz encheu o meu dia. Toda a vontade de ir embora após a grosseira de Miguel e de sua mãe simplesmente sumiu. Aos poucos fui pegando o jeito da coisa e consegui entender o ritmo da festa. A organizadora me explicou com detalhes como Miguel queria e nossa tarefa seria adequar a festa ao gosto de Maic. E assim fizemos.

CAPÍTULO DOZE



Servi-me um copo de uísque com gelo e precipitei-me em direção a sacada do meu quarto, de onde eu tinha uma visão clara do salão de festas, nos fundos da mansão. Sentei-me em uma das cadeiras e cruzei as pernas, admirando toda a movimentação.

Dei um longo suspiro e assim que os vi, afinei os olhos, admirando aquela cena. Maic corria de um lado a outro, puxando Liandra pela mão. Dei outro gole.

Qual a razão do meu filho gostar tanto de você?

Ouvi a porta abrir. Dei um longo suspiro, tomando outro gole.

— Deveria começar a bater, mamãe. — reclamei.

— Não te pus no mundo para ter que ficar marcando hora quando quero falar com você. — colocou-se ao meu lado, acompanhando meus olhos. — Ela é bonita.

— Ela não me interessa. — respondi com frieza.

— Interessa ao seu filho. — retrucou, usando um tom extremamente sugestivo.

Mamãe vivia me dizendo que seria bom para Maic que eu arrumasse uma esposa para ele ter uma figura feminina à qual se apegar. Alguém que ele visse como mãe, mas mulheres são complicadas e, para um homem na minha posição, isso se tornaria ainda mais complicado. Sustentar uma mentira para cobrir outra mentira não me soava nada bem. E um relacionamento sem amor está fadado ao fracasso e, quando fracassássemos, essa mulher iria embora. Como Maic ficaria? Não, definitivamente não!

— Notei.

— Qual é mesmo o nome da mocinha? — puxou uma cadeira, sentando-se.

— Professora Liandra. — fiz questão de explicitar o meu desinteresse.

— Foi ela quem fez as observações sobre o desempenho de Maic na escola? — encarou-me, mas mantive meus olhos fixos em Liandra.

— Sim.

— Ah! Então está explicado. — riu. — Você odeia ouvir verdades. — sacudiu a cabeça, dando um longo suspiro. — Ela está certa. Você sabe que está.

— Mamãe, por favor...

— Sem “por favor”. — gesticulou com uma das mãos. — O quanto você ama seu filho?

— Eu faria tudo por ele e a senhora sabe disso. — tombei a cabeça para o lado, encarando-a.

— Ótimo. — ela bateu as mãos no colo e se levantou, tomando meu copo de bebida. — Hoje é o dia dele, então ao menos finja que está feliz. — disparou, seguindo para fora do quarto.

Sete anos. Hoje faz sete longos anos que perdi a mulher da minha vida. Sete anos de culpa, com pesadelos contínuos assombrando-me até mesmo durante o dia.

Enchi os pulmões de ar e me coloquei de pé. *Finja que está feliz.* Não será tão difícil. O dia vai passar rápido e quando a festa chegar ao fim, irei me recolher para o quarto.

• • •

Desci antes do meio-dia. Assim que pisei no último degrau, vi Maic correr em minha direção e logo atrás, Liandra.

— Organizamos tudo, papai. — bradou, erguendo os braços vitoriosamente.

— Nunca duvidei de você. — ergui seu queixo, beijando sua testa. — Hoje é o seu dia, campeão. Lembre-se, só não pode colocar fogo na casa.

Os meus olhos desviaram-se dele, pousando em Liandra, que permanecia parada, com os braços cruzados, parecendo nos analisar. Encarei-o novamente.

— Já tomou banho? — Maic negou com a cabeça. — Vai se atrasar.

— Não vou! — gritou, subindo as escadas correndo.

Coloquei ambas as mãos no bolso e me aproximei de Liandra. Os funcionários e o pessoal do evento corriam por todos os lados. Aparentemente ainda não havia chegado nenhum convidado, não que eu tivesse notado.

— A senhorita não vai se aprontar também?

— Acho que já deu minha hora. — abriu um sorriso forçado.

— Tenho certeza que Maic conta com sua presença na hora de cortar o bolo.

— Eu não vim com a intenção de participar, além do mais, não trouxe roupas adequadas. — deu de ombros, seguindo em direção ao sofá.

Acompanhei-a. Assim que a vi pegar a bolsa, colocando-a no ombro, abaixei a cabeça, perguntando a mim mesmo se eu deveria insistir.

— Creio que há roupas no quarto de hóspedes que sirvam em você. — pensei alto. Já tinha

escapado mesmo, então continuei. — Sempre deixamos os closets lotados de peças para as visitas de fim de ano. Algumas nunca foram usadas...

— Não vejo problemas em usar roupas de outra pessoa. — Liandra retrucou, adotando uma expressão de poucos amigos. — O primeiro vestido que usei foi ganhado, e os seguintes também.

Não acredito que ela levou isso como ofensa. Eu só estava tentando ser gentil. Liandra é como uma mula. Basta passar atrás para ganhar um coice. Certo, Miguel, hoje é aniversário do seu filho. Tenha foco!

— Realmente não foi minha intenção...

— Mostrar o quanto você é rico? — ergueu as sobrancelhas. — Imagino que isso deixe muitas mulheres encantadas, mas pela recepção da sua mãe quando me viu, não sei dizer se isso é bom.

Pisquei algumas vezes e, forçando um sorriso, sacudi a cabeça. *Indomável*. É a única coisa que me vem à mente quando trocamos poucas palavras, Liandra.

— Acredite se quiser, mas já fomos pobres e também usei roupas dos outros. — tentei nos aproximar.

— E como fez fortuna?

— Negócios.

— De que tipo?

— Não seja bisbilhoteira.

— É alguma coisa ilegal?

— Não! — franzi a testa. — É completamente legal, consensual e lucrativo. — gesticulei com uma das mãos e diante da incontestável posição firme que ela mantinha, me rendi. — Por favor, fique.

— O quê? — arregalou os olhos, sacudindo a cabeça.

— Fique. É importante para ele. Você. — expliquei.

Liandra passou os olhos pelo casarão, deu um longo suspiro e tornou a me encarar.

— Há algo em você que me incomoda profundamente. — disse, com os olhos fixados nos meus.

Eu conseguia ver a profundidade de suas palavras em seu rosto. Não era uma provocação, era simplesmente verdade.

— Sou um péssimo pai, como você mesma disse, em contrapartida, as crianças te adoram. — apresentei-lhe a resposta e fiz uma proposta para mantê-la ali até o fim da festa. — Façamos o seguinte.

Ficarei longe durante a festa e você fica.

Liandra tornou a passar os olhos pelo salão. Dessa vez os acompanhei, notando que ela mirava a grande faixa de parabéns.

— Certo. — respondeu, dando um longo suspiro.

— Obrigado. — agradei e, em seguida, expliquei onde ela poderia se preparar. — O quarto de hóspedes é o último do segundo andar à esquerda.

Ela assentiu com a cabeça e passou por mim sem dizer mais nada. Acompanhei-a com os olhos, vendo-a subir as escadas, até sumir pelo corredor principal do andar de cima.

— A convidou para ficar? — mamãe colocou-se ao meu lado, curiosa.

— Não confabule ideias impossíveis. — rosnei.

— Desde quando você é um *X-Men*? — bufou. — Só faltava essa! Agora quer adivinhar e podar meus pensamentos que não estejam de acordo com suas vontades? — lançou-me um olhar de repreensão, bateu as mãos nos quadris e precipitou-se em passos apressados rumo à escada.

— Posso saber aonde vai?

— Não é da sua conta! — disse, mal-humorada.

Se for o que estou pensando, é muito da minha conta sim, dona Ana. A senhora que não se atreva a colocar seus dedinhos brilhantes na minha vida pessoal, se não eu...

Inferno! Odeio ter de lidar com mulheres que estão fora do meu controle. Principalmente quando uma delas é minha mãe. Vou fazer o quê?

CAPÍTULO TREZE

POR LIANDRA



Quando entrei no quarto de hóspedes, meu queixo foi ao chão. Esse cômodo é do tamanho do meu apartamento. Passei os olhos pelo lugar: uma cama imensa que acomodaria quatro pessoas facilmente, uma grande TV fixada na parede, um frigobar, além de alguns utensílios *fitness*.

— A senhorita está aí. — girei o corpo em direção à porta, deparando-me com Ana. — Sobre meu comentário mais cedo, não foi minha intenção te ofender. — uniu as mãos, encarando-me. — O meu filho às vezes é... — moveu a cabeça singelamente para o lado, erguendo as sobrancelhas.

— Foi apenas um mal-entendido. — minimizei o acontecido.

— Não aconteceu muitas vezes, mas ele trouxe algumas mulheres em casa. — suspirou, olhando para baixo. — Então, quando te vi, tomei um susto. — ergueu o rosto, fitou-me e, por fim, sorriu. — Mas fico feliz em saber que estava completamente enganada, por isso, me desculpe, senhorita Liandra.

— Desculpas aceitas. — sorri.

Imagino que ver o filho trazendo mulheres que trabalham com sexo em casa seja uma situação constrangedora para uma mãe. Não que isso seja um problema; o problema é quando se envolve a família em prazeres e fantasias pessoais.

— Quer ajuda? — aproximou-se lentamente.

— Quero sim.

Talvez eu estivesse enganada a respeito da primeira impressão da mãe de Miguel. Ainda era cedo para dizer, mas isso não importa. Estou apenas de passagem nessa casa.

Dona Ana me mostrou os dois closets do quarto. Centenas de sapatos e milhares de roupas. Eram tantas opções que me senti em uma loja de shopping, daqueles tão grandes que você se perde entre os modelos em exposição.

Fiquei encantada com o bom gosto. Era realmente palpável a classe e elegância que o guarda-roupa trazia. O que, sinceramente, me deixava desconfortável. Eu não sou fina, não sou desse mundo de ricos.

Depois que escolhi um vestido liso e pouco decotado, combinando-o com um salto agulha, encarei-me de frente ao espelho.

— Ficou lindo. — Dona Ana comentou, rodeando-me. — Apesar de eu achar que o outro estava melhor.

— O outro é muito aberto. — justifiquei a escolha.

— Vou chamar minha maquiadora e a cabeleireira para complementar. — disse, saindo do closet.

— Não é necessário, dona Ana...

Ela sequer ouviu e, se ouviu, me ignorou.

Em questão de minutos quatro moças invadiram o quarto. Duas cuidavam do meu cabelo e as outras duas do meu rosto. Pedi algo discreto, eu não queria chamar a atenção. Na verdade, não ser notada era a minha meta.

Assim que terminaram, deixaram o quarto e dona Ana entrou novamente. Ela parou em minha frente, colocou o indicador rente os lábios, segurando um dos cotovelos com a outra mão. Analisou-me por longos segundos, rodeando-me e sentenciou:

— Perfeita. — corei ao ouvir aquilo.

— Ah, obrigada, mas acho que...

— Não ache. Deixe que os outros façam isso por você. — sorriu e, estendendo uma das mãos, mostrou-me a saída. — Você está atrasada e eu não aguento mais meu neto perguntando o seu paradeiro.

Assenti com a cabeça.

Seguimos juntas pelo corredor e quando apontamos no topo da escada, contei tantas cabeças que desisti de finalizar a soma.

— Tia! — Maic me chamou, apontando nos pés da escada e, no embalo, atraiu a atenção do seu pai para mim.

Conforme descia os degraus, eu sentia que aquele homem me olhava fixamente e, apenas para conferir, encarei-o. Miguel tem os olhos de um predador e só de saber que ele me acompanha mesmo de longe, sinto o retorno daquele incômodo.

— Uau! — disse Maic, segurando minhas mãos, com os olhinhos brilhando. — Está diferente. Muito diferente.

— Melhor?

— Não sei. — tombou a cabeça para o lado. — Gosto da senhora de todo jeito. — riu.

— Sem dúvida está melhor. — senti um arrepio quando aquela voz forte ecoou em minha cabeça. Ergui o rosto e deparei-me com ele. — Um diamante bruto.

— Alguns se resumem ao “bruto”. — forcei um sorriso e ele retribuiu, enfiando as mãos nos bolsos.

— Outro dia uma moça chamou o papai de bruto, e também de cafajeste. — disse Maic, usando aquele tom inocente de criança.

Miguel tossiu, sorrindo sem mostrar os dentes e afagou os cabelos do filho. Encarou-me uma vez mais e saiu, dando-me as costas sem dizer nenhuma outra palavra. Maic o acompanhou com os olhos.

— Falei muito? — Maic sussurrou.

— Só um pouquinho. — medi com os dedos, arrancando-lhe um sorriso.

— Vem! — puxou-me pela mão.

Rodei aquele salão com Maic tantas vezes que meus pés começaram a doer. Contudo, o verdadeiro problema era sentir os olhos vigilantes pousados em mim. Sempre que eu olhava em sua direção, notava que estava sendo observada atentamente. Não havia expressão definida em seu rosto. Era incerto o que passava em sua mente, mas certamente havia algo inquietante para me fiscalizar daquela forma.

Primeiro serviram o *buffet*, depois cantaram “parabéns” e, por fim, exclui-me da *ala dos adultos*, onde eu estava completamente perdida, e me reuni ao espaço das crianças. Havia alguns poucos alunos da sala e também crianças maiores, filhos dos convidados da família.

Permaneci de pé, observando-os discutirem sobre as viagens que fariam com os pais, os lugares que já tinha viajado e também sobre seus *youtubers* preferidos. Pelo visto a garotada adora.

— Então você é a professora que tem arrancado comentários na festa. — uma mulher com um longo vestido vermelho, de cabelos negros que batiam nas costas e com uma maquiagem que eu consideraria pesada, colocou-se ao meu lado. Ela era realmente bonita.

Encarei-a sem graça e ela continuou:

— Alguns até dizem que é a *peguete* de Miguel. — abriu um sorriso desgostoso.

— Estão redondamente enganados. Como você mesma disse, sou apenas a professora do filho dele. — fiz questão de esclarecer a situação.

— Ótimo. — ela disse, pegando uma taça de bebida assim que o garçom passou próximo a nós. — Eu detestaria ter que me envolver em uma nova competição. — jogou-me um sorriso perverso e se afastou.

Competição? Por Miguel? Só pode ser brincadeira! De tão cômico que aquilo soou, sacudi a cabeça, rindo sozinha.

— Essa sim é puta. — Dona Ana sussurrou ao passar por mim com uma cara de poucos amigos.

Então é isso, ela veio defender o território. Só lamento informar que veio na pessoa errada,

querida, pois não tenho interesse no seu homem!

Era quase seis da tarde quando os convidados começaram a ir embora. Aquela era minha deixa. Subi para me trocar e minutos depois, ouvi a porta se abrir. Imaginando que se tratava de dona Ana, saí do closet usando apenas calcinha e sutiã, segurando o vestido que havia usado.

— Posso deixar em cima da cama...? — paralisei quando vi Miguel em minha frente.

Um ardor que nunca senti antes tomou meu rosto. O meu coração palpitava sem parar, enquanto minhas pernas balançavam como uma árvore sacudida pelo vento.

— Desde que a conheci te achei muito certinha, mas não imaginava que usasse calças. — um misto de raiva e fúria surgiu dentro de mim. — Não que seja da minha conta, mas... É quase pré-histórico. — disparou, abrindo um sorriso debochado.

— Mais nada! — rugi. — Fora, seu tarado! Perverso! Seu... Seu... — os adjetivos sumiram quando ele começou a se aproximar lentamente, até parar em minha frente, encarando-me fixamente nos olhos, com sua boca tão próxima a minha que eu sentia sua respiração. — Seu...

— *Gos-to-so*. — soletrou aquilo usando uma voz tão sensual que fiquei sem resposta. — Estou te aguardando lá embaixo, senhorita Liandra. — jogou-me uma piscadela e deu-me as costas, deixando o quarto.

Quando a porta bateu, dei pulinhos de raiva pelo quarto, segurando o vestido junto ao peito. Imbecil! Idiota! Perverso! Esse homem é... É insuportável!

— Calças? Ele chamou minhas calcinhas de calças? Pior que isso... — ergui o indicador. — Não bastasse o comentário com animais, agora diz que sou uma *dinossaura*... — senti minha bochecha tremer. — Puto! — rugi, posses de raiva com aquelas provocações.

Se são calças para você, que seja! Para mim são superconfortáveis e é isso que importa.

Troquei-me o mais rápido possível, antes que aquele homem voltasse ao quarto. Assim que terminei, desci. Fui recebida nos pés da escada por dona Ana e Maic.

— Fique um pouco mais, Tia. — o pequeno me encarou com aqueles olhinhos pidões.

— Eu realmente preciso ir. Aliás... — abaixei-me, ficando em sua altura. Abri a bolsa e retirei um pequeno embrulho. — Não me esqueci do seu presente.

— O que é? — arregalou os olhos, abrindo-o.

— É simples, mas é de coração. — troquei olhares com dona Ana que observava tudo em silêncio.

— Uma foto nossa! — sorriu, abraçando-a ao peito. Em seguida, abraçou-me. — Vou guardar em cima da cômoda.

Sempre guardo fotos das festas escolares de fim de ano. Essa é do começo do ano, na páscoa, e como não tive tempo, nem dinheiro, para comprar um presente adequado, foi o melhor que pude providenciar de última hora.

— Guarde mesmo, hein? — cutuquei seu nariz com o indicador, dando-lhe um beijo na testa antes de me erguer.

— Agradeço sua presença aqui, Liandra. — disse dona Ana, pegando minhas mãos e roçando os dedões sobre elas. — Venha quando quiser, você é bem-vinda.

— Obrigada.

Dizer isso partia meu coração, pois ter Maic por perto era como sentir o vazio em mim sendo preenchido, mas enquanto aquele homem me rondasse, eu não pretendia voltar a essa casa.

— O motorista está aguardando a senhorita na entrada. — disse dona Ana. Assenti com a cabeça.

Segui para a porta principal da mansão, mas não encontrei motorista algum. Até pensei em voltar e perguntar, mas já havia me decidido. Se não aparecer, volto para casa de táxi.

— Desculpe a demora. — engoli em seco quando ouvi Miguel atrás de mim. — Vamos? — perguntou, parando ao meu lado.

— Achei que o motorista fosse me levar...

— Dispensei-o mais cedo hoje.

— Acho que vou pegar um táxi. — engoli em seco, virando o rosto para o lado.

— Não deveria se preocupar com a minha boca enquanto eu estiver ocupado dirigindo, senhorita. — disparou, seguindo em direção à BMW estacionada na frente da casa. — Vamos?

Eu
Odeio

Esse

Homem!

CAPÍTULO QUATORZE



Por que diabos você está caminhando por minha mente, Liandra? Olhei-a de soslaio rapidamente, sem tirar a atenção da direção.

Quando a vi usando aquele vestido, não consegui desviar dela e a acompanhei por todo o salão. Era a mesma mulher, e ainda assim parecia tão diferente.

— Desculpe-me por entrar no quarto sem bater.

Ela simplesmente me ignorou. Dei um longo suspiro, olhando-a rapidamente de novo.

— Você estava muito bonita. — tentei outra vez, agora elogiando-a. Nada mais que a verdade. — Tornou-se a mulher mais cobiçada da festa. — esbocei um sorriso de canto.

— Não por ser bonita. — retrucou, me fazendo sentir certa dureza em sua voz.

Liandra não me parece ser o tipo de mulher que se preocuparia com isso. Pelo visto, outra coisa havia lhe deixado de mau humor.

— E por qual motivo seria? — perguntei despreziosamente. Até que a questão de Leonardo, um velho amigo meu, me veio à mente, arrancando-me risos.

“É sua nova namorada? Ela anda com seu filho para todos os lados”.

— Qual a graça? — lançou-me um olhar furioso.

— Amanhã é domingo e eu pensei em convidá-la para retornar a minha casa. — desconversei.

— Agradeço, mas recuso. — respondeu sem sequer me olhar.

— Algum compromisso?

— O meu aconchegante sofá velho, com um bom cobertor, um pote de sorvete e uma maratona de séries.

— É uma boa desculpa.

— Não é uma desculpa! — rosnou.

Parei o veículo no portão de acesso ao seu condomínio. Era um local simples, ou popular, como costumamos dizer. Assim que fiz menção de avançar com o carro, ela me freou.

— Aqui é o suficiente, senhor Miguel. — disse, abrindo a porta e descendo.

Rapidamente abaixei a janela do veículo e coloquei a cabeça para fora, gritando.

— *De nada!*

• • •

Assim que estacionei o carro e desci, apontando na entrada da mansão, Laura surgiu com um largo sorriso no rosto. Os olhos felinos, o corpo repleto de curvas e um longo vestido vermelho que a deixava tentadora. Uma morena de arrancar suspiros.

— Hoje à noite no seu apartamento? — mordeu os lábios.

— Estou sem cabeça. — encarei-a, vendo-a torcer a boca.

— Precisa superar isso. — rodeou-me, massageando meus ombros. — Relaxar o faria esquecer...

— Nunca vou esquecer! — rosnei, afastando-me dela e entrando na mansão.

— Quantos anos o garoto completou mesmo? — apressou o passo, colocando-se ao meu lado.

— Estava no aniversário e sequer notou as velas do bolo? — franzi a testa.

— Vim apenas por sua causa. — forçou um sorriso. — Não que eu não goste de crianças... — ergueu os ombros, sentando-se no sofá da sala, cruzando as pernas em seguida. — Só não posso me apegar a uma criança que *ainda* não é minha. — ergueu uma das sobrancelhas.

Fixei os olhos em Laura. Ela era ótima na cama, mas não consigo vê-la como uma boa mãe. Um dia ela teria filhos, claro, mas ela não gosta do Maic. Nunca demonstrou e, apesar disso, é algo que sinto com tanta certeza que não confiaria um único segundo de sua vida a ela.

— Papai. — voltei minha atenção a Maic, que vinha correndo. — Vovó e eu queremos sair para comer pizza, o senhor nos leva?

— Eu adoraria acompanhá-los. — Laura se convidou.

— Pode ir, Tia. — primeiro Maic a encarou, depois me encarou. — Não pode, papai?

Dei outra breve olhada para Laura, que tombou a cabeça para o lado, exibindo um beicinho nos lábios.

— Onde está sua avó?

— No quarto.

— Clara. — chamei a babá, que estava parada próxima à escada, e indiquei com a cabeça para Maic.

Precipitei-me para o segundo andar e parei na porta do quarto de minha mãe, batendo.

— Entre.

Entrei e fechei a porta.

— Foi a senhora quem sugeriu uma ida à pizzaria? — posicionei-me atrás dela, que se encarava no espelho, ajeitando os cabelos.

— Não. — dei um longo suspiro. — Algum problema em ir à pizzaria com seu filho?

— Justo hoje?

— Hoje é o aniversário dele. — respondeu sem me encarar e então colocou-se de pé, mirando meus olhos. — Quantas vezes saíram esse ano? É hora de superar. — acariciou meu rosto.

— Não consigo... — murmurei, abaixando a cabeça.

— Maic está crescendo e, a cada dia que passa, ele entende mais as coisas. — ergueu meu queixo, abrindo um sorriso. — Só o amor e a proximidade vão acolhê-lo quando a verdade for contada, por nós ou pelos outros.

— Ninguém se atreveria! — rosnei, cerrando os punhos.

— Se apronte logo. Quero estar em casa antes das nove. — ordenou, dando-me as costas outra vez.

— Laura se convidou para ir.

— Se convidou? — girou o corpo em minha direção outra vez, com uma sobrancelha arqueada.

— Sua amiga.

— Sou amiga da mãe dela. Se há alguém que tem uma amizade profunda com Laura, esse alguém é você, Miguel. — disparou, enrijecendo os lábios.

— Tenha a gentileza de resolver isso. — dei-lhe as costas, lançando-me em direção à porta.

— Sua puta, seu problema. Não vou me desentender com a mãe dela por conta do caso de vocês dois.

Parei com a mão pousada na maçaneta e engoli em seco. Inspirei profundamente e me retirei. Como contestar o que a senhora minha mãe afirmou? Ela está coberta de razão.

Como planejado, fomos para a pizzaria e não demoramos muito por lá. Apenas comemos e conversamos enquanto esperávamos o pedido. Primeiro deixei Laura em seu apartamento e em seguida

segui para casa.

— Gosto muito quando sai comigo, papai. — disse Maic assim que descemos do carro.

— O papai agora vai ter mais tempo para te levar a muitos lugares. — minha mãe disse, me fazendo encará-la com os olhos arregalados.

Como ela faz uma promessa dessas sem saber se posso cumprir?

— Eu vou gostar muito. — Maic abriu um largo sorriso, me olhando com um brilho ímpar nos olhos.

INTERLÚDIO 1

POR LAURA



Mansão dos Cavallera.

Eu estava me trocando, quando ouvi a porta se abrir. Olhei por cima dos ombros. Era minha mãe. Segui retirando os brincos.

Rosalia Cavallera, também chamada de Rainha dos Diamantes. Uma mulher de estatura média, cabelos castanho-escuros presos em um coque, grandes brincos de esmeraldas, olhos negros e um rosto sem uma única ruga.

— A noite foi produtiva? — aproximou-se em passos lentos.

— Acho que sim. — assenti com a cabeça, sem me importar muito com suas motivações.

— Acha? — pousou ambas as mãos em meus ombros, me obrigando a sentar na cadeira, encarando-a pelo reflexo do espelho. — Devo lembrá-la, outra vez, que nossos recursos estão acabando?

— Quantas vezes vai me dizer isso? — trouxe o corpo para frente, desvencilhando suas mãos de mim. — Sei que estamos ficando pobres.

— Estou apenas tentando motivá-la a alcançar o objetivo antes que caíamos na boca do povo. — afastou-se, sacudindo a cabeça. — Os poderosos Cavallera falidos. Imagina como isso vai repercutir na alta sociedade? Seremos excluídos, expurgados do meio sem nenhuma misericórdia e você... — abriu um sorriso, mirando-me. — vai perder todo o luxo com o qual está acostumada.

— Conversou com papai? — levantei-me, indo em direção ao closet.

— Sim. — ouvi de longe. — Ele disse que não irá nos dar mais nem um único tostão.

Peguei um pijama, o vesti rapidamente e retornei ao quarto.

— Se a senhora não tivesse lhe colocado um par de chifres, ainda estaríamos muito bem. — olhei-a de soslaio, jogando-me na cama.

— A verdade é que a empresa nunca esteve bem das pernas. Sempre gastamos mais do que ganhamos e sempre contamos com a ajuda da construtora do seu pai. — uniu as mãos, dando um longo suspiro.

— Então venda a empresa. — rosnei, deitando de lado na cama, de costas para ela.

— E vai nos sobrar o quê, garota? — ralhou, rodeando a cama, sentando-se em minha frente. — Estamos devendo a todos os nossos credores. — abri um dos olhos.

— E as propriedades?

— Já vendi a maioria.

— E as joias?

— Não vou vender todas as minhas joias. Sou uma mulher conhecida e isso levantaria suspeitas. — suspirou, meneando a cabeça. — Apesar de já ter vendido algumas.

— Miguel talvez seja pequeno demais para sanar nossos problemas. — bocejei, tornando a fechar os olhos.

— Sobre isso... Consultei um amigo meu que trabalha como administrador financeiro e após algumas especulações, descobri que Miguel é exatamente o que precisamos. — abri os olhos outra vez. — Investimentos no tesouro, ações em companhias seguras e outros pormenores que rendem altas cifras ao mês.

— Ele tem um filho. — lembrei-a.

— Um obstáculo que vamos deixar para trás. Assim que se casarem, já sabe o que fazer.

— Não gosto do garoto, mas um internato me parece demais...

— Seus filhos são os únicos que devem permanecer naquela casa quando ele se tornar seu marido. — interrompeu-me.

— Não sei bem se quero ter filhos. — resmunguei.

— Precisa ter! Eles serão a sua garantia para o futuro. Quando vierem ao mundo, contrate uma babá e pronto. — gesticulou com uma das mãos.

Aquele tom frio na voz, às vezes, me assustava, mas eu a entendia bem. No fundo eu queria o mesmo que ela e faria o que fosse preciso para manter nosso padrão de vida imutável. Ainda que eu tenha que afastar Miguel daquele garoto. Não que eu tenha um problema diretamente com ele, apenas não gosto de crianças. São chatas, intrometidas, fazem barulho e incomodam em todos os momentos.

— Uma vez Miguel me confessou que fez vasectomia. — apontei outro empecilho.

— Basta convencê-lo a fazer a reversão. — sussurrou, usando de um tom tão sedutor que logo entendi a sugestão.

— Sabe muito bem que não é fácil conseguir esse tipo de coisa. Quando um homem o faz...

— Você é uma mulher, torne-se apaixonante para Miguel e ele fará o que você quiser. — ergueu os ombros, levantando-se. — Boa noite, minha querida. E lembre-se: nosso futuro está em suas mãos.

— Boa noite, mamãe.

Assim que a porta bateu, inspirei profundamente, afundando o rosto no travesseiro. Ela acha que é fácil conquistar um homem como Miguel? Ele é um especialista em mulheres, sabe como agem, sabe o que querem, sabe suas razões...

Apesar disso, o tão aclamado Doutor Prazer não passa de um garotinho perdido em meio às sombras, que vê no sexo uma fuga para os seus maiores medos.

Para chegar onde almejo preciso lhe tirar toda sensatez e enfiá-lo em um ponto sem saída. Se não for pela sedução e “amor”, terei que apelar; ainda que eu tenha que chantageá-lo, o terei.

Por bem ou por mal.

CAPÍTULO QUINZE

POR LIANDRA



Quando fechei a porta do apartamento e voltei-me para frente, dei de cara com Marcelly. O seu rosto estava avermelhado e o nervosismo era nítido, bastava vê-la esfregando as mãos e estalando os dedos, sem tirar os olhos de mim. Logo deduzi que havia brigado como o *crush*.

— Aconteceu algo? — coloquei a bolsa em cima do sofá, indo até ela.

— Tentei falar com você o dia inteiro... — sua voz estava chorosa. — mas você esqueceu o celular em casa.

— Devo ter esquecido na pressa... — sacudi a cabeça, me focando em seu nervosismo. — Agora me diga, por que está assim?

Marcelly deu um longo suspiro e ordenou:

— Sente-se. — não escondi meu estranhamento. — Não sei como começar isso, então... Primeiro, vamos nos sentar. — passou por mim e puxou-me pela mão.

Sentamo-nos no sofá, uma olhando para a cara da outra, então notei que seus olhos começavam a marejar.

— Está tudo bem? — peguei em suas mãos, encarando-a. — Não me diga que aquele babaca tentou te forçar algo...

— Não é isso. — respondeu com voz de choro.

— Então o que é? — insisti.

— Eu preciso que você fique calma, ok? — sua voz tremulou, com lágrimas começando a descer.

— Está me deixando nervosa... — os meus olhos começavam a arder. Eu sabia que vinha coisa ruim, mas não tinha a mínima noção do que poderia ter acontecido.

— Seus pais sofreram um acidente de carro vindo para cá. — senti meu coração parar.

Lágrimas involuntárias desceram por meu rosto. Um aperto miserável se instalava no meu coração, junto a uma sensação de impotência. Quando me dei conta, estava ofegante e chorosa, com as mãos suadas.

— Calma, calma. — Marcelly sussurrou, abraçando-me pela nuca. — Não houve vítimas. Sua mãe está bem e só teve alguns arranhões e... — quando ela hesitou, senti uma pontada no peito.

— Como está o meu pai? — perguntei entre sussurros, torcendo para não ser ouvida.

— Em estado grave.

— Meu Deus! Como isso aconteceu... — afastei-me dela, esfregando o rosto com ambas as mãos.

— Segundo sua mãe, era para ser uma surpresa. — Marcelly murmurou.

Num ímpeto de loucura, levantei-me e rodeei a sala três vezes procurando sabe-se lá o quê, até que encontrei minha bolsa.

— Não vou te deixar sair assim! — correu da cozinha para o quarto e voltou com sua bolsa, pegando a chave do carro. — Vamos, vou te levar.

A aflição me consumiu o caminho inteiro. Só quando estávamos seguindo para o hospital que me dei conta de que sequer sabia a localização dos meus pais. O choque inicial havia passado e eu estava um pouco mais calma, ainda nervosa, mas consciente.

Preciso estar sã quando encontrar minha mãe, por isso, não posso me render ao desespero. Tenho que controlar minhas emoções, por mais difícil que seja, caso contrário, irei piorar a situação.

A minha cabeça estava latejando e meus olhos ardiam sem parar, mas eu me obrigava a ser forte, eu precisava.

Tudo foi por água abaixo quando a vi na sala de espera. Corri em sua direção e a abracei com força. Foi inevitável, rendemo-nos ao choro. Esqueci tudo e todos ao meu redor.

— A situação do seu pai é difícil... — mal conseguiu falar em meio ao choro.

— Deus está no controle. — foi a única coisa que consegui responder.

Marcelly nos trouxe um copo d'água e nos sentamos. Aos poucos minha mãe foi me inteirando da situação delicada na qual meu pai se encontrava.

— Respirando com a ajuda de aparelhos? — meus lábios tremerem ao reafirmar aquilo.

— Ainda não saiu do quadro de risco, mas melhorou desde que chegamos aqui. — balançou a cabeça. — Achei que fosse perdê-lo.

— Perdão por não vir mais cedo. Fui ao aniversário de um aluno e por descuido esqueci o celular em casa... — expliquei-me, segurando suas mãos. — A senhora não deveria ter passado por tanta angústia sozinha. — o meu peito se apertou quando eu disse aquilo.

Por mais que não imaginasse que uma coisa dessas fosse acontecer. Só de pensar que num momento como esse eu estava em uma comemoração, uma culpa imensa me tomava.

— Ninguém iria prever isso... — mamãe acariciou meu rosto, em seguida, o enxugou com o dorso

e a palma das mãos. — Foi um descuido. Não estávamos muito rápido e uma vaca cruzou a pista. Simplesmente não conseguimos frear e o carro capotou. Era para ser uma surpresa... — forçou um sorriso. — E também não estive sozinha. Marcelly passou parte da manhã e da tarde comigo. — mamãe voltou-se a ela, acariciando uma de suas mãos.

— Estarei sempre à disposição, dona Ana. — Marcelly ergueu os ombros, pousando sua mão sobre a da minha mãe.

Ela era assim, uma amigona do peito, uma verdadeira amiga. Coisa rara nos dias de hoje. Devolhe muito e um dia vou retribuir à altura, Marcelly.

Depois das explicações, reservamo-nos a esperar, em silêncio. Não havia clima para conversar sobre nada. A tensão permaneceria instalada no ar enquanto aguardávamos o boletim médico.

— Quer que eu ligue na escola? — Marcelly cochichou.

— Não precisa. Depois eu vejo como organizar as coisas. No momento estou sem cabeça para nada... — respondi no mesmo tom, agarrando sua mão.

— Vai dar tudo certo. Pensamento positivo.

O quadro clínico saiu às oito da noite e não foi nada animador. Fomos chamadas à sala do médico que o atendeu. Pedi para que minha mãe aguardasse e segui com ele para o consultório.

— Sente-se, senhorita Liandra. Sou o doutor Kaian, e fui eu quem atendeu seu pai na emergência. — sentei-me, estalando os dedos de nervosismo, sem tirar os olhos dele. — Conseguimos uma boa melhora desde que ele deu entrada no hospital...

— Doutor, não esconda nada de mim, por favor. — pedi, respirando fundo.

— O caso do seu pai é grave. — enchi os pulmões de ar outra vez, abaixando a cabeça. — Por sorte, sua mãe sofreu apenas algumas escoriações, mas ele, por estar do lado em que o veículo acertou o animal na estrada, teve diversas complicações. — ergui a cabeça, aflita com aquilo.

— Quais?

Doutor Kaian colocou sobre a mesa diversos ultrassons de exames e outros papéis repletos de anotações.

— O primeiro problema é o edema cerebral causado pelo acidente, o que pode vir a gerar sequelas ou não. Ainda é cedo para emitir um diagnóstico. — senti uma pontada no peito, seguido de um tremor nas pernas. — Também há uma lesão no pulmão, o que chamamos de contusão pulmonar. Em resumo... — gesticulou. — seu pai está respirando com a ajuda de aparelhos.

— Meu Deus! — as lágrimas retornaram, o nariz ardeu e eu sacudi a cabeça.

— Sei que é difícil, mas se concentre em mim. Preciso que a senhorita tenha consciência de todos

os problemas. — insistiu em tom ameno.

— S-Sim.

— A pancada também rompeu vasos sanguíneos do abdômen e o sangue não vazou, o que ocasionou uma hemorragia interna e, por fim, a inflamação dos órgãos acabou sobrecarregando os rins do seu pai, rendendo uma insuficiência renal.

A minha cabeça girou tantas vezes que senti meus pés saírem do chão. Não havia mais lágrimas para derramar, não havia o que dizer ou o que fazer.

— Senhorita Liandra? — assustei-me quando o vi em minha frente, segurando um copo d'água.

Peguei-o e tomei um gole.

— Pelo que me foi passado pelas enfermeiras, a dona Ana toma alguns remédios para o coração, certo? — assenti com a cabeça. — Assim que ela saiu do pronto-atendimento ordenei a aplicação de um calmante, mas dada a situação do seu pai, acho que seria prudente não entrar em detalhes para evitar uma emoção além do suportável. Entende o que quero dizer? — assenti com a cabeça, tomando outro gole.

— Entendo.

— O seu pai tem plano de saúde? — perguntou, me fazendo engolir em seco.

— Não... — ele deu um longo suspiro, erguendo as sobrancelhas.

— A senhorita trabalha com o quê?

— Sou professora do ensino fundamental. — disse, colocando o copo vazio em cima da mesa.

— O nosso hospital é conveniado ao SUS, mas a UTI é particular e o caso do seu pai requer uma unidade especial, com médicos o acompanhando todo o tempo.

— Quanto? — fui ao ponto.

— A diária é de três mil reais. — senti uma bola se formar em minha garganta. Pisquei algumas vezes, sacudindo a cabeça.

Três mil reais a diária? Eu ganho menos que isso por mês! Como eu vou conseguir... Instintivamente levei uma das mãos à boca, cobrindo o nariz, abaixando a cabeça outra vez.

— E-Eu não tenho condições... — ergui o rosto, com voz chorosa.

— É algo que está fora do meu alcance, senhorita. — senti pesar na sua voz.

— Eu entendo. — e realmente entendia. Ele é apenas um médico, não é o dono do hospital.

— Contudo, em casos assim, consigo um prazo de gratuidade de três dias. Apenas três dias. — disse, deixando claro o tempo que eu tinha. — Após esse período, bom.. — balançou a cabeça, desviando os olhos dos meus.

— Há chances de ele melhorar em três dias? — debrucei-me sobre a mesa, esperançosa. — Quero dizer, ir para uma unidade mais barata?

— Dado o quadro e a idade do seu pai, creio que seja bastante improvável. Por essa razão, estou preparando a senhorita para não ser pega de surpresa.

Balancei a cabeça positivamente e esfreguei o rosto algumas vezes e me foquei naquilo.

— Obrigada. — peguei suas mãos, apertando-as. — Muito obrigada pelo prazo.

— O meu trabalho é salvar vidas e farei o possível para que a melhora do seu pai aconteça o mais rápido. — disse com um sorriso otimista, levantando-se.

Acompanhei-o e também me coloquei de pé.

— Obrigada, doutor.

Respirei fundo antes de deixar a sala. A minha mãe estava do lado de fora, aguardando boas notícias. Deixei o consultório e, assim que saí, a vi me encarando. Aproximei-me em passos lentos.

— E então, como ele está? — colocou-se de pé, segurando minhas mãos com força. Eu a sentia tremer inteira, sem mencionar o quanto suas mãos estavam geladas.

— Está melhor. — menti. — O médico disse que ele permanecerá na UTI para ser observado, mas não há risco de morte. — menti outra vez.

Senti ódio de mim mesma naquele momento. Nunca, em nenhum momento da minha vida menti para a minha mãe.

— Graças a Deus! — ela gemeu baixo, me puxando para um abraço apertado.

Marcelly encarou-me e eu simplesmente uni os lábios, balançando a cabeça. Foi o suficiente para vê-la se render às lágrimas, afastando-se de nós.

CAPÍTULO DEZESSEIS

POR LIANDRA



Aqueles dias estavam sendo terríveis. De repente, tudo virou de cabeça para baixo. Até os meus pequenos já haviam notado que havia algo errado comigo. Quem não notaria? Não há como se manter inerte a uma fatalidade dessas.

Quando o prazo dos três dias venceu, o quadro do meu pai continuava o mesmo. Então me vi obrigada a conversar com minha mãe, enchendo-a de mentiras outra vez.

— É necessário até ele sair do coma. — contei-lhe meias verdades. — Por isso a diária da UTI é tão cara.

— Não temos todo esse dinheiro. — disse aflita, rodeando a mesa de centro tantas vezes que não consegui contar. — Eu tenho algumas economias, mas não deve passar de cinco mil reais. — senti meu peito se apertar e minha garganta secar.

— Devo ter algo em torno de nove mil no banco...

— Era o dinheiro da entrada do apartamento, não era? — parou, encarando-me.

— Vocês são o que há de mais importante para mim. — minimizei aquilo. A última coisa que eu queria era vê-la sentindo algum pesar.

— Então temos quatorze mil reais, quinze com o dinheiro da aposentadoria do seu pai. Ainda não saquei esse mês. — gesticulou com uma das mãos.

Por instantes, mamãe parou, parecendo pensativa. Então se sentou no sofá e rendeu-se ao choro.

— Cinco dias... — fungou, com voz chorosa.

— Vamos dar um jeito. — levantei-me, sentando ao seu lado, abraçando-a contra meu peito. — Vamos sim. — afirmei sem saber como daríamos um jeito, mas era o melhor que eu podia dizer ali.

Os dias foram passando e com eles, os cinco dias. Marcelly me emprestou três mil reais, os únicos que tinha, e conseguimos pagar mais um dia, mas aquele era o nosso limite. Era desesperador estar em uma situação daquelas.

— A casa. — foi a primeira coisa que mamãe me disse naquele fim de tarde. — Vou vender a casa.

Eu estava sendo despedaçada por dentro e não conseguia imaginar como ela se sentia. O marido entre a vida e a morte, contas maiores do que nossas possibilidades e dias incertos, onde a qualquer momento o telefone tocaria nos dando uma péssima notícia.

Não vou negar que eu me sentia culpada por não ter escolhido uma profissão melhor e que desse mais dinheiro. Provavelmente hoje estaríamos mais bem amparados.

Deixei um cheque caução para cobrir os próximos três dias e iniciamos a empreitada da venda da casa. O avalista deu o valor de cem mil, mas diante da pressa, vendemos por sessenta mil. Pouco mais da metade do preço.

Com a dose dos calmantes aumentada após um pedido ao médico, devido à tensão que só aumentava em casa e o risco de minha mãe passar mal, ela passava boa parte da manhã dormindo. O que me rendia diálogos longos com Marcelly.

— Eu tinha me esquecido. O depósito da casa entra hoje. Assim que cair eu lhe pago os três mil que me emprestou, ok? — avisei-a e ela negou com a cabeça.

— Não vai me fazer falta. Quer dizer, era para retornar ao Doutor Prazer, mas isso é tão banal que... — riu. — Aceite como um presente meu. O seu pai precisa e no ritmo em que as coisas estão, não sabemos quanto mais vocês vão ter que conseguir...

Um sorriso tímido brotou em meu rosto e num movimento súbito a abracei e chorei, confessando-lhe meus medos.

— Dinheiro. É a única coisa que o mantém vivo. — sussurrei entre lágrimas.

— Eu sei...

— O dinheiro está acabando, está acabando Marcelly, e quando acabar... — hesitei, ofegando entre as palavras, começando a me desesperar.

— Não pense nisso. Ele vai melhorar, ok? — disse, afagando meus cabelos.

Aquela quantia cobriria mais vinte dias na UTI e nada mais. Quando aquele valor acabasse... Ele vai melhorar. Ele vai melhorar. Eu tentava me convencer daquilo todas as manhãs, mas a cada novo dia minha esperança se tornava menor.

— Você precisa se distrair. Ficar com isso na cabeça não é bom. — Marcelly sugeriu.

— Como vou me distrair quando meu pai está entre a vida e a morte? — afastei-me, sacudindo a cabeça. — Mal estou conseguindo dar aula, quem dirá me dar ao luxo de algum lazer e, ainda que quisesse, cada centavo poupado é importante. — assoei o nariz.

— Ficar preocupada vai resolver o problema? — havia ternura nos olhos de Marcelly. Uni os lábios e neguei com a cabeça. — Saia um pouco, vá dar uma volta e esfriar a cabeça. Às vezes é bom tomar um pouco de ar.

— Você está certa. Mais tarde vou dar uma volta...

— Isso!

No diga seguinte, aprontei-me decidida a esvaziar um pouco a cabeça. Fui para um parque muito conhecido da capital. Por ser sexta-feira e ainda manhã, provavelmente estaria vazio. Era o cenário perfeito para descansar a mente e refletir um pouco sobre tudo.

Escorei-me nas grossas vigas de madeira, admirando de cima os grandes peixes no lago do parque, subindo para buscar oxigênio antes de mergulhar novamente. A brisa fria da manhã acariciava meu rosto e enxugava minhas lágrimas.

— Professora Liandra? — rapidamente enxuguei o rosto, sem conseguir distinguir aquela voz masculina.

Assim que me virei para trás, dei de cara com ele. A última pessoa que eu queria ver na face da Terra. Suas piadinhas e provocações realmente seriam mais que indigestas em um momento como esse.

— Miguel... — encarei-o, virando o rosto. — Tenho que ir. — apressei o passo na direção contrária à dele, mas o senti segurar meu braço.

— Aconteceu algo? Por que está chorando?

— Aconteceram tantas coisas. — quando vi já tinha falado.

— Se quiser podemos conversar um pouco. — encarei-o.

Pela primeira vez desde que o conheci, senti empatia vir dele. A maioria das pessoas consideraria imprudente isso, mas eu estava tão desolada, precisando de uma palavra de conforto, que me sentei para conversar e ele me acompanhou.

— O meu pai sofreu um acidente e está em estado grave. — a surpresa nos olhos de Miguel ficou nítida e uma tristeza inexplicável tomou sua face.

Era como se ele sentisse minha dor. Os seus olhos transmitiam uma sensibilidade tremenda, o que tornava sua presença aconchegante naquele momento.

— Quais são as chances? — perguntou, virando o rosto para o lado.

— Sinceramente, não sei. — confessei em tom choroso. — Tudo vai depender de... — hesitei.

Dizer a ele que o problema era dinheiro não resolveria o meu problema. O que ele tinha a ver com isso? Claro, ele é rico e se quisesse poderia me ajudar, mas... Isso é ridículo.

— Vai depender do quê? — suas mãos avançaram sobre a mesa de madeira, tocando as minhas.

Seu olhar era profundo e o seu toque era quente. Encolhi minhas mãos, virando o rosto para o lado.

— Já estou resolvendo tudo. Obrigada por se preocupar. — agradecei.

— Outro dia, Maic comentou que te virou chorando. — arregalei os olhos e ele balançou a cabeça, minimizando aquilo. — Eu não imaginava que esse era o problema. Eu realmente sinto muito, professora Liandra.

— Vou ser mais cuidadosa e tentar não deixar tão evidente meus dramas pessoais aos alunos...

— Isso não é culpa sua. — Miguel negou com a cabeça. — Todos nós temos problemas.

— Os pais não pensam assim... — forcei um sorriso.

— Que se fodam os pais!

— Estou longe de ter condições de jogar meu sustento para o alto, senhor Miguel. — abaixei a cabeça, respirando fundo.

— A vida é engraçada, sabe? Houve um momento em minha vida que eu estava em completa desgraça. Literalmente no fundo do poço. Eu tinha uma carreira promissora como futuro advogado e, apesar de ainda estar estagiando, já tinha uma vaga no melhor escritório da capital. — abriu um sorriso forçado, olhando o nada. — Então aconteceu uma coisa que... — gesticulou com uma das mãos. — Mudou minha vida completamente.

Dor. Era o que eu sentia na sua voz, era o que eu via nas suas expressões e gestos.

— O que...

— Sempre venho aqui quando está doendo muito. — interrompeu-me antes que eu perguntasse do que ele estava falando. — Passa, mas nunca para. Sempre volta. — deu um longo suspiro. — Por isso eu... — piscou algumas vezes, olhando para cima. — O que é a vida, professora Liandra?

— É um presente nos dado por Deus. — respondi, ganhando sua atenção. Por instantes ele me encarou fixamente.

— E atormentado pelo diabo. — assentiu com a cabeça. — Dia e noite... — sussurrou baixinho.

Talvez não quisesse que eu ouvisse.

— Acho que vou indo. — levantei-me e ele me acompanhou.

— Quer carona? Sua casa é longe daqui.

— Não, obrigada. Uma caminhada é o que preciso para me ajudar a pensar. — forcei outro sorriso e meneei a cabeça. — Até outro dia, senhor Miguel. — despedi-me dele, dando-lhe as costas.

— Até, Liandra.

Por instantes, a preocupação deu lugar à curiosidade. É estranho ver as faces de um homem. Eles se escondem e quase nunca nos mostram seu verdadeiro eu. Acredito que na cabeça deles deva soar ser “menos homem” quando demonstram fraqueza. O problema é que eles não sabem enganar, eles não conseguem. Então, por qual razão insistem em mentir para si mesmos? Eles só vão se machucar mais.

Quarenta e cinco minutos caminhando. Esse foi o tempo que levei para chegar em casa. Assim que parei na porta do condomínio, ouvi um “psiu”. Odeio esse som. Soa tão incômodo. Sinto-me como um pedaço de carne em exposição. Fingi que não ouvi e apressei-me para a entrada.

Odeio homens que me tratam como um mero objeto, uma foda, um lanche. Simplesmente odeio!

Abri a porta do apartamento e dei de cara com Marcelly em um sofá vendo TV e mamãe no outro, dormindo.

— Oi.

— Oi. — sentei-me no sofá, dando um longo suspiro.

— Refrescou um pouco a cabeça?

— Sim. Eu... — pensei em contar sobre Miguel, mas desisti. — Estou melhor. Acho que consegui enfiar na minha cabeça que o amanhã pertence a Deus. — suspirei profundamente.

O silêncio nos tomou por alguns instantes.

— Falando em amanhã... Er, eu... — Marcelly meneou a cabeça, erguendo os ombros. Afinei os olhos. — Confirmei sua consulta com o Doutor Prazer.

— Não estou com cabeça para isso amiga. Sério... — torci a boca.

— Olha, eu sei que não está, sei mesmo, mas ele pode te ouvir. Você poderia desabafar com ele. Ele é muito bom em dar conselhos.

— Conselhos amorosos. — lembrei-a.

— Ah, não custa tentar, não é? Afinal, estamos pagando. — afirmou com a cabeça, arrancando-me um sorriso de canto.

O que eu tinha a perder? Se ele pelo menos me ouvisse, já seria lucro.

— Certo, irei amanhã. — dei um longo suspiro.

O meu pai em estado grave no hospital, a minha mãe passa boa parte do tempo dormindo devido aos calmantes e eu recheada de problemas. Ao invés de buscar soluções, o que estou fazendo?

Afastei um pouco aquelas obrigações da mente. Talvez seja bom pensar em outra coisa. Por hora as diárias estão pagas e ainda tenho um tempo para conseguir mais dinheiro. Não sei como, mas... Mordi

os lábios de frustração.

Será bom ir à consulta. Vou aliviar um pouco o estresse, caso contrário, irei surtar.

CAPÍTULO DEZESSETE



“Só uma grande alegria ou dor é capaz de aproximar pessoas tão diferentes... — Tom Adamz”.

Encontrá-la no parque foi uma grande surpresa. Achei que ela estivesse fugindo de mim, Doutor Prazer, mas na verdade, Liandra estava se escondendo de todos. Quando ouvi sua narrativa sobre o pai, confesso que me identifiquei com seu sofrimento, mas sei que o dela é ainda mais doloroso, pois há esperança ante a iminente sensação de perda. Foi exatamente isso que senti quando conversamos.

— Boa tarde, Doutor. — Janaína entrou na sala com a prancheta em mãos. — Consegui reagendar a consulta com a senhorita Liandra para amanhã às oito horas.

— Entendo... — mordisquei a bunda da caneta, estranhando aquela situação. — No primeiro horário como pedi?

— Sim senhor. Posso mandar entrar a primeira cliente de hoje?

— Léia, não é?

— Isso.

— Peça para aguardar. Logo irei para o consultório. — Janaína assentiu com a cabeça, retirando-se.

Cada um tem um meio para sanar suas frustrações. Uns choram, outros fogem do mundo e eu fodo. Quando mergulho nas nuvens do prazer, esqueço todas as minhas aflições.

Levantei-me, seguindo para o escritório.

— Achei que não fosse vir mais, Doutor. — disse em tom sacana.

— Eu jamais a deixaria na mão, Léia. — respondi, abrindo um largo sorriso.

Léia tinha pele clara, olhos negros, recém-separada, trinta anos e um corpo escultural. Os cabelos eram curtos, na altura do pescoço e a maquiagem leve a deixava ainda mais sexy do que aparentava ser.

Avancei em sua direção e sem perder tempo, comecei a desabotoar sua blusa, colando nossos lábios. Nossas línguas dançaram em um ritmo intenso, enquanto suas mãos deslizavam por meu peitoral.

— Com saudades? — mordi meus lábios, fitando-a.

— Muita! — levantou-se parando em minha frente.

Segurei seu rosto, contendo um largo sorriso. Éramos íntimos há algum tempo. Confesso que eu

adorava atendê-la.

Puxei-a pela cintura, fazendo nossos corpos se chocarem e subi uma das mãos à sua nuca, seguindo com os beijos, enquanto sentia suas mãos desabotoarem minha calça apressadamente, descendo-a antes de alisar meu cacete por cima da cueca.

Ela se afastou, jogando a blusa no chão e em seguida, retirou o sutiã, libertando aqueles grandes seios de aréolas marrons.

Peguei-a pelas coxas, deixando seus peitos na altura da minha boca e vorazmente os abocanhei. Primeiro o direito, enchendo-o de mordidinhas na ponta, que a faziam gemer, tombando a cabeça para trás; depois fiz o mesmo com o esquerdo. Em seguida, caminhei até o divã, onde me sentei, deixando-a sentada em meu colo.

— Adoro te ver de cueca e sapatos. — gargalhou, beijando-me outra vez.

— Também adoro saber que você vem sem calcinha nas consultas. — abri um sorriso sacana.

Léia saiu do meu colo e ergueu a saia, confirmando minhas palavras. Uma bela boceta, de grandes lábios marrons e alguns pelinhos ralos em cima. Ergui-me, contendo um sorriso e deslizei a língua por seu rosto, descendo uma das mãos por seu corpo, até parar com os dedos em seu clitóris.

Comecei beliscando-o carinhosamente, depois massageando e por fim a penetrei com dois dedos. Os movimentos eram lentos e profundos, fazendo-a morder meus lábios, em meio a gemidos baixinhos.

— Vai me fazer gozar hoje, Doutor Prazer?

— Esse é o meu trabalho. — sussurrei em sua orelha.

Assim que retirei os dedos de dentro dela, encarei-a fixamente, lambendo-os. Em seguida, a deitei no divã e abri suas pernas, aconchegando-me entre elas. Eu adorava aquele aroma de boceta. Nada de moranginhos ou qualquer outro cheiro artificial. Se há algo melhor que isso, ainda não me disseram o que é.

Rocei a barba lentamente por suas pernas, fazendo-a se contrair, em seguida, comecei a beliscar seus lábios com os dentes, seguindo com a ponta da língua para o clitóris, onde o massageei lentamente.

— Mais? — perguntei ao parar.

— Mais!

Sorri, deslizando a boca outras variadas vezes, antes de finalizar com uma chupada em seu clitóris. O meu pau estava explodindo de tesão. Puxei a cueca para o lado, deixando as bolas saírem primeiro e depois o cacete.

Vesti uma camisinha e estiquei a mão para ela, admirando a vista privilegiada da rua pelo vidro. Léia prontamente lançou-se em minha direção e, ao pegar em minha mão, a girei, pressionando-a contra o

blindex. Seus seios marcaram o vidro, enquanto eu erguia sua perna direita, posicionando-me atrás dela.

— Peça.

— Foda-me, Doutor Prazer.

— Ah, com mais vontade... — insisti entre sussurros, segurando o pau com uma das mãos, esfregando-o em sua boceta.

— Por favor, me faça gozar!

— Boa menina. — beijei seu pescoço, enterrando meu pau dentro dela.

Suas unhas cravaram-se em meus braços, obrigando-me a aumentar o ritmo apenas para ouvi-la gemer. Quando elas pediam por isso, eu me sentia ainda mais excitado. Os movimentos eram fortes e contínuos, com o som das minhas bolas mixando-se aos seus gemidos baixos.

Subi com as mãos da sua cintura para seus seios, apalpando-os enquanto penetrava aquela boceta com gosto. Era apertada, molhada e viciante.

Trocamos de posição rapidamente para não sair do ritmo. Ela ficou de frente para mim. Ergui sua perna outra vez, segurando-a contra minha cintura e voltei a socar com força dentro dela, fazendo-a gemer, morder os lábios e fechar os olhos enquanto me sentia invadindo-a.

— Adoro foder essa bocetinha! — mordisquei seus lábios, puxando-os contra mim.

— E-E-Estou quase... — sorriu, passando os braços pelo meu pescoço, fechando os olhos.

Intensifiquei ainda mais o ritmo, obrigando-a a aumentar o tom dos gemidos, que começavam a ecoar pelo consultório. De repente, ela se contorceu inteira, rasgando minhas costas por cima da camisa, com suas unhas deslizando por mim como navalhas.

— Gozei... — gemeu baixinho, ofegando.

Suas palavras mal findaram, quando senti meu corpo se acelerar inteiro. Eu estava em meu ápice, sentindo meu caralho pulsar dentro dela e, não fosse a camisinha, a teria enchido de gozo.

— Fico satisfeito em te satisfazer. — selei seus lábios, deixando meu pau pulsar dentro dela por alguns minutos.

— Tenho um compromisso daqui a pouco. — deslizou o indicador por meus lábios. — Hoje não vou poder recompensar seu empenho... — aproximou os lábios da minha orelha. — Mas amanhã...

— Às suas ordens, Madame. — rocei a língua em seus lábios, saindo de dentro dela.

Eu gostava desse tipo de cliente. Elas vinham, fodiam comigo, se saciavam e iam embora. Era bom, muito bom.

[...]

Deixei o consultório quase nove horas da noite. Em casa todos já haviam ido dormir. Segui para a sala de estar, sentei-me no sofá e liguei o *Home Theater*. Às vezes, se torna tão insuportável que prazer não sana a dor. Sinto que preciso gritar para expurgar aquele sentimento.

Mas como gritar? Do que me adiantaria gritar? Então aprendi a apreciar, mesmo por que a minha cantoria seria insuportável.

Peguei o controle do aparelho e o liguei, fechando os olhos:

*Garotas festeiras não se magoam
Não sentem nada, quando eu vou aprender?
Eu não dou importância, não dou importância.*

*Sou aquela que 'ligam para um bom bate-papo'
Os telefones ficam tocando, estão tocando minha campainha.
Eu sinto o amor, sinto o amor.*

*1, 2, 3, 1, 2, 3, beba
1, 2, 3, 1, 2, 3, beba
1, 2, 3, 1, 2, 3, beba*

(Compositor: Sia e Jesse Shaktin. Interpretar: Sia).

A melodia lacrimosa era acolhedora, como um desabafo na canção de uma letra bela, que dizia totalmente quem na verdade era eu. Um pobre homem pobre de espírito e que se delicia com banalidades e luxúria, na esperança de estancar uma ferida aberta.

Quando a canção se findou, fiquei parado um tempo, encarando o nada. Por instantes, lembrei-me de Liandra no parque.

— De repente você começou a me parecer tão interessante, professora Liandra... — sussurrei.

CAPÍTULO DEZOITO



Eu estava terminando de me aprontar para sair naquela manhã quando meu celular tocou. O peguei em cima da cama e ao ver que era Laura, desliguei.

— Ainda não se cansou de tentar me enfiar em um relacionamento? — murmurei.

Peguei o paletó no guarda-roupas e desci as escadas, deparando-me com minha mãe sentada no sofá, com as pernas cruzadas, uma xícara na mão e o *tablet* em outra.

— Estava esperando você. — bebericou o chá, sem tirar os olhos do aparelho.

Enchi os pulmões de ar e me aproximei, sentando-me no sofá da frente.

— Pois não?

— Maic está chateado. — bebericou o chá outra vez. — Ele parece ter uma ligação profunda com a professora. Talvez seja promissor convidá-la para um almoço.

— Ela me detesta. — retruquei.

— Que mulher direita gostaria do homem que você se tornou? — seus olhos finalmente pousaram sobre mim.

— As interesseiras.

— Essas entrariam na sua vida com planos de te dar um novo herdeiro e arrumariam um jeito de isolar seu filho. — estalou a língua, dando um longo suspiro. — Essas não servem e sabe disso tanto quanto eu.

— Eu sei.

— Ser pai solteiro não é tão fácil quanto parece. Você precisa arrumar uma mulher para você e para o seu filho. Entende o que quero dizer?

— A senhora me diz isso todos os dias. Como não entender? — lembrei-a, sacudindo a cabeça.

— Pois bem, faça o convite à professora. — insistiu.

— Não vai rolar entre nós. A senhora sabe que não...

— Amor vem com tempo e convivência. Outro dia você me disse que faria tudo por Maic. Eis a sua chance de mostrar isso. — abriu um sorriso, colocando a xícara em cima da mesa de centro, passando o dedo pela tela do *tablet*.

Casar-me com uma mulher que não amo, mas que seria uma boa mãe para o meu filho? É justo. Eu tirei sua mãe. Nada mais que justo.

— Farei o convite, mas não sei se ela irá aceitar. — levantei-me, seguindo para a porta principal. — Aparentemente somos incompatíveis.

— Se você realmente tiver vontade de convidá-la, ela irá aceitar. — dona Ana respondeu com tanta convicção que de imediato entendi sua indireta.

Ah, sim. O famoso Doutor Prazer sempre consegue tudo que quer. Não importa quem ela seja, se ele quiser, ela também vai querer.

Olhei rapidamente para trás e assenti com a cabeça. Segui para o trabalho sem tirar a sugestão de minha mãe da mente. Talvez seja o melhor. Liandra adora crianças, aparentemente gosta muito de Maic e o sentimento é recíproco.

Talvez seja uma boa escolha. Talvez...

[...]

Cheguei ao consultório mais cedo naquela manhã. Eu não podia correr o risco de ser visto por Liandra entrando na clínica. Isso renderia perguntas e especulações que eu não queria sanar, não agora.

— A primeira cliente acabou de chegar. — disse Janaína. Eu estava tão aéreo que sequer a ouvi entrar.

— Estou indo para o consultório. Cinco minutos. — levantei-me.

— Sim, senhor.

Abri a porta anexada a minha sala e sentei-me na cadeira giratória, de costas para a porta. Seguimos o mesmo ritmo da consulta passada, aguardando-a.

Ouvi a porta se abrir atrás de mim e rapidamente encarnei o Doutor Prazer. Uma transformação na voz, no modo de falar e agir.

— Bom dia, senhorita Liandra.

— Não sei se é bom, doutor. — soou desanimada.

Os passos se aproximaram e logo o ranger do divã denunciou que ela havia se deitado nele.

— Vende os olhos, por favor. — pedi.

— Estou imersa na escuridão mesmo de olhos abertos, doutor. — aquilo soou tão profundo que me fez franzir a testa. — Prometo não olhar.

— Apenas hoje. — Ela certamente continuava com as preocupações a respeito do pai.

Eu não deveria abrir exceções. Contudo, aquela mulher deitada no divã não era a professora furiosa que eu conheci. Pelo contrário, ela era a moça doce que encontrei no parque.

— Podemos começar?

— Na verdade, hoje eu vim aqui apenas para desabafar. Eu preciso colocar para fora todas as minhas preocupações. — disse em tom choroso.

Odeio quando elas choram. Isso me deixa irritado na maioria das vezes, mas não com ela. Quando a ouvi chorar naquela breve conversa que tivemos, fiquei desconcertado.

— Não costumo fazer isso, senhorita Liandra.

— Sei que não. — fungou.

— Hoje é seu dia de sorte.

— Obrigada.

— Por favor, comece. — fechei os olhos, colando as costas na cadeira.

— Os meus pais vinham do interior quando sofreram um acidente. Era uma surpresa... A minha mãe teve alguns arranhões, mas o meu pai... — a voz embargou.

— Respire fundo. — eu disse, tentando acalmá-la.

— O meu pai sofreu tantas lesões que só Deus sabe como ele está vivo. Apesar disso, está em coma e o custo da manutenção da UTI é alto demais. — arregalei os olhos. Ela não havia me dito essa parte antes.

— É uma situação muito complicada, senhorita Liandra. — fui sincero.

— Sem dúvida, doutor. Vendemos a casa e utilizamos todas as nossas economias, mas não vai dar. Eu tento não pensar nisso, sabe? — confessou chorosa, surpreendendo-me ainda mais. *Eles venderam a casa?* — Só que é impossível tirar de mente que uma pessoa que você ama pode morrer por falta de recursos.

“Uma pessoa que você ama pode morrer por falta de recursos...”.

Aquela frase me tocou de forma inexplicável. Senti um aperto no peito que me fez encher os pulmões de ar, soltando-o lentamente.

— Já tentou um empréstimo no banco?

— Não consegui. O meu salário é muito baixo e a quantia seria muito alta. — fungou.

— A diária de uma UTI tem um preço salgado, mas isso varia da gravidade do paciente. Qual é o valor que estão cobrando pela diária do seu pai? — perguntei de um modo que soasse como mera curiosidade.

— Três mil reais. — franzi a testa.

— Imagino que seja um hospital bom. — insisti um pouco mais, buscando detalhes.

— Hospital Esperança. — respondeu, fungando outra vez. — O problema é que só temos condições de mantê-lo esse mês lá. Depois disso... — sua voz embargou.

O choro baixo, quase silencioso era o único som que se ouvia naquela sala. Engoli em seco.

— Sinto muito por tudo isso, senhorita Liandra. — disse de todo o coração.

— Obrigada.

— Às vezes, a vida pode nos surpreender e, mesmo quando a esperança parece sumir, ela ressurge com força. — sussurrei, assentindo com a cabeça.

— Nesse momento a minha esperança é Deus, doutor. Só ele pode me ajudar. — assoou o nariz, respirando fundo. — Sinto muito por isso. Não irei ocupá-lo novamente com meus problemas. Obrigada. — agradeceu e se levantou. Ouvi seus passos apressados se distanciarem. A porta abriu rapidamente e se fechou.

Coloquei o dedo em riste nos lábios, analisando aquela situação. Quem dera o meu problema na época fosse dinheiro. Teríamos dado um jeito.

Respirei fundo e levantei-me, voltando para o meu escritório. Peguei o telefone e chamei Janaína. Sentei-me na cadeira, ainda meditando sobre o que tinha ouvido. Mais que isso, tentando entender a razão de ela conseguir me alcançar com uma situação daquelas. Desde quando me importo com aqueles que estão fora do meu círculo familiar?

Ah, claro. Nunca nesses sete anos deparei-me com uma situação assim, vinda de uma cliente, ainda mais quando essa cliente é a professora do meu filho.

— Senhor? — Janaína entrou, fechando a porta em seguida.

— Ligue para o doutor Leonardo. Diga que preciso falar com ele pessoalmente, se possível ainda hoje. — ordenei.

— Sim senhor. Posso mandar a próxima cliente entrar?

Olhei o relógio de pulso. Liandra sequer ficou dez minutos na sessão.

— Daqui uns dez minutos.

— Como quiser, Doutor. — assentiu com a cabeça, retirando-se.

CAPÍTULO DEZENOVE

POR LIANDRA



O Doutor Prazer foi muito gentil em me ouvir. Não era sua especialidade, mas ele não se negou. Foi bom desabafar com alguém de fora. No caminho vim pensando em inúmeras soluções e, dentre elas, a ideia de fazer um bico aqui e outro acolá. Vender alguma coisa nos horários livres para complementar o orçamento também não soava ruim. Todo o pouco que eu conseguisse arrecadar se faria muito.

O sinal do primeiro horário bateu. Dirigi-me até a porta, aguardando os alunos. Quando vi Maic, abri um largo sorriso.

— Bom dia, mocinho. — falei, encarando-o. Ele pareceu um pouco pensativo, torcendo a boca.

— Já tem dias que noto a senhora triste. — sussurrou, fazendo um beicinho.

— Só pareço. Estou muito bem. — respondi empolgada, abrindo meu melhor sorriso.

Maic não parecia muito convencido daquilo, encarou-me novamente e, tombando a cabeça para o lado, acertou meu coração em cheio.

— Ontem eu pedi para o meu anjo da guarda pedir a Deus não deixar a senhora chorar mais. — sorriui, apressando-se para dentro.

Aquilo me deixou surpresa, mais que isso, encheu meu coração de alegria. Um sentimento único emergia dentro de mim por aquela criança.

Queria que Ele ouvisse minhas preces. Ah, como eu queria.

A tarde voou aquele dia. Cheguei em casa e arrumei-me rapidamente, pois mamãe e Marcelly já estavam prontas. O horário de visita na UTI era das sete às oito horas da noite.

Primeiro mamãe entrou, enquanto Marcelly e eu aguardávamos do lado de fora.

— O quadro está se mantendo. Isso é um bom sinal, não é? — Marcelly perguntou baixinho, encarando a porta automática que abria e fechava conforme as pessoas transitavam.

— Não houve melhora nem piora. Está tudo igual desde o dia em que ele foi internado. — suspirei. — Fale-me um pouco do seu *crush*. — sorri ao pedir aquilo. Eu queria fugir um pouco aos assuntos médicos.

— Ah, está rolando. — sorriui, sem me encarar. — Acho que podemos evoluir em breve.

— Evoluir? — girei a cabeça, encarando-a.

— É... Sair das ficadas para algo mais sério. — Marcelly encarou-me toda sorridente. — Acho que estando indo bem e sem pressa.

— Sem dúvida estão! — concordei.

— Liandra Alves Bezerra? — girei a cabeça, deparando-me com a atendente em pé, atrás do balcão.

Senti meu coração palpitar com força, e segurei a mão de Marcelly, apertando-a.

— Estão te chamando. — ela se levantou, mas permaneci sentada. A minha respiração se acelerava rapidamente, pois na minha cabeça só passava o pior, nada mais.

— Não sei se quero ir. — respondi entre sussurros.

Marcelly foi até o balcão, conversou algo com a atendente e voltou. Desviei nossos rostos. Se fosse o que eu estava pensando, estaria estampado na sua face.

— O médico quer falar com você. — encarei-a apreensiva. — Não se preocupe, ele quer apenas conversar. O seu pai está bem. — sorriu.

Senti um imenso alívio ao ouvir aquilo. *Graças a Deus!*

Levantei-me e marchei pelos corredores, seguindo em direção ao consultório. Bati na porta e entrei, fechando-a em seguida. Doutor Kaian se levantou, o cumprimentei e ambos nos sentamos.

— Primeiramente, boa noite.

— Boa noite. — respondi, estalando os dedos de ansiedade.

— A senhorita realmente tem um poderoso anjo da guarda. — sorriu, abaixando a cabeça e pegando alguns papéis na gaveta.

— Não estou entendendo... — franzi a testa.

— Isso é seu. — me estendeu um cheque, que peguei automaticamente. Era do hospital. — É o estorno do seu dinheiro. — explicou.

— Continuo sem entender, doutor Kaian. — balancei a cabeça, querendo saber a razão daquilo.

— Uma pessoa veio ao hospital agora à tarde. Essa pessoa se propôs a pagar todo o tratamento do seu pai e impôs algumas condições. — arregalei os olhos, piscando-os algumas vezes.

— Que pessoa? Quais condições?

— A primeira condição era de não ter a identidade revelada. — Doutor Kaian sorriu sem mostrar os dentes. — A segunda é de que os valores gastos pela senhorita lhe seriam devolvidos integralmente e

a terceira seria de não lhe contar sobre tal ajuda, mas... — balançou a cabeça. — Não posso fazer como esse alguém me sugeriu e dizer que banqueei o tratamento, pois isso seria injusto.

Quem era essa pessoa? Por quê?

— Por essa razão estou lhe dizendo isso, mas... — ergueu o indicador. — Isso não deve sair dessa sala. Para quem perguntar, quem fez a doação fui eu. Essa foi a condição que esse alguém me impôs. — explicou.

— Não sei o que dizer... — gesticulei com as mãos, completamente perdida. — Não consigo imaginar quem foi. Realmente, não consigo.

— A senhorita não parece feliz.

— Estou, estou muito feliz e ao mesmo tempo assustada com o que o senhor acabou de me contar. — expliquei com toda a minha sinceridade. Eu realmente estava perplexa com aquilo.

— Imaginei que ficaria assim, afinal estamos falando de muito dinheiro. — balançou a cabeça.

— S-Sim.

— Ah, antes que eu me esqueça. O seu pai começou a dar sinais de melhora no começo da tarde de hoje.

Abri um largo sorriso, cerrando os punhos. Aquilo me tirou do transe no qual eu estava envolvida. O coração batia forte de alegria, os olhos ardiam, mas mesmo que fossem lágrimas de felicidade, não cairiam. Eu as tinha secado.

— Será que vai demorar muito para ele acordar? — não consegui esconder minha ansiedade ao fazer tal pergunta.

— Acalme-se. A recuperação é um processo lento, ainda mais no caso do seu pai, um homem com os pés na terceira idade. E respondendo a sua pergunta, ele pode acordar a qualquer momento, assim como pode demorar mais um mês. — explicou.

Foquei-me apenas no um mês.

— Não vejo a hora de falar com ele. — comentei, abaixando a cabeça.

— Imagino a saudade. — uniu os lábios, em seguida, levantou-se estendendo a mão. — Por hoje só tenho boas notícias. Qualquer outra coisa avisarei a senhorita, certo? — meneou a cabeça.

— Certo! — coloquei-me de pé e o cumprimentei.

Deixei seu consultório em passos apressados. Quando me dei conta, estava quase correndo nos corredores do hospital. Uma imensa alegria se agitava dentro de mim. Então me lembrei do meu pequeno.

“Ontem eu pedi para o meu anjo da guarda pedir a Deus não deixar a senhora chorar mais”.

Um sorriso bobo tomou meu rosto. Deus ouviu seu pedido Maic. Ele certamente ouviu.

— Está tudo bem? — Marcelly surgiu do nada.

— Sim!

— Você parece alegre. — encarou-me sem entender.

— Uma pessoa... — hesitei, avaliando contar ou não. Ela é minha melhor amiga... — O doutor Kaian me chamou no consultório para me dizer que um doador anônimo cobriu todas as despesas do meu pai e pediu o estorno de tudo que gastamos nesses dias. — mostrei-lhe o cheque. — Mas ninguém pode saber disso... — expliquei, contando-lhe sobre as condições do doador.

Marcelly ficou boquiaberta, sem saber o que dizer, até que sorriu e me abraçou.

— Ainda acho que é mentira. — confessei-lhe.

— De tão bom que é, parece ser mesmo mentira. — ela concordou.

Esperei chegarmos em casa para contar a mamãe, caso contrário ela iria encher o médico de agradecimentos e perguntas. De todos nós, mamãe era que mais estava sofrendo. Notava de longe que havia perdido uns quilos, sem falar que passava a maior parte do tempo dormindo. Aquela confissão para ela foi o céu.

— Meu Deus! Isso é maravilhoso. — disse emocionada.

— É sim, mãe. — abracei-a, deitando sua cabeça em meu ombro. — O pai vai sair dessa, a senhora vai ver.

O choro baixinho era de alegria. A esperança havia regressado com força e agora que ela estava de volta, não a deixaríamos partir facilmente.

Aquela noite mamãe passou acordada, preparando algumas guloseimas caseiras e tortas para presentear doutor Kaian em agradecimento. E que, segundo ela, lhes seriam entregues em mãos, pois ela queria vê-lo pessoalmente, pois ainda não tinha tido tal chance.

Depois de muitas noites mal dormidas, finalmente pude deitar a cabeça no travesseiro e dormir aliviada. As preocupações ainda não haviam chegado ao fim, mas a maior delas havia sido sanada e isso é, sem dúvida, um alento para minha consciência, que pesava por não ter o mínimo necessário para sustentar um caso de urgência envolvendo meus pais.

— Quem é essa pessoa que fez a doação? — murmurei baixinho, quase pegando no sono.

Eu ainda não havia parado de pensar em quem poderia ser, mas seja lá quem fosse, espero do fundo do meu coração que seja muito feliz. Tão feliz quanto estou agora, em saber que há uma chance

para o meu pai.

• • •

Antes de seguir para a escola, combinei com mamãe de que iríamos mais tarde ao hospital levar os presentes ao médico. Apesar de não ter sido ele o autor daquela generosa doação, doutor Kaian tinha seu mérito. Um bom médico sempre salva vidas, e ele é um salvador.

Eu havia acabado de chegar à escola e estava me preparando para entrar quando o ouvi.

— Tia! — girei o corpo para trás, dando de cara com Maic, que me abraçou pelas pernas.

— Bom dia, meu amor. — sorri, afagando seus cabelos. — A que se deve esse sorriso?

— Não posso contar. — saiu em disparada para dentro.

Então notei que ele não havia descido sozinho. O pai, Miguel, estava parado me olhando. Dei um longo suspiro, encarando-o.

CAPÍTULO VINTE



Quando desci do carro, dei-me a chance de admirar os dois juntos. Eles realmente combinam. Até tentei disfarçar o sorriso que surgiu inevitavelmente, mas não consegui.

Liandra não parecia nada com a garotinha assustada que havia ido ao meu escritório no dia anterior. Ela era uma mulher forte, bonita e que se impunha, o que, confesso, me deixava meio... Como é a palavra? Desafiado.

Por instantes, lembrei-me da conversa que tive com doutor Leonardo na hora do almoço.

[...]

— Tem certeza disso? — olhou-me descreditado, fazendo as anotações conforme minhas instruções.

— Absoluta.

— Essa professora Liandra... — afinou os olhos, abrindo um sorriso sacana. — Tem algum interesse nela? Não vejo por qual razão desembolsaria uma quantia tão alta para ajudar uma desconhecida.

— Ela não é uma desconhecida. Se tudo der certo, em breve será a mãe do meu filho. — respondi com convicção.

— Você a ama?

— Não. — Leonardo negou com a cabeça, fazendo aquele som irritante de “tsc, tsc, tsc” com a boca.

— Esse é um jogo cuja aposta é muito alta. — contrapôs, torcendo a boca. — Bom, sou apenas um advogado e o conselheiro amoroso aqui é você. — riu, guardando as anotações dentro da pasta.

— Não a amo, é verdade. — ergui o rosto, encarando o teto. — Mas... — gesticulei com uma das mãos. — Senti certa conexão quando ela me expôs sua dor, seus dramas, seus problemas.

— Nesse ritmo, seu filho vai ter tantas mães que sua casa vai virar um harém. — gargalhou.

— Haja pau. — retruquei com bom humor.

— E ânimo. — ele emendou.

Depois que ficou tudo acertado, Leonardo saiu apressado. Ele tinha uma audiência em seguida. Por instantes, aquela pergunta veio a minha cabeça e me soou tão idiota: “Você a ama?”.

— Óbvio que não. Essa coisa de amor à primeira vista só existe nos livros. Naquele primeiro momento em que nos vimos, o que surgiu entre nós foi desprezo mútuo. — murmurei.

Fui bem babaca, como de costume, e agora preciso contornar essa situação de modo que fique para trás. Não preciso vender uma imagem falsa a Liandra, isso seria desleal e covarde. Na verdade, devo mostrar a ela minha verdadeira natureza, o meu lado bom. Um lado adormecido há tanto tempo que nem sei se ainda possuo.

[...]

— Posso ajudar? — a questão me fez voltar.

— Sim, pode. — afinei os olhos e em reação ela ergueu uma das sobrancelhas.

— Começamos mal. — assenti com a cabeça. — Fui grosseiro e mal-educado. — dei dois passos à frente, ficando com o rosto próximo dela. — É ruim ouvir uma crítica quando se está cego, mas algumas nos fazem acordar e, desde que você me disse aquelas boas verdades, tenho tentado melhorar como pai.

— Isso é muito bom. — engoliu em seco, dando dois passos para trás, o que me fez abaixar a cabeça e sorrir.

— Sei que eu tenho um bocão, mas veja... — apertei os lábios. — Eu não conseguiria te engolir. — ergui os ombros, arrancando-lhe um sorriso, seguido por um balanço de cabeça.

— O que quer? — lançou-me um olhar desconfiado.

— A oportunidade de começarmos de novo. — ela fez menção de abrir a boca, mas não lhe dei oportunidade. — O meu filho te adora. Que tal um passeio a três? Não precisa ser apenas nós dois.

— Eu não aceitei. — franziu a testa.

— Verdade. Eu também não convidei. — aquilo soou tão grosseiro que só me dei conta depois que falei e rapidamente me corrigi. — Ainda. — Enchi os pulmões de ar e aproximei-me novamente, parando em sua frente. — Que tal nos conhecer melhor?

— Estou com muitos problemas e... — gesticulou, unindo as mãos, preparando-se para dar uma desculpa, usando verdades.

— Mais um motivo para sairmos. Você vai esfriar a cabeça e eu sou engraçado, sabia? — ergui os ombros. — Só às vezes.

— Quem te iludiu? — franziu a testa.

— Mal recomeçamos e já quer partir meu coração? — fiz um beicinho, colocando ambas as mãos no peito, fazendo-a revirar os olhos.

— O que quer comigo, senhor Miguel? — foi direta, adotando uma postura séria.

— Quero fodê-la. — arregalei os olhos, assim como ela. — Brincadeira! — acenei com uma das mãos. — Conhecer você. Saber o que há de tão encantador na professora Liandra, que é apaixonada por animais e crianças.

— Ah, sim... — balançou a cabeça. — Balançar a vida sexual da moça que se apegue a animais...

— Já pedi desculpas por isso. — lembrei-a.

— Bom, a minha resposta é não.

— De repente eu poderia começar a miar e ronronar...

Dessa vez o sorriso veio mais largo. Liandra estalou a língua, abaixando a cabeça.

— Nós três? Eu, você e Maic? — encarou-me.

— Sim.

— Tem certeza? — olhou-me desconfiada.

— A ideia foi dele. — menti.

— Certo. Acho que ando mesmo precisando sair um pouco. Talvez seja bom. — fez questão de enfatizar aquele “talvez”.

— Talvez seja ótimo.

— Também pode ser péssimo.

— Que horas?

— Às vinte horas.

— Passo às vinte horas na sua casa, professora Liandra. — aproximei-me e peguei sua mão. Por instantes, ela hesitou, mas não por muito tempo. Inclinei, sem tirar os olhos dela, e beijei o dorso da sua mão, erguendo-me lentamente. — Obrigado.

— Agradeça a Maic. — assentiu com a cabeça, recolhendo a mão e, sem dizer mais nada, entrou no colégio.

Aquilo foi estranho. Há quanto tempo eu não flertava com uma mulher? Que não precisava insistir? Acostumei-me com as coisas tão fáceis que até me esqueci da emoção do primeiro convite. Não era para ser assim. Eu não deveria estar me sentindo como um garoto que iria ter seu primeiro encontro, afinal, não gosto dela, não sinto nada por ela. Mas, então, por que diabos o meu coração está palpitando?

Olhei no relógio de pulso e já era dezenove e trinta. Eu estava na sala, com as pernas cruzadas, balançando um dos pés incansavelmente, incomodado com a demora de Maic.

— O que esse garoto está fazendo? — murmurei.

— Vai a algum lugar? — Laura surgiu na sala do nada. Bela como sempre.

— Vou dar uma volta com Maic.

— Adoraria acompanhá-los. — se convidou. Eu odiava aquela mania dela de se forçar nas situações.

— Não será possível.

— Por quê? — gemeu, sentando-se ao meu lado, subindo dois dedos por meu peito.

— Já temos uma acompanhante.

— Quem?

— Estou pronto, papai. — Maic anunciou no topo da escada, descendo às pressas. Parou em minha frente, encarou Laura. — Boa noite, Tia. — e voltou-se a mim. — A tia Liandra já deve estar pronta.

— Boa noite... — Laura ergueu uma das sobrancelhas, torcendo a boca.

Aquela cara de insatisfação não sumiria tão cedo. Maic estava ansioso, estalando os dedos. Ajeitei sua camisa social e passei a mão por seus cabelos mal penteados.

— Quer ir dirigindo? — sorri.

— Vai deixar? — arregalou os olhos, empolgado.

— Não, mas pode sentar no banco e mexer no volante enquanto converso com a tia Laura. — sugeri.

— Está bem! — disparou pela porta principal.

— A acompanhante é a professora? — enrugou os lábios. — Ela não é nada mal, apesar de estar em um patamar completamente diferente do seu. — colou as costas no sofá, cruzando as pernas.

— Já conversamos sobre isso.

— As mulheres com quem você sai não são da minha conta. — repetiu, balançando a cabeça de forma irritante.

— Isso mesmo.

— O que viu nela? — perguntou sem me encarar.

— Não vi nada.

— Desde quando o Doutor Prazer sai com uma mulher que não lhe interessa? — girou a cabeça, deixando o sorriso de canto em evidência.

— Eu disse que não vi nada, mas não falei nada sobre ela não me interessar. — levantei-me, ajeitando meu blazer.

— Ou seja, há interesse. — Laura colocou-se de pé, ajeitando o vestido curto com as mãos.

— Está se preocupando muito com meus assuntos pessoais. — rosnei, lançando-me para frente da casa.

— Só me preocupo com seu bem-estar. — disse em tom baixo e manhoso.

— Não confunda as coisas. — parei, sem virar-me para trás. — Nossa relação se resume a sexo casual e definimos isso quando começamos a nos envolver. Se você ultrapassar a linha, serei obrigado a cortar os laços que nos unem.

— Por causa de uma professorazinha? — retrucou em tom raivoso.

— Maic gosta dela.

— Crianças gostam de todo mundo. — retrucou.

— Não o vejo sentir tal apreço por você. — virei-me, encarei-a com um sorriso forçado e retornei à posição inicial.

Depois daquilo, ela não me atormentou mais. Dizer o quê?

— Chega para lá, campeão. — abri a porta do motorista e Maic pulou o para o passageiro. Liguei o carro e preparei-me para sair quando senti algo errado. Mirei-o novamente. — Aí não, campeão. Crianças vão no assento traseiro.

— Só hoje, papai.

— Sete anos senta no banco de trás. Com dez anos pode sentar no banco da frente. — ergui as sobrancelhas. — Questão de segurança.

— Sei... — franziu os olhos, pulando para trás.

— O cinto.

— Já estou colocando, papai.

Cheguei à porta do condomínio onde Liandra morava as sete e cinquenta e cinco da noite. Ela ainda não havia saído, então me coloquei a esperar.

Dez minutos depois...

— Já está vindo? — Maic perguntou com as mãos coladas no vidro, olhando para fora.

— Não. Ela está atrasada.

— É normal mulheres se atrasarem, não é, papai? — encarou-me.

— Sim.

— Por quê?

— Não faço ideia... — respondi com sinceridade.

Eu me arrumo em poucos minutos, mas as mulheres são diferentes. Elas gostam de se produzir, mesmo que seja para comprar o pão da manhã na padaria da esquina. Quando vão a um evento, demoram ainda mais.

— Ela está vindo! — gritou, batendo as mãos no vidro. — Está vindo, papai. — sorriu, encarando-me.

— Finalmente... — encostei a cabeça no banco.

— Não vai descer para recebê-la? — encarei-o sem entender. — Nos filmes os homens educados fazem isso e o senhor vive me dizendo para ser educado.

É verdade. O cavalheiro busca sua dama, faz um elogio e abre a porta do carro. Faz sete anos desde que abri a porta do carro para uma mulher entrar. Dei um longo suspiro e desci, parando ao lado do veículo, esperando-a se aproximar um pouco mais.

CAPÍTULO VINTE E UM

POR LIANDRA



Gargalhadas. Tão altas e insistentes que me faziam corar. Marcelly estava se deliciando com aquela situação, começando a me deixar irritada.

— Pare de rir! — rosnei.

— Não consigo... — disse, entre gemidinhos baixos, terminando de me maquiar. — É que você o detestava e agora está pronta para sair com ele. — respirou fundo, colocou o estojo de maquiagem na cômoda e esfregou os olhos.

— Só aceitei por causa do Maic! — fechei o cenho.

— Será mesmo que foi só por causa do garoto? — Marcelly arqueou uma das sobrancelhas.

— Sem dúvida. — assenti com a cabeça, afinando os olhos e abrindo a boca. — O que a senhorita está insinuando?

— N-a-d-a.

— Hunf!

— Terminei. Agora basta passar um batom que você vai ficar perfeita. — disse Marcelly.

— Obrigada.

Levantei-me e corri para o banheiro. Passei um batom claro nos lábios, conferi a maquiagem e descii. Marcelly vinha logo atrás de mim.

— Quero ver o bonitão. — comentou baixinho.

— Não me faça passar vergonha. — revirei os olhos.

— Quando te fiz passar vergonha? — enrugou a testa, colocando ambas as mãos na cintura.

— Preciso mesmo lembrar? — parei na guarita.

— Não! — riu, segurou em meus ombros e passou os olhos por mim. — Você está linda. Agora ande logo, pois já está atrasada.

— Não vamos demorar. — abri o portão dos pedestres.

— Quero detalhes quando voltar. — mordeu os lábios. — Meu Deus!

— O que foi? — parei do lado de fora do condomínio, encarando-a. Quando acompanhei seus olhos, os vi parados em Miguel.

— Que *gato*! — quase gritou.

— O que conversamos sobre me fazer passar vergonha? — gemi baixinho.

— Vai logo! — bateu o portão atrás de mim.

Ele realmente estava bonito... Na verdade, muito bonito. O terno escuro combinava e aquele ar de “posso tudo” soava tão... Não! Ele continua sendo um grosseirão!

Enchi os pulmões de ar e segui em sua direção, parando em sua frente. Olhei rapidamente de soslaio, vendo Maic nos encarar de dentro do carro.

— Conferindo se cumpri minha palavra?

— Sim.

— Uma noite bela para uma mulher ainda mais bela. — elogiou e assim que fez menção de tomar minha mão, afastei-me, cruzando os braços e virando o rosto para o lado.

— Está frio aqui fora. — disse aquilo apenas para cessar o cortejo.

Miguel parecia estar tentando investir sobre mim. Isso era tão estranho... Por que ele faria isso? Quer dizer, sou uma mulher bem cuidada, mas para um homem como ele, bonito e rico, isso não parece muito convincente. Há alguma intenção por trás disso, só não sei ainda qual é, mas irei descobrir!

— Por favor. — abriu a porta do carro.

Entrei no veículo, sendo recepcionada por Maic com um abraço entre os bancos. Segurei suas mãozinhas, acariciando-as.

— Boa noite, meu amor.

— Boa noite, tia Liandra! — respondeu empolgado. — Papai vai nos levar a um restaurante muito chique. — contou.

— O melhor da capital. — emendou Miguel, entrando no carro. — O cinto, rapazinho. — bateu a porta e ligou o carro, dando-me uma rápida olhada. — As damas também.

— C-Claro. — sequer havia me dado conta do cinto de segurança.

Detalhes. Para nós, mulheres, pequenas coisas querem dizer muito. Ao ser atacado, Miguel revidava com sarcasmo e ironia. Ele não gostava de ser confrontado, mas quando parecia interessado em algo, se tornava um quase cavalheiro ou um completo cavalo. Isso eu só iria descobrir após o jantar.

Sempre fui uma mulher simples, que não conhecia o luxo e toda a *finura* da alta sociedade. Confesso que fiquei deslocada quando paramos na entrada daquele luxuoso restaurante. Todos muito bem vestidos e, minha nossa... Quanto mais eu olhava as mulheres ao meu redor, mais inferior eu me sentia. Eu tinha certeza absoluta que era o patinho feio do lugar.

— Senhorita? — Miguel chamou-me, estendendo um dos braços.

Engoli em seco e peguei em seu braço. Maic soltou a mão do pai que o acompanhou com os olhos e pegou na minha. Miguel simplesmente sorriu.

Entramos.

— Estou com vergonha. — murmurei.

— Não sinta. Você está maravilhosa. — ele disse, mantendo os olhos à frente, conduzindo-nos por aquela imensidão de mesas. — Elas olham para você querendo o homem que está ao seu lado e te invejam por isso.

Egocêntrico como de costume. Argh, como odeio!

— Por outro lado... — prosseguiu. — Eles também te olham, invejando-me por tê-la essa noite. A maioria deve estar se perguntando: o que aquele babaca fez para trazê-la aqui essa noite? Mal sabem eles que a desculpa para o convite está ao seu lado e tem sete anos. — riu, me arrancando um sorriso tímido.

Miguel escolheu uma mesa no canto do salão, onde havia poucas pessoas. Sentamo-nos. Em questão de segundos, Maic se levantou e foi até o pai.

— Está cheio de crianças brincando lá naquele lugar. — apontou com a cabeça.

— Quer ir?

— Quero.

— Quando o pedido chegar mando lhe chamar.

— Está bem. — deu as costas para o pai e veio até mim. — Vou brincar, mas eu volto.

— Tudo bem. — respondi com um sorriso.

Acompanhei-o com os olhos e quando vi, já tinha comentado:

— Ele é um amor.

— A boa educação se deve à avó. — disse Miguel. — Mamãe costuma ser um pouco rígida, mas não é nada desproporcional. Ela educa Maic do mesmo modo que me educou, então acredito que seja uma boa criação.

O pequeno é educado, você não.

Era constrangedor ficar sozinha naquela mesa com aquele homem. Cada vez que seus olhos pousavam em mim, era como se ele me despisse lentamente, procurando defeitos ou sabe-se lá o quê.

— Podemos conversar um pouco antes de fazer o pedido? — pousou a mão em cima da mesa, colocando o menu para o lado.

— S-Sim. — gaguejei.

— Como está seu pai?

— O médico disse que ele apresentou uma leve melhora, mas ainda segue no quadro de risco. — suspirei.

— E a questão dos gastos? Talvez eu pudesse ajudar e...

— Não, de jeito nenhum. — acenei com uma das mãos, dedilhando meus dedos, encarando as grandes luminárias que iluminavam o local. — Na verdade, um anjo surgiu na minha vida... Não sei quem é ele ou ela, nem seus motivos, mas essa pessoa quitou todas as despesas do hospital e se comprometeu a cobrir qualquer gasto futuro. — meus olhos lacrimejaram.

— Pessoas assim não costumam se identificar. — concordei com um aceno de cabeça. — E a sua mãe?

— Está melhor. A notícia da melhora, mesmo que leve, a deixou mais esperançosa. Os calmantes também vêm ajudando bastante...

— Fico feliz por isso. — senti verdade em suas palavras. — Mudando um pouco de assunto, vamos falar de algo bom: já pensou em adotar?

— Muitas vezes. — confessei. — Contudo, isso requer muitos critérios pessoais, cujo alguns ainda não atendo, mas é algo que almejo muito.

— Você sem dúvida seria uma boa mãe. — ele disse, me fazendo sorrir.

— Seria uma mãe coruja. daquelas que sufocam os filhos com tanto amor e cuidado. — mordi os lábios, imaginando-me com um daqueles pequenos da sala como meu filho.

— Acredito nisso. — balançou a cabeça.

O assunto não se alongou mais. Ele subitamente adotou uma expressão séria, parecendo pensativo. Maic uniu-se a nós no jantar e depois fomos embora.

— Se importa se eu deixar Maic em casa primeiro? — perguntou, olhando para trás rapidamente. O anjinho havia dormido.

— Sem problemas. — respondi.

Miguel deixou Maic em casa e rumou para me deixar na minha residência. Às vezes eu o via olhar-me rapidamente, parecendo querer me perguntar algo, mas nunca saía nada.

Quando paramos na porta do meu condomínio, fiz menção de descer, mas ele segurou meu pulso. Olhei-o com estranhamento, conforme seu rosto se aproximava cada vez mais do meu.

— Miguel...

— Preciso lhe fazer uma proposta. É algo muito louco, mas eu sou completamente maluco. — riu, engoliu em seco e parou o rosto a poucos centímetros do meu.

— Não venha com ousadias... — emudeci quando ele sacudiu a cabeça, negando minha acusação. — Então diga de uma vez!

— Quer ser a mãe do meu filho? — perguntou de modo tão gentil que no primeiro momento me encantei.

Ouvir aquilo daquela forma soou tão bonito que naquele instante vi outro Miguel. Os olhos marejados em um rosto que trazia uma expressão tão sincera e acolhedora.

— O quê? — sacudi a cabeça, voltando a mim.

— É isso mesmo que você ouviu. Quer ser a mãe do meu filho? — repetiu novamente, me confirmando que eu não havia ouvido errado.

Pisquei algumas vezes, sacudindo a cabeça, ainda desacreditada que ele havia mesmo feito tal pergunta. Nós não temos nada e, provavelmente...

— Seria um trabalho formal na minha casa. Você passaria um tempo com Maic e eu lhe pagaria por isso... — gesticulou. — Sei que adora crianças, mas isso vai tomar seu tempo, tempo esse que poderia estar tendo outros rendimentos. E como estou a par da sua situação, pensei que poderia te ajudar e você me ajudar...

Por um momento cheguei a pensar que isso fosse um pedido de casamento. O pânico inicial havia passado. Respirei fundo e finalmente o respondi:

— Preciso pensar. Essas coisas não podem ser decididas do dia para a noite. — ergui os ombros, sem jeito.

Um desapontamento me tomou. Não que ele me fosse atrativo como marido, afinal, somos como água e fogo. Era um misto de sentimentos que nem eu mesma sabia explicar a razão de ser acometida por tais emoções. Eu me sentia como se tivesse sido rejeitada, como se não fosse boa o suficiente ou mesmo bonita. E o pior é que eu nem gosto dele.

— Por favor, pense com carinho. — disse com a voz rouca.

— Farei isso. — abri a porta do carro e desci. — Obrigada pelo jantar, senhor Miguel. — apressei o passo, quase correndo para entrar no condomínio.

Atravessei a guarita e corri o mais rápido que pude. Subi as escadas apressada, sentindo meus pulmões arderem, então coleí as costas na porta do meu apartamento.

O que é isso que estou sentindo? Perguntei-me, levando uma das mãos ao peito.

CAPÍTULO VINTE E DOIS



Jogado no sofá da sala de estar, ouvindo música clássica, eu dava pequenos goles no uísque, repassando mentalmente os eventos do jantar.

— Que ironia do destino. — sacudi a cabeça, rindo. — Uma mulher que não pode ter filhos, mas que sem sombra de dúvida seria uma mãe mais que perfeita. Sem falar que ela estava radiante e encantadora. — gargalhei lembrando como ela se manteve na ofensiva. — Doce Liandra, como torço para que aceite minha proposta... — murmurei.

De repente, me vi imaginando como seria a nossa convivência naquela mansão. O lugar se tornaria pequeno para nós dois. Gargalhei, encostando a cabeça no sofá, encarando o nada.

Clara havia me dito meses atrás que aquele seria seu último ano conosco. Seu terceiro e último ano. Geralmente, as babás não duravam aqui em casa. Mamãe as acompanhava de perto. Todo ano éramos obrigados a contratar uma nova. Clara foi uma exceção, mas devido a questões pessoais, informou seu desligamento com uma boa antecedência. E não consigo ver ninguém melhor que Liandra para ocupar o seu lugar.

Enchi o copo de uísque outra vez. Liandra não me deixou carregar Maic. Apesar de ele já ser grandinho e pesado, acabou dormindo na cadeira do restaurante e ela fez questão de levá-lo até o carro. Dei outra golada na bebida.

Por que sinto que estou começando a gostar de você? Ri sozinho daquilo. Já faz sete anos que não tenho interesse sentimental por uma mulher e isso é tão estranho! Até outro dia eu te detestava, mas quando olhei com sensibilidade para o seu eu, vi mais que uma mulher durona.

Você está me alcançando e nem se deu conta disso, Liandra. Isso é ruim para mim, para você e para nós dois. Quanto mais se aproxima do meu filho, mais perto a sinto de mim. Aquele garoto é a minha vida e também a minha fraqueza. Se você o toma, você também me conquista.

O sono era tamanho que não sei como cheguei ao quarto. Era madrugada quando me deitei e fechei os olhos.

— Miguel? — sentei bruscamente na cama, reconhecendo aquela voz. — Miguel?

Senti meu corpo tremer e procurei com os olhos por todo o quarto. Pisquei algumas vezes, esfregando meus olhos.

— O nome dele vai ser Maic. — ouvi outra vez, sentindo meus olhos arderem.

— K-Karine? — sussurrei.

— Não seja idiota! Jorge é um nome muito feio. — ralhou.

Senti minha respiração se acelerar. Que diabos está acontecendo?

O vidro da sacada estava aberto e uma brisa leve levantou as cortinas, que quando se abaixaram, deram-me a visão de uma mulher vestida de branco, envolta por uma luz suave. Ela atravessou o quarto com um sorriso no rosto.

— Estou olhando por vocês, pelos dois. — murmurou.

Levantei-me da cama e na pressa, caí. Quando ergui o rosto, a vi sair do quarto. Apressei-me atrás dela, deparando-me com a porta do quarto de Maic aberta. Engoli em seco e entrei. Lá estava ela, acariciando os cabelos do nosso filho. Karine encarou-me uma vez mais, sorriu e inclinou o corpo, beijando a testa de Maic.

— V-Você está morta. — meus lábios tremularam, com lágrimas escorrendo por meu rosto. — Não pode ser possível...

— A morte é um recomeço para os que se foram e um novo começo para os que ficaram. — sorriu de maneira tão terna, que senti meus joelhos falharem.

— Não, não... — sacudi a cabeça. — Eu preciso de você. — levei ambas as mãos ao peito. — Nunca parou de doer, nunca vai parar. — ofeguei entre as palavras, apoiando ambas as mãos no chão.

— Nenhuma dor é incurável, Miguel. — ergui o rosto, encarando-a novamente. — Você se culpa pelo acidente...

— Eu insisti em voltarmos àquela noite. — sacudi a cabeça, inconformado com aquela ideia imbecil.

— E eu concordei em voltarmos. Vê? Não há culpa nisso.

— Poderia ter sido evitado!

— Também poderia ter acontecido de outra maneira e, talvez, eu não tivesse lhe deixado o maior presente que pude deixar. — sussurrou, me lembrando do pequeno no quarto em frente ao meu.

Karine sorriu, levantou-se e parou em minha frente. Era loucura, mas senti suas mãos tocarem meus cabelos.

— Eu sou um péssimo pai. — gemi.

— Não, não é. Você é um pássaro ferido cujas asas foram cortadas, mas elas cresceram. Então, por que se recusa a voar? — sua voz era tão suave e aconchegante, que eu conseguia senti-la.

— E-E-Eu... — hesitei e quando a vi sair do quarto, corri atrás dela. — Por favor, não vá embora. Não me abandone de novo. — a vi sumir pela mesma janela que entrou.

— Eu imploro... E-E-Eu...

— Estou olhando pelos dois... — sua voz ecoou uma última vez antes de eu despertar.

Acordei assustado, tomando fôlego. Os olhos ardiam e eu estava completamente suado.

— Papai? — Maic encarava-me assustado, abraçado com a avó.

— Miguel? — ela franziu a testa, sem entender. — Você estava gritando.

— Eu? — franzi a testa, abaixando a cabeça. — Foi um pesadelo. — virei o rosto para o lado. — Um maldito pesadelo. — mordi os lábios, sentindo um aperto no peito.

— Estou com medo... — Maic gemeu, encarando-me com os olhos marejados, em seguida, encarou sua avó.

— O papai só teve um pesadelo. — ela afagou seus cabelos.

— Quer dormir com o papai hoje? — aconcheguei-me nos travesseiros, encarando-o.

Maic acenou positivamente com a cabeça, arrancando-me um sorriso tímido. Levantei-me rapidamente e tirei os lençóis da cama. Virei o colchão e coloquei novos.

— Boa noite. — mamãe disse ao deixar o quarto.

— Boa noite. — respondemos em coro.

— Só vou tomar uma ducha. — passei por Maic e segui para o banheiro. Um banho rápido apenas para tirar o suor.

Saí do banho enxugando os cabelos e troquei de roupa rapidamente. Em seguida, fomos para a cama. Ele deitou ao meu lado e se virou de frente para mim. Os grandes olhos azuis me encaravam curiosos.

— Está sem sono?

— Somos *muito iguais*, papai. — ele respondeu sonolento.

— Exceto pelos olhos. — sorri, puxando-o para um abraço.

— Você me ama, papai? — perguntou baixinho.

— Vivo por você. Pode não parecer, eu sei, mas você é o que tenho de mais precioso na vida. — beijei sua testa, afagando seus cabelos. — Agora vamos dormir. — decretei.

— Vamos!

Ele caiu no sono em questão de minutos e eu não consegui pregar os olhos. Passei a noite em claro, me perguntando a razão daquele sonho. O que aquilo significava?

Oito horas em ponto o celular tocou. Dei mais um gole no café, colocando a xícara sobre a mesa e estiquei a mão para atendê-lo. Era Janaína, minha secretária.

— Bom dia, Doutor Prazer.

— Bom dia.

— A que se devo seu atraso? — o tom de voz ameno sumiu.

Janaína estava comigo há bastante tempo. Antigamente eu tinha o costume de sumir, deixando-a na mão com as clientes furiosas. Provavelmente, ela imaginava que esse era o caso.

— Maic.

— Entendo... — deu um longo suspiro. — Ele está doente outra vez?

— Realmente não posso ir hoje. — deixei explícito que não se tratava de doença.

— As clientes vão me assar como um lagarto no espeto. — gemeu. — Em todo caso, sua família é mais importante. Já passou da hora de você se aproximar.

— Deixo-lhe um “*boa sorte*” na empreitada de hoje. — respondi com bom humor.

— Se há algo que me fugiu hoje foi a sorte. — deu uma risada. — Bom, então até amanhã...

— Assim que reagendar as consultas, pode ir para casa. — instrui-a antes que desligasse o telefone. — Meio dia de folga aos funcionários como cortesia.

— Estou mesmo falando com o Doutor Prazer?

— Não... Hoje sou apenas Miguel. — um sorriso de canto escapou.

— Pois muito bem, senhor Miguel, torço para que tenha um excelente dia. Agora preciso ir para a arena lidar com as gladiadoras. — riu outra vez. — Até mais.

— Até.

Desliguei o celular, colocando-o de lado na mesa. Peguei o jornal da manhã para lê-lo. Passei algumas páginas e, de repente, me perguntei: *que diabos estou fazendo?* Odeio ler jornal. Assim que o abaixei, vi aqueles grandes olhos curiosos me encarando silenciosamente.

— Bom dia.

— Por que não foi trabalhar, papai? — Maic se aproximou em passos lentos, sentando-se ao meu

lado na mesa.

— Acho que... — desviei nossos rostos e encarei o lado de fora pela janela. — está um excelente dia lá fora e pensei em jogarmos bola. — Maic arregalou os olhos e abriu o maior sorriso que eu já tinha visto.

— Sério? — não escondeu a empolgação.

— Sério!

— Tá, mas eu vou ser o atacante. — começou a falar e não parou mais.

Naquele instante percebi o quão pouco sabia dele, sobre seus gostos ou até mesmo qual era seu time do coração — ao menos o jogador preferido eu sabia, era o Neymar. Pode parecer bobo, e até é para a maioria dos pais, só que para mim não era. Para mim era um recomeço. Era o início de um ciclo que me recusei a acompanhar e que agora via o quanto havia perdido.

Eu ainda estava com aquelas palavras da noite passada ecoando em minha mente: *Você é um pássaro ferido cujas asas foram cortadas, mas elas cresceram. Então, por que se recusa a voar?*

Não adiantaria de nada temer o julgamento do seu próprio filho, pois pior do que ser julgado como culpado teria sido como culpado e ausente. Ele é um inocente, uma das vítimas da minha história.

De hoje em diante as coisas vão mudar. Eu prometo!

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

POR LIANDRA



— Que bom que você chegou. Estávamos pensando em... — passei por ela direto, batendo a porta do quarto na sua cara.

Droga! Por que estou assim?

Eu deveria estar aliviada e completamente despreocupada com o desinteresse daquele homem em mim, mas não estou. É como se eu estivesse ressentida pelo fato do seu interesse ser apenas profissional.

Joguei-me na cama, sem me dar ao trabalho de trocar de roupa. Abracei o travesseiro, afundando o rosto nele. Dei um longo suspiro, dizendo a mim mesma repetidas vezes:

Não é por causa dele. Miguel não tem nada a ver com isso. É só sua autoestima que anda baixa. Só isso.

Repeti-me aquilo até adormecer.

Pela manhã tomei café sozinha. Marcelly havia saído bem cedo e minha mãe ainda estava dormindo. Resolvi apagar os acontecimentos da noite passada. Martirizar-me com aquilo não me levaria a lugar algum. Era perda de tempo.

No entanto, eu ainda devia uma resposta a Miguel. Analisando bem a nossa situação atual, não é uma opção recusar. Dei um longo suspiro, dando uma farta golada no café com leite, antes de lançar-me em direção à sala.

— Irei aceitar!

— O que pretende aceitar, minha filha? — girei a cabeça para trás. A minha mãe estava parada na porta do quarto, aparentemente sonolenta.

— Uma proposta de emprego que recebi. — não entrei em detalhes. Nem deveria.

— Você trabalha muito. — sentou-se ao meu lado e me puxou para um abraço, beijando minha cabeça. — Não queríamos causar tantos problemas, acho que somos um peso na sua vida e...

— Não diga isso! — repreendi-a. — Vocês não são um peso, nunca serão. — ela sorriu, beijando-me outra vez.

Os meus pais nunca serão um peso para mim. Cresci na dificuldade e, ainda assim, tive o melhor que estava ao alcance deles. Quantas vezes deixaram de comer para que eu comesse? De vestir para que eu vestisse?

— Agora tire essas ideias insanas da cabeça, mamãe. — levantei-me, colocando ambas as mãos na cintura. — As coisas vão melhorar. — disse com otimismo, esperando que aquilo realmente acontecesse.

Mamãe apenas sacudiu a cabeça, com um sorriso que há muito eu não via em seu rosto. Deixei o almoço pronto e corri para a escola. O fim do ano estava chegando e com ele as provas finais, que ainda estavam sendo elaboradas.

Eu estava completamente imersa na matéria que havia passado durante o ano, separando apenas o conteúdo aplicado no quadro para os alunos. Por se tratar do ensino fundamental, não era um bicho de sete cabeças e ainda assim dava certo trabalho.

— Ocupada? — fechei o livro de uma vez, mirando a porta. Miguel. — Desculpe! Eu não queria te assustar... — aproximou-se com as mãos nos bolsos.

— Há quanto tempo está aí? — olhei-o rapidamente, abrindo o livro novamente. Eu queria evitar seu rosto.

— Faz alguns minutos, professora. — puxou uma mesa, sentando-se em cima dela, em minha frente.

— Desculpe, realmente não notei...

— Não tem problema. — suspirou fundo, unindo as mãos. — Pensou na minha proposta?

— Sim.

— E?

— Aceito.

— Ah, não sabe como estou aliviado em ouvir isso. — levantou-se com um salto.

— Acho que essa proposta veio no momento certo. — olhei-o rapidamente nos olhos e tornei a fingir que analisava as questões da prova.

Ele me deixava inquieta. Eu já não sentia raiva dele como antes. Não depois que o vi começar a melhorar como pai e também ainda tem aquilo do passado que ele comentou. A tal tragédia... Isso deve ter interferido muito na sua vida.

— O senhor me disse que queria uma mãe para o seu filho. — comecei, engolindo em seco. — Não acho prudente me ver como uma substituta. Ademais, não seria saudável para Maic esse tipo de abordagem...

— Não se pode substituir o que nunca teve. — ele me interrompeu, usando de um pesar na voz que me fez sentir pena.

— Como ela morreu? — ergui o rosto, encarando-o.

O sorriso desfez-se lentamente. Miguel virou o rosto para o lado, parecendo não saber o que dizer. Engoli em seco, dando-me conta de que aquela havia sido uma péssima pergunta.

— D-Desculpe...

— Tudo bem. Já faz muito tempo... — balançou a cabeça. — O meu advogado virá conversar com você mais tarde e lhe apresentar o contrato. O salário inicial é de cinco mil reais. — desconversou e eu o acompanhei, deixando o clima tenso para trás.

— Cinco mil? — arregalei os olhos. — Achei que fosse menos por ser meio período e...

— Preciso da senhorita em tempo integral. — fixou os olhos em mim. — As aulas acabam em duas semanas e a senhorita terá um mês para avaliar se o emprego lhe agrada. Caso agrade, o salário será de dez mil reais mensais e o horário após esse primeiro mês será combinado... — gesticulou com as mãos, ainda meio que abalado com minha questão, pois ele já não soava tão firme como chegou, mesmo tentando parecer. — O contrato é de dez anos.

— E-eu achei que fosse apenas um período e...

— Você terá todo tempo do mundo para avaliar o que quer nesse tempo inicial, Liandra. O salário sobe de acordo com a inflação. — forçou um sorriso. — Sei que ama lecionar, mas essa pode ser uma oportunidade diferente. Não sei quanto ganha, mas imagino que seja bem mais... — disse com delicadeza. Ao menos dessa vez não aparentou ser grosseiro.

— Certo. Farei a experiência e ao fim dela lhe darei uma resposta. — assenti com a cabeça.

— Obrigada.

— Eu quem agradeço. — acenou com a mão, deixando a sala.

Passei longos minutos olhando a porta da sala vazia, como se ainda o visse ali. A sua reação quando perguntei como a mãe de Maic morreu foi inesperada. Era como se eu cutucasse uma ferida aberta com uma agulha.

Depois do expediente, encontrei-me com doutor Leonardo, o advogado de Miguel. Ele me passou todos os contratos e explicou detalhadamente como funcionariam as coisas, como seria meu pagamento e se necessário, a rescisão.

— Ficou tudo claro, senhorita Liandra? — encarou-me, segurando os papéis em mãos.

— Então, caso aconteça algo que desagrade uma das partes, o contrato pode ser revogado imediatamente? — mantive meus olhos nos dele, confirmando se havia entendido bem.

— Exatamente. Contudo, se o contrato for rescindido pelo senhor Miguel, você será indenizada no valor dos meses correspondentes ao término. Isso é uma medida de segurança que ele tomou, pois

como dito inicialmente, o interesse do meu cliente é mantê-la como funcionária fixa por um decênio.

— E o que estou assinando nesse momento? — retirei as mãos do colo, colocando-as em cima da mesa, antes de levar meu rosto para frente.

— Esse é o primeiro contrato. Aqui a senhorita está assinando a experiência de um mês. Passado esse período, entramos com o segundo contrato, onde fixamos sua contratação.

— Entendi.

— Alguma outra dúvida?

— Não.

— Ótimo. — sorrii, entregando-me os papéis juntamente com uma caneta que havia retirado do bolso. — Assine aqui, por favor. — apontou com o dedo na última linha. — Se quiser ler, sinta-se à vontade. Gosto de ser transparente, por isso, não tenho pressa.

Li o documento duas vezes e após constatar que era exatamente como ele dizia, assinei. Doutor Leonardo conferiu e o guardou na pasta. Levantou-se subitamente e eu o acompanhei, trocando um aperto de mãos.

— Espero que dê tudo certo. Ah, a conta do café está paga. — acenou com a cabeça.

Sentei-me novamente, com os cotovelos apoiados na mesa. Eu ainda estava incerta se aquilo seria uma experiência boa, mas não me restavam muitas saídas. A caridade alheia não dura muito e eu não posso contar para sempre com a ajuda de um desconhecido no caso do meu pai.

Dei um longo suspiro e esfreguei o rosto, lembrando-me das últimas palavras do doutor Leonardo.

— Também espero que dê certo, mesmo sabendo que Miguel pode ser insuportável quando quer... — murmurei.

E assim eu dei início ao maior desafio da minha vida. Tornei-me professora por amor à profissão, por amor às crianças. Ser babá foge a tudo que sonhei, mas ao menos vou seguir perto de uma criança maravilhosa, carente, e que me encanta sempre que a vejo.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO



Que porra está acontecendo?

Enchi o copo de uísque outra vez, tomando um gole farto. Encarei o nada, esticado no sofá da sala de estar. Ela precisava justamente me perguntar sobre aquilo? Claro, Liandra não tem culpa e sequer faz a menor ideia de como tudo aconteceu.

Então por que estou tão puto?

Sinto como se ela fosse invadir minha casa, minha vida, o meu eu. Eu queria dizer que tive essa ideia absurda apenas por conta do Maic, mas não é verdade. A maldita verdade é que ela se tornou interessante.

Por quê?

A porta atrás de mim se abriu. Dei um longo suspiro, deitando a cabeça no sofá. Não precisava nem se anunciar para eu saber quem era.

— E então? — mamãe parou em minha frente, com as mãos unidas, parecendo fazer uma prece mentalmente.

— Contratada. Leonardo me ligou ainda há pouco confirmando.

— Quando ela começa?

— Assim que as aulas acabarem. Eu expliquei tudo que a senhora me instruiu. — dei outro gole no copo de uísque, o que fez minha mãe estreitar os olhos.

— Não precisamos de um alcoólatra nesta casa. — lançou-me um olhar fulminante.

— Se eu não beber, vou surtar. — ergui o copo, forçando um sorriso.

— O seu pai dizia a mesma coisa...

— Não sou como o meu pai e nunca vou ser! — ergui o tom de voz, fazendo-a arregalar os olhos. — Desculpe, mamãe. — abaixei a cabeça, jogando o copo ainda pela metade em cima do carpete. — Desculpe.

Dona Ana sentou-se ao meu lado e puxou-me para um abraço, deitando meu rosto em seu ombro, enquanto aflagava meus cabelos.

O meu pai era um alcoólatra. Um maldito viciado em jogos de azar e bebidas. Chegamos a passar fome e nunca ganhamos uma palavra de conforto. Para nós, eu e minha mãe, eram reservadas as pancadas

na carne e na alma.

— Tudo mudou. — mamãe sussurrou. — Somos só nós três agora.

— Sim.

• • •

Eu havia acabado de atender a última cliente do dia, quando meu celular tocou. *Laura*. Ela parecia ler minha mente, como se soubesse quando eu precisava relaxar.

— Pronto. — coloquei no viva-voz, terminando de organizar algumas coisas na mesa.

— Pensei em fodermos hoje. — disse manhosa.

— Onde está? — mordi os lábios.

— No seu apartamento.

— Não vou demorar.

— Espero que não, Doutor Prazer. — sussurrou, desligando o telefone.

Cheguei ao apartamento em vinte minutos. Assim que atravessei a porta, deparei-me com Laura em cima da cama, as pernas cruzadas e a lingerie vermelha deixando-a ainda mais sexy.

Trocamos um sorriso e rapidamente tirei a roupa, avançando em sua direção. Encaixei-me entre suas pernas, ainda de cueca, abocanhando seu pescoço. Comecei com chupadas leves, intensificando-as a mordidas lentas que deixavam leves marcas em sua pele.

O rastro de saliva deixado por minha boca fazia sua pele brilhar. Retirei a cueca e a joguei para o lado. Laura sorriu, deslizando as unhas por minhas costas, me fazendo gemer baixo.

— Quanta pressa... — murmurou, puxando-me para outro beijo.

Sorri entre o beijo e afastei-me, puxando sua calcinha para o lado, apenas o suficiente para colocar meu pau dentro dela. Uni suas mãos acima da sua cabeça em um único ponto, movimentando meu quadril para frente e parar trás. Seus gemidos manhosos e baixos me excitavam de tal forma que minhas bolas começaram a ficar doloridas.

— Com força... — pediu.

Aumentei o ritmo, fazendo o choque dos nossos corpos se encontrando no sexo ecoar em sons gostosos por todo o quarto. Soltei suas mãos, deslizando as minhas pelo seu corpo, acariciando-o sem cessar o ritmo do prazer.

Saí de dentro dela e subi por cima do seu corpo. Coloquei meu cacete entre seus seios e os uni,

trocando sorrisos com Laura que se tocava desde que saí da sua boceta.

— Quer?

— Atrás. — sorriu, me fazendo morder os lábios.

Dei-lhe espaço na cama e Laura prontamente se colocou de quatro, olhando por cima do ombro. Coloquei-me atrás dela e segurei-a pela cintura. Sem pressa, comecei a penetrar seu cuzinho. Os gemidos eclodiam lentos e aumentavam conforme eu entrava.

— Sempre gostou mais dessa forma, não é? — estapeei sua bunda.

— É... — gemeu.

Segurei seus cabelos e o enrolei duas vezes em minha mão. Depois de deixá-la se acostumar comigo dentro por alguns segundos, comecei a fazer movimentos lentos e suaves de entra e sai. Era apertado ao ponto de fazer meu pau se contrair ainda mais.

O ritmo aos poucos foi se intensificando e com ele, os gemidos de Laura, que soavam como música. Eu estava quase lá quando ela anunciou para mim.

— Vou gozar...

— Já? — ofeguei entre as palavras.

— Essa é a segunda vez... — deu um gemido longo, seguido de outros gemidos, cada vez mais altos, até que gozou.

Aos poucos fui parando, ainda dentro dela, que havia se debruçado sobre a cama, cansada. Então resolvi ir para o banheiro. Eu não havia gozado, não mesmo. Depois de uma ducha rápida, enxuguei-me e me joguei na cama.

Não havia nenhum problema comigo. Era só que pensei que, se transasse com outra mulher, ainda mais um homem como eu, que adora sexo anal, conseguiria tirar Liandra da minha cabeça, mas foi ao contrário. Agora a desejava ainda mais.

— Como foi seu dia? — esfregou o rosto em meu peito, deslizando os dedos por meu abdômen, subindo e descendo.

— Estressante.

— Tanta fome deixou isso evidente. — riu, erguendo o rosto, mordiscando meu queixo. — Está na hora de arrumar uma esposa.

— Não pretendo me casar tão cedo.

— E quanto a Maic?

— Contratei sua professora como babá. — Laura afastou-se, abrindo a boca e rapidamente a fechou, mordiscando-a.

— Não me diga que...

— Nada disso. O interesse é puramente profissional. Clara irá nos deixar e preciso de alguém competente para olhá-lo. Ele gosta muito dela.

— Entendo. — deitou-se novamente em cima de mim. — O que acha dela?

Franzi a testa, contendo uma gargalhada. *Está com ciúme da professora do meu filho, Laura?* Ah, não faça isso. Você não é assim.

— Acho que Liandra é uma excelente profissional.

• • •

— Acordou cedo, campeão. — rocei o polegar no seu rosto.

— Eu te esperei ontem, mas você não apareceu... — mirou-me fixamente e logo abriu um largo sorriso. — A vovó me disse que a tia Liandra vai trabalhar aqui como minha babá. É verdade, papai? — arregalou os olhos, despertando de vez.

— Bom, a professora Liandra vai fazer uma experiência conosco. A permanência vai depender de...

— Ah, estou muito feliz! — interrompeu-me, antes de me abraçar pelo pescoço.

Afaguei seus cabelos e afastei-me, encarando aqueles olhinhos brilhantes.

— Você gosta muito dela, não é, campeão? Vejo isso sempre que estão juntos.

— Que dia ela começa?

— Segunda-feira. — Maic deu um salto ao ouvir aquilo. — Trate-a bem, ok?

— Sim, papai.

— Prometo tentar chegar a tempo para jantar com você. — joguei-lhe uma piscadela.

Segui para a clínica. Eu estava tão aéreo que o dia voou e nem notei. Liandra invadia meus pensamentos, minhas vontades e meus desejos. Em pensar que eu sempre tomo duas semanas de férias no fim de ano para descansar e agora eu teria uma mulher completamente oposta a mim em minha casa.

— Doutor Prazer, como de costume teremos as duas últimas semanas do mês de dezembro reservadas para descanso? — Janaína estava parada em minha frente, com as mãos unidas, como se

torcesse para ouvir um “sim”.

— Sim. — confirmei. — Já organizou as consultas?

— Sim, senhor. Nenhuma foi marcada para os dias de recesso. Caso o senhor resolva seguir com o cronograma normal, eu reagendaria. — assentiu com a cabeça.

— Competente como de costume. — sorri de lado. — Obrigado por toda a ajuda. Espero que o ano que vem seja melhor e lhe desejo um excelente Natal. — levantei-me, pegando meu blazer em cima de uma poltrona. — Todas vocês receberão uma bonificação extra. Um mimo de fim de ano.

— Obrigada. — assentiu novamente.

As garotas da clínica me ajudavam bastante. Não fossem elas, aquilo seria uma completa bagunça. Depois de tudo resolvido, fui para casa. O trânsito estava lento. Apesar disso, consegui chegar a tempo de jantar com meu filho, exatamente como combinamos mais cedo.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

POR LIANDRA



— Ainda estou perplexa com a reviravolta que a sua história com o bonitão do Miguel tomou. — Marcelly comentou, dando sequências de colheradas na tigela de açaí. — Quer dizer, quem esperaria por isso? — deu de ombros. — Acho que ele tem interesse em você.

— Acho que o único interesse dele é agradar ao filho. — balancei a cabeça, negando sua tese.

— E você, tem interesse nele? — aquela pergunta me fez parar.

Interesse nele? Não. De modo algum eu sinto algo por aquele homem. Eu realmente não nutro nenhum sentimento por Miguel...

— Não! Claro que não!

— Sei... — Marcelly afinou os olhos.

Revirei os olhos e sacudi a cabeça.

Sábado pela manhã fui com minha mãe ao hospital. A aflição era menor, mas ainda havia receio. Em quadros críticos como o de papai, as coisas mudavam em questão de poucos minutos.

Mamãe entrou primeiro. O meu pai ainda estava em coma e o quadro seguia o mesmo: sem novidades. Aguardei na recepção, ansiando uma boa notícia e temendo uma má.

— Senhorita Liandra? — ergui a cabeça, encarando o médico, doutor Kaian. Engoli em seco e levantei-me, passando a mão pela saia. — Não faça essa cara. — abriu um pequeno sorriso. — Tenho boas notícias.

Um alívio me tomou por inteira. Respirei profundamente, sentindo-me realmente otimista, pela primeira vez desde que papai deu entrada no hospital.

— E quais são as boas notícias? — uni as mãos religiosamente, deixando-as na altura do ventre.

— O tratamento começou a dar resultados. Acredito que seja uma questão de tempo para que seu pai acorde. — tomei outro fôlego longo, sentindo meus olhos lacrimejarem. — Ainda é cedo para dizer muito, mas acredito em uma boa recuperação.

Naquele momento lembrei-me do que doutor Kaian havia me dito quando fui chamada pela primeira vez ao seu consultório.

— E as sequelas?

— Ainda é cedo. — ergueu as sobrancelhas e tocou meu ombro com uma das mãos. — O

importante agora é que ele continue reagindo ao tratamento.

Assenti com a cabeça. Doutor Kaian retribuiu o gesto e despediu-se com um breve aceno de mãos. Mamãe vinha em passos acelerados pelo corredor. Sequer tive tempo de dizer algo quando me senti envolvida por seus braços.

— Ele está melhorando... — disse chorosa, acariciando meus cabelos.

— Sim, está sim, mamãe. — reafirmei para que ela fixasse aquela ideia em sua mente.

Voltamos para casa pouco depois. Mamãe enfiou-se no quarto, pois os calmantes seguiam fazendo efeito. Marcelly tinha saído com o *crush* e eu tentava imaginar se conseguiria sobreviver aos trinta e um dias na casa de Miguel.

O fim de semana simplesmente voou.

• • •

O dia estava lindo. Amanheci com os passarinhos. Eu até diria com as galinhas, mas não dá para criar galinhas dentro de um apartamento.

Eu estava a caminho da mansão de Miguel. Pela primeira vez dei-me ao trabalho de analisar os casarões da sua rua. Um maior que o outro. Sua casa — se é que posso chamar um casarão assim — não era a maior, mas era uma das maiores.

— Bom dia, professora. — fui recepcionada pela mulher do aniversário. A mesma que dona Ana chamou de puta. Qual era mesmo o nome dela? — Sou Laura, a namorada de Miguel. Será um prazer tê-la trabalhando conosco. — estalou a língua, abrindo um largo sorriso.

— O prazer é meu... — estiquei a mão para cumprimentá-la, mas fui ignorada.

Abaixei a cabeça e entrei assim que ela me deu passagem. Sentei-me no sofá da sala e reservei-me a aguardar. Laura parecia me analisar de todos os modos, pois seus olhos não saíam de cima de mim. Chegava a ser incômodo.

— É casada? — puxou assunto.

— Não.

— Namora?

— Não. — ela sorriu, balançando a cabeça.

— Aqui gostamos que as coisas permaneçam no lugar...

— Bem lembrado, Laura. — ambas viramos o rosto, encarando Dona Ana no topo da escada. — Aqui a única pessoa que dá ordens, instruções ou faz questionários sou eu, a senhora desta casa. — seus

olhos, por instantes, faiscaram.

— Bom dia, dona Ana. — Laura forçou um sorriso, olhou-me de soslaio e lançou-se aos pés da escada, recebendo a mãe de Miguel com um abraço. — Eu estava apenas conversando com Liandra. Jogando papo fora...

— Notei. — Dona Ana respondeu com rispidez.

— Estou de saída. Dei apenas um pulo aqui para ver se encontrava Miguel... Volto outra hora. — acenou com a cabeça, retirando-se.

Dona Ana acompanhou Laura com os olhos, parecendo conferir se ela realmente havia desaparecido. Aproximando-se em passos lentos, abriu um sorriso receptivo e sentou-se no sofá. Acompanhei-a.

— Bom dia, querida.

— Bom dia.

— Os meninos ficaram jogando videogame até mais tarde. Acho que vão demorar a levantar... — sorriu, dando um longo suspiro.

— Fico imensamente feliz em ver que eles estão mais próximos. — sorri ao dizer aquilo.

— Sei que sim. Parte disso se deve a você. — arregalei os olhos.

— A mim? — sacudi a cabeça, sem entender.

— Sim. Ele chegou aqui cuspidando fogo por conta de uma professora que o tirou do sério. — riu, sacudindo a cabeça e fazendo aspas. — “Abusada”.

Não me contive e acabei rindo.

— Prezo muito o bem-estar dos meus alunos. — reforcei aquilo que sempre tinha comigo.

— Admiro-a por isso, pois não é sua obrigação, mas, ainda assim você se preocupa. — disse, segurando minhas mãos. — Acho que você acertou algo nele, lá no fundo, e isso foi muito bom. Ele tem se esforçado, às vezes falha, mas realmente parece mais interessado em estar presente na vida de Maic.

— Ah, isso é ótimo. — respondi sem jeito.

Dona Ana assentiu com a cabeça e deu um longo suspiro.

— Vamos começar? Vou lhe dar todas as instruções a respeito do trabalho. Não é um bicho de sete cabeças, mas preciso ter certeza que você vai estar bem informada.

— Quando a senhora quiser.

— Senhora não. — acenou com a mão, fazendo uma careta. — Dona Ana. Soa menos formal.

— Como quiser, dona Ana.

Circulamos por vários cômodos do casarão que parecia não ter fim. Dona Ana me explicou os horários de Maic, o que ele gostava de fazer, quando fazer e como fazer. Tomei nota de tudo em um caderninho. Eram muitos detalhes e eu não deveria me esquecer de nada. Depois de tudo explicado, ela se despediu, alegando que seu programa de culinária começaria em instantes. Acabei seguindo sua sugestão e fui tomar café, antes que a fome começasse a dar sinais de vida.

— Oi? — chamei por alguém ao entrar na cozinha, mas não obtive resposta.

A barriga roncou. Acabei tomando a liberdade de abrir a geladeira. Peguei uma garrafa de leite e um pote de manteiga.

— Bom dia, professora Liandra. — paralisei quando ouvi Miguel. — Notei que está bem à vontade. — meu rosto ardeu de vergonha. — Gosto disso. — ardeu ainda mais.

— E-Eu chamei, mas ninguém respondeu e...

— Se importa de tomarmos café juntos? — puxou uma cadeira e estendeu a mão.

O corpo musculoso mais uma vez à mostra. Ele parecia gostar de exibi-lo, usando apenas um calção curto que deixava as partes balançando. Desviei os olhos dele, piscando algumas vezes e me ative ao convite. Sentei-me à mesa, colocando a garrafa de leite e a manteiga. Miguel andava de um lado a outro, pegando itens para o café, até que se uniu a mim na mesa.

— Acho que tem comida demais...

— São opções. — ele sorriu, pegando um pedaço de bolo. — Optei por isso, quando poderia ter escolhido qualquer outra coisa... — lançou um sorriso sugestivo.

“*Optei por isso*”. Essas palavras transmitiam tamanha posse que me senti obrigada a endireitar-me na cadeira, como se fosse necessário me impor diante dele.

— Não podemos optar por tudo nessa vida, senhor Miguel. — desviei os olhos dele, mordiscando meu pão.

— Acho que soa mais adequado dizer que “nem todos podem”. — parei de mastigar e voltei meu rosto lentamente ao seu, encarando o grande “E” de ego em minha frente.

— O senhor acha que pode? — arqueei uma sobrancelha.

— Sim, acho que posso. — ergui as sobrancelhas, não escondendo a surpresa em sua autoconfiança.

— Acho que não. — pensei alto.

— Está me desafiando? — Miguel mordiscou o bolo, deixando um sorriso de canto brotar.

Uma fúria súbita apoderou-se de mim e quando me dei conta, havia contra-atacado.

— Sim, estou!

— Cuidado com o que deseja... — jogou-me uma piscadela, levantando-se. — Caso queira deliciar-se com minha presença, estarei tomando sol à beira da piscina. — acenou com a cabeça, retirando-se.

Soquei a mesa, afinando os olhos. *Maldito seja, Miguel!*

Quando começo a pensar que o senhor arrogância mudou, descubro que continua o mesmo. Ele acha que é o Rei da Selva, mas se esquece de que são as leoas que saem para caçar. Não sou uma presa e não serei seu alvo. Se Miguel tem isso em mente, é bom estar preparado para encarar sua derrota...

Mesmo você tendo esse corpão, esse par de pernas musculosas, esse peitoral másculo, esse... Sacudi a cabeça. Não! Não vou me tornar uma de suas conquistas!

CAPÍTULO VINTE E SEIS

POR LIANDRA



Decidi que permaneceria na cozinha até que Maic acordasse. De repente, uma moça entrou. Sua pele era clara, os cabelos loiros e os olhos de um azul intenso.

— Bom dia, senhorita. — disse ao passar por mim.

— Bom dia. — respondi, sem conseguir deixar de encará-la. Ela me lembra de alguém. Quem?

— Ele é difícil. — ela disse, apoiando-se na pia da cozinha, começando a ensaboar algumas vasilhas. — Sem dúvida, já foi muito diferente do que é hoje.

— Ele quem? — franzi a testa.

— Miguel. — olhou-me rapidamente por cima do ombro.

Miguel diferente do que é hoje? Realmente não consigo imaginar. Sei apenas que ele é um homem ferido, mas ninguém muda tanto assim, muda?

— Como ele era?

— O homem dos sonhos. — balançou a cabeça tantas vezes que consegui ver o sorriso em seu rosto.

— Miguel era um *gentleman*? — senti vontade de rir, mas me contive.

— Um dos melhores, se quer saber.

— Por que ele mudou? — fui mais a fundo.

— Quando um homem se apaixona, ele se entrega de corpo e alma. Isso é bom e ruim. Uma tragédia facilmente o destruiria por dentro. — suspirou, parando o que fazia para apoiar ambas as mãos na pia.

Tragédia? Arregalei os olhos lembrando-me de suas palavras no parque.

— Que tragédia aconteceu na vida dele? — eu estava cada vez mais curiosa e nem fazia questão de esconder.

— Com quem a senhora está falando? — um sussurro no pé do meu ouvido me fez gelar dos pés à cabeça. Senti meu coração palpitar como nunca antes. — Hein, tia? — insistiu no mesmo tom de voz.

Só então me dei conta que era Maic. Debrucei o rosto sobre a mesa, buscando por ar, pois eu o

havia perdido.

— Por que está sussurrando? Quer matar a tia do coração? — encarei aqueles olhinhos arregalados.

— É que eu achei que a senhora estivesse falando com alguém, mas acho que você tem a mesma mania da vovó e fala sozinha pela casa. — sussurrou outra vez, aproximando o rosto do meu.

Como assim sozinha? A moça entrou ainda há pouco na cozinha. Abri um pequeno sorriso e afaguei seus cabelos.

— Estou falando com a moça que está lavando a louça... — expliquei e assim que virei o rosto, deparei-me com a pia vazia.

— Que moça? — Maic tombou a cabeça para o lado, sem entender. Nem eu estava entendendo.

— Ué, onde ela foi? — franzi a testa em estranheza. — Estávamos conversando ainda agora sobre o seu...

— Sobre?

— Sobre o seu trabalho aqui na casa... — desconversei.

Maic franziu os lábios, mantendo aquele olhar de estranheza sobre mim. Sorri sem graça e balancei a cabeça. Certamente, quando ele entrou na cozinha a empregada havia saído e eu nem notei.

— Deixa para lá. — gesticulei com uma das mãos. — Quando eu a ver novamente, lhe mostro quem é, ok?

— Ok.

Ser babá era mais tranquilo que ser professora, isso eu devo admitir. Passei parte do dia procurando pela moça que havia visto mais cedo, mas não obtive sucesso. Ao entardecer, fomos para o lado de fora. Acabei sendo convencida a jogar bola.

O costume de usar salto apenas em determinadas ocasiões realmente me valeu hoje. De frente ao gramado da mansão, eu dava pequenos toques na bola, meio sem jeito, arrancando gargalhadas gostosas de Maic.

Tudo aconteceu muito rápido. Ele se empolgou e um belo chute acertou o carro do vizinho. Um xingamento alto ecoou da residência vizinha e o estrondo de uma porta batendo nos deu a visão de um grandalhão barbudo, gordo e de óculos.

Maic instintivamente escondeu-se atrás de mim. A fúria em pessoa vinha em nossa direção, fazendo o chão tremer.

— Garoto idiota! É a segunda vez esse mês. — rugiu, pegando a bola e, retirando um canivete da

cintura, a rasgou.

— Não fale assim com ele. — o repreendi, sentindo as mãos de Maic pressionarem o tecido da minha saia. — Não foi intencional.

— Foda-se! O meu carro é novo e não quero que essa peste — apontou para Maic. — lhe cause arranhões.

— Modere o tom, senhor! — ergui meu tom de voz, estufando o peito. — Não é assim que as coisas serão resolvidas...

— Resolvo do meu jeito. — interrompeu-me. — E não vai ser uma empregadinha de quinta categoria que vai me ensinar qual é a melhor solução.

Cerrei os punhos e respirei fundo, me preparando para “descer do salto”.

— Posso saber a razão de estar gritando com a babá do meu filho? — Miguel surgiu do nada, colocando-se ao meu lado.

— Essa peste é seu filho? — apontou para Maic e Miguel o acompanhou, voltando-se em seguida para o vizinho. A expressão amistosa havia se transformado: o cenho fechou, os olhos faiscaram e o maxilar havia se contraído. — Essa é a segunda vez que ele acerta o meu carro!

— Tenho certeza que foi um acidente... — Miguel emudeceu do nada.

Seus olhos queimaram como fogo quando me dei conta que estavam mirados na bola furada, ainda sobre o gramado.

— Feche os olhos, Maic. — ele ordenou.

Maic cobriu os olhos com ambas as mãos. E nesse momento, Miguel partiu para cima do vizinho. Os dois se atracaram e rolaram na grama, trocando socos. Claro que Miguel levou uns bons sopapos. Era como comparar uma laranja com uma melancia, mas, de certa forma, o sorriso satisfeito em seu rosto, mesmo machucado, mostrava que ter riscado todo o carro do senhor fúria havia lhe dado muito prazer.

— Desculpe, papai. — Maic colocou-se de cabeça baixa em frente a Miguel, que estava sentado no sofá, com uma compressa de gelo sobre o rosto.

— Pelo quê? — Miguel o encarou, abrindo um sorriso. — Eu estava louco para dar uma surra naquele hipopótamo barbudo. — riu.

— Você se machucou... — Maic gemeu.

— Foram só alguns arranhões. — disse Miguel, endireitando-se no sofá, antes de puxar Maic pela cintura. — Sempre vou te proteger, mesmo quando não for inocente... — riu outra vez.

Diante daquela confissão, a expressão triste do pequeno transformou-se em um largo sorriso,

seguido por um abraço apertado.

— Vou pegar os curativos com a Tia Sandra. — Maic disparou em direção à cozinha.

Segui em silêncio, com as mãos unidas religiosamente, sem saber o que dizer. Era minha culpa. Que ideia foi essa? Jogar bola na frente de casa?

— Sinto muito, senhor Miguel. — abaixei a cabeça.

— Viu como ele é gordo? — revirou os olhos, ainda focado no vizinho. — Quase me caguei quando ele caiu em cima de mim. Sério, preciso marcar um médico. Sinto como se tivesse sido pisoteado por uma tonelada de banha.

Contive uma risada, mordendo os lábios e sacudi a cabeça.

— Ainda me pergunto como ele consegue andar e, porra, como tem força, hein? — moveu a compressa da maçã do rosto para a sobancelha cortada. — Ele deve ter um pintinho desse tamanho, ó... — ergueu uma das mãos, mensurando a medida com o indicador e o polegar quase colados.

Contive-me outra vez. Como ele poderia fazer graça daquilo depois de ter tomado uma baita surra?

— Eu realmente sinto muito...

— Não sinta! — rosnou, cerrando os dentes e afinando os olhos. — Hoje mesmo vou encomendar um arpão com os japoneses. Eles são especialistas em caça de baleia.

— Posso ajudar de alguma forma? — mesmo ele tentando me livrar daquilo, eu sabia que era minha culpa.

— Ah, uma bela massagem peniana ajudaria muito. — sorriu, mordendo os lábios.

Arregalei os olhos, pondo ambas as mãos na cintura, repreendendo com o olhar.

— Que o senhor se foda! — disparei.

— Não seja chata. Eu estava apenas brincando. — deu um longo suspiro. — Estou tão dolorido que nem Viagra me colocaria de pé. — sacudiu a cabeça. — Na verdade, se você quisesse...

Revirei os olhos.

— Os curativos, papai. — Maic os colocou em cima da mesa de centro, sentando-se ao lado de Miguel.

— Por favor, Liandra. — ele apontou para o rosto. — Sinto que meu rosto quase perfeito está estilhaçado. — gemeu.

— O ego continua intacto. — murmurei.

— Logo agora que me convidaram para ser o novo dublê do Brad Pitt. — fez um beijo, arrancando risadas de Maic. — Como vou estrelar em Hollywood?

— O senhor pode ser o cavalo de madeira. — Maic sugeriu, arrancando um sorriso de Miguel.

— Excelente ideia. Assim ninguém vê esse estrago. — apontou novamente para o rosto. — Também podemos usar o *kit* de maquiagem da tia Liandra. — ponderou Miguel, arrancando novas risadinhas do filho.

— Vai ser engraçado, papai.

Aqueles olhinhos azuis brilhavam. O rostinho se enrugava constantemente, dando sinais de alegria. Sentei-me ao lado deles, acompanhando a conversa de ambos, enquanto limpava os machucados, antes de colocar os curativos.

— Ai, tia Liandra! — Miguel gemeu quando desinfetei a sobrancelha com sangue coagulado. — Com carinho, por favor. — encarou-me.

— Terminei. — disse, colocando o último curativo.

— Estou parecido com algo? — voltou-se a Maic.

— Acho que com uma múmia, papai. — o pequeno soltou uma risadinha sapeca.

Miguel lançou-me um olhar rápido e voltou-se ao filho. A quase tragédia havia se tornado um show de brincadeiras entre os dois.

• • •

— Não foi culpa sua. — ele deu de ombros. — Poderia ter sido resolvido com uma boa conversa, mas quando vi a bola furada, fiquei puto. — cerrou os punhos.

— Em partes foi.

— Maic estava morrendo de medo e se agarrou a você. — ele sorriu. — Aliás, muito corajosa sua atitude, senhorita Liandra. — Miguel encarou-me.

— Fiz o que tinha que fazer.

— Você o defendeu como se fosse seu. — ele sorriu outra vez.

— É estranho, mas quando vi aquele grandalhão o ameaçando, realmente senti que ele fosse meu. — retribui o sorriso.

Sacudi a cabeça e abri a porta do carro, descendo. Assim que a bati, acenei com uma das mãos.

— Até amanhã, senhor Miguel.

— Boa noite, senhorita Liandra.

— Boa...

— Sonhe comigo. — jogou-me uma piscadela atado a um sorriso sacana, me fazendo arquear uma sobrancelha.

Ba-ba-ca!

CAPÍTULO VINTE E SETE



Ninguém berra com a babá do meu filho e muito menos com o meu filho. Se o planeta tivesse cu, aquele *Moby Dick* seria seu tampão.

Toda essa situação poderia ter sido evitada, mas quando vi a bola de Maic furada, perdi o controle. Ele a pediu de presente no Natal passado. Era especial, pois foi autografada pelo Neymar e leiloadada em uma campanha beneficente na qual a adquiri. Sem mencionar que era aquele tipo de preciosidade intocável: o elo entre fã e ídolo.

Que belo começo, hein? O meu primeiro dia de férias marcado por uma sessão de UFC dentro do condomínio. Pior que isso, o primeiro dia de Liandra como babá presenciando esse tipo de cena.

Lamentável...

— Amanhã é um novo dia, Miguel... — dei outra golada no copo de uísque.

Vagueando de pensamento em pensamento, Liandra me veio à cabeça. Lembrar-me da expressão de surpresa, seguida de satisfação, me arrancou um sorriso de canto. *Ela gostou de se sentir protegida ou de me ver ser esmagado?*

• • •

Pontualmente como sempre. Liandra chegou às oito horas da manhã. Cumprimentou-me com um aceno de cabeça e seguiu para a cozinha. Ao me aproximar, não pude deixar de sentir o aroma adocicado que seus cabelos traziam e não resisti. Aproximei o nariz da sua nuca.

— Que cheiro bom... — travei quando sua cabeça veio para trás subitamente, me fazendo levar uma das mãos ao nariz. — Assim não dá!

— O que fazia atrás de mim? — colocou ambas as mãos na cintura, desarmando-se em seguida. — Ah, meu Deus! Está sangrando...

— Fique parada. — instrui-a calmamente. — O seu samurai interior está vivíssimo e não tenho interesse em acumular outras lesões até o fim do mês. — ela corou.

— Não teria uma nova lesão se estivesse longe! — rosnou.

— Só quis sentir o cheiro dos seus cabelos. — expliquei da maneira mais natural do mundo.

— Não queira mais. — afinou os olhos.

Segui até a pia, onde peguei lenços de papel, limpando o nariz. Em seguida, enchi uma das mãos com água e passei no rosto, limpando-o novamente com os lenços.

— Você sabe quanto custa uma rinoplastia hoje em dia? — girei o corpo, mirando-a. Liandra revirou os olhos, cruzando os braços. — Deixa para lá. — acenei com uma das mãos.

— Em toda minha vida nunca conheci um homem tão vaidoso como o senhor. — disse, sentando-se à mesa para tomar café.

— Sou *metrossexual*.

— Se não me contasse, juro que jamais suspeitaria. — usou um tom de ironia que, por instantes, me irritou.

— Você não é muito vaidosa. — puxei uma cadeira, sentando-me em sua frente.

— O que quer dizer com isso? — parou o copo de café com leite próximo a boca, franzindo a testa.

— Que sinto falta de ver a mesma mulher da festa. — assenti com a cabeça.

— Aquilo era apenas um falso retrato. Essa sou eu. — retrucou com rispidez, dando um gole na bebida, desviando os olhos de mim para analisar o jornal.

— Inteirando-se das notícias?

— Não, claro que não! — forçou um sorriso. — Estou fazendo tricô com o jornal. — pousou os olhos sobre mim.

Contive uma gargalhada. Vê-la impaciente chegava a ser excitante. Passei a língua nos dentes e balancei a cabeça, mantendo meus olhos fixos naquela mulher.

— Poderia por gentileza parar de me olhar assim? — pediu, folheando o jornal.

— Só sei olhar dessa forma.

— Não olhe.

— Não consigo. Vê-la furiosa me encanta. — confessei, fazendo-a afinar os olhos ao me encarar boquiaberta.

— Você não gostaria de me ver furiosa de verdade. — fechou o jornal, dobrou-o tantas vezes que perdi as contas e assentiu com a cabeça, como se estivesse me dando um claro aviso de “*mantenha-se distante*”.

— A menos que você vire um dragão, eu gostaria sim de lhe ver furiosa. — provoquei-a, obtendo o silêncio como resposta. — Você não vira nada do tipo, ou vira? — arregalei os olhos.

Liandra mordeu os lábios, sorrindo. Não era um sorriso cínico, era apenas uma amostra de que havia sido engraçado para ela.

— Qual é o seu problema hoje, senhor Miguel? — apoiou os cotovelos na mesa e o queixo sobre o punho fechado.

— Leôncio.

— Quem? — trouxe a cabeça para trás.

— O vizinho.

— O nome dele é Leôncio?

— Não! — respondi em um protesto. — É apenas uma referência ao desenho *Pica-Pau*. — girei a mão direta no ar.

— Quantos anos o senhor tem mesmo? — franziu a testa.

Eu tenho vinte nove anos, mas...

— O que isso tem a ver com a conversa? — estranhei aquela pergunta. *O que ela... Não! Não diga isso, mulher!*

— Seu filho parece ser mais adulto que você. — disparou.

Eu esperava algo do tipo.

— Maic é um garoto muito esperto. — concordei, fazendo uma observação. — Contudo, não se engane sobre mim, senhorita Liandra. Eu sou muito adulto quando preciso ser.

— Babá do *pai* e do filho. — ela murmurou, unindo os lábios como se aquilo fosse um castigo.

Sacudi a cabeça, mordendo os lábios.

Ela não dava brechas e não deixava aberturas. Era curta e grossa a cada resposta. Não seria nada fácil conquistar essa mulher. Oh, não mesmo.

— Se importa de trocar meus curativos?

— Dizer que me importo fará diferença? — suspirou. — Comporte-se! — rosnou.

Os passos pesados e a pressa indicavam que ela estava irritada. Liandra foi até a despensa e quando se aproximou, tropeçou no tapete que havia debaixo da mesa, caindo em cima de mim.

Outra pancada quando nossas testas bateram, mas mais que isso, a primeira oportunidade.

Seus lábios estavam tão próximos dos meus que eu conseguia sentir sua respiração. Eles eram suculentos, carnudos e atrativos. Uma mecha de cabelos caiu lentamente sobre o seu rosto e permanecemos

assim, cara a cara.

Nossos olhos se encontraram, mas ela não os desviou. Pelo contrário, firmou-se em mim de uma forma que me senti dominado. Era estranho. Ela era diferente, mas era isso que havia remexido em alguma coisa no meu interior.

Senti minha garganta secar. Os meus lábios ardiam, buscando pelos seus, o que me fez avançar lentamente, para lhe dar tempo caso quisesse fugir, mas ela não fugiu.

Quando nossas bocas se colaram, um frio rápido percorreu minha barriga, me fazendo sorrir entre o beijo. Nossas línguas esfregavam-se uma na outra, deixando espaço para que meus lábios tocassem os seus, sem pressa alguma.

Foi tudo muito rápido. Inclusive o soco.

— Puta que pariu! — soltei um urro, levando uma das mãos ao olho. — Está querendo me hospitalizar?

— Foi automático... — primeiro se explicou, parecendo desconcertada, mas aquilo não durou. De repente, ela cruzou os braços e fulminou-me com os olhos. — Nem foi tão forte assim. — virou o rosto para o lado.

— Imagina se tivesse sido... — gemi.

Levantei-me, apontando uma das mãos em sua direção, seguindo outra vez para a pia.

— Você é um demônio. — murmurei. — Que mulher soca um cara após ganhar um beijo? — olhei por cima do ombro, abrindo a torneira para lavar o rosto, retirando os curativos.

— Uma mulher que não pediu para ser beijada!

— Você se atirou sobre mim! — girei o corpo em sua direção.

— Não! Eu tropecei e você me atacou! — deu um passo à frente, me fazendo recuar, colando o traseiro na borda da pia.

— Agressiva.

— Maníaco sexual. — disse, fazendo uma careta.

Acho que até para ela aquilo soou estranho, mas na hora da raiva, dizemos qualquer coisa, não é?

— Não sou um maníaco... — sacudi a cabeça. — Esquece! Vai fazer os curativos ou não? — coloquei ambas as mãos na cintura.

— Não!

— Ótimo!

Passei por ela em passos apressados, deixando a cozinha. Como isso é possível? Eu jamais imaginaria que fosse ser socado após beijar uma dama. O mundo realmente estava virado.

Mamãe acabou fazendo os curativos. Ela parecia sentir prazer em encharcar aquele algodão no álcool antes de passá-lo em meu rosto.

— Ai!

— Sem chorar. — ergueu meu queixo, analisando meu rosto.

— Está ardendo. — contive um novo gemido.

— Envolver-se em uma briga na presença do seu filho! Que péssimo exemplo. — resmungou, começando a colocar os curativos. — Quer que ele se torne uma criança violenta?

— Claro que não, mas eu não tive escolha, o Leôncio me enfureceu.

— Quem é Leôncio?

— É... Esquece. — essa é uma péssima referência. Pelo visto, as pessoas já se esqueceram do icônico desenho animado do passarinho mais louco da TV.

— Liandra está se adaptando bem? — mamãe levantou-se da cama e parou na frente do espelho da sua penteadeira, deslizando o indicador pelas sobrancelhas. Primeiro uma, depois outra.

— Não tenho dúvidas... — *até socou o patrão*. Quase contei.

Mamãe parecia dizer alguma coisa, mas eu sequer ouvia. A minha cabeça ainda estava no beijo. Ela não se mexeu, não se negou àquilo. Então por que me dar uma porrada dessas? Será que ela se arrependeu por nos permitir um pouco de intimidade e por isso me atacou?

Dei-lhe tempo para fugir, para sair dos meus braços, mas ela não o fez. Será que...

Não! Ela me detesta. Tenho absoluta certeza! Eu também a desprezava, mas agora sinto que isso mudou. É como se eu estivesse...

— Está me ouvindo, Miguel? — sacudi a cabeça, voltando-me a minha mãe.

— Estou.

— Ótimo. O almoço está marcado para as treze horas. — avisou, pegando a bolsa antes de seguir em direção à porta.

— Almoço? Que almoço? — estranhei.

— Ora, que almoço?! Acabei de dizer que os três vão almoçar juntos no *Pub House*. — pousou a mão na maçaneta da porta, abrindo-a.

— Que três? — franzi a testa.

— Você, Liandra e Maic. — acenou com a cabeça e se retirou.

— Outra oportunidade, Miguel. — disse a mim mesmo.

Não! Definitivamente não! Por hoje chega. Nada de tentar algo ou vou acabar sendo socado outra vez. Pensando melhor, vou colocar Maic entre nós dois. Isso evitará qualquer reação não esperada, mesmo que eu esteja esperando.

CAPÍTULO VINTE E OITO

POR LIANDRA



Quando tropecei e caí em cima dele, nossos olhos se encontraram. Paralisei por completo. Era como se houvesse um magnetismo impedindo que eu me mexesse. Os seus lábios aproximavam-se lentamente dos meus. Eu queria fugir o mais rápido dali, mas apenas o senti...

Nossas línguas dançaram e uma sensação gostosa me envolveu. Senti meu corpo queimar, meu peito palpitar e arrepios intensos dançarem por minha pele. O seu sabor era bom e viciante. Aquilo me soava tão proibido que reuni todas as forças restantes que tinha e desvencilhei-me dele.

Pisquei algumas vezes o vendo no chão. Eu realmente o soquei? Confesso que quis rir ao ouvi-lo resmungar, mas havia outra coisa me incomodando.

Por que estou acesa? Isso é tão incomum que chega a ser apavorante.

Dei respostas automáticas. Eu não tinha noção do que estava dizendo, apenas respondi e, quando ele deixou a cozinha, pude respirar com mais calma.

— Isso não deveria ter acontecido. Ele não é para mim e eu nem o quero! Sem falar que Miguel é comprometido... — sussurrei, lembrando-me de como fui recepcionada por Laura.

— Senhorita Liandra. — Sandra, a cozinheira passou por mim com um aceno de cabeça. Repeti o gesto em resposta.

Retirei-me dali rapidamente e deixei a mansão, buscando um pouco de ar fresco do lado de fora. Dei de cara com Dona Ana.

— Bom dia, querida. — disse ao se aproximar.

— Bom dia...

— Você está pálida. — acariciou meu rosto com o polegar. — Está se alimentando bem?

— Estou sim. — respondi sem jeito.

Ah, se a senhora soubesse que a razão de toda palidez é o seu filho, provavelmente eu teria problemas.

— Deve ser meus olhos. — sorriu. — Como foi seu primeiro dia?

— Diferente. — arregalei os olhos.

— Ele nunca foi de brigar. — referiu-se a Miguel. — Na verdade, é péssimo em qualquer tipo de luta. Viu como o rosto dele está todo marcado? — sacudiu a cabeça, soltando um “tsc tsc tsc”.

— O senhor Miguel ficou enfurecido quando viu que o vizinho havia furado a bola de Maic. — Dona Ana torceu a boca.

— Só um homem muito infeliz faria algo tão maldoso com uma criança. — deu um longo suspiro, acompanhando com os olhos um carro que parou na frente da mansão. — O motorista chegou. Tenha um excelente dia.

— Para a senhora também, Dona Ana.

Ainda era cedo, então segui para o quarto da babá. Caso eu resolvesse ficar no cargo, ali seria o meu lugar. Era aconchegante. Uma grande cama de casal, uma TV acoplada na parede, um grande guarda-roupa e um banheiro.

Abri a minha bolsa e deparei-me com sete chamadas perdidas. Duas eram de Marcelly e as outras cinco de mamãe. O aparelho tremulou em minha mão e o pior me veio à cabeça.

Liguei para Marcelly, caso fosse o que eu imaginava, falar com mamãe pelo telefone não seria o ideal.

— Eu estava mesmo querendo falar com você. — disse tão rápido que custei a juntar as palavras.

— Por favor, se for ruim não diga agora. — implorei, usando um tom baixo.

— Preciso dizer agora!

Respirei fundo.

— Ele...

— Acordou. — Marcelly interrompeu. — Seu pai acordou, Liandra! Ele saiu do coma de madrugada, mas só ficamos sabendo há pouco.

Endireitei-me na cama, deixando um sorriso bobo se formar em meu rosto.

— Liandra?

— Estou ouvindo. — respondi, ainda incrédula com aquela notícia. — Meu Deus! — passei uma das mãos pelos cabelos, jogando-os para trás. — Eu pensei que...

— Não pense! Que horas você sai do trabalho?

— Vou tentar. Saio às dezoito.

— Quando sair, venha para o hospital. Ele quer muito te ver. — disse empolgada.

— Claro! Diga a ele que irei vê-lo assim que o expediente acabar. — sorri.

— Era só isso mesmo. Pode voltar a trabalhar.

— Obrigada. — desliguei o telefone.

Joguei o celular em cima da cama e pus ambas as mãos para trás para me apoiar, levando o corpo junto. Encarei o teto, mordendo os lábios.

— Meu pai saiu do coma... — mordi os lábios. — Agora tudo vai realmente ficar bem. — repeti o que vinha dizendo a mim mesma há semanas.

• • •

Era quase meio-dia quando ele me avisou a respeito do almoço. Quis enforcá-lo, não nego. O meu constrangimento era evidente. De que outro modo ele estaria com aquele sorrisinho no rosto?

— Se quiser, posso esperar você se aprontar.

— Não é necessário. Vou assim mesmo. — sorri de lado, ao ver sua expressão mudar. Agora ele não parecia tão satisfeito. — Algum problema?

— Nenhum... — torceu a boca. — Eu só não queria que fosse vista como uma empregada.

— E de que modo eu deveria me apresentar, senhor Miguel? — enchi o peito de ar, pondo ambas as mãos na cintura.

— Como minha acompanhante, é claro.

— Sou a “acompanhante” do seu filho. — fiz aspas com os dedos.

— Tem certeza? — aproximou-se, deixando seu corpo próximo ao meu. Engoli em seco.

— Sim!

— Que seja. Vista-se como achar melhor. — girou o corpo, dando-me as costas e, quando deu o primeiro passo, pronto para deixar a cozinha, parou. — Seu uniforme mexe com minha mente. — riu, sacudiu a cabeça e se retirou.

Cerrei os punhos quando meu rosto corou. *Por que os homens só pensam naquilo?*

Antes de sairmos, passei uma leve maquiagem e depois fui ajudar Maic a se vestir. Não troquei o uniforme. Tenho absoluta certeza que ele disse aquilo apenas para me obrigar a vestir outra roupa. Quando chegamos ao restaurante, o arrependimento bateu.

Outro daqueles lugares chiques. Como odeio isso! Não podíamos comer em um ambiente mais simples? É tanta frescura reunida que quase perco a fome.

— Tia. — encarei Maic. — Posso ir brincar? — os olhos pidões chegavam a brilhar.

— Quando o almoço chegar, peço para lhe chamarem. — assenti com a cabeça.

Após um abraço na cintura, o pequeno saiu em disparada. Miguel colocou-se ao meu lado, com ambas as mãos no bolso.

— Gosto da relação maternal que há entre vocês. — piscou para mim e estendeu o braço.

O comentário me arrancou um sorriso, mas a ação me causou estranhamento. Não sou mais uma convidada, agora sou uma funcionária. Aquilo não soaria bem. Miguel acenou com a cabeça, indicando outra vez o braço.

— O que foi?

— As coisas mudaram, senhor Miguel. — recusei a cortesia e entrei na frente.

— Nada mudou. — ele apressou o passo e pegou minha mão, entrelaçando-a na sua de modo que não consegui soltar. — Apenas me acompanhe, por favor... — disse com tamanha delicadeza que senti um arrepio percorrer meu braço.

Sentamo-nos. Ele de um lado e eu do outro. Seus olhos não saíam de mim, enquanto os meus fugiam dele. Eu não queria encará-lo naquela situação.

— Seu pai está melhor? — puxou assunto.

— Sim! — respondi empolgada. — Recebi uma ligação mais cedo de que ele acordou do coma. Assim que o expediente encerrar, irei vê-lo...

— Depois do almoço, se quiser, posso te deixar no hospital. — colocou ambas as mãos sobre a mesa, unindo-as.

— Não... Eu não quero começar a matar serviço logo no começo...

— Pretende começar a matar serviço depois do começo?

— Não! Não foi isso que eu quis dizer! — franzi a testa, cruzando os braços.

— Sempre que conversamos você parece estar armada para a guerra. É como se o seu pior inimigo estivesse em sua frente. — Miguel abaixou a cabeça, sacudindo-a. — Não sou tão...

— Babaca quanto eu penso? — eu adorava essas oportunidades.

— É... — confirmou, parecendo não concordar muito.

O celular dele tocou. Rapidamente Miguel o pegou do bolso, atendendo-o.

— Estou ocupado. — fechou o cenho. — Não, não posso sair agora, Laura.

Abaixei a cabeça quando ouvi o nome dela. Sendo franca, você não é um babaca, é um completo idiota, Miguel. Como tem a coragem de beijar outra mulher sendo comprometido?

Bufei, sacudindo a cabeça.

— Onde paramos? — voltou-se a mim, guardando o celular.

— Você não tem vergonha? — afinei os olhos, condenando-o.

— O que eu fiz dessa vez? — trouxe o corpo para trás.

— Você é um homem comprometido que corre atrás de outras mulheres. Isso é... Isso é... — tentei encontrar uma palavra, mas ele foi mais rápido.

— Isso é mentira. — debruçou-se sobre a mesa, deixando seu rosto próximo ao meu. — É uma grande mentira dizer que sou comprometido, e seja lá quem for que lhe afirmou isso, não disse a verdade.

— Mas... — sacudi a cabeça. *Homens mentem!* — Não acredito na sua palavra.

— Ótimo. — cruzou as pernas, franzindo os lábios. — Pergunte para minha mãe. — acenou com uma das mãos.

— Não! Quer dizer... Você não me interessa. Por que diabos eu faria isso? — virei o rosto, ouvindo-o rir.

Como isso me irrita!

— Posso pedir o almoço?

— Sim! — rosnei.

Enquanto Miguel escolhia nosso prato, fui buscar Maic na ala de recreação infantil. O vi de longe. Ele estava parado, encarando algo. Maic sequer me notou chegar. Acompanhei seus olhos e deparei-me com uma mulher que abraçava outro garoto, provavelmente a mãe dele, enchendo-o de beijos. Senti uma pontada no peito e não me contive, abracei-o, beijando seu rosto.

— Vamos, meu amor? — afastei-me, encarando aqueles olhinhos arregalados.

— Vamos! — abraçou-me novamente pela cintura, dessa vez com mais força que antes e disparou em direção a mesa com um sorriso que mal cabia na face.

Estávamos quase terminando o almoço, quando o pequeno comentou na mesa com o pai.

— Tia Liandra me deu um beijo no rosto, papai. — contou-lhe todo sorridente.

Miguel encarou-o primeiro, depois voltou seus olhos a mim, arqueando uma das sobrancelhas.

— A tia Liandra adora distribuir beijos, campeão. — provocou-me de modo que deixei o talher cair no prato, fazendo-o tilintar.

É inacreditável como ele consegue se tornar intragável em questão de segundos.

Maldito seja, Miguel Souza!

Acabei aceitando a sugestão de tirar uma folga no período da tarde para ver meu pai. A saudade era maior que qualquer receio de tamanha gentileza vindo de Miguel.

— Até amanhã, tia Liandra! — Maic agarrou-me pelo pescoço entre os bancos do carro. Acariciei suas mãos.

— Até amanhã, meu amor.

— Espero-a às oito horas em ponto. — voltei-me a Miguel, assentindo com a cabeça.

— Sem atraso. — respondi, descendo do carro.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

POR LIANDRA



O médico me informou que, pelo quadro do meu pai ainda ser de risco, ele seguiria por alguns dias mais em observação na UTI. Se tudo seguisse correndo bem, poderia ser transferido para um quarto.

Um enfermeiro informou-me que a entrada era permitida apenas em horários específicos, mas a pedido do doutor Kaian, me foi liberada. Enchi os pulmões de ar e entrei.

Máquinas por todos os lados. Aparelhos apitando, camas com o espaço de três largas passadas umas das outras e vários enfermeiros. Todos de prontidão para atender qualquer eventual emergência.

— Dez minutos. — disse o enfermeiro, indicando-me com a cabeça a localização do meu pai.

Apesar de saber que o pior havia passado, um temor me rondava. A imagem dele com todos aqueles tubos e aparelhos ainda circulava por minha mente. Era algo que nenhuma filha gostaria de ter o desprazer de presenciar.

Quando parei ao seu lado, o vi dormindo. Papai respirava sem a ajuda de aparelhos, mas continuava com tantos fios conectados ao corpo que eu sequer conseguia contar. Pensei muito sobre acordá-lo, mas concluí que era melhor não. Ele estava exausto e já vinha travando uma batalha pela vida há dias. Quando estivesse melhor...

— Liandra... — a voz rouca e fraca interrompeu meus devaneios.

— Papai. — ofeguei, sentindo meus olhos arderem. — Oh, papai, eu achei que fosse te perder... — segurei uma de suas mãos.

— O Senhor não me quer, não ainda. — negou com a cabeça.

Seu rosto estava corado, os olhos molhados e os cabelos grisalhos bagunçados. Papai tinha quase sessenta anos e o que posso dizer? Esse é o único homem que nunca me decepcionou em toda a minha vida. Eu realmente tive um bom pai.

— Ainda sentindo muitas dores? — passei os olhos por ele, notando seu corpo bastante inchado.

— Um pouco. Acho que estaria sentindo mais sem os remédios. — tossiu algumas vezes. — Sua mãe veio aqui mais cedo. Não a deixe se abater. — pediu, roçando o polegar no dorso da minha mão.

— Prometo.

— E quanto a você, minha filha, como andam as coisas? — fez menção de se erguer, mas o impedi.

— Acho melhor o senhor continuar parado... — forcei um sorriso. Provavelmente só eu e

Marcelly sabíamos a gravidade da situação. Mesmo que fora de risco de morte, ainda havia risco. — Eu estou bem, papai.

— Imagino que a estadia no hospital custe o olho da cara...

— Custa sim, mas não há com o que se preocupar... — subi uma das mãos ao seu rosto, acariciando-o. — Um desconhecido surgiu e pagou todas as suas despesas. Um anjo. — contei-lhe toda sorridente.

— Um desconhecido? — franziu a testa.

— Foi o que me informaram. Esse anjo quitou todos os débitos. — expliquei.

— Isso é... — sacudiu a cabeça, com os olhos enchendo-se de lágrimas, cobrindo o rosto com um dos braços, emocionado.

— Alguém enviado por Deus. — assenti com a cabeça.

Quem mais poderia ser? Ninguém seria tão generoso a ponto de quitar uma dívida de mais de cem mil reais e que provavelmente chegaria aos duzentos mil, talvez mais. Tudo dependia do tempo em que papai levaria para se recuperar.

— Não pense em contas, em problemas ou qualquer outra coisa que venha a ficar forçando a mente, ok, senhor Juarez? — pedi.

Papai fungou, enxugou o rosto e assentiu com a cabeça.

— Quando vou receber alta?

— Ainda não sabemos, mas o médico disse que pode ser logo.

— Logo quando? — insistiu, me arrancando um sorriso.

Ele sempre foi inquieto. Imagino que permanecer deitado o dia inteiro esteja sendo um baita castigo. Mesmo depois de aposentado, o senhor Juarez continuava trabalhando com um bico aqui e outro acolá.

— Estão te tratando bem?

— Muito.

— Está comendo direito?

— Sim.

— E os banhos?

— Filha, desse jeito parece que você é minha mãe. — disse em tom manso, deixando um pequeno sorriso surgir.

— Só quero ter certeza que está tudo bem... — tombei a cabeça para o lado.

— Senhorita. — o enfermeiro surgiu ao meu lado.

— Estou indo, só vou me despedir. — ele acenou com a cabeça, se afastando. Voltei ao meu pai e dei-lhe um abraço, em seguida, beijei-lhe a testa. — Como o hospital limita um visitante por paciente, mamãe virá no período da noite.

— Se cuide, minha menina. — pediu, segurando em minhas mãos. — Eu te amo, minha filha.

— Eu também te amo, papai. — rocei o polegar em suas mãos e trocamos um breve sorriso antes de eu deixar a UTI.

O meu coração estava manso, aliviado. Finalmente pude ouvir sua voz, ver vida em seus olhos. Eu só tenho a agradecer ao Senhor e a esse desconhecido que salvou a vida do meu pai.

Ao chegar em casa, fui recebida com empolgação por mamãe e Marcelly. Ambas pareciam ter ganhado na loteria. Abracei-as e, após uma longa conversa sobre a minha visita ao hospital, finalmente nos sentamos.

— Seu pai vai sair dessa. Sei que vai... — disse mamãe, segurando uma vasilha sem parar de bater o bolo.

— E os remédios?

— Acho que ela parou de tomar, pois não dormiu hoje. — Marcelly cochichou.

— Ah, devo ter me esquecido. — deu de ombros, nos ouvindo de longe com suas orelhas afiadas. — O importante é que o seu pai está bem e eu não consigo me conter de felicidade. Não vejo a hora de tê-lo em casa novamente.

— Os remédios também são importantes. — levantei-me, seguindo para a cozinha. — Não queremos que ele saia e você entre, não é mesmo, Dona Ana? — levei ambas as mãos à cintura.

— Vou tomar, vou tomar. — respondeu num tom irritadiço.

— Obrigada. — abracei-a, beijando-lhe o rosto.

— Não tive muitos filhos... — ela parou, encarando-me. — E não me arrependo disso. Você vale mais que dez.

— E a senhora vale mais que mil mães. Agora me dê isso aqui — peguei a vasilha da sua mão. — e vá tomar seus remédios.

— Tudo bem. Tudo bem. — ergueu as mãos para cima, seguindo para o quarto.

Acompanhei-a com os olhos, até que vi um lindo vaso com flores em cima de uma cômoda que ficava no canto da sala. Ao notar, Marcelly saltou do sofá e veio até mim às pressas.

— São para você. — sussurrou.

— Para mim? — neguei com a cabeça. — Claro que não!

— Sim, para você! — cutucou o indicador no ar em minha direção.

— E quem seria louco o suficiente?

— “Miguel”. — um arrepio subiu por meu corpo, me deixando tão desconcertada que desviei os olhos de Marcelly.

— Tem certeza?

— Quer ver o cartão?

— Não. — dei-lhe as costas.

— Está na cara que o bonitão está a fim. — Marcelly aproximou-se, massageando meus ombros. — Primeiro ele te contrata, depois manda flores...

— Nada disso! — remexi os ombros, soltando-me dela. — A nossa relação é profissional. — balancei a cabeça.

— Não rolou nada? Nenhum clima? Um beijo? — a última questão soou tão convicta que eu mesma duvidei de que a minha mentira iria colar.

— Não! — menti.

— Ah, fala sério! — Marcelly revirou os olhos e se jogou no sofá.

— Estou falando... — menti novamente. Se eu contasse a verdade, Marcelly ficaria insuportável e passaria o dia inteiro com “eu disse” na boca.

Primeiro ele me beija e agora me manda flores? O que aquele imbecil estava pensando? Ele acha que vai me conquistar com esse tipo de truque barato?

— Algum problema, Liandra? — parei, encarando mamãe. — Você está espancando o meu bolo!

— Estou?

— E ainda por cima se lambuzou toda de massa... — ela me olhou com estranhamento. — Dê-me isso aqui. — tomou a vasilha da minha mão.

Olhei-me, confirmando a “lambança”. Dei um longo suspiro e sacudi a cabeça. Está vendo só, Liandra? Basta pensar um tiquinho que seja naquele homem, que você perde as estribeiras.

Maldito seja, Miguel Souza!

CAPÍTULO TRINTA



Venho observando-a com extrema atenção. Sempre que Liandra fica furiosa, os olhos claros adquirem um tom de mel quase vivo. São lindos de se admirar. Nada comparado ao comportamento feroz.

É hora de pensar como Doutor Prazer e não como Miguel. *Vamos, analise-a!* Fechei os olhos, buscando por tudo que nos rodeava até aquele exato momento e concluí que não sabia definir aquela situação.

— Estranho... — murmurei, mordendo os lábios. — Geralmente isso funciona bem quando faço com minhas clientes. Claro, decifro seus maridos, que são homens e pensam como homens, mas quando se trata de mulheres... Ah, elas são imprevisíveis. — dei outra golada no copo de uísque.

Eu havia passado a tarde e parte da noite brincando com Maic. Primeiro jogamos videogame e depois fomos para a piscina, onde ficamos até às onze da noite.

— Está pensando nela... — uma voz familiar ecoou na sala, me fazendo girar a cabeça por todo o cômodo. — Imaginando seu cheiro, o gosto dos seus lábios...

— Karine? — pisquei os olhos algumas vezes, erguendo meu copo para conferir se não havia bebido demais.

— Ah, não poderia haver uma escolha melhor. Ela ama nossa criança como nenhuma outra amaria. — ouvi outra vez.

O meu coração palpitava sem parar. *Por que estou te ouvindo? Você está morta, não está?* A minha vista embaralhou-se aos poucos e uma tonteira repentina me fez deslizar no sofá. Apaguei completamente.

— Miguel? Miguel? — senti uma mão me sacudir, obrigando-me a abrir os olhos. Mamãe. — Maic acordou com febre.

Esfreguei ambas as mãos no rosto, endireitando-me no sofá.

— Que horas são? — gemi, girando o pescoço para tentar aliviar aquela dor irritante na nuca, provavelmente causada por dormir de mau jeito.

— Seis da manhã. — rosnou, passando os olhos pela sala.

— Vou vê-lo. — levantei-me e assim que dei o primeiro passo, ela bloqueou minha passagem.

— Está fedendo a álcool. Tome ao menos um banho primeiro. — uniu os lábios, com os olhos faiscando.

— Tudo bem, tudo bem... — rendi-me, erguendo ambas as mãos.

Imprudência minha. Ela queria dizer, sei que estava se coçando para afirmar aquilo. Não era preciso, eu sabia disso, mas acabamos nos empolgando ontem à noite na piscina.

— Prometo ser mais cuidadoso com ele. — disse antes de deixar a sala.

Tomei uma ducha rápida e vesti um calção e uma camiseta. Os planos de sair de casa, ao menos aquele dia, foram cancelados. Mamãe deu-lhe um remédio para cortar a febre, o que parecia não ter adiantado muito.

— Trinta e oito, quase trinta e nove graus. — murmurei, ao pegar o medidor.

— Vou ter que tomar injeção, papai? — os olhos arregalados e as bochechas contraídas em suas mandíbulas revelavam sua apreensão.

— Talvez... — contive um sorriso ao vê-lo se encolher nas cobertas.

— Não quero tomar injeção. — murmurou choroso.

— Acho que...

— Bom dia, senhor Miguel. — disse Liandra ao atravessar o quarto, sentando-se na cama ao lado de Maic. Primeiro ela apalpou sua testa, depois tomou o medidor de temperatura da minha mão. — Quase trinta e nove. Está alta... — encarou-me rapidamente.

— Alta? — arregalei os olhos.

— Uma febre de 39° graus em uma criança pode causar convulsões. — explicou, colocando o medidor em Maic novamente. — Sua mãe disse que deu *paracetamol*.

— Sim, deu.

— Se não passar, vou dar *ibuprofeno*. — disse sem me encarar. Assim que o medidor apitou, ela o retirou. — Trinta e oito e meio. Estava quanto? — voltou-se a mim, um pouco nervosa com a situação.

— Quase trinta e nove. — repeti.

— Não quero tomar injeção, tia Liandra. — Maic gemeu, encarando-a com os mesmos olhos pidões do Garfield quando pede uma lasanha.

— Injeção é só em último caso. — Liandra sorriu, passando a mão por seu rosto. — Agora fique de pé.

Maic prontamente a obedeceu. Liandra tirou a blusa e a calça de frio e as uniu à coberta, entregando-me. Rapidamente abriu uma das gavetas do guarda-roupas, pegando peças mais leves e um lençol. Observei-a atentamente.

As outras babás eram boas, mas ela era espetacular. Havia mais que profissionalismo em sua postura. Suas ações traziam verdadeira preocupação.

— Senhor Miguel, pode ir à farmácia comprar um antigripal e um remédio para garganta?

— Como sabe que ele está com dor de garganta? — franzi a testa.

Ela apenas sorriu. Ambos me encararam, me fazendo corar por ter feito aquela contestação. Engoli em seco e sacudi a cabeça.

— Estou indo... — levantei-me, acenando com uma das mãos. — Papai logo está de volta... — ao olhar por cima dos olhos, a vi deitada ao seu lado, com um livro infantil nas mãos. Ambos sequer me ouviram.

Cocei a cabeça, admirando aquela cena. Foi inevitável não apreciar aquela visão. Dei um longo suspiro e segui para o andar de baixo.

— Estou indo à farmácia, mamãe. — avisei-a ao passar por ela.

— A febre está baixando?

— Sim. Liandra está com ele. Aparentemente é um resfriado e uma dor de garganta. — gesticulei com uma das mãos.

— E você descobriu isso sozinho? — Dona Ana usou um tom de ironia.

— Sozinho...

Qual o problema das mulheres?

— Quais remédios a senhorita Liandra pediu para comprar?

— Um antigripal e outro para dor de garganta. Ela mencionou *ibuprofeno*...

— Compre também. O meu instinto materno está ultrapassado. Só consigo pensar em medicamentos de quando você ainda fazia xixi na roupa. — disse, cruzando as pernas antes de voltar sua total atenção para a revista que tinha em mãos.

— Sim, senhora... — Porra! Xixi na roupa? Não me lembro disso.

Dirige-me à farmácia mais próxima e comprei os remédios. Eu estava quase chegando em casa, quando o celular tocou. Laura.

— Bom dia. — ela disse usando um tom sexy.

— Nada de bom hoje. Maic está com febre.

— E a babá?

— Está cuidando dele.

— Então podemos sair... — dei um longo suspiro. — Faz dias que você vem me evitando, Miguel.

— Isso não é verdade.

— Então o que é? — a doçura na voz deu lugar à irritação contida. Ela tentava, mas eu já conseguia imaginar sua expressão de mau humor.

— Ok, amanhã cedo.

— Ótimo! Até amanhã. — respondeu empolgada, desligando o telefone.

Aquele foi realmente um dia chato, pois toda a diversão de provocá-la estava temporariamente suspensa até a melhora do meu filho. Liandra passou o dia no quarto de Maic. Sua tarefa seria apenas cuidar dele, mas do meu quarto, eu ouvia suas risadas. Eles pareciam estar se divertindo.

Era quase seis da tarde quando mamãe entrou no meu quarto. O vestido preto tinha um negócio estranho, lembrando penas. Ela parecia um falcão real.

— Está de luto? — espiei-a por cima do *tablet*.

— Vai se matar? — sorriu.

— Bem que a senhora gostaria...

— Não, não gostaria. — sentou-se na beirada da minha cama, unindo as mãos. — Você pode não ter muito valor, mas ainda é meu filho. Um péssimo e descuidado pai, mas ainda é meu filho.

— O que a senhora quer? — coloquei o *tablet* na cama, encarando-a.

— A febre abaixou, mas a dor de garganta não passa do dia para a noite. Acho que seria prudente pedir para que Liandra durma aqui. — mordi os lábios, balançando a cabeça. — Qual é a graça?

— Se eu pedir, ela nunca vai aceitar. — ergui os ombros.

— Que mulher decente aceitaria um convite vindo de você? No mínimo entenderia como outra coisa. — afinou os olhos. — Eu mesma irei pedir.

— Por que me disse então? — arqueei uma das sobrancelhas.

— Estou apenas comunicando para deixá-lo ciente de que você deve ter bom senso e se comportar. — levantou-se e assentiu com a cabeça, deixando o quarto.

— Como assim me comportar? — juro que não entendi o que ela quis dizer com isso.

CAPÍTULO TRINTA E UM

POR LIANDRA



Maic estava assistindo *Netflix* no *tablet*, quando dona Ana entreabriu a porta, deu uma espiada e me chamou com o indicador. Levantei-me e atravessei a porta do quarto, escorando-a.

— Sim, dona Ana?

— Boa tarde, querida. — pegou em minhas mãos, sorrindo. — Eu gostaria de lhe fazer um pedido.

— Pois faça. — sorri de volta, acenando a cabeça.

— Eu gostaria que dormisse essa noite na mansão, para caso Maic precise... — pediu, com os olhos firmes em mim.

Eu? De noite e no mesmo lugar que Miguel? Não! Isso é completamente insano!

— Eu...

— Por mim, Tia Liandra. — Maic surgiu na porta, mirando aqueles grandes olhos azuis em mim. Ele não estava pedindo, estava implorando.

— Bom, eu...

— Podemos jogar videogame com o papai e depois a senhora lê de novo para mim. Eu adorei ouvir um dos contos de fadas... — explicou qual seria o nosso cronograma caso eu ficasse.

Encarei-o primeiro, depois me virei à dona Ana, cujas expectativas não estavam muito abaixo das de Maic. Dei um longo suspiro e assenti com a cabeça.

— Oba! — Maic saltou, agarrando-me pela cintura. — Vamos passar a noite brincando!

— Obrigada. — Dona Ana agradeceu.

— Por nada. Eu só preciso fazer uma ligação, tudo bem?

— Claro, fique à vontade.

— E nada de pés descalços no chão, mocinho. — afaguei os cabelos de Maic e lancei-me em direção ao térreo. — Já volto.

Entrei no meu quarto e peguei o celular dentro da bolsa. Disquei para Marcelly.

— Novidades? — revirei os olhos, bufando.

— Não! A minha mãe já acordou?

— Sequer dormiu. Ela está muito ansiosa e empolgada com a recuperação do seu pai. Saiu ainda há pouco para o hospital.

— Fique de olho nela, amiga. — pedi, dando um longo suspiro.

— Ok. Já está vindo para casa?

— Recebi um pedido de última hora para ficar aqui com Maic. Ele está doentinho... — expliquei.

— Cacetada! E o senhor “B” de bonitão? — disse de um jeito tão engraçado que tive de me esforçar para conter uma gargalhada.

— Não viaja, Marcelly! — ouvi uma risadinha debochada do outro lado da linha. — Quando mamãe chegar, avise-a que vou passar a noite aqui e só chego amanhã às seis da tarde.

— Certo. Até mais, amiga e use camisinha. — desligou o telefone.

— Filha da... — apertei o celular na mão, jogando-o em cima da cama.

Sabe aquela pontinha de arrependimento que bate de leve e depois te acerta com uma pancada que quase te derruba? Foi isso que aconteceu agora. Deus queira que Miguel, a exemplo do dia, permaneça a noite toda no quarto ou terei que me camuflar como um camaleão.

Tenho comigo que ele adora me cutucar, apenas para me ver furiosa. E incrivelmente consegue. Basta esboçar um daqueles sorrisinhos abusados para me deixar irritada.

Essa noite você não vai conseguir me tirar do sério. Não vai mesmo, Miguel Souza!

Depois do jantar, subi para o quarto de Maic. Eu estava quase terminando de contar a história dos Três Porquinhos quando notei que ele havia adormecido. O dia não foi agitado, mas ele parecia exausto. Aconcheguei-o na cama, beijei sua testa e o cobri.

Assim que girei o corpo para sair, não deixei de notar o retrato que eu lhe dei de aniversário. Estava em cima da cômoda, exatamente como ele disse.

— Você é um pequeno anjo. — sussurrei, tornando a encará-lo adormecido, antes de deixar o quarto.

Eu estava quase nos pés da escada, quando aquela voz me fez arrepiar completamente.

— Sabe, eu estava notando algo nas suas pernas. — voltei-me a Miguel, deparando-me com ele sentado no sofá; as pernas cruzadas e o *tablet* em um das mãos, recebendo total atenção. — Elas são tortas.

Franzi a testa, encarei minhas pernas e o olhei, depois encarei-as novamente.

— Não são tortas...

— São sim. — insistiu, balançando a cabeça positivamente. — As pontas dos pés estão apontadas para dentro.

— O importante é andar. — apressei o passo, seguindo para o meu quarto, quando o ouvi novamente.

— Continuam tortas. — soltou uma risadinha irritante, que me fez parar.

— E os seus dentes? — voltei-me a ele, fazendo-o arregalar os olhos.

— Qual o problema com os meus dentes? — Miguel colocou o *tablet* de lado e passou os dedos nos dentes de cima, depois nos de baixo. — Parecem normais...

— São grandes como os de um animal! — revidei e não parei por ali. — Sem mencionar seu nariz. — mordi os lábios, apreciando aquela expressão de pavor.

— O que tem meu nariz? — os dedos subiram dos dentes para o nariz.

— Parece uma vela. — balancei a cabeça positivamente.

Por alguns instantes, Miguel pareceu estar completamente desconcertado. Alguém narcisista como ele ficaria mais que encucado com comentários daquele tipo.

— Como Maic está? — desconversou. Provavelmente ele tomou consciência de que não conseguiria vencer a guerra do “apontamento de defeitos”.

— A febre passou. Agora é só seguirmos com as medicações para garantir a desinflamação da garganta.

— Sinto falta dos gritos dele. — sorriu, abaixando a cabeça.

Senti meu coração se aquecer com aquela confissão. Pai e filho estão se reencontrando. Tanto tempo juntos e tão distantes. Essa aproximação será algo bom para os dois.

— Se me dá licença. — acenei com a cabeça, preparando-me para ir dormir, quando Miguel chamou-me novamente.

— Quer tomar um drinque? — Miguel levantou-se, aproximando-se em passos lentos. — Podemos conversar um pouco.

— São vinte e três horas, senhor Miguel. Não bebo e se bebesse, não seria com você. — encarei-o nos olhos, com ele se aproximando cada vez mais, até parar em minha frente.

— Quem tem medo do Lobo Mau? Lobo Mau? — cantarolou entre sussurros.

— Você não é o lobo...

— Recebeu minhas flores? — sua mão subiu lentamente em minha frente. Quis pará-la, eu devia pará-la, mas o deixei tocar meu rosto, acariciando-o lentamente. — Rosas para uma rosa.

O filho da mãe conseguia ser extremamente gostoso quando queria. O jeito de tocar, a maneira de falar. A voz era tão gostosa e, às vezes, tão familiar... Senti-me úmida, com o bico dos seios ouriçando, me fazendo arrepiar inteira conforme seu dedão roçava por minha pele.

Primeiro o dedão, depois os dedos subindo e descendo por meu pescoço e, por fim, sua mão deslizando por minha nuca. Ele iria...

— Não! Não recebi flores nenhuma. — afastei-me dele, ofegante.

— Da próxima vez mando a floricultura inteira, só para garantir. — piscou para mim, mantendo-se com o peito estufado, os olhos predatórios e o sorriso sacana.

Aquele maldito sorriso que me irritava e que me fazia sentir uma ponta de desejo... O que estou dizendo?! Não, definitivamente não!

Como isso pode estar acontecendo? Nós dois nos odiamos. Nada mais que isso. Nós dois...

Os meus pensamentos foram esmagados por sua boca. Ele avançou sobre mim e me beijou. Fiz menção de empurrá-lo, mas suas mãos tocaram minha cintura com uma firmeza que cheguei a amolecer. Eu não queria, mas meu corpo sim. A minha língua enroscava-se na sua e quanto mais eu provava dele, mais vontade tinha de sentir aquele homem.

Suas mãos subiam por minhas coxas, com seus lábios afastando-se lentamente dos meus. Preparei-me para abrir a boca, mas ele avançou novamente. Eu estava sem fôlego, experimentado sensações tão intensas que não conseguiria descrever.

Quando dei por mim, estávamos no carpete da sala. Seus lábios deixaram trilhas de saliva por meu pescoço, até que ele parou. Os olhos felinos me analisavam, esperando uma reação que contivesse seus dedos desabotoando minha blusa lentamente.

Aquilo quebrava todas as normas de uma boa relação profissional... Fodam-se as normas! Estou sedenta por prazer, o meu corpo queima por dentro, pedindo por ele dentro de mim.

Mas... Não se iluda com essa minha pose de menina domável, Miguel. Se há alguém que será dominado aqui, esse alguém é você, o meu objeto de prazer...

Rendi-me a situação, mas não a ele. Virei-nos bruscamente, ficando por cima dele, sentada sobre seu volume que roçava na minha calcinha. A expressão de espanto, seguida por um sorriso, me deixou ainda mais excitada.

Inclinei-me, segurando seu queixo com uma das mãos e comecei a beijar seus lábios, mordiscando-os quando os puxava em minha direção. As suas mãos grandes, que alisavam minhas coxas, subindo e descendo em um caminho de vai e volta por minha cintura, me arrepiavam completamente.

Primeiro retirei a blusa, jogando-a para o lado, depois o sutiã, fazendo-o morder os lábios, o que me arrancou um sorriso de canto.

— Seus seios são lindos.

— Sei que sim. — sorri ao parar com o rosto próximo ao seu, passando a mão pelos cabelos, para colocar uma das mechas caídas atrás da orelha.

Miguel avançou outra vez, segurando minha nuca. Esse novo beijo foi mais intenso que o primeiro. Senti sua mão deslizar por meu corpo lentamente, enfiando-se aos poucos dentro da minha calcinha. Puxei a saia um pouco para cima, facilitando as coisas.

Primeiro senti dois dedos, depois três, que me fizeram gemer baixinho. Tinha muito tempo que eu não praticava. Os movimentos lentos e insistentes me faziam desejá-lo ainda mais.

Ele se inclinou um pouco, abocanhando meus seios. Primeiro um e depois o outro. Havia vontade na sua boca, havia gula, havia desejo... Ele me chupava como se eu fosse a mais saborosa fruta que ele já havia provado. Aquilo me deixava em chamas, uma fogueira tão alta que mesmo um batalhão do Corpo de Bombeiros não conseguiria apagar.

Levantei-me, fugindo dos seus dedos e girei o corpo em cima dele, dando-lhe as costas. Automaticamente, sentei em seu rosto e inclinei-me para frente, começando a tirar suas roupas. O seu pau estava estourando, quase rasgando a cueca. Calmamente o libertei, apreciando a visão daquele mastro.

Era rosado, com alguns pelos ralos em cima, uma cabeça grande e inchada e um tronco grosso, sem veias. As bolas eram fartas. Miguel realmente era um homem completo.

— Primeiro os cavalheiros... — ele murmurou e antes que eu pudesse olhar para trás, gemi alto quando senti sua língua massagear minha boceta.

Instintivamente comecei a rebolar o quadril, esfregando minha boceta em seu rosto. Segurei seu pau com força, fazendo-o gemer. Mordi os lábios, contendo um sorriso, e abocanhei seu cacete. Os meus lábios desciam e subiam por seu pau em movimentos lentos e contínuos, enquanto eu apertava suas bolas com uma das mãos. As subi para a base do seu membro, desferindo mordidinhas leves em sua glândula, fazendo-o gemer outra vez.

— Oh, isso é muito bom! — Miguel ofegou.

— Faça por merecer. — murmurei, deslizando a língua da glândula até a base, subindo outra vez, antes de voltar a chupá-lo.

Havia mais que prazer naquilo. Uma satisfação incontida começava a se manifestar dentro de mim. Eu estava no controle.

Rapidamente me coloquei de pé e deitei no sofá, com as pernas entreabertas, massageando meu clitóris. Miguel me acompanhou e pegou um preservativo dentro da carteira.

— Ainda não mereceu... — mordisquei minha boca, deslizando as mãos dos meus seios até os pés do meu abdômen.

— Você é ainda mais linda nua. — veio em minha direção, com aquele mesmo sorriso cafajeste, me deixando mais excitada.

— De joelhos. — ordenei.

Ele franziu a testa em estranhamento, mas não disse nada, apenas se ajoelhou entre elas e, quando o fez, segurei em seus cabelos, afundando seu rosto na minha boceta.

Sem precisar dizer mais nada, o senti me puxar pelas pernas, obrigando-me a passá-las pelo seu pescoço, enquanto sua boca me fazia arranhar o sofá. Ah, aquela língua era maravilhosa, tão maravilhosa que...

Contive meus gemidos, arranhando meu próprio corpo, enquanto via aqueles olhos predatórios me encarando em meio ao gozo.

Miguel se levantou e me puxou pela cintura, encarando-me nos olhos. Nossos lábios colaram-se rapidamente, com ele me pegando no colo. Prontamente ele se sentou no sofá e eu passei os braços pelo seu pescoço, beijando do seu pescoço até chegar a sua orelha, onde mordisquei.

— Agora pode colocar o preservativo. — usei um tom sensual.

— Quer me sentir dentro de você, professora Liandra? — usou um tom sexy delicioso. Um pouco *familiar*, mas isso não era hora.

— O que acha? — ergui uma das sobrancelhas, passando a língua por meus lábios.

Miguel vestiu o pau e se enfiou dentro de mim. Cravei minhas unhas em sua pele, fazendo-o morder meu ombro. Seus movimentos iniciais eram lentos e ele parecia fazer questão de que o sentisse dentro de mim.

Deslizei minhas mãos do seu ombro para seu peitoral, fazendo-o parar. Sorri e comecei a quicar em seu pau, mantendo meus olhos fixos nele. Suas mãos revezavam-se entre minha cintura e minha bunda, que ganhava tapas gostosos, excitando-me ainda mais.

Conforme eu pulava, sentia todo meu corpo pular comigo, inclusive meus seios. A sensação daquele pau vibrando sem parar dentro de mim era deliciosa e me fazia querê-lo a noite toda, pausando para o descanso e recomeçando, até ficarmos completamente exaustos.

Miguel se conteve por pouco tempo e eu havia entendido a razão. A expressão de prazer em seu rosto havia dobrado. Suas mãos seguravam minha cintura com força, enquanto seu quadril subia sem

parar, fazendo suas bolas baterem na minha bunda.

Inspirei profundamente, sentindo o aroma de sexo, rebolando contra suas socadas cada vez mais fortes. Eu também estava sentindo, estava chegando...

Nossos gemidos mixaram-se em um único som melódico de puro prazer. Gozamos juntos. Ele a primeira e eu a segunda vez. Ambos estávamos suados e ofegantes quando paramos. Segurei seu rosto com ambas as mãos, vendo a satisfação em seu rosto, assim como ele devia estar vendo-a no meu.

— Você nunca irá me dominar na cama. — sorri ao dizer aquilo, selando seus lábios antes de abraçá-lo, deitando meu rosto em seu ombro, ainda ofegante.

— Espero que isso nunca aconteça, pois você é o diferente que eu mais gostei até hoje. — ele sussurrou em minha orelha, me fazendo sorrir.

Seguimos para o meu quarto, o quarto da babá, onde nos servimos com mais duas rodadas de sexo. Eu estava tão cansada que mal conseguia me manter de olhos abertos, vendo aqueles grandes olhos felinos em cima de mim.

— Vá para a sua cama.

— Daqui a pouco. — respondeu, roçando o polegar em meus lábios.

— Você foi a primeira mulher que deixei me dominar na cama.

— Se quiser outra vez, é bom se acostumar. — sorri, fechando os olhos. — Eu faço o meu próprio prazer, senhor Miguel, e se você não me faz gozar, não merece chupar minha boceta. — sorri outra vez.

Pura loucura. Nada que saía da minha boca fazia sentido. Eu havia enlouquecido de prazer em seus braços, eu nunca fui assim... Tudo é culpa dele, tudo é culpa desse homem...

Adormeci.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

POR LIANDRA



Entreabri os olhos quando senti uma mão pousar em minha cintura. Eu estava no quarto, mas... Ao olhar por cima do ombro, vi Miguel deitado ao meu lado, completamente nu.

— Fora! — berrei, antes de girar na cama e chutá-lo com os dois pés.

— É isso que eu chamo de coice de égua... — bocejou, ainda sentado no chão. — Eu esperava ser acordado com mais carinho... — fez um beicinho, sacudindo a cabeça negativamente.

— Foi apenas sexo. — virei o rosto na direção oposta à sua. — Se vista e saia daqui.

— Amanhã tem mais? — lançou-me um sorriso sacana ao parar na porta, ainda nu.

— Não! — gritei baixinho.

— O que vão dizer quando me virem sair pelado do seu quarto? — arregalei os olhos, saltando da cama, enrolada no lençol.

— Vão dizer que... — apontei o indicador na sua cara, perdendo a fala.

— Ainda são seis da manhã e ninguém está acordado, exceto mamãe que toma chá na área dos fundos. — disse, segurando meu queixo e beijando minha testa. — Você é surpreendente, professora Liandra. — jogou-me uma piscadela, deixando o quarto.

Quanta adrenalina em tão poucos segundos. Imagina o que iriam falar se vissem aquele homem andando nu pela casa após sair do quarto da babá do filho? O que aconteceu ontem foi loucura. Uma imensa e completa loucura. Isso não vai se repetir mais, não vai!

Tomei um banho gelado para esfriar a cabeça e o corpo. Por mais que eu ainda deteste o ego inflado de Miguel, não posso negar que ele é bom de cama.

Sacudi a cabeça, esfregando o rosto, e me forçando a reprimir qualquer pensamento a respeito da noite passada. Todo o acontecido ficou no banheiro. Rapidamente aprontei-me para começar o trabalho.

Primeiro dei uma rápida passada no quarto de Maic para conferir se estava tudo bem. Ele havia suado bastante, nada anormal. Desci às pressas com receio de deparar-me com Miguel e entrei na cozinha. O café estava posto. Sentei à mesa, peguei um pão e comecei a recheá-lo.

— Bom dia, professora. — a voz estridente me fez olhar rapidamente para trás. *Laura*.

— Bom dia. — respondi secamente, abaixando a cabeça.

— Como estão sendo os primeiros dias? — puxou a cadeira do meu lado e sentou-se, apoiando

os cotovelos na mesa e o queixo nas mãos.

Terminei de mastigar o pedaço de pão que estava na boca, engoli e respirei fundo. O que ela quer? Ah, claro, está preocupada com o destino de Miguel.

— Bons.

— Nada de diferente? — abriu um sorriso sugestivo de canto.

— Não.

— Para o seu bem, as coisas devem seguir nesse ritmo. — alargou o sorriso, tombando a cabeça para o lado. — Eu realmente detestaria ter que lhe tirar do jogo.

Abaixei a cabeça outra vez, servi-me um pouco de café preto e mantive a xícara erguida, próxima ao rosto.

— E nesse jogo você é qual peça? — perguntei despretensiosamente, apenas para ver onde sua conversa chegaria.

— Sou a Rainha!

— E se porta como um peão... — ergui a xícara em sua direção e tomei um gole, apreciando sua expressão dócil se transformar em um temporal de fúria.

— Escute aqui, empregadinha... — ergueu o tom de voz, batendo ambas as mãos na mesa ao se levantar.

Explodi por dentro ao ouvir aquele “empregadinha” Acompanhei-a, colocando-me de pé. Respirei fundo e pensei dez vezes antes de perder as estribeiras.

— Senhorita Laura... — interrompi-a, usando todas as minhas forças para manter a voz em um tom ameno. — Não sou sua funcionária, não lhe devo satisfações e também não tenho obrigação alguma de ouvir seus chilikues. — sorri, assentindo com a cabeça. — Se me der licença.

Que mulherzinha sem noção!

Antes que eu pudesse cruzar a saída da cozinha, a senti segurar-me pelo braço. Girei a cabeça para trás, primeiro olhando para sua mão, depois para o seu rosto. Puxei meu braço, desvencilhando-me dela.

— Não terminei com você. — rosnou, fulminando-me com os olhos.

— Pois eu já.

— Algum problema? — Dona Ana surgiu do nada, revezando seus olhos entre nós duas.

— Não, não. — Laura aproximou-se de dona Ana, dando-lhe três beijinhos no rosto. — Eu estava apenas perguntando à babá se ela teria alguma restrição em trabalhar na casa de uma amiga minha. Ela teve gêmeos e está procurando por uma funcionária. — mentiu descaradamente.

— Entendo. — Dona Ana encarou-me. Vi no seu rosto que ela não havia engolido aquilo. — De todo modo, meus planos para Liandra são longos. No que depender de mim, sua permanência aqui é certa.

Apesar de Laura estar de costas para mim, consegui visualizar em minha imaginação a cara que ela faria caso dona Ana não estivesse ali.

— Vou deixar as duas conversando. Preciso ver como Maic está. — balancei a cabeça, passando por elas.

Essa mulher vai me perseguir enquanto eu estiver nessa casa. Não tenho planos de ficar por aqui. Até tinha, mas depois da noite de ontem, realmente não posso. Vou apenas cumprir o contrato de experiência e ao fim, irei me despedir deles.

Como dizem: *é preciso cortar o mal pela raiz.*

Passei parte da manhã no quarto com Maic. Apenas quando ele acordou que descemos. A melhora era nítida, apesar de ele ainda sentir um pouco de dor na garganta. Nada que não fosse resolvido nos próximos dias.

— Tia Liandra? — girei a cabeça para o lado, encarando-o na outra cadeira de descanso, com o sol da manhã tocando nossos rostos. — O que é a morte? — pisquei algumas vezes.

Será que isso tem a ver com a morte da mãe?

— A morte é um mistério. — respondi depois de pensar um pouco. — Alguns dizem que é o fim. Outros que é o recomeço, a entrada em um novo mundo, e também temos aqueles que afirmam com convicção que é um sonho onde o morrer aqui, significa acordar lá.

Maic uniu os lábios, movendo o beicinho que se formou de um lado a outro.

— O meu pai uma vez disse que a morte é um tormento. — engoli em seco.

— Quando se perde uma pessoa muito querida, a morte pode se tornar um tormento, uma ferida incurável que sempre irá doer. — expliquei.

— Então ele está doente? — Maic sentou-se na cadeira, com os olhos arregalados. — E tem cura?

Sorri diante de tamanha inocência, sacudindo a cabeça negativamente.

— Ele não está doente. — *talvez esteja, mas não do modo que você pensa.* Dei um longo suspiro. — Não se preocupe com a saúde do seu pai. Ele está perfeitamente bem.

— Eu não gostaria de ficar sem papai, tia Liandra... — gemeu, deitando-se novamente na cadeira.

Quem gostaria? Vi a mim mesma naquela confissão. Algumas semanas atrás, quase perdi o meu pai em um acidente.

E falando no diabo... Miguel apontou na porta, parou com as mãos na cintura, passando o olho pelo imenso quintal. Quando nos viu, lançou-se em nossa direção, calçando sapatilhas, bermuda jeans, camiseta branca de manga curta e óculos escuros.

— Bom dia. — enfiou ambas as mãos nos bolsos ao parar em nossa frente.

— Bom dia, papai. — Maic saltou da cadeira, abraçando-o pela cintura.

Virei o rosto para o lado, evitando encará-lo.

— Bom dia, senhor Miguel.

Estar perto dele se tornava cada vez mais estranho. Já não havia tanto desprezo, nem raiva. Claro, eu continuava odiando algumas coisas, mas eu começava a vê-lo com outros olhos. Acho que parte disso se deve à forma atenciosa com que ele vem tratando Maic. Aparentemente, seu instinto de pai começou a dar sinais de ação.

— Que tal um banho de piscina? — sugeriu, afagando os cabelos de Maic.

Acrescento: o instinto de pai despertou, mas a maioria dos homens não tem noção de como é cuidar de uma criança.

— Sim! — Maic saltou, erguendo os braços para cima.

— Detesto acabar com a festa de vocês, meninos, mas... — levantei-me, unindo as mãos. — A dor de garganta do Maic ainda não passou.

— Está quase passando, tia Liandra. — o pequeno veio até mim, com aqueles olhos pidões.

— Se adoecer novamente, os remédios não irão ajudar e a única saída será a injeção. — Maic mexeu os ombros meio sem jeito.

— Não quero injeção. — sacudiu a cabeça.

— O banho de piscina está suspenso. — Miguel encarou-me rapidamente e pegou Maic no colo. — A hora da vingança chegou! Lutaremos até o fim! — bradou Miguel fazendo uma voz muito louca, que arrancava risadas de Maic.

Entramos na mansão. Os dois renderam-se ao videogame, com direito a uma “lutinha” após discutirem sobre o contínuo roubo de Miguel nas partidas. Era impossível não rir daqueles dois juntos. Quem era a criança ali?

Ao fim do expediente, fui deixada em casa. O silêncio fez seu trabalho e nos manteve distantes, como deveria ser.

— Até mais, meninos. — acenei com uma das mãos assim que desci do carro e bati a porta.

— Até. — disse Miguel um pouco pensativo.

— Tchau, tia Liandra. — Maic acenava do banco de trás com uma das mãos.

Quando entrei no apartamento, tive um dos maiores sustos da minha vida. Flores, flores em todos os cantos: sofá, mesa, chão, em cima da geladeira...

— Liandra! — Marcelly veio em minha direção com os braços abertos, abraçou-me e segurou meus ombros. — Viu quantas flores?

“Da próxima vez mando a floricultura inteira...”

— Maldito seja, Miguel Souza! — rosnei.

— O que vamos fazer com tantas flores? — Marcelly pareceu não ter me ouvido. Sua atenção se voltava àquele pequeno problema. — A mistura de aromas está começando a deixar meu nariz irritado.

— Ligue para a floricultura que as trouxe e peça para buscarem ou iremos jogar fora. Ah... — ergui o indicador. — também diga que não queremos reembolso. — sorri de lado.

— Sim, senhora!

Joguei-me no sofá com os braços abertos. Eu estava exausta. Aqueles dois últimos dias, praticamente sem parar um único segundo, haviam sugado toda a minha energia.

— A minha mãe está no hospital? — permaneci mirando o teto.

— Sim. Saiu daqui com seis formas de bolos para dar aos enfermeiros. — sorri ao ouvir aquilo.

Ela não muda mesmo, o que é muito bom, pois se mamãe vem se empenhando nos bolos, isso é um sinal de que ela está otimista. E o que menos quero agora é vê-la trancafiada naquele quarto.

— Ah, antes que eu me esqueça. — Marcelly parou em minha frente, com os braços cruzados. — Doutor Prazer agendou uma consulta para você.

— Estou tão cansada... — gemi.

— Pois tome um banho. O horário foi marcado para as vinte e uma horas. — endireitei-me no sofá, vendo-a confirmar com um movimento de cabeça. — Ande! Ande! Faça o meu investimento valer a pena.

Ao encarar o relógio que ficava em cima da porta, dei-me conta de que já estava atrasada. Apressei-me para me arrumar. Fazia um tempo que eu tinha ido até o Doutor Prazer, e da última vez apenas conversamos sobre assuntos que fogem da sua especialidade.

Foi bom ser ouvida por um estranho. Quando pessoas próximas estão ao seu redor em momentos difíceis, elas oferecem apoio, mas escondem o lado racional, a realidade da situação, e buscam apresentar apenas o lado positivo.

Há momentos na vida em que é necessário colocar os sentimentos de lado e agir com seriedade e frieza. A emoção não acompanha a razão. Foi justamente isso que aprendi na minha última consulta com o Doutor Prazer.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS



“Liandra é diferente de todas as mulheres que já conheci, principalmente na cama. Ela não gosta de ser domada; eu gosto de domar e isso me excita mais que qualquer outra coisa”.

• • •

Quando estacionei na garagem de casa, Maic desceu correndo para dentro. Combinamos de passar a noite jogando. Não havia nenhuma atividade melhor para ele. Se eu oferecesse o leque de opções, o videogame sempre venceria.

Mal desci do carro e dei de cara com Laura. *De onde ela saiu?*

— Estive aqui mais cedo e fui informada de que você não estava. — passou os olhos por mim, de cima a baixo. — Não estava ou não quis me receber?

— Estava no terceiro andar.

— O que há de tão secreto lá? Você não deixa ninguém entrar. — deslizou as mãos pelo meu peito, por cima da camisa.

— Segredo meu. — ergui as sobrancelhas, segurando suas mãos. — Hoje não posso sair. — adiantei a resposta da pergunta que viria a qualquer momento.

— Não pode ou não quer? — fez um beicinho, descendo uma das mãos até o cós da minha calça, segurando-a com firmeza. — Estou com saudades...

— Não posso. As minhas férias são dedicadas ao meu filho. — rocei o polegar no seu rosto. — Não gosto quando tenta se aproximar de mim, eu me sinto pressionado. — encarei-a fixamente.

— Sei... — Laura afastou-se, torcendo a boca. — Como a empregadinha... — fechei o cenho. — A professora está se saindo?

— MUITÍSSIMO bem. Como falei outro dia, Maic a adora.

— Ouvi que ela dormiu aqui ontem. — comentou, usando um tom sugestivo.

— Ouviu bem. Ela realmente dormiu aqui ontem. — confirmei. Laura deu um longo suspiro, afastando-se de mim.

— Vocês dois tem uma boa relação?

— Uma boa relação profissional. Ela não gosta de mim. Seria mais fácil se gostasse. — dei de ombros, seguindo para a entrada da mansão.

— O que seria mais fácil? — Laura acompanhou-me.

— Ela é a babá do meu filho. Quanto melhor nossa relação, melhor para ele. — pontuei.

Laura engoliu a resposta, mas estava nítido na sua cara que ela não acreditava nas minhas justificativas. É natural que uma mulher esperta como ela não se deixe levar por desculpinhas.

— Bom, qualquer coisa sabe onde me encontrar. — abraçou-me pelo pescoço, beijando meu rosto. — Sempre estarei pronta para você. — sussurrou em meu ouvido.

Quando ela se afastou, nossos olhos se alinharam. Se eu não soubesse que tipo de mulher você é Laura, eu até sentiria uma pontinha de pena, mas eu sei... E como sei. E é por essa razão que sigo ignorando seu outro lado, mas até quando vamos manter esse teatro?

— Boa noite. — peguei sua mão, beijando-a.

— Boa noite. — despediu-se com um breve aceno de mãos.

Dei um longo suspiro e entrei. Maic estava com o semblante fechado e os braços cruzados, sentado no sofá.

— O que foi?

— Achei que tivesse ido embora... — abaixou a cabeça.

— Prometi que iríamos jogar... — agachei-me em sua frente, roçando o polegar em seu rosto. — Não prometi, campeão?

— Você quase nunca cumpre suas promessas, papai. — sussurrou, abaixando a cabeça. — Eu vi a tia Laura falando com você e pensei que fosse me deixar sozinho...

— Eu não trocaria você por nenhuma mulher do mundo. — abracei-o, roçando a ponta dos dedos em seus cabelos. — Eu tenho sido um péssimo pai, mas estou realmente decidido a melhorar. — afastei-me, segurando-o pelos ombros. — Você pode me ajudar nisso?

— Posso! — respondeu animado.

Nenhum homem nasce sabendo ser pai. Homens aprendem a serem pais. O sorriso do seu pequeno aquece seu coração e desperta sentimentos desconhecidos até então. É um amor diferente, singular. É o que eu chamaria de sentimento de proteção extrema.

Queremos proteger nossos filhos do mundo, das pessoas, das decepções e das dores que nos cercam e, em alguns casos, até de nós mesmos.

Não sei ser pai, mas estou me esforçando para me tornar um bom pai. Eu fugi dessa responsabilidade, é verdade, mas quando “aquela zinha” me abriu os olhos, entendi que essa não era a

resposta para os meus medos.

— Nada de roubar, papai... — Maic afinou os olhos, sentando-se ao meu lado com um controle nas mãos.

— Quem disse que eu roubo no jogo? — arqueei uma sobrancelha, ganhando um tapa no braço. — Ok, algumas vezes...

— Não pode, papai!

— Prometo que não vou roubar. — assenti com a cabeça.

Promessas. Ah, meu amigo, quando você promete algo aos filhos, é melhor cumprir, pois eles cobram. Dizer aquilo me lembrou de quantas promessas não cumpri. O jogo era insignificante, mas se eu havia feito uma promessa, deveria cumprir.

— Então vamos começar... — dei a largada, empolgado, pegando o outro controle no sofá que estava ao meu lado. — Estou pronto. — *para perder*. É impossível ganhar dele nesses jogos sem roubar.

Após um tempo, fizemos uma pausa para o lanche e seguimos jogando. Eu estava quase vencendo a minha primeira partida quando meu celular tocou. Retirei-o do bolso, encarando o visor. Janaína.

— Já volto. — avisei a ele.

— Não demore, papai.

Fui para a sala de estar para poder atender ao telefone.

— Boa noite, Janaína. A que devo sua ligação?

— Como o senhor me pediu, a consulta foi marcada para essa noite. — Janaína informou-me, tossindo. — Espero um bom extra por me fazer sair de casa nas férias e ainda por cima resfriada.

— Que consulta? — eu não me lembrava do que se tratava.

— Com a senhorita Liandra.

— Ela confirmou?

— Sim.

— Qual horário?

— Vinte e uma horas.

Olhei o relógio de pulso. Quase vinte horas. Dei um longo suspiro, mordendo os lábios. Aquela insistência era apenas para me vingar dela por sua petulância, mas já não quero mais isso; talvez seja

melhor cancelar e abandonar essa ideia de vez.

— Senhor Miguel?

— Está tudo certo. Talvez eu me atrase um pouco, mas você pode fazer sala enquanto não chego.

Por outro lado, as consultas me dariam uma oportunidade única de saber como anda sua vida particular. Se a quero como minha mulher, preciso conhecê-la por completo.

— Como quiser. Até mais tarde, senhor Miguel. — desligou o telefone.

Levei o indicador em riste aos lábios, analisando aquela situação. Maic ainda não dormiu e não posso simplesmente pisar na bola com ele outra vez.

Ao retornar para a sala, rodeei o sofá e peguei o controle.

— Viu só? Eu não demorei... — emudeci ao encará-lo adormecido no sofá. Franzi a testa imaginando que aquilo só podia ser coisa do destino.

Peguei-o no colo e o levei para o quarto. Depois que retirei seus sapatos, o cobri. Dei-lhe um beijo na testa e um longo suspiro.

— Sua futura mãe me aguarda. — sussurrei em tom baixo.

Aprontei-me rapidamente e em menos de vinte minutos eu estava na *Clínica do Prazer*. Janaína me aguardava do lado de dentro.

— Boa noite, Doutor Prazer. — disse com um sorriso no rosto, que se desfez rapidamente. — Espero que não demore... — sua voz falhou, com seus olhos afinando-se, finalmente reparando o estrago da briga. — O que houve com seu rosto?

— Ah, eu me meti em uma confusão por causa do Maic. — cocei a cabeça, meio sem jeito.

— Seu rosto é seu ganha-pão. Espero que se lembre disso antes de se meter em outra confusão. — cruzou os braços, fechando o cenho.

— Não irei prometer nada. — passei por ela, jogando-lhe uma piscadela. — Estou trabalhando a ideia de cumprir todas as promessas que faço.

Subi as escadas e entrei no meu escritório. Nem me dei ao trabalho de mexer em nada. Sentei-me no sofá e aguardei. Eu estava ali apenas por ela, apenas para desvendar o que há por trás de Liandra.

Naquele instante, fiz uma pergunta pertinente: será que, nem por um segundo, Liandra nunca me imaginou como o Doutor Prazer? Claro, mudo a voz ao atender minhas clientes. É necessário soar elegante e sensual, mas ela não é mais uma estranha.

— Ela chegou. — disse Janaína ao abrir a minha porta. Assenti com a cabeça. — Cinco minutos.

— fechou a porta.

Atravessei o cômodo entrando no consultório. Sentei-me na cadeira giratória e permaneci de costas para a porta. Quando a ouvi entrar, endireitei-me na cadeira.

— Boa noite, senhorita Liandra.

— Boa noite, Doutor Prazer.

— Por favor, sente-se.

Dei uma rápida espiada de lado. Liandra estava deitada no divã, com as pernas cruzadas e as mãos no colo.

— Por favor, vende os olhos. — pedi. Ela o fez sem hesitar. — Quais os planos de hoje?

— Eu gostaria de... — pareceu meio sem jeito. — Eu gostaria de conversar como fiz na última consulta.

Cruzei as pernas, deslizando uma das mãos do topo do joelho até a ponta dos sapatos. Por que você é tão diferente? Qualquer outra mulher, em uma quarta consulta, entraria nesse consultório louca para transar comigo.

— Como seu pai está?

— Ah, ele saiu do coma. — girei-me na cadeira, contendo um sorriso. — O médico disse que a melhora é um grande passo e... — abriu um largo sorriso. — Aconteceu um milagre, Doutor.

— Qual seria?

— Algum desconhecido pagou todas as despesas do meu pai. Recuperamos o dinheiro da casa, não o que valia, mas dá para financiar uma nova para eles. — disse roçando os dedos um nos outros.

— Fico muito feliz que alguém tenha se disposto a tal ato...

— Foi você? — aquela pergunta me pegou de surpresa.

— O quê? — respondi automaticamente por conta do susto.

— Poucas pessoas sabiam das nossas condições, então imaginei que pudesse ter sido o senhor... — murmurou. — Na verdade, não pensei muito nisso, mas quando cheguei à entrada da clínica, lembrei-me da nossa conversa, por isso...

— Não, não fui eu. — menti.

— Ah, eu só queria agradecer. — mexeu os ombros, virando o rosto para o outro lado. — Essa pessoa tem minha mais sincera gratidão. — deu um longo suspiro.

— E quanto à vida amorosa? — levei o assunto para outra direção.

— Sem interesses no momento. — mal terminei e ela respondeu.

— Sexo? — abri um sorriso de canto.

Liandra ficou muda por alguns instantes, parecendo pensar no que iria responder. Cheguei a ter a sensação de que minha vocalização havia falhado.

— Aconteceu...

— E foi bom?

— Confesso que sim. — aquilo encheu meu ego. — Ele é bom de cama, mas ainda precisa aprender algumas coisas.

— Interessante. Que coisas seriam?

— Mulheres como eu não gostam de ser dominadas na cama. Gostamos de dominar. — mordi os lábios. — O nosso prazer depende apenas de nós mesmas. O sexo para nós é, em primeiro lugar, para nos fazer gozar. Se um homem não me faz gozar, bem...

— Ele te fez gozar?

— Duas vezes. — a minha garganta secou. Admirá-la, mesmo de longe, me fazia sentir sede da sua boca.

— Foi apenas sexo?

Silêncio.

— Pretende vê-lo novamente?

— Ele é meu patrão.

— Uma relação perigosa...

— E nada saudável. Sou a babá do filho dele. Isso me soa tão errado... — sacudiu a cabeça. — Eu o odiava por completo, pois ele era um péssimo pai, mas devo dizer que meu patrão vem ganhando minha simpatia.

Devo confessar que eu também te odiava. “Aquelazinha” que surgiu jogando na minha cara as verdades que eu detestava ouvir. Eu quis me vingar e te dominar, mas não foi o que aconteceu. Na verdade, foi você quem iniciou toda essa mudança, Liandra.

— A que se deve isso?

— O pai interior dentro dele despertou.

Uma mulher que se atrai não só pela beleza masculina, mas também pelas ações e responsabilidades que envolvem todos ao seu redor.

— Doutor?

— Sim?

— Sou uma mulher atraente? — aquilo me fez arregalar os olhos.

— Você é uma mulher bonita, mas não há nada de especial no seu exterior. A sua verdadeira beleza está dentro de você, e o homem que conseguir enxergar isso, certamente será feliz ao seu lado. — naquele momento, não era o Doutor Prazer, era apenas Miguel.

Simplesmente saiu. Abri a boca e quando vi, eu mesmo estava surpreso.

— É muita gentileza da sua parte.

— Apenas fui sincero...

— Se importaria se nossas consultas se mantivessem nesse ritmo? Gosto quando você me ouve.

— Gosto de ouvi-la. Você me faz refletir sobre a vida. — girei a cadeira, tornando a ficar de costas para ela.

— Quando verei seu rosto?

— Um dia.

INTERLÚDIO 2

POR LAURA



Mansão dos Cavallera

Miguel vem recusando minhas ligações e sempre que atende está ocupado. Sei bem o que está acontecendo. É a empregadinha...

Relação profissional? Conta outra! Se eu não te conhecesse, diria que você está interessado na professorinha do fundamental.

Levantei-me da cama e fui diretamente para o quarto da minha mãe, expondo toda a situação atual que atrapalhava nossos planos.

— Não há dúvida de que ele está interessado nela. — sentenciou.

— Droga! — soquei a cama. — O que vou fazer? Aquela vadia vai passar o mês inteiro com eles. Preciso dar um jeito de me enfiar naquela casa.

— É preciso reconsiderar o destino do garoto. — disse, virando-se para mim. — Apesar de toda a distância que os envolve, como você havia me dito, obviamente é a criança quem os está aproximando, ainda que involuntariamente.

— Maic não é muito chegado em mim. — sacudi a cabeça, forçando um sorriso. — Se depender de uma boa relação com ele, estou perdida.

— Você é adulta e ele é um fedelho chorão. Não é tão difícil enganar uma criança, ou é? — ergueu uma das sobrancelhas.

Permaneci muda.

— Sobre se aproximar deles... Bom, eu tenho uma carta na manga. — afinou os olhos. — Não esperava ter de usá-la tão cedo, mas dado o ritmo das coisas... — tombou a cabeça para o lado lentamente. — Pegue o telefone.

Prontamente atendi a sua ordem. Mamãe discou alguns números e o colocou na orelha, encarando-se no espelho.

— Ana, minha querida. Como está? — um sorriso brotou em seu rosto, fazendo-a se levantar e começar a andar pelo quarto, em círculos. — Aqui também estamos bem, mas com um pequeno problema. — lançou-me uma rápida olhada.

Carta na manga? Aquilo ainda estava impregnado na minha cabeça. Sei que a amizade das duas vem de longa data, mas mamãe nunca comentou sobre nenhum segredo do passado. Se é que há algum.

— Começamos a reforma anual da mansão e, como você bem sabe, Laura tem alergia ao cheiro forte dos produtos e eu estarei viajando em alguns dias. — gesticulou com as mãos. — Gostaria de saber se é possível recebê-la em sua casa, ao menos até o fim da reforma. Eu me sentiria mais confortável se ela ficasse sob sua atenção ao invés de um hotel. — olhou-me outra vez. Respondi-a com um sorriso.

A genialidade está no sangue. Mamãe é simplesmente perfeita. Quando ela quer algo, ela consegue.

— Obrigada. Não sabe como me sinto bem em saber que você continua receptiva como sempre. Ah, lhe trarei presentes quando voltar de Veneza. Beijinhos. — desligou o telefone, jogando-o na cama.

— O que ela disse? — aproximei o rosto.

— Você continua sendo vista com maus olhos por Ana. Não que isso importe muito, mas tente se aproximar dela, também. — sentou-se ao meu lado na cama. — Ela está velha, mas é muito esperta. Lembre-se disso.

— Quando irei?

— Amanhã mesmo. — assentiu com a cabeça.

— E a tal carta na manga? — lembrei-a, deixando-a pálida.

— Sobre isso... Repensei e prefiro deixar apenas para uma situação incontornável. — virou o rosto para o lado. — Espero usá-la apenas caso você falhe... — tornou a me encarar. — Por isso, não falhe. — afinou os olhos.

Olhei-a com estranheza, ainda sem entender que diabos era aquilo que as duas estavam escondendo, mas seja lá o que for, isso quer dizer que tenho duas chances. Ainda que eu tenha absoluta certeza que vou destruir qualquer fio de atração entre Miguel e Liandra na primeira oportunidade!

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

POR LIANDRA



Era estranho ver como as minhas consultas amorosas se tornaram sessões de terapia. Acredito que em algum momento da nossa conversa, o Doutor Prazer e eu nos identificamos. Também não posso deixar de suspeitar que tenha sido ele quem pagou os gastos do meu pai no hospital. Eu sinceramente nunca tinha cogitado isso, mas quando pus os pés na clínica, lembrei-me da nossa conversa envolvendo todo meu drama. Havia vontade de ajudar em sua voz.

Pode ser loucura da minha cabeça, mas quem nos ajudaria? Somos pessoas humildes, não temos amigos com uma condição financeira capaz de nos fazer tal graça. Bem, de todo modo, ele disse que não foi ele. Acho que não há razão para desacreditar nisso.

“E quanto à vida amorosa?”.

Aquela pergunta desencadeou um misto de sentimentos que eu já não sentia há tanto tempo! O meu corpo se cobria de arrepios quando as cenas da noite de prazer com Miguel regressaram a minha mente. Eu não o queria, mas o meu corpo sim.

Eu havia atravessado a frágil barreira entre nós dois e agora estava completamente desprotegida dos seus ataques. Aquela sensação de ansiedade, o coração palpitando e o frio na barriga eram mais do que um alerta vermelho.

— O que está acontecendo comigo? — murmurei, encarando o teto do quarto escuro, sem um pinga de sono.

Eu já havia rolado na cama tantas vezes que não conseguiria enumerar. Dessa vez a conversa com o Doutor Prazer me fez enxergar algo que acontecia lentamente, passando despercebido por mim: eu estava começando a gostar daquele babaca.

Acordei mais cedo naquela manhã. O sol mal havia levantado. Preparei um café forte e me sentei à mesa.

— Bom dia. — disse Marcelly ao entrar no apartamento toda sorrisos.

— Bom dia. Viu o passarinho azul? — sorri, encarando aquela expressão de alegria.

— O passarinho é marrom. — retribuiu o sorriso, puxando uma cadeira para se sentar ao meu lado. — Tive uma noite maravilhosa. — suspirou. — Ele é um homem muito interessante.

— E o que mais? — beberiquei o café outra vez, sem tirar os olhos dela.

— É inteligente, bonito e trabalha como advogado. — suspirou outra vez, apoiando os cotovelos em cima da mesa. — Doutor Leonardo.

— Um *advogado*? Cuidado para ele não solicitar seu mandado de prisão. — brinquei.

— Eu adoraria ficar em uma cela com aquele homem. — sacudi a cabeça. — Ah, eu acabei me esquecendo de te dizer. Sua mãe disse que dormiria no hospital.

— Como assim? — estranhei. — A UTI não permite acompanhantes.

— O seu pai foi transferido para o quarto. Sendo mais exata, para um apartamento particular. O seu anjo da guarda continua com olhos atentos sobre ele. — pegou minhas mãos sobre a mesa, segurando-as. — Logo ele vai estar em casa.

O meu coração explodiu de felicidade. Apertei as mãos de Marcelly com força e mordi os lábios. Se ele foi transferido para um quarto, certamente saiu do quadro de risco.

— É Deus. Só pode ser Ele. — murmurei.

— Vou ligar para mamãe agora! — levantei-me, apoiando as mãos na mesa. — Com sorte, se papai estiver acordado, consigo falar com ele.

— Tadinha... — Marcelly balançou a cabeça. — Ontem, quando ela fazia bolos, deixou o celular cair dentro da pia repleta de água.

— Incomunicável até segunda ordem. — balancei a cabeça. — Vou levar o celular para o conserto. — segui para a sala e peguei minha bolsa, colocando-a no ombro. — Outra hora conversamos mais. — acenei com uma das mãos, seguindo para a porta.

— Espere aí, mocinha. — Marcelly veio atrás de mim.

Ela parou em minha frente, mirou meus olhos fixamente e mordeu os lábios. Sim, ela estava me analisando. Se havia alguém que me conhecia tão bem quanto minha mãe era Marcelly.

— Certo. — levou ambas as mãos à cintura, sacudindo a cabeça. — Diga que não transaram.

— Nós não...

— Está mentindo! — revirou os olhos.

— Como sabe que estou mentindo? — aproximei o rosto do dela, cruzando os braços.

— Você sempre torce a boca quando mente. — riu, abraçando-me. — Não deixe aquele homem controlar você.

Ouvir aquilo me deixou feliz. Não importava quem fosse, quando fosse ou como fosse, eu sempre teria seu apoio. Retribuí seu abraço e assenti as suas palavras antes de seguir para o trabalho.

Mentir para Marcelly era como mentir ao padre depois de ter lhe confessado um pecado e esquecido que confessou.

Acabei chegando mais cedo que de costume. Por sorte, a porta da frente estava aberta. Segui para o quarto da babá, onde deixei minhas coisas e depois para a cozinha.

— Bom dia, senhorita Liandra. — era aquela mesma moça bonita que vi quando Maic me deu um baita susto e questionou se eu falava sozinha.

— Bom dia. — aproximei-me dela, escorando o quadril na beirada da pia. — Você trabalha aqui tem muito tempo?

— Sete anos. — ergui as sobrancelhas.

— Você parece ser tão jovem. — realmente parecia. Isso não queria dizer nada, não é? Ela poderia ter sido contratada ainda adolescente ou ser filha de alguma funcionária.

— Só aparento. — sorriu, levando os olhos a um livro de receitas em cima da mesa. — Há uma torta maravilhosa ali. É divina!

— Sério? — acompanhei seus olhos, depois tornei a encará-la.

— Faça e me diga o que achou. — assenti com a cabeça. — Agora preciso subir. Outra hora conversamos mais. — despediu-se com um aceno.

Só quando ela atravessou a porta da cozinha lembrei-me de que não perguntei seu nome, de novo. Eu gostaria de ser amiga de uma pessoa tão gentil como essa moça.

A curiosidade era maior do que eu. O livro de receitas parecia bem velho. Peguei-o e o abri. Tinha sido escrito à mão. Comecei a folhear algumas páginas, até que me deparei com um grande título “receita especial”. Tratava-se de uma torta de amora. Ler a receita foi o suficiente para sentir água na boca.

Pensei em esperar dona Sandra antes de invadir sua cozinha, mas acabei iniciando a receita sem permissão. Quando ela chegou para preparar o café, o aroma da torta já rescendia pela cozinha.

— Que cheiro bom é esse, menina? — parou ao entrar, fungando algumas vezes. — Devo dizer que está realmente saboroso.

— Se avaliarmos o sabor pelo aroma, deve estar mesmo. — concordei.

— Quando ficar pronto eu quero um pedaço. — balançou a cabeça. — Só vou me trocar e já volto.

— Sim, senhora.

O forno apitou. Rapidamente coloquei as luvas e retirei a torta. O ar foi tomado pelo seu cheiro.

Ainda estava quente, mas eu já queria prová-la. Eu era boa com tortas. Quando morava com meus pais, fazia muitas.

Só quando alguém pigarreou atrás de mim, deixei de namorar minha última criação. Ao girar o corpo para trás, em direção à entrada, dei de cara com Miguel. Ele estava escorado na porta, com os braços cruzados.

— Não sabia que cozinhava...

— Toda mulher cozinha, mesmo que pouco.

— Tem algo nostálgico nesse aroma. — gesticulou com uma das mãos, franzindo a testa. — Não sei dizer o que é... — franziu a testa novamente, encarando o livro de receitas em cima da mesa. Ele parecia assustado, até piscou algumas vezes enquanto caminhava até a mesa. — Onde achou isso? — encarou-me.

— Aqui mesmo. Assim que cheguei estava sobre a mesa. — engoli em seco ao vê-lo sério.

— Que estranho... — Miguel sacudiu a cabeça, pegando para si o livro.

— É seu? — encarei-o curiosa.

— É.

— Não sabia que cozinhava... — cruzei os braços, balançando a cabeça, mirando-o com atenção.

— Todo homem cozinha, mesmo que pouco. — sorriu ao me responder. Em seguida, sentou-se à mesa. — Senhorita Liandra, por favor, me dê um pedaço da sua torta. — os grandes olhos pousaram sobre mim, junto a um sorriso devasso.

Desviei nossos rostos e atendi ao seu pedido. Servi um pedaço e o coloquei na mesa.

— Ainda está quente.

— É mais saborosa assim. A amora derrete na boca. — estalou a língua, piscando para mim. Instantaneamente, um arrepio passou por minhas pernas.

Admirei-o com atenção. Quando Miguel provou a primeira colherada, uma expressão que não consegui decifrar tomou seu rosto. Ele saboreou, saboreou e saboreou, engoliu e deixou a colher sobre o prato, pondo ambas as mãos na mesa, sem me encarar.

— Está ruim? — ergui uma das sobrancelhas.

— Idêntica à original. — assentiu com a cabeça, adotando novamente aqueles traços assustados. — Isso é muito esquisito... — sacudiu a cabeça, rindo. — Só duas mulheres conseguiram fazer essa torta assim.

— O livro não era seu? — rosnei. Uma vez mentiroso, sempre mentiroso!

— Ele se tornou meu. — levantou-se, parando em minha frente. E sem tirar os olhos de mim, deu outra colherada na torta, trazendo o talher até meus lábios. — Por favor. — pediu com tamanha doçura que fiquei tentada a aceitar.

— Estou sem fome... — mal terminei a frase para que o maldito enfiasse a colher na minha boca.

Cuspir eu não iria. Seria um desrespeito jogar comida fora. Como ele disse, a torta derretia na boca e tinha um sabor tão diferente e gostoso que realmente merecia o título de receita especial. O meu rosto corou levemente, quando o vi sorrir.

— É deliciosa, não é? — mordeu os lábios, passando os olhos por mim.

— Não seja atrevido! — virei o rosto para o lado.

— Estou falando da torta. — gargalhou.

— E-Eu sabia. — empinei o nariz, afastando-me dele lentamente, mas a cada passo que eu dava para trás, ele se aproximava, mantendo-me em seu cerco.

Aquilo durou até eu encostar o traseiro na beirada da pia, com os braços para trás, segurando-a, enquanto Miguel seguia mais próximo de mim que nunca. Senti seu polegar roçar meu rosto, deslizando por ele, até parar em meus lábios, desenhando-os.

— Por que estou atraído por você, professora Liandra? — perguntou entre sussurros.

— Voltei, senhorita Liandra. E já quero provar da sua torta... — Sandra parou na entrada da cozinha, emudecendo ao nos ver naquela posição.

Ambos a encaramos. Sandra havia ficado pálida de repente. Empurrei Miguel para trás, passei as mãos pelo vestido e, completamente envergonhada, segui até Sandra, puxando-a pela mão.

— C-Claro. — eu ainda estava tremendo, mas tentava me manter fria diante dele. — Vou pegar um pedaço. Por favor, sente-se.

— Até outra hora, meninas. — Miguel se despediu, finalmente deixando a cozinha.

Quando ele saiu, puxei uma cadeira e desabei sobre a mesa, respirando profundamente.

— O que foi isso, menina? — Sandra perguntou entre sussurros.

— Não sei. — respondi no mesmo tom. É claro que eu não diria a ela o que havia sido aquilo. Primeiro um, depois outro, e logo todos estariam sabendo.

Aquela torta se tornou o assunto do dia na mansão. Se o que eu menos queria era atenção, definitivamente fazê-la não foi uma boa ideia.

— Como sabia que essa era a sua favorita? — Dona Ana me encarou, dando outra colherada na torta.

— Favorita de quem? — não entendi o que ela quis dizer.

— Ora, de Miguel. A minha mãe me ensinou a receita, mas nunca consegui dar o ponto, então Miguel aprendeu e depois ensinou para... — a empolgação sumiu do seu rosto.

Para quem?

— Eu não sabia. — fui sincera, ainda desconfortável com aquela situação. Como eu poderia saber que era a sua preferida? Se eu soubesse, não teria feito! — Eu estava na cozinha quando vi o livro de receitas e...

— Tia Liandra! — Maic berrou, descendo as escadas às pressas, saltando em cima de mim. — Também quero provar da sua torta. — sorriu, mostrando todos os dentinhos.

— Ah, todos querem. — Dona Ana sorriu.

Nunca mais farei essa torta. Repita comigo, Liandra. Não fazer mais a tal torta especial de amora. Isso não é bom para quem deseja passar despercebida em sua curta estadia na mansão.

Após o estardalhaço da manhã, tive um pouco de fôlego no período da tarde. Maic e eu resolvemos montar um quebra-cabeça gigante. Ainda estávamos na metade.

— Tia, você tem filhos? — ele perguntou, juntando mais uma peça.

— Não, mas adoraria ter. — só de imaginar minha casa repleta de crianças, o meu coração palpitava mais rápido.

— E por que não tem? — ergueu o rosto, encarando-me.

— Acho que não é da vontade de Deus. — peguei uma peça, analisando o quebra-cabeça.

— Eu posso ser seu filho! — disse empolgado, colocando-se em pé, me fazendo arregalar os olhos. — Eu adoraria que você fosse minha mamãe. Você é boa comigo. — tombou a cabeça para o lado, encarando-me com aqueles lindos olhos azuis.

— Ah, isso seria ótimo, mas... — comecei, meio sem jeito.

— Mas? — engoli em seco quando ouvi aquela voz grossa atrás de mim.

Por que esse homem fica nos espionando? Vigiano nossas conversas?

— Papai! — Maic foi até Miguel, abraçando-o pela cintura. — Eu estava perguntando para tia Liandra se ela gostaria de ser minha mamãe. — murchei ao ouvir aquilo, sem ousar me virar para trás.

— E o que ela respondeu?

— Ah, ela não respondeu ainda. Se eu for um bom menino ela vai aceitar, não é? — comentou com total empolgação junto ao pai.

— Acho que não é só você que precisa ser um bom menino. — senti meu rosto corar. *Esse filho de uma boa mãe!*

A verdade é que eu adoraria ser mãe de uma criança adorável como Maic, mas estar ao lado de um ogro feito o seu pai era algo fora de questão!

— Eu vim apenas lhe dizer que sua tia Laura está vindo passar uns dias conosco. Trate-a bem, ok?

— Sim, papai.

Laura na mansão? Que Deus me ajude a manter toda a pouca paciência que me restou por ter de aturar Miguel o dia inteiro. O que aquela mulher veio fazer aqui?

— Não a deixe sozinha com a sua tia Liandra. — arqueei uma sobrancelha ao ouvir aquilo.

— Por que, papai?

— Ela pode querer roubá-la de você. — disse em tom brincalhão.

— Não! Ninguém pode roubar a tia Liandra de mim. Nem você, papai. — Maic retrucou usando um tom sério.

— Prometo jamais fazer isso.

Maic sentou-se novamente em minha frente. Espiei por cima do ombro para ver se Miguel havia saído, mas ele continuava de pé, um pouco atrás de nós, observando-nos com atenção.

— Sua vez, meu amor. — entreguei-lhe uma peça do quebra-cabeça.

O dia seguiu com Miguel nos perseguindo; onde quer que fôssemos, ele estava atrás. No começo, cogitei que fosse para avaliar o entrosamento entre mim, a nova babá, e o filho, mas cada vez que eu dava uma espiada, era recepcionada por aqueles olhos lascivos. Por sorte, o dia voou. As seis e vinte eu estava em casa, livre de qualquer espião.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO



— Como é? — pisquei algumas vezes com o que havia acabado de ouvir da senhora minha mãe.

— Laura vai passar um tempo conosco... Até a reforma da mansão dos Cavallera terminar. — repetiu, mantendo os olhos pousados em mim. — Devo muito a Rosália e sabe disso. Ela me ajudou em uma época difícil.

— Sei que deve, mas... — concordei, gesticulando com uma das mãos. — Que tal um hotel? — ergui os ombros.

— Membros da alta sociedade não passam longos períodos em hotéis. Isso gera comentários maldosos. — deu um longo suspiro.

Que se fodam-se os membros da alta sociedade. A maioria vive de aparências e nem por isso saem “comentários maldosos”. Confesso que nunca irei entender essa proximidade que minha mãe tem com Rosália Cavallera. Mamãe é sempre esquiva quando entro no assunto.

— Certo, certo! — dei o assunto por encerrado.

Discutir com dona Ana não mudaria a decisão tomada sem meu consentimento, e o que eu menos precisava era de um problema dentro de casa, justamente com a minha mãe.

Não vejo Laura apenas como uma foda. Ela é uma amiga, transamos vez ou outra, mas não passa disso. Colocá-la em minha casa, sabendo que seu interesse ultrapassa o sexo, quebra todas as regras. O problema é que Laura é completamente livre para fazer o que quiser e quando eu tentar freá-la, teremos um baita problema.

Desgra...

Respirei fundo, evitando pensar em acontecimentos futuros, mesmo que o futuro comece hoje, quando ela chegar com suas malas.

De todo modo, preciso agir. Sua curiosidade sobre Liandra apenas cresce e aquela história de estarmos em um namoro... Avisarei a Maic para não deixar sua babá sozinha. Isso vai minar qualquer investida de Laura contra Liandra, ou ao menos, assim espero.

• • •

— Boa noite, família. — disse ao entrar na sala de jantar.

— Boa noite. — responderam em coro.

Mamãe estava na ponta da mesa, Maic do seu lado direito e Laura do seu lado esquerdo. Os três pareciam me aguardar para o jantar. Sentei-me ao lado de Maic.

— O que temos de bom hoje? — passei os olhos pela mesa, fixando-os em Laura quando a senti roçar a ponta dos pés em minha perna.

— Eu que escolhi. — Maic bateu as mãos na mesa, empolgado.

— Ora, ora, ora, temos um *chef* de cozinha aqui. — ergui uma das sobrancelhas, encarando-o. — Qual é o prato do jantar?

Primeiro ele me encarou, em seguida encarou a avó. Dona Ana aproximou-se dele e sussurrou algo em sua orelha. Meio que sem jeito, ele tombou a cabeça para o lado, sem me encarar.

— Salmão no... — franziu a testa. — Salmão no... — tornou a encarar a avó e aproximando o rosto, perguntou baixinho. — Qual é o nome, vovó?

— *Salmão no Papillote*. — ela respondeu entre sussurros, lançando-me um sorriso.

— *Salmão no Papillotê*, papai! — encarou-me.

— Excelente. — baguncei seus cabelos. — Você tem um ótimo gosto, sabia? — ergui as sobrancelhas, sorrindo.

— Ele é um amor. — disse Laura, com os cotovelos apoiados na mesa e o queixo apoiado nos punhos fechados.

Mamãe torceu a boca ao ouvir aquilo.

O jantar foi servido em seguida. Não conversamos à mesa. É um costume. Ao terminarmos a refeição, dona Ana se retirou para o quarto e Laura a acompanhou. Maic e eu seguimos para a sala de estar.

— Que tal jogarmos hoje? — desafiei-o.

— Sem roubar, papai. — ele afinou os olhos.

— Não roubei no nosso último jogo ou roubei? — coloquei ambas as mãos na cintura, desconcertado com aquela acusação.

— Tia Laura disse que você roubou o coração dela. — ri, jogando-se no sofá.

— Ah, a tia Laura... — torci a boca.

— Ela é sua namorada, papai? — perguntou sem olhar para trás, ligando o videogame.

— Não. Ela é apenas uma amiga. — esclareci.

— Acho que ela quer ser sua namorada. — soltou risadinhas, sentando-se ao meu lado.

— Se demorar a escolher o seu jogador, vou escolher primeiro. — desconversei, levando sua atenção ao jogo.

— Não!

Passamos um bom tempo jogando, até que o sono bateu e Maic adormeceu no sofá. Desliguei o videogame e o peguei no colo. Depois de deixá-lo no quarto, segui para o meu. Tomei uma ducha rápida e me enxuguei. Assim que abri a porta, dei de cara com Laura sentada na minha cama, com as pernas cruzadas e as mãos para trás.

— O que está fazendo aqui? — passei por ela, indo até uma das gavetas, onde peguei uma cueca e a vesti rapidamente.

— Pensei em te fazer companhia. — sugeri toda manhosa.

— Conhece as regras.

— Só dessa vez... — insisti.

— Andou conversando com Maic? — joguei-me na cama, encarando o teto.

— Sim. Algum problema?

— Disse a ele que é minha namorada?

— Não.

— Tem certeza? — ergui o rosto, encarando-a. Laura acenou com a cabeça, com um pequeno sorriso de canto nos lábios.

— Crianças são criativas. — deitou-se na cama, subindo aos poucos até parar ao meu lado. — Ainda mais um garoto esperto como o seu filho... — deslizou os dedos por meu peitoral. — Não seria difícil associar uma coisa com a outra.

— Por isso... — segurei seu punho, fixando meus olhos nos seus. — Não vamos alimentar ideias.

— O que foi que aconteceu? — sentou-se na cama, balançando a cabeça inconformada.

— Nada. Só não vamos trazer o nosso caso para dentro da minha casa. A minha família mora aqui e o respeito deve existir por obrigação. Principalmente da parte das visitas. — pontuei.

— Entendi... Entendi... — levantou-se, passando a mão pelo vestido. — Prometo ser mais cautelosa. — meneou a cabeça e beijou a ponta dos dedos, soprando-os em minha direção. — Boa noite, Doutor Prazer.

— Não diga esse nome aqui. — rosnei.

— Tudo bem. — sussurrou, jogando-me uma piscadela.

Observei-a deixar o quarto em meio a reboladas sensuais. Talvez Laura nutrisse em seu íntimo a esperança de eu chamá-la.

Sabe, minha querida, lido com mulheres todos os dias e sei reconhecer interesse à distância. Não vai rolar entre nós dois. Nosso caso é limitado à cama e apenas à cama. Eu lhe disse isso desde o começo, você sabia disso e das condições que estipulei.

Sem mencionar que o interesse que eu tinha por você vem minguando conforme conheço Liandra. Entre nós não parece ser apenas sexo. É como uma grande batalha, cujo prêmio final é para o resto da vida. Nessa guerra você seria um grande banquete, que provavelmente me mataria envenenado.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS



Maic dormiu pouco antes das dez. O que me deu tempo para sair um pouco e refrescar a cabeça. Chamei Leonardo para me acompanhar em um barzinho reservado para universitários. Fomos ali muitas vezes na época da faculdade. Éramos colegas de turma antes de eu abandonar o curso.

— Enfim, um encontro informal entre velhos amigos? — Leonardo sorriu, com os braços debruçados no balcão.

— Ah, não seja dramático. Tem uns... — parei para pensar um pouco da última vez que nos vimos sem ser para negócios.

— Está vendo só? — gargalhou. — Já faz um bom tempo.

— Desculpe por isso. — sacudi a cabeça. — Às vezes eu fico perdido com tantos compromissos.

— E mulheres. — Leonardo acrescentou, dando-me uma rápida olhada.

— Também.

— Como anda a vida amorosa? — ergueu dois dedos chamando o barman. — Um Martini, por favor.

— Dois. — ergui os dedos, acrescentando o meu ao pedido. — Bom, a minha vida amorosa anda costumeiramente igual.

— Ah, sério?

— Na verdade... — sorri, abaixando a cabeça. — Acho que estou começando a me interessar por uma mulher. — olhei-o rapidamente, vendo uma expressão de incredulidade estampada em seu rosto. — O que foi? É proibido?

— Não! Claro que não! Só é meio... — balançou a cabeça. — Então, foi uma cliente? — bateu o braço no meu.

— É e não é.

— Como assim? — trouxe a cabeça para trás, sem entender. Era confuso, eu sei.

O barman chegou com nossas bebidas. Peguei meu copo e dei uma golada farta. Leonardo fez o mesmo.

— É a professora do meu filho. — contei-lhe.

— Não brinca!

— Não estou brincando. — neguei com a cabeça.

— Eu achei muita coincidência o sobrenome da sua nova babá ser o mesmo que o do velho no hospital. Cheguei a cogitar alguma coisa, mas...

— Pai e filha.

— Entendo.

— Onde ela entra com o Doutor Prazer?

— A consulta estava marcada para outra pessoa, mas por alguma razão, ela veio no lugar da amiga. Eu não a reconheci, pois estava de costas. É um costume meu atender as clientes assim quando estou de mau humor. Só ao fim da consulta, quando seu nome me foi dito, que prestei atenção. Na segunda consulta, eu confirmei.

— E aí?

— E aí que ela é completamente diferente das outras. Da terceira consulta em diante, virei uma espécie de psicólogo, onde apenas a ouço. Foi nessa consulta que ela me contou sobre o pai. — expliquei.

— Ela sabe que o Doutor Prazer é Miguel? — neguei com a cabeça. — Será um problema contar isso no futuro.

— Sem dúvida.

Respirei fundo, dando outra golada no Martini. Eu não queria pensar em como as coisas seriam no futuro. Eu só queria entender a razão de cada vez me sentir mais atraído por Liandra, mais tentado a tomá-la para mim. Com tantas outras, por que justamente ela?

— Você não perguntou, mas também estou interessado em uma mulher. Na verdade, estamos saindo há um tempinho. — ergui a cabeça, encarando com a mesma descrença que ele o fez.

— Então o doutorzinho resolveu assumir um compromisso? — sorri de lado.

— É, aconteceu. Conhecemo-nos em um bar. Ela é uma mulher doce, bonita e independente. — assentiu com a cabeça. — Gosto disso.

— É boa de cama?

— É perfeita, na cama e fora dela. — trocamos sorrisos.

— Então, ainda estão apenas saindo?

— Por enquanto, mas sinto que estamos nos aproximando do estágio da evolução. Onde as saídas se transformam em compromisso, sabe? O que não me soa ruim, confesso. Eu nunca quis tanto estar com uma mulher como quero agora, Miguel. — ele suspirou, abrindo um sorriso bobo, quase como um adolescente quando encontra seu primeiro amor.

— Boa sorte, amigão! — o puxei para um abraço. — E já sabe, sou o seu padrinho de casamento.

— Calma aí, garotão! — ergueu as mãos, rendendo-se. — Estamos cogitando um namoro, ninguém falou em casamento.

— Ainda. — lembrei-o.

Tomamos mais alguns drinques, antes de ele tornar a puxar assunto. Dessa vez, tocando em algo mais delicado que de costume.

— Sobre o terceiro andar... — sussurrou.

— Diga.

— Ainda acho muito arriscado você guardar tanto dinheiro dentro de casa. Qual a razão disso? — franziu a testa.

— Precaução. As contas do país estão um caos. Se por acaso houver uma quebradeira, tenho de onde tirar. — expliquei.

— Seus negócios são seguros, assim como seus investimentos. Não há razão...

— Sabe como sou quando enfio algo na cabeça. — dei de ombros.

— Certo, certo. — Leonardo balançou a cabeça negativamente, considerando, como sempre, aquilo uma má ideia.

— Sabia que Laura está passando uns dias lá em casa? — contei-lhe, mudando a rota do assunto.

— Não brinca!

— Eu jamais brincaria com algo assim.

— E aí?

— Ela disse à Maic que é minha namorada e tem aumentado suas investidas contra mim. Sinceramente, não sei como reagir. — mordi os lábios, cerrando o punho.

— Uma mulher rejeitada é uma mulher perigosa. Nunca se esqueça disso, meu caro Miguel. — Leonardo tocou meu ombro, apertando-o. — E aquela história de sexo sem compromisso?

— Acho que ela se esqueceu.

— Isso vai mal, muito mal. Ainda mais quando a mulher que te interessa está na mesma casa, cuidando do seu filho. — lembrou-me, despertando mais ideias insanas na minha cabeça.

— Eu sei disso. Foi mamãe quem a aceitou sem me contar. Ela disse que o fez por amizade à Rosália. — gesticulei com uma das mãos. — Eu só queria saber o que eu tenho a ver com isso.

— Interessante. — Leonardo balançou a cabeça, colocando o indicador em riste nos lábios.

— O quê? — encarei-o.

— Ouvi alguns burburinhos a respeito da família Cavallera. Sabe como é, eles são uma família tradicional, antiga na *High Society*.

— Que tipo de boatos?

— Segundo os comentários, a empresa de mineração dos Cavallera está operando no vermelho há muito tempo, ou seja...

— É questão de tempo para falir. — acompanhei seu raciocínio.

— Ainda segundo as línguas maldosas, o ex-marido de Rosália, que agora é do ramo da construção civil, negou-se a lhe fazer um empréstimo, o que complicou ainda mais a situação. — balançou a cabeça. — Claro, isso é informação privilegiada. A questão é que elas estão procurando alguém para injetar uma grande quantia na empresa...

— E você está me olhando assim por quê? — franzi a testa.

— Sabemos que a Laura é uma mulher interesseira, mas, talvez, ela goste de você...

— Não. — sacudi a cabeça. — Sabemos do que uma mulher como Laura gosta, e homens são apenas um brinde.

— E como sabemos... — ele riu.

— O papo está ótimo, mas acho que deu minha hora. — levantei-me, abrindo a carteira para pagar a conta, quando Leonardo segurou meu punho.

— Hoje é por minha conta. Uma cortesia após me ignorar por tanto tempo.

— Sabe que não foi por querer... — sorri.

— Mulheres. É uma boa causa e eu entendo. — levantou-se também. — E sobre a moça, Liandra, comporte-se. Ela parece ser uma mulher direita.

— Disso não tenho dúvidas.

Trocamos um último aperto de mão e eu segui para casa. Quando cheguei, subi diretamente para o terceiro andar. A escada se findava em uma grande porta de aço, com leitor biométrico da palma da mão. Pousei-a em cima e a porta se abriu.

O andar era dividido em alguns cômodos. Sala de câmeras, cofre, sala de estar e uma última sala, onde eu guardava minhas mais preciosas lembranças.

Segui pelo corredor, entrando no meu passado. Passei os olhos por aquele lugar e dei um longo suspiro. De um lado os vestidos de Karine, do outro, suas fotos e ao centro, nossas fotos.

Talvez, um dia, eu venha a me desfazer de tudo isso. Não é que eu não a ame mais. Eu a amo, mas não é como antes. Deixou de ser a muito tempo. Eu tinha consciência que o nosso tempo jamais voltaria. Ela agora era apenas uma memória dolorosa, ainda mãe do meu filho e a mulher que mais amei na vida, mas era hora de começar a encarar os fatos. O meu coração não podia seguir fechado, não mais.

Eu precisava começar a viver. Esses anos todos passei me culpando por um acidente que não foi culpa minha. A penitência precisa chegar ao fim, e só vai chegar quando eu começar a mudar as coisas, começando por aqui.

Amanhã mesmo vou pedir a uma funcionária de confiança que encaixote tudo. É hora de dar um novo começo a minha vida. Chegou o momento de seguir em frente.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

POR LIANDRA



Como eu tinha que estar cedo no trabalho, madruguei e peguei o primeiro táxi para ver meu pai no hospital. Mamãe continuava com ele no apartamento e eu sabia que ela não arredaria o pé de lá enquanto ele não tivesse alta.

Bati na porta antes de entrar.

— Filha. — mamãe levantou-se, veio até mim e me deu um forte abraço. — Seu pai ainda está dormindo. O médico esteve aqui ontem à noite.

— E o que ele disse?

— Disse que se o ritmo de recuperação se mantiver, ele deve ter alta em duas, talvez três semanas. — senti um alívio no peito.

— Espero que isso aconteça. Quero vê-lo fora dessa cama. — aproximei-me dele, passando a mão por sua testa enrugada. Ele já tinha tantos cabelos brancos que certamente havia parado de contar.

Papai tinha essa mania. Ele sempre nos dizia que contaria cada fio de cabelo branco que tivesse.

— Quando ele receber alta, vamos procurar uma nova casa para vocês. — voltei-me a ela. — O dinheiro deve dar para financiar uma casa por aqui na cidade, se quiserem..

— Gostamos do interior. — mamãe ergueu os ombros. — É mais calmo para dois velhos, sem falar que não temos que enfrentar a turbulência da cidade grande.

— Então iremos ao interior comprar uma casa para vocês! — sorri.

— Eu adoraria ter nossa casinha de volta... — mamãe suspirou, encarando o lado de fora pela janela. — Foi da minha avó, depois da minha mãe, minha e um dia seria sua.

— Ah, não se apegue a bens materiais, mamãe. Não levamos nada dessa vida. — aproximei-me dela, acariciando seus ombros.

— É verdade. — voltou-se a mim, sorrindo. — Só quero que minha família esteja bem. É a única coisa que peço a Deus. — balançou a cabeça.

— Isso mesmo! — respondi com empolgação, na tentativa de deixá-la animada e, antes que esquecesse, enfiei a mão na bolsa e entreguei o celular consertado. — Mande arrumar.

— Ah, muito obrigada.

— Qualquer coisa me ligue, ok? — ela assentiu com a cabeça.

Esperei no quarto até as seis e trinta, mas como papai não acordou, tive que deixá-los, pois o meu expediente começaria em breve.

— Filha? — mamãe chamou-me na porta do hospital. Voltei-me para trás, encarando-a. — Notei que seu rosto anda mais corado. Há algum motivo em particular?

— N-Não... — gaguejei, meio sem jeito de mentir para minha mãe. Ela sabia, sempre sabia.

— Não está interessada em ninguém? — pegou minhas mãos, afinando os olhos.

— E-E-Eu... — ela riu, sacudindo a cabeça.

— Eu te amo. Espero que encontre um homem que mereça uma joia rara como você. — sorriu, beijando minhas mãos.

— Volto depois, ok? — beijei sua testa, seguindo para o ponto de táxi.

Cheguei à mansão às sete horas em ponto. Entrei e segui para o meu quarto, aprontando-me para iniciar o trabalho. Eu estava terminando de vestir o uniforme, quando alguém bateu.

— Um segundo. — terminei de vestir a blusa, seguindo para a porta, abrindo-a. Dei de cara com Miguel. — Sim? — engoli em seco.

Ele estava com o corpo completamente suado, usando um shortinho curto. Era como se ele quisesse exibir para mim o que tinha a oferecer. Senti um calor desconfortável, me fazendo puxar fôlego.

— Vamos sair agora de manhã, por favor, se apronte. — encarou-me de uma forma diferente de antes; não era desejo, era outra coisa. — Ah, não a quero usando uniforme. Por gentileza, devolva-os. — pediu.

— Não! — prontamente respondi, fazendo-o franzir a testa. — Gosto do meu uniforme, sem falar que soa mais profissional e... — travei quando ele avançou, segurando-me pela cintura. Conforme eu trazia meu corpo para trás, ele avançava ainda mais sobre mim.

— Você não é uma empregada. É mais que uma funcionária, tanto para mim quanto para o meu filho. — disse em tom sério, antes de deslizar o nariz pelo meu pescoço e se afastar. E, rapidamente, mudou a postura, como se nada tivesse acontecido. — Por isso, por favor, professora Liandra, se vista como uma convidada. — jogou-me uma piscadela, dando-me as costas.

Não quero ser uma convidada. Eu quero continuar a ser a babá. Quero me manter longe dele e... Os meus pensamentos foram interrompidos quando vi seu traseiro. Homens com bunda “grande” me deixavam enlouquecida.

Bati a porta de uma vez para impedir meus olhos de traírem minhas convicções. Dei um longo suspiro e sentei-me na cama.

— Definitivamente não! — sacudi a cabeça.

• • •

Estávamos todos no carro, indo em direção a só Deus sabe onde. Ele disse que seria uma surpresa. Chegamos a um dos maiores shoppings da cidade e descemos. Maic segurava em nossas mãos. Sem o uniforme, parecíamos um casal. E eu detestava aquela ideia.

— Eis a surpresa. — Miguel apontou com uma das mãos para a pista de patinação.

— AAAAAAAAAAAAAA! — Maic deu um berro tão alto, seguido por pulos, que tomei um susto. — Obrigado, papai. — disparou em direção aos patins.

— Ele estava me pedindo isso há um bom tempo. — explicou, enfiando ambas as mãos nos bolsos. — Sabe patinar? — antes que eu respondesse, provocou. — Ah, claro que não. — acenou com uma das mãos.

Senti minha bochecha contrair e minha sobrancelha saltar. Ele estava mesmo me desafiando?

— Sim, eu sei. — menti, assentindo com a cabeça.

— Então prove. — sorriu de lado.

— E-Eu não quero agora. — cruzei os braços.

— Deve ser realmente difícil se manter de pé nos patins, quando as pernas são... — fulminei-o com os olhos, fazendo-o se calar. — Lindas pernas.

— Seu pervertido maldito! — rosnei.

— Ora, vamos, é só uma brincadeira. — pegou em minha mão, puxando-me.

— Não, não... — parei segurando na barra de proteção que circundava a pista. — Eu tenho medo de cair e me machucar. — sussurrei.

— Acha mesmo que eu a deixaria se machucar? — sorriu, aproximando-se de mim. Eu odiava quando ele ficava tão perto. — Jamais. — disse em tom baixo e de forma tão sexy que um arrepio me subiu a espinha.

— Vem, Tia Liandra. — Maic gritou ao longe. Ele patinava no gelo como andava no piso.

— Vai mesmo destruir aquele rostinho feliz? — arqueou uma das sobrancelhas.

— Isso é golpe baixo. — sacudi a cabeça. — Eu... Certo! — respirei fundo, enchendo-me de coragem. — Se eu me machucar...

— Não vai.

Colocamos os patins. Miguel entrou primeiro e eu entrei em seguida, segurando na barra de ferro. Ele deslizava feito um cisne dançando na água. Uma fúria súbita me tomou.

Se esse babaca consegue, eu também consigo!

As minhas pernas tremiam como varas verdes sendo sacudidas pela ventania. Comecei a treinar ali mesmo, segurando nas barras e quando me senti mais segura, soltei-as.

Quase dei pulinhos quando vi que não era tão difícil. Maic passou por mim, rodeou-me duas vezes e afastou-se. Seu pai veio logo em seguida, parando ao meu lado, com as mãos na cintura.

— Então você sabe patinar? — ele parecia conter um sorriso.

— Eu me esqueci!

— E tem como esquecer? — arregalou os olhos. — É como andar de bicicleta, vê? — deslizou os pés, rodeando-me outra vez, até parar atrás de mim. — Nunca se esquece.

— Eu me... — segurei em seus braços quando o senti pousar as mãos em minha cintura, empurrando-me para frente. — Pare! Pare! Nós vamos cair!

— Se você ficar quieta, não vamos, não.

O vento cortava meu rosto, conforme a velocidade aumentava. Devo confessar que patinar no gelo era quase como voar. Claro, eu nunca voei, mas era como eu imaginava na minha cabeça.

— Certo, agora uma rodadinha e... — girou meu corpo, segurando-me apenas por uma mão. — Viu só? Está quase aprendendo.

— Não é tão difícil...

— Não mesmo... — pisei em falso, sabe-se lá Deus como e, literalmente, patinei no mesmo lugar tantas vezes, que, quando vi, agarrei-me a Miguel e ambos fomos ao chão.

— Ai! — ele gemeu.

— Desculpe.

— Eu sei patinar. — me imitou, caindo na gargalhada.

Miguel o fez de um modo tão engraçado, que até pensei em socá-lo, mas sua risada se tornou contagiante, me fazendo chorar de rir.

— Vocês estão bem? Por que estão rindo? — Maic aproximou-se, olhando-nos sem entender.

— Por nada. — respondemos em coro.

Deixamos a pista de gelo e nos sentamos em um café que ficava de frente, de onde conseguíamos observar Maic brincar com as outras crianças.

— Por que você sempre quer estar por cima? — perguntou Miguel, bebendo seu *cappuccino*, sem tirar os olhos de mim.

— Como assim? — sacudi a cabeça, sem entender, mas a sua risadinha me fez dar conta do que era. — Você é um completo... — aponte o dedo em sua direção, procurando por uma palavra que se adequasse aos tantos adjetivos que eu já havia lhe dado.

— As pessoas estão nos olhando. — ele sussurrou. — Vão pensar que você é louca. — riu, colocando o copo de bebida sobre a mesa, cruzando as pernas.

— Eu não ligo. — dei de ombros.

— Também não ligo.

Bufei, pegando meu copo de café com creme, dando um pequeno gole. Passei os olhos ao nosso redor. Já fazia um tempinho que eu não vinha ao shopping. O trabalho em excesso e o fato de não gostar de estar sozinha eram um empecilho.

— Você fica linda de vestido. — Miguel comentou, passando os olhos sobre mim, chegando a tombar o corpo para o lado, apenas para descer os olhos até meus pés. — Realmente linda.

— Cuidado para não quebrar o pescoço. — rosnei.

— Você não se preocupou com isso quando caiu em cima de mim. — ele riu. — Imagina se eu tivesse quebrado uma costela?

— Não seria tão ruim... — sorri.

— Sabe, desde que nos aproximamos, virei um saco de pancadas. Primeiro com o Leôncio, depois o soco e agora aqui. O próximo será o quê?

Ri outra vez. Ele falava sério, mas me parecia tão engraçado que eu simplesmente não conseguia me conter.

— Do que está rindo? Isso é sério! Temos que tomar mais cuidado, pois na próxima, você pode me causar uma fratura grave. — balançou a cabeça.

— Como assim temos que tomar cuidado? — bebi do meu café com creme outra vez. — Você está colocando a situação como se fossemos ficar cada vez mais... — sacudi a cabeça.

— Próximos. — lançou-me um sorriso otimista.

— Estou cansado. — Maic anunciou, sentando-se ao nosso lado. — O que estão bebendo? — espiou nossos copos. — Ah, eu não gosto de café. — negou com a cabeça.

— Que tal um sorvete? — Miguel disse empolgado. — Um navio de sorvete, com vários sabores e vários adicionais. — os olhinhos de Maic brilharam.

— Eu quero!

— Então vamos!

Acompanhei-os. Paramos em uma sorveteria, onde Miguel comprou um navio de sorvete. Eu nunca tinha visto uma coisa daquelas. Era o esqueleto de um navio de chocolate repleto de sorvete, em cima de uma travessa de ferro.

Eles me surpreenderam. Em menos de vinte minutos deram fim àquela iguaria. Sequer provei, pois estava sem fome e o navio de sorvete me parecia doce demais. Quando terminamos o lanche, voltamos para casa. Era quase hora do almoço.

— Ah, eu estou tão cheio que me sinto um balão, tia Liandra. — Maic segurou a barriga com ambas as mãos ao descer do carro, me fazendo rir.

— E onde fica o almoço?

— Não quero. — negou com a cabeça.

— Ah, eu quero. — Miguel passou por nós, entrando primeiro.

Onde cabe tanta comida?

Estranhamente, não vi Laura aquela manhã. E falando no diabo... Laura entrou pela porta da frente, vindo em nossa direção. Por um momento, seus olhos fixaram-se aos meus e consegui ver fogo emanar deles.

— Bom dia, queridos. — Laura sentou-se no sofá.

— Bom dia. — respondemos em coro.

— Se me dão licença. — levantei-me, estendendo a mão para Maic. — Alguém precisa tomar banho.

— E depois vamos ler outra história. — ergueu os braços, completamente empolgado.

CAPÍTULO TRINTA E OITO



Admirei-os uma última vez, antes de voltar-me a Laura, que estava com os braços esticados sobre o sofá, encarando-me fixamente.

— Saíram?

— Fomos ao shopping, levar o Maic para brincar um pouco.

— Eu adoraria ter ido. — ela sorriu, balançando a cabeça.

— Sei que sim.

— Que tal irmos ao apartamento hoje à noite? — sugeriu, mordendo os lábios, cruzando as pernas outra vez, como se quisesse me mostrar a calcinha.

Como dizer isso? Cada vez que sinto meu coração se acelerar quando estou com Liandra, menos interessado em outras mulheres eu fico. Isso inclui você, Laura.

— Acho melhor não. — abaixei a cabeça.

— Tudo bem. — levantou-se, seguindo em direção às escadas. — Qualquer coisa, estou no quarto de hóspedes.

Tudo bem? Pisquei algumas vezes. O que você está tramando? Ora, não se atreva a abusar da minha hospitalidade, Laura.

A tarde passou rápido. Maic e Liandra haviam se debruçado no carpete da sala com uma imensidão de travesseiros para assistirem juntos aos filmes do “Rei Leão”. Eles pareciam tão confortáveis que até senti pena de interrompê-los.

— Seis horas, tia Liandra. — parei próximo a eles, batendo o indicador no relógio.

— Eu já estou indo, meu amor, mas amanhã cedo estou de volta, está bem? — segurou o rosto de Maic, beijando-o na testa. Ele por sua vez assentiu com um movimento de cabeça.

Pelo visto, as sagas da Disney prendiam mesmo os pequenos. Depois que Liandra pegou suas coisas, acompanhei-a até o carro, abrindo a porta para ela.

Passamos parte do percurso em silêncio. Volta e meia eu a espiava, mas seu rosto estava virado para o lado, encarando a cidade através do vidro.

— O dia foi bastante legal. — puxei assunto.

— Foi sim. — ela sorriu, parecendo se lembrar de algo. — Eu nunca tinha andado em uma pista de gelo, sabia? — confessou, abaixando a cabeça, antes de sacudi-la de um lado a outro. — Sempre tive medo de levar um baita tombo.

— Se não me contasse, juro que jamais suspeitaria que você tivesse mentido. — brinquei, passando outra marcha. — Apesar de quase ter me partido ao meio, foi realmente um dia gostoso.

— É... — suspirou.

— Apaixonada?

— Como? Por quem? — remexeu-se no banco, endireitando-se.

— Diga-me você. — mordeu os lábios, segurando o volante com mais força.

— E-Eu não estou... — socou o painel, me dando um puta susto. — Escuta aqui, senhor Miguel. — apontou o indicador em minha direção.

— Quer sair comigo? — olhei-a rapidamente, sem desviar a atenção do volante, fazendo-a parar por completo. Liandra piscou algumas vezes, parecendo ainda digerir meu pedido. — Um jantar à luz de velas, música romântica e...

— Um encontro? — soprou os lábios, debochando. — Isso é sério? — riu, tornando a me encarar e diante da minha palidez, engoliu em seco. — Não, melhor não...

— Acha que eu não seria um bom namorado? Esposo? Amante? — mantive meus olhos fixos na estrada.

— Não é isso. Só somos incompatíveis e...

— Se for procurar por alguém que se pareça com você, sinceramente, acredito que nunca vá encontrar e, se por acaso encontrar, sua vida será um tédio.

O silêncio durou alguns minutos, mas foi o suficiente para chegarmos à porta do seu condomínio. Dei um longo suspiro e ajeitei-me de lado no banco. Liandra continuava parada, sequer havia tirado o cinto, enquanto olhava para frente.

— É apenas um encontro. — insisti entre sussurros.

Liandra balançou a cabeça de um lado a outro tantas vezes que cheguei a ficar tonto. Por um momento, achei que seu pescoço fosse saltar do seu corpo. Ela parecia lutar contra a ideia.

— Que horas?

— Hoje, às nove da noite.

— Apenas um encontro... — voltou-se a mim, encarando-me, sem desviar os olhos dos meus.

— Sim... — aproximei meu rosto do seu, deixando nossos lábios próximos, quase os tocando. Eu conseguia sentir sua respiração, seu hálito quente. — Apenas um encontro entre dois adultos.

— Um adulto e meio. — sorri, mordendo os lábios com aquela provocação. — Você vale meio adulto. — ela riu, descendo do carro.

Respirei fundo, puxando ar para os pulmões. O meu coração estava acelerado *e que porra de frio na barriga é esse?* Não acredito que está acontecendo de novo! É como se eu estivesse voltando no passado, na minha juventude.

Um sorriso que me deixava completamente idiota surgiu no meu rosto, seguido de uma incontrolável vontade de cantar enquanto dirigia na volta para casa.

Por que diabos você me atrai, mulher? Por qual razão eu não sinto desejo te tornar você minha presa? Na verdade, eu gostaria de ser sua presa.

• • •

Escolhi algo informal. Eu não queria que ela me visse como seu patrão. Aquela noite eu gostaria de me apresentar apenas como Miguel, um pai solteiro, um homem comum como qualquer outro. E não como o Miguel que é o Doutor Prazer, que sempre anda de terno e é regrado a luxo e coisas pífias.

Vesti um jeans azul-marinho desbotado, combinando-o com uma camisa social de manga longa, cujas mangas dobrei até o bíceps. Ao invés de sapatos, optei por um *sapatênis*.

Deixei o quarto, seguindo para a sala. Eu estava quase na porta de entrada, quando ouvi sua voz atrás de mim.

— Que diferente. — virei-me para trás, dando de cara com um sorriso de ponta a ponta no rosto de Laura. — Até mesmo sem terno você é um homem extremamente belo.

— Obrigado. — agradei, franzindo os lábios.

— Um encontro? — arqueou uma das sobrancelhas. — Com a professora? — arqueou a outra, franzindo a testa.

De duas uma: sua intuição é muita boa ou você anda me vigiando. Espero do fundo do coração que se trate da primeira opção.

— De fato, vou sair com a professora. — provoquei-a, esperando uma reação.

— Vá em frente. É bom para um homem se divertir. — acenou com uma das mãos, sentando-se no sofá. — É assim que uma mulher casada se comporta, não é? Enquanto ele se diverte com outras na rua, a verdadeira mulher o espera em casa, enquanto cuida dos seus filhos. — aquilo me surpreendeu.

— Hum... — balancei a cabeça, franzindo a testa. — Até mais tarde, verdadeira mulher. — joguei-lhe uma piscadela.

Enquanto dirigia, aquela insinuação de Laura continuava circulando minha mente. Eu realmente já fui interessado em mulheres que se submetiam a mim e que faziam todos os meus gostos. Contudo, depois que a conheci Liandra, isso mudou. A adrenalina que a professora me proporciona ao se posicionar contra mim era algo que eu não conseguia descrever.

O meu perfil de mulher mudou. Não busco mais uma que se renda aos meus desejos. Isso não tem mais graça. Hoje procuro uma mulher que me faça desejá-la, que me deixe sedento por seu corpo, por sua presença. Que bata de frente comigo e diga que não vai fazer o que eu quero, apenas por ser assim. É, é por isso que eu me interessei por Liandra. Foi exatamente por isso!

Parei na porta do condomínio poucos minutos antes do combinado. E lá vinha ela. Uma saia preta que batia nas coxas, uma blusa branca que cobria os braços e os cabelos soltos.

Não perdi tempo e desci do carro, abrindo a porta. Antes que ela escapasse do meu cortejo, peguei sua mão e a beijei.

— Essa noite a lua sente inveja da sua beleza. — encarei-a rapidamente, mordendo os lábios.

— Obrigada, senhor Miguel. — respondeu meio acanhada. — Confesso que com esse visual o senhor me parece mais apreciativo.

Minha sobrancelha saltou com aquela palavra. O que ela quis dizer com *apreciativo*?

Demorei quase trinta minutos para chegar ao local escolhido. Era o mesmo que eu havia levado Karine pela primeira vez, quando nos conhecemos. Na época eu tive que juntar uma grana por vários meses.

— *Restaurant D’amour*? — ela soletrou o letreiro, usando o sotaque.

— *Oui, mademoiselle*. — estiquei o braço. — Vamos?

Liandra pegou em meu braço e entramos. Aquele era um local reservado para casais apaixonados. Provavelmente, não era a nossa situação ainda, mas era romântico o suficiente para o momento.

Como pedido, o gerente nos reservou uma mesa discreta, longe de olhos curiosos. Eu queria ficar sozinho com ela e invadi-la de todos os meios.

Quando nos sentamos, ela me encarou rapidamente e abaixou a cabeça.

— Isso de senhor é muito... — gesticulei. — formal. Por favor, me chame apenas de Miguel. Eu já lhe disse isso uma vez, não?

— O senhor... — repreendi-a com o olhar. — Você ainda é meu patrão, Miguel.

— Quero ser bem mais que isso. — sussurrei.

— Por exemplo?

Colei as costas na cadeira e cruzei as pernas, dando um longo suspiro. Sua boca era perfeita, seu rosto trazia uma doçura indescritível e sua simplicidade me tocava de forma tão profunda, que eu me sentia um menino.

— Deixo sua mente criativa pensar nessa resposta. — joguei-lhe uma piscadela, pegando o menu. — Que tal escolher nosso prato?

— Como quiser.

Comemos *Cappelletti al Pomodoro* e depois do jantar, partimos para um vinho suave. A partir dali a conversa começou a fluir com mais empenho.

— Então nenhum dos seus ex-namorados aceitou seu jeito impetuoso de ser? — ela soltou uma risada frustrada.

— Homens, em sua maioria, são babacas.

— Eu sou babaca?

— Está quase saindo dessa estatística. — deu outra golada no vinho.

— Quase? Tipo quando os animais silvestres estão *quase* saindo da linha de extinção? — ela gargalhou, sacudindo a cabeça.

— Você consegue ser engraçado. Gosto de homens engraçados. — suas bochechas coraram levemente, mas seus olhos se mantinham firmes em mim.

Desafiadora, como de costume.

— Quando eu lhe disse que era engraçado, você duvidou. — lembrei-a.

— Ah, o nosso primeiro “encontro” — fez aspas com as mãos. — não foi muito agradável. Foi...

— Desprezo à primeira vista. — dissemos em coro, caindo na risada em seguida.

— E agora? — apoiei os cotovelos sobre a mesa, levando a cabeça para frente.

— Agora? Hum... — Liandra levou o indicador aos lábios, olhando para cima. — Há um sentimento estranho.

— Tesão? — sugeriu em tom de brincadeira.

— Perverso!

— Ah, se analisar bem... — deslizei minha mão pela mesa, pousando-a sobre a sua, fazendo-a

engolir em seco. — Tesão é algo estranho. Começa com puro desejo carnal e, quando nos damos conta, pode se tornar algo maior, bem maior.

— Maior tipo o quê? — olhou-me sem entender.

— É tipo uma rola. Sem o desejo, é flácido, estranha... — franzi a testa, olhando para cima. — Mas quando há, se torna rígido, pulsante... — passei a língua pelos lábios, vendo-a corar outra vez.

Liandra desviou os olhos de mim e abriu a bolsa, pegando o celular.

— Já são quase onze e meia. Preciso ir para casa. — fechou a bolsa, levantando-se.

— Sente-se, por favor. Preciso lhe propor algo antes de sairmos. — ela me encarou com estranheza, mas acatou meu pedido.

Diante da minha demora, ela logo soltou sua fúria interior, motivando-me ainda mais.

— Desembucha!

— Transa comigo de novo? — tombei a cabeça para o lado, enquanto passava a língua pelos lábios.

— V-V-Você...

— Nunca mais lhe farei tal proposta se disser que nossa primeira vez foi ruim.

— E-E-Eu...

— A minha boca clama pela sua. A minha língua quer deslizar por todo seu corpo e parar na sua boceta... — sussurrei baixinho.

Liandra abriu a boca para dizer algo, mas acabou não dizendo nada. Levantei-me e ela também. Peguei-a no colo, arrancando-lhe uma expressão de tremenda surpresa, mas ela não se negou, não reagiu, apenas se deixou levar.

— Essa noite, você é minha. — sussurrei em sua orelha, mordiscando seu lóbulo.

Fomos para o meu apartamento. Eu não dirigi, eu voei até lá. Descemos do carro aos beijos e subimos pelo elevador já tirando as roupas. Não era necessário ser um investigador para saber onde aquela trilha de peças iria dar.

Joguei-a na cama e tirei toda minha roupa, avançando sobre Liandra. Abocanhei seu pescoço, deslizando minha boca, entre beijos e mordidas, de um lado a outro. Naquele momento, ela usava apenas a calcinha, ainda.

Segurei seus seios e os abocanhei. Com a ponta dos dentes beliscava os biquinhos, puxando-os em minha direção, apenas para ouvi-la gemer.

De repente, Liandra arregalou os olhos e virou-nos na cama. Abri um largo sorriso com aquilo. Eu adorava aquela mulher, o seu jeito avassalador na cama, aquele desejo que precisava ser saciado a qualquer custo.

Nossos lábios roçavam um no outro, mas quando tentei beijá-la, ela escapou de mim, rindo. Segurei em sua cintura e me ergui na cama, tornando a deslizar a língua pelo seu corpo, até que parei, encarando-a.

— Você quer? — primeiro olhou para mim, depois para a calcinha.

— Não sabe o quanto... — sussurrei, usando aquele tom sensual *que só eu conseguia fazer*, fazendo-a parar por instantes.

Liandra sorriu, sacudiu a cabeça e ficou de pé na cama, descendo-a calcinha lentamente, antes de jogá-la para o lado e, ao dar alguns passos em minha direção, ficou em minha frente. Não hesitei, apenas enfiei o rosto entre suas pernas, abocanhando sua boceta.

Era carnuda, gostosa e de lábios pequenos, com alguns pelinhos ralos. Com a ponta da língua provoqueei-a, pincelando seu clitóris a ponto de fazê-la segurar meus cabelos com força. Não me contive e, com a ponta dos dentes, o belisquei várias e várias vezes, apenas para ouvi-la gemer daquela forma.

O meu pau estava todo babado por esperar tanto, mas eu precisava me conter, eu queria domá-la e ao mesmo tempo queria ser domado por ela, que me fazia sentir um tesão único na cama.

Subitamente, Liandra sentou-se em meu abdômen, segurou meu rosto com ambas as mãos e encostou sua testa na minha.

— Adoro a sua boca. — ela sussurrou, sorrindo.

— Também adoro a sua... — ela sacudiu a cabeça.

— Hoje a noite foi reservada para mim, então mostre o que tem para me dar. — deslizei a língua por meus lábios, olhando-me de forma provocante.

Eu tentei, juro que tentei, mas não consegui. Avancei sobre ela na cama, colocando-a embaixo de mim, mas não durou muito. Ela fez o mesmo e ambos caímos no chão. Na verdade, eu caí e ela caiu em cima de mim.

— Ai! — gemi baixo.

— Eu já disse, Miguel, sou eu quem manda na cama. — ela sorriu, começando a fazer movimentos de vai e vez, onde roçava sua boceta em meu pau.

— E eu adoro isso. — sussurrei, mordendo os lábios.

Dessa vez, Liandra fez questão de vestir o preservativo em meu pau e, pouco depois, a senti

cavalgar sobre mim. Era delicioso olhar nos seus olhos enquanto ela se movimentava daquela forma, com tanto empenho, com tanta vontade.

O meu corpo inteiro queimava de tesão. O sexo pairava no ar e os nossos gemidos, certamente, eram ouvidos pelos vizinhos, mas que se fodam!

Liandra parou, deitando-se sobre mim e beijou meus lábios, sorrindo. Imaginei que estivesse cansada, mas não, ela se levantou e me chamou com o indicador. Sem demora coloquei-me de pé, sentindo-a passar um dos braços por meu pescoço, erguendo uma das pernas até minha cintura e com a mão livre, encaixou meu pau dentro de si.

— Aprenda... — ela sussurrou, contendo gemidos. — Só fará isso comigo se estiver olhando nos meus olhos.

— Estou aprendendo... — respondi ofegante.

— Agora mostre que merece essa recompensa e faça seu trabalho, Miguel. — sorriu, beijando meus lábios.

Não hesitei, deixei uma mão pousada em sua cintura, enquanto segurava sua perna com a outra, socando com força em Liandra. Quanto mais eu a invadia, mais a queria. Quanto mais nossas bocas se provavam, menos eu queria afastá-las. Quanto mais eu conhecia aquela mulher, mais imerso nela eu me encontrava.

O ritmo aumentava cada vez mais. Sentir seus seios esfregando-se em meu peitoral, sua barriga em meu abdômen, enquanto eu a fazia minha, era uma sensação que eu não conseguia descrever.

Aqueles olhos de satisfação, aquela expressão de prazer, me deixavam louco, completamente louco por aquela mulher!

— E-E-Eu vou... — ela ofegou, me fazendo sorrir.

Aumentei o ritmo ainda mais, sentindo vir também. Os gemidos dela ecoaram primeiro, eram gostosos e mesmo sentindo suas unhas marcarem minhas costas, eu também gostava. Em seguida, foi a minha vez, fiz questão de pousar meus lábios em sua orelha, para que ela soubesse o quanto aqueles gemidos significavam.

Prazer. Eu finalmente havia entendido o significado de prazer com uma mulher. Eu pensei um dia ter conhecido, mas eu estava completamente errado. Eu era o doutor e Liandra o prazer.

Depois daquela deliciosa foda, deitamos na cama. Acho que ainda estávamos um pouco tontos, mas somos adultos e sabíamos o que estávamos fazendo. Não foi a primeira vez e espero que não seja a última...

INTERLÚDIO 3

POR LAURA



Os segui mais cedo para conferir se realmente era um passeio com Maic. Ele não estava mentindo. Miguel não era um homem que contava mentiras, não havia razão para isso.

Todavia, o clima que rodeava os dois me incomodou de tal forma que não sei descrever o quanto de ódio senti por aquela maldita professorazinha. Ela simplesmente se atirou em cima dele.

Oferecida!

A ofensiva não podia seguir como eu estava fazendo. Fui uma completa idiota ao declarar guerra daquela forma. Eu agora deveria mudar minha tática. Focar menos no combate “corpo a corpo” e trazer o jogo de estratégia à mesa.

Sim. Era isso que eu iria fazer e quando terminasse, Liandra lamentaria amargamente ter cruzado o meu caminho.

— Sim? — coloquei o celular na orelha.

— Eles estão no *Restaurant D’amour*... — engoli em seco. Era um local reservado para encontros de namorados.

— Os perdi de vista. De todo modo, mantenha-me informada, devo chegar em instantes. — desliguei o telefone, pisando no acelerador.

Mal cheguei à porta e vi o carro de Miguel estacionado. Dei a volta no quarteirão e parei bem atrás, não tanto, pois eu precisava ter um campo de visão completo para quando eles saíssem.

Minutos depois, o telefone tocou novamente...

— Ele a pegou no colo, senhora. — senti meu coração gelar.

Laerte, meu motorista e agora espião, mal havia me informado quando o vi deixar o restaurante, carregando-a no colo.

— Filhos da puta! — soltei um berro, socando o painel do carro.

— Senhora?

— Mantenha contato visual, Laerte. — ordenei.

— Sim, senhora. — desliguei o telefone.

Miguel saiu cantando pneu. Deixei Laerte ir na frente. Seu carro particular não era conhecido, diferente do meu importado. Conforme o tempo passava, dei-me conta que aquele caminho não era estranho.

— Está levando-a para o apartamento? — dei uma risada frustrada. — Homens são tão... — bufei.

Laerte parou e eu parei um pouco atrás dele. Esperei por alguns minutos no carro. Não demorou para ele vir até mim. Abaixei o vidro.

— Eles entraram.

— Certo, fique aqui. — abri a porta, seguindo às pressas para dentro do prédio.

Eu estava tão furiosa que cheguei a me atrapalhar para pegar uma simples chave dentro da bolsa. Conforme andava pelo corredor, conseguia ver peças de roupas deixadas pelo chão. Ele havia deixado as calças dentro do elevador!

— Você vai me pagar muito caro, sua vadia! — contive um grito, apoiando ambas as mãos nas paredes de ferro. Assim que o elevador parou, desci no andar do apartamento dele.

Foi parar só próxima à porta para ouvi-los gemer. Parecia ser intenso, pareciam estar curtindo. Permaneci do lado de fora. Eu queria arrombar aquela porta e dar uma surra *naquelazinha*, mas se o fizesse, estaria cavando minha própria cova.

— Maldição! — murmurei. — Eu vou acabar com você, vadia! — rosnei.

Respirei fundo, contando até dez tantas vezes que perdi as contas. Os gemidos cada vez mais altos me irritavam ainda mais. Simplesmente desci e fui para o carro.

— Senhora? — Laerte permanecia parado ao lado do meu carro.

— Vá para casa e não comente nada com ninguém.

— Sim, senhora.

Atolei o pé no acelerador e fui para casa, reservar-me ao maldito quarto de hóspedes em que ele havia me colocado. Não podia ser seu quarto? Ah, não. E por quê? Porque a vadia filha de uma puta que ele está interessado pode pensar que temos alguma coisa.

— Preciso pensar em algo, preciso pensar em algo... — sentei na cama, quando surgiu uma súbita luz em minha cabeça. — Mamãe.

Peguei o celular e liguei para ela, contando-lhe detalhe por detalhe do romancezinho de merda que vi aflorando entre Miguel e Liandra.

— Entendo. — foi a primeira coisa que ela disse.

— E então? — implorei por ajuda.

— O detetive particular que contratei deu uma boa investigada na vida dela. Não há nada de comprometedor, mas temos uma coisa que afastaria muitos homens. — senti o veneno em suas palavras, fazendo meu bom humor regressar.

— E o que seria?

— Ele é estéril.

— Eu já disse à senhora, mamãe, Miguel fez vasectomia...

— Você é retardada, garota? — ralhou. — Ele é um homem solteiro. É claro que fará uma reversão caso se case novamente. — pontuou.

— O que mais a senhora descobriu?

— O pai está internado. Eles contraíram dívidas que uma pessoa comum, da ralé, não conseguiria pagar, mas foram pagas. Podemos associar isso à prostituição. — meu sangue ferveu com aquela ideia.

— Ela não faz esse perfil. Ele nunca irá acreditar. — deixei aquilo bem claro.

— Então providencie algo em que ele acredite, ou ela. Apresente provas irrefutáveis de que ambos não combinam. — disse mamãe.

— Perfeito! — foi a única coisa que consegui dizer, já imaginando o que faria.

— Descobriu como entrar no terceiro andar? — lembrou-me uma das razões de eu estar na mansão.

— Não, ainda não. A casa é repleta de câmeras. Não vai ser fácil, mas suspeito que tenha algo muito valioso... — mordi os lábios só de imaginar a quantidade de joias e notas que eu poderia encontrar lá em cima.

— E a segurança?

— A porta é totalmente blindada, parece ser aço. Há também um leitor de digital e um painel com números. Como te contei da primeira vez, lembra um cofre.

— Entendo. Vamos antecipar as coisas. — mamãe determinou.

— Como assim antecipar? — franzi a testa.

— Já não conto mais com sua vitória. Por isso, estarei trabalhando em um meio de enviar um homem da minha confiança até a mansão. Você só precisa deixá-lo entrar, ele fará o serviço. — um medo súbito me tomou.

— Que tipo de serviço? Você não vai matar ninguém... Vai? — por um momento, cheguei a hesitar.

— Deus me deu uma filha mais burra que um asno! É claro que não vou matar ninguém. Só vou providenciar que o cofre seja destrancado. — explicou.

— Ele está de férias.

— Será feito durante a noite. E sabe quem será acusada? — enchi-me outra vez de expectativa, com uma alegria imensurável me tomando. — A professorazinha.

Isso mesmo, mamãe. A professorazinha será acusada de roubo!

Aquilo me excitou de tal forma que, naquele instante, pouco me lixei para Miguel, Liandra e o seu romancezinho. Se conseguíssemos isso, eu me afastaria dele aos poucos, afinal, só o seu dinheiro me interessa... Homem eu encontro em qualquer esquina!

CAPÍTULO TRINTA E NOVE



— Ah, estou tão feliz. Você finalmente a encontrou em si mesmo. — era a voz de Karine, mas onde?

Eu estava no nada. Um cômodo completamente vazio e branco ao meu redor. Isso é real? Dei-me dois tapas no rosto e tudo permaneceu exatamente como estava.

— Ela o amará como eu o amaria, cuidará do nosso filho como eu teria cuidado se ainda estivesse viva.

Onde ela está?

Ao notar de onde vinha a voz, rasguei a camisa, olhando para o meu abdômen e me vi sendo engolido por um redemoinho de cores. Caí em um abismo escuro que parecia não ter fim, até que pousei em uma extensa campina de flores, cuja única árvore mais à frente tinha um balanço, onde uma mulher de longos cabelos loiros balançava.

Corri em sua direção. Os meus pulmões ardiam, o meu coração parecia querer saltar pela boca com a brisa primaveril acertando meu rosto. Quanto mais perto ela parecia, mais distante eu notava que estava.

— Não! Não fuja de mim! — pedi, esticando uma das mãos em sua direção, sem parar de correr.

— O meu tempo se encerrou, Miguel. — ela disse, descendo do balanço.

— Onde está indo? — ofeguei entre as palavras, sentindo meus olhos arderem. — Por favor, não vá.

— Você não está mais sozinho... — Karine parou, virou-se para trás e me lançou um lindo sorriso. — e nunca mais se sentirá sozinho.

Permaneci correndo, eu estava quase no meu limite. Do nada, Liandra surgiu ao lado de Karine e ambas seguravam as mãos de Maic. Tomei tamanho susto que tropecei, indo ao chão. Rolei campina abaixo e, quando abri os olhos, eu estava sentado na cama, ofegante. Olhei para o lado e vi Liandra, coberta com um fino lençol.

Esfreguei o rosto com ambas as mãos e me levantei. Lavei o rosto no banheiro e parei na porta, olhando-a na cama.

— Se até ela diz que você é o que necessito, quem eu sou para questionar? — murmurei, abaixando a cabeça, rendendo-me a devaneios.

A imagem das duas segurando as mãos de Maic passava a todo instante por minha cabeça. Franzi

a testa, tentando entender aquelas aparições. Desde a sua morte a vi várias vezes, mas depois de um tempo parou. Então, por que agora?

Eu poderia entender aquilo um dia, ou talvez poderia nunca entender. De alguma forma, por mais que parecesse loucura, eu sabia que Karine aprovaria Liandra como minha mulher.

— Você é algum tipo de psicopata que fica observando as pessoas dormirem? — ergui a cabeça em direção à Liandra. Os cabelos bagunçados, um pouco caídos sobre os olhos.

— Não!

— É muito estranho vigiar as pessoas durante o sono. — levantou-se, inclinando-se para catar algumas das suas peças espalhadas pelo quarto. — Onde está minha calcinha?

— Qual? — fingi surpresa, abaixando-me rapidamente para pegar a peça que estava aos meus pés. — Essa?

— Devolva.

— Venha buscar. — desafiei-a, apenas para vê-la fumar.

— Está amanhecendo. Eu preciso ir para...

— O trabalho. — lancei-me em sua direção em passos lentos. — Em minha casa... — parei em sua frente, cheirando sua calcinha antes de fixar nossos olhos. — Qual o problema em ir sem calcinha?

— Tem muito problema. — rosnou, tentando me tomar a peça, sem sucesso.

— Troco por um beijo. — sorri de lado.

— Não!

— Só um.

— Não! — bateu os pés no chão, dando saltinhos, irritando-se cada vez mais.

— Então... — passei a mão por sua cintura, colando nossos corpos e rapidamente selei seus lábios, soltando-a antes que ganhasse algum golpe perigoso. Em seguida, estiquei a mão. — Pronto.

— Meio adulto. — revirou os olhos, contendo um sorriso.

— Mais que adulto na cama. — pisquei para ela.

— E essa pequena cicatriz nas suas costas? — cucutou um pouco acima do meu traseiro.

— Deve ser de infância. — dei de ombros, sem fazer ideia do que se tratava.

Vestimo-nos e descemos. Estranhamente, as peças de roupas que deixamos pelos corredores continuavam no mesmo lugar. O rosto de Liandra estava vermelho como um pimentão, mas ignoramos aquilo. Estava de dia e não iríamos nos comprometer pegando aquelas peças.

— Foi ótimo estar com você essa noite. — comentei, fazendo-a virar o rosto para o lado. — Gosta de estar comigo? — diante do silêncio, prossegui: — Eu me sinto bem quando estou com você.

— A noite foi maravilhosa, mas ainda é só sexo. — respondeu secamente, sem me encarar.

Freei o carro de uma vez, fazendo-a arregalar os olhos. Estávamos no meio da rua, com uma fila de carros atrás de nós, buzinando sem parar.

— Diga isso olhando nos meus olhos. — encarei-a.

— Não!

— Diga.

— Estão buzinando para nós... — gesticulou. — Você está atrapalhando o trânsito. — insistiu, tentando desconversar.

— Ficaremos aqui o resto do dia. — sacudi a cabeça, sem me importar com os outros.

— Vou descer...

— Travei as portas.

— Olhando nos meus olhos, vamos... — sentei-me de lado no banco, aproximando meu rosto do dela.

Liandra lentamente girou a cabeça em minha direção, piscou algumas vezes e respirou fundo.

— Foi apenas... Apenas... — ofegou entre as palavras. — Foi apenas...

Deslizei uma das mãos por sua nuca, trazendo sua boca de encontro a minha. Nossos lábios se tocaram de forma lenta e gostosa, enquanto nossas línguas se esfregavam em meio ao maior *buzinaço* que aquele sinaleiro já havia visto.

— Eu não sei o que foi, estou confusa... — ela se afastou, ofegante.

— Também estou...

Nossas confissões foram interrompidas por um guarda que bateu no vidro do carro. Abaixei-o e o cumprimentei.

— Bom dia, senhor. O carro quebrou?

— Tivemos um probleminha, mas já foi resolvido.

— Ótimo, libere a pista. — forçou um sorriso, afastando-se, sem tirar os olhos de mim.

— Sim, senhor. — engatei a marcha e acelerei. Olhei rapidamente para Liandra. — Ainda vou ser preso por sua causa.

— Por minha causa? — encarou-me rapidamente, dando uma gargalhada frustrada. — A culpa é totalmente sua. Foi você quem parou o carro!

— Por sua causa... — reforcei, tentando soar o menos ofensivo possível, mas não deu certo.

— Não é minha culpa se você é um idiota! — ralhou, cruzando os braços.

Mordi os lábios de excitação. Como adoro ver essa mulher furiosa comigo. É simplesmente divino!

CAPÍTULO QUARENTA

POR LIANDRA



Odeio quando ele me provoca. Odeio quando ele demonstra saber o que estou sentindo. Odeio sentir meu coração palpitar e se aquecer ao lado dele. Eu simplesmente te odeio, Miguel!

Te odeio por estar me fazendo... Não, não vou dizer, não vou me convencer disso. É apenas coisa da minha cabeça. Eu não estou apaixonada por você! Isso é impossível...

Respirei fundo, tomando um café forte, sem açúcar. Bebi demais a noite passada e a minha cabeça ainda está bagunçada. É isso, só isso.

— Bom dia. — disse dona Sandra ao entrar na cozinha, abrindo um pequeno sorrisinho. — Seu rosto está tão corado hoje, menina.

— Está?

— Traz uma felicidade imensa. — completou.

— Traz? — arregalei os olhos.

— Você está me ouvindo direito? — ela parou em minha frente, com as mãos na cintura.

— E-Estou, eu acho... — Sandra riu, seguindo para a pia. — Vou preparar alguns pães de queijo. Não vai demorar.

— Agradeço a gentileza. Só vou ao meu quarto pegar meu celular. Preciso ligar para minha mãe... — e tentar inventar uma boa razão para convencê-la do motivo pelo qual não dormi em casa.

Deixei a cozinha e fui para o quarto. Joguei-me na cama, encarando o teto. O que era esse aperto no coração? Suspirei, virando-me para o lado.

— Ele não, ele não, ele não... — murmurei comigo mesma, tentando tirar Miguel dos meus pensamentos.

Parei ao ouvir o celular tocar.

Saltei da cama e peguei o aparelho em cima da cômoda. Era mamãe. Engoli em seco e atendi.

— Bom dia.

— Nada de bom dia. A senhorita me deixou muito preocupada ontem. — disse furiosa. — Saiu dizendo que voltaria logo e sequer avisou que não dormiria em casa. Sabe como meu coração está?

— Batendo forte? — tentei brincar, mas não funcionou.

— Não faça isso novamente, por favor. — pediu, dando um longo suspiro. — Eu te amo, eu só tenho você e seu pai.

— Desculpe, mamãe.

— Desculpas aceitas. Vai jantar conosco à noite?

— Sim.

— Ótimo, assim você me explica com detalhes o que aconteceu na noite de ontem. — corei completamente. — Estamos entendidas?

— É c-c-laro. Vou contar tudo, mamãe... — resumir, omitindo muitas partes, é claro.

— Vou te deixar trabalhar. Eu só queria mesmo saber como você está.

— Até mais tarde, mamãe.

— Até. — ela desligou.

Enchi os pulmões de ar e preendi a respiração. O cérebro precisava de oxigênio. Depois de ser repreendida aos vinte e sete anos como uma criança, eu realmente precisava de ar.

Tudo isso é culpa dele!

Soquei a cômoda, notando a primeira gaveta meio aberta. Quando a puxei, vi algumas dezenas de fotos. Pisquei algumas vezes, perplexa com aquelas imagens. Miguel e Laura juntos. Na primeira eles se beijavam, na segunda eles estavam completamente nus e nas seguintes, transando.

Senti meus olhos arderem e uma tonteira repentina me atingiu. Caí de bunda em cima da cama, deixando aquela porção de fotos escaparem das minhas mãos.

— O que significa isso? — murmurei chorosa.

Passei os olhos pelo quarto, ainda atordoada com as fotografias. As lágrimas escorriam sem parar e eu sequer conseguia entender o motivo. Ele disse que não tinha nada com ela, não disse?

Ele mentiu? Ele é como os outros? Por um momento eu pensei que ele fosse... Soltei uma risada de frustração, enxugando o rosto com a camisa, mas não adiantava, o meu rosto continuava se molhando.

Ah, como fui tola! É claro que ele não me veria como algo além de uma foda. O que eu estava pensando? Eu não sou fina, eu não sou rica e nem sei me portar direito. Mas pense positivo, Liandra, isso aconteceu agora, bem no comecinho, quando você estava começando a se envolver.

— Chorando por um homem? Não seja patética! — disse a mim mesma, colocando-me de pé. —

Quem é a idiota agora? É você! — encarei-me no espelho da penteadeira.

Eu não queria admitir, mas aquelas fotos partiram meu coração. No começo, eu o desprezava, depois adquiri simpatia e logo isso virou tesão e se transformou em algo que vai além de sexo, mas depois disso...

A porta do quarto se abriu. Rapidamente enxuguei o rosto e girei a cabeça, sendo surpreendida por Laura.

— Oh, então você já viu as fotos? — ela sorriu, cruzando os braços. — Espero que tenha gostado.

Ah, ela veio aqui para me humilhar, para esfregar na minha cara que aquele homem não é meu e que nunca será.

— Sabe, eu estava me perguntando ainda há pouco... Que tolice a minha perder tempo brigando com você, uma vez que... — mordeu os lábios, parecendo apreciar minha dor. — Você, Liandra, jamais seria uma adversária aos meus pés.

Uma ira tremenda me tomou. Coloquei-me de pé, parando em sua frente, encarando-a nos olhos.

— Sou uma adversária apenas quando quero ser. — forcei um sorriso. — Eu não sinto nada pelo Miguel e também não o quero. — menti. — Pode ficar com ele. Faça bom proveito!

— Ah, eu farei sim. — ergueu uma das mãos, mostrando-me o dorso, onde um anel de brilhante adornava seu dedo. — Ele me deu assim que chegou essa manhã. É um anel de noivado. — disse, abrindo um sorriso ainda maior, antes de deixar o quarto.

Eu estava arrasada. Como não ficar? Além de me enganar, ele ainda deu um anel a ela. Respirei fundo, esfregando o rosto. Como chegamos a esse ponto? Até algumas semanas atrás eu o odiava. Tudo aconteceu tão rapidamente que eu me perdi entre a razão e a paixão.

Soprei o ar dos pulmões e peguei minha bolsa e meu celular. Parei na cozinha, onde dei de cara com Sandra. Ela me deu uma rápida olhada e abaixou a cabeça. Minutos depois, serviu-nos um café.

— Aconteceu algo, menina? — uniu as mãos em cima da mesa, olhando-me com piedade.

— É apenas emoção. — menti, forçando um sorriso. — Recebi uma excelente notícia e fiquei feliz. — a notícia de que aquele homem era um canalha formado e que ele não me enganaria como fez com outras.

— Se o motivo é de arrancar lágrimas de alegria, então é ótimo. — colocou uma de suas mãos sobre a minha, apertando-a.

— É sim.

O dia seguiu como os outros. Passei quase todo meu tempo com Maic e só vi Miguel após o

almoço. Acomodamo-nos na sala de estar para ver um filme, quando ele entrou silenciosamente, sentando-se ao meu lado. Imediatamente mudei de lugar, ficando à esquerda de Maic.

Não o quero perto de mim, não quero ele me tocando, não quero sentir sua presença, nem mesmo olhar para o seu rosto.

Naquele dia acabei saindo dez minutos mais cedo. Eu sabia que ele estaria me esperando na entrada às dezoito horas em ponto. Peguei o primeiro táxi que vi e fui para casa. Estava vazia, não havia ninguém. Marcelly provavelmente estava com o futuro namorado e mamãe no hospital.

Deixei a bolsa em cima da mesa de centro e joguei-me no sofá. Encarei o teto por longos minutos, sentindo meus olhos marejarem outra vez.

— Por que mentiu para mim? — murmurei, sacudindo a cabeça. — Seria muito mais fácil abrir o jogo desde o começo, mas você deu a entender que... — suspirei.

Homens são assim, todos eles. Eles prometem mundos e fundos e quando você acha que tudo vai dar certo, uma bomba cai sobre sua cabeça. A decepção dói, mas é como uma injeção. É a cura de uma doença.

Era tarde quando meu celular tocou. Eu tinha ido dormir cedo aquela noite, quem sabe assim a bagunça que se instalou na minha cabeça se organizasse sozinha. Ao esticar o braço para pegar o aparelho, vi o nome: Miguel.

Encarei a tela por longos minutos. Eu queria atender e perguntar sobre aquelas fotos. Apenas confirmar a verdade estampada na minha cara. Eu devia fazer isso, mas não fiz. Coloquei o celular no silencioso e virei-me para o lado na cama e fechei os olhos.

Eu só queria esquecer aquele dia e aquele homem. Apenas isso.

CAPÍTULO QUARENTA E UM



Subi as escadas cantarolando baixinho. Entrei e fui direto para o banho e quando saí, ainda enxugando-me, dei de cara com mamãe. Enrolei-me rapidamente, fazendo-a revirar os olhos.

— Não há nada aí que eu já não tenha visto. — revirou os olhos, com descaso.

— Sei disso. — entrei no closet. Rapidamente vesti uma cueca e um *short*. — Ao que devo sua visita logo cedo? — sentei-me na cama ao seu lado.

— Não posso conversar com o meu filho? — encarou-me rapidamente, me fazendo rir. — Ontem à noite você saiu com quem?

— Com Liandra. — sorri ao dizer aquele nome.

— Imaginei que sim. Hoje vocês chegaram juntos... — abri a boca para questionar, mas mamãe foi mais rápida. — Eu estava por acaso na janela e vi.

— Hum...

— Não faça “hum” para mim. — rosnou.

— Está interessado nela? — desviou o rosto do meu.

— Mais que interessado. Acho que estou...

— Apaixonado. — tirou a palavra da minha boca.

— É.

— Isso é ótimo.

— É.

— Maic a adora, então eu também a adoro. Ela é uma boa menina, por isso, não parta o coração dela ou partirei sua cabeça. — disse mamãe, levantando-se.

— Eu jamais faria isso com ela. É diferente entre nós. Às vezes, ela me lembra Karine. — sorri ao dizer aquilo. — Claro, não procuro outra mulher como Karine, mas é estranho, pois sinto que ambas são muito parecidas.

— Talvez. — mamãe franziu os lábios.

Quando dona Ana deixou o quarto, joguei-me na cama, deixando um sorriso idiota ocupar meu

rosto. Eu me pegava pensando na noite passada. Como ela era bonita, como seu sorriso era encantador. E eu a carreguei no colo quando saímos do restaurante.

Gargalhei sozinho ao imaginar aquela última cena. Quando na vida de Miguel que ele carregaria uma mulher no colo? Não há dúvida, eu realmente estou apaixonado por você, professora Liandra.

• • •

Passei parte da manhã no quarto, resolvendo algumas questões pendentes da Clínica do Prazer. Depois do almoço, desci e acabei invadindo a sala de estar, para ver filme com eles. Sentei-me ao lado de Liandra e ela simplesmente mudou de lugar, sem dizer nada ou sequer me encarar.

Entendi isso como um sinal para recuar. Talvez ela não quisesse que Maic presenciasse algo... É, era isso. Decidido a respeitar seu espaço, mantive-me distante, ao mesmo tempo, perto. Pouco antes de o filme terminar, resolvi fazer um lanche, pois logo daria dezoito horas e eu a levaria em casa.

Ah, essa seria uma oportunidade excelente para conversarmos um pouco mais antes de eu lhe convidar para outro jantar. Dessa vez eu a levaria em um lugar ainda mais especial.

Pedi para que Sandra fizesse um hambúrguer e o acompanhei com um suco. Ao terminar de comer, segui para a entrada, esperando-a. Depois de longos minutos sem resposta, encarei o relógio de pulso. Dezoito e vinte. Estranhei, já que ela nunca se atrasava e resolvi entrar para perguntar.

— Vocês viram Liandra? — parei no meio da sala com ambas as mãos na cintura.

— Não. — mamãe respondeu.

— Eu também não. — Laura deu de ombros, sem tirar os olhos do celular.

— A tia Liandra pediu para dizer que iria embora dez minutos mais cedo. — Maic se aproximou, com os olhos fixos em mim. — Ela parecia triste, papai.

Triste? Qual foi a merda que eu fiz dessa vez e não consigo me lembrar?

— Entendo... — afaguei seus cabelos, forçando um sorriso.

Pensando bem, quando me aproximei na sala de estar, ela simplesmente mudou de lugar. Sequer trocamos uma palavra desde que chegamos pela manhã. Só que eu não me recordo de ter feito algo errado.

Sacudi a cabeça e subi para o meu quarto. Servi-me uma dose de uísque com gelo e sentei-me em uma das cadeiras da sacada. Era quase onze da noite quando resolvi lhe mandar uma mensagem no *WhatsApp*, mas quando vi que sua foto tinha sumido, dei-me conta de que tinha sido bloqueado.

Pisquei algumas vezes, perplexo. Só pode ter sido algo muito grave.

Dei um longo suspiro e liguei no celular dela várias vezes seguidas. Insisti até cansar, mas não

adiantou. Liandra não me atendeu.

— Pois muito bem... — levantei-me, pegando o copo para tomar mais um gole, mas estava vazio. Segui até a mesa de bebidas e peguei a garrafa, bebendo diretamente dela. — Amanhã vou perguntar a razão desse gelo. Eu... Eu tenho certeza que dessa vez não fiz nada. — disse para mim mesmo.

Quando o sol despontou no horizonte, eu ainda estava acordado. Não preguei os olhos aquela noite. Eu sentia uma angústia no peito com uma situação que eu ainda não havia entendido. Por que ela está fazendo isso? É culpa minha?

Depois de uma rápida ducha, vesti-me e a esperei do lado de fora da mansão. Ali ela não conseguiria fugir de mim e teria de me dar uma explicação sobre aquilo.

Poucos minutos antes das oito da manhã, ela saiu do carro. Nossos rostos se alinharam e mantivemo-nos assim, encarando-nos. Lancei-me em sua direção e parei a poucos passos dela.

— Bom dia.

— Bom dia, senhor Miguel.

— Combinamos que seria apenas Miguel... — forcei um sorriso, vendo-a virar o rosto para o lado.

— Prefiro usar o “senhor”. — engoli em seco.

— Aconteceu algo? — dei dois passos para o lado, procurando por seu rosto, mas ela o virou novamente, fugindo de mim. — Está estranha desde ontem.

— Não aconteceu nada. — forçou um sorriso. — Pode me dar licença? — franziu a testa.

Engoli em seco e dei um longo suspiro, em seguida, dei alguns passos para trás e estendi uma das mãos em direção à entrada.

— Obrigada, senhor Miguel.

“Senhor Miguel”. Merda! A situação é mais grave do que imaginei. Eu preciso entender o que aconteceu com urgência ou vou perder a única chance de ser feliz que surgiu nesses longos anos.

Contive-me para não sair correndo atrás dela e perguntar qual era o problema. Respirei fundo e entrei. A curiosidade e o medo me corroíam por inteiro. Será que eu pus tudo a perder e ainda não me dei conta?

Não! Eu me recuso a aceitar isso sem uma explicação. Me recuso!

Liandra fazia questão de levar Maic por onde fosse. Ela não me dava brechas, não me deixava aproximar. Pior que isso, eu estava próximo deles, mas ela fingia não estar me vendo. Era como se eu tivesse ficado invisível aos seus olhos.

Sabe aquela agonia que você sente quando você quer muito falar com uma pessoa e ela simplesmente se recusa? Não com palavras, mas com ações? Essa é a pior sensação que um homem apaixonado pode sentir na vida.

Sim, um homem apaixonado. Se isso que faz meu coração bater não for amor, o que é? Se essa maldita sensação de medo só de imaginar que posso perdê-la não provar que a amo, o que mais prova?

— Inferno! — rosnei, respirando fundo.

Aquela sensação não sumiu. Com o passar dos dias, aumentava cada vez mais. Fazia quase uma semana que mal conversávamos e sempre que eu tentava puxar assunto, a sentia tão fria quanto um mundo sem sol.

Eu tinha receio de me impor e complicar as coisas ainda mais. Eu deveria chegar até ela, mas para isso eu precisava ter noção do problema.

Pense, Doutor Prazer. Pense! Mulheres são sua especialidade!

Esfreguei as têmporas, sentando-me no sofá da sala. O que é preciso fazer em uma situação dessas? Fechei os olhos, buscando uma resposta que pudesse me ajudar, mas era engraçado. Com ela, nenhuma dessas merdas de conselhos funcionava.

Eu não conseguia decifrá-la.

No fundo, eu sabia aonde isso chegaria. Eu precisava quebrar essa situação, ou essa situação quebraria a relação e o sentimento que se apoderou de nós dois. Eu precisava agir!

Não vou perder você, Liandra!

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

POR LIANDRA



Naquela tarde em particular, eu estava entrando no quarto de Maic pela manhã quando vi Laura sair dos aposentos de Miguel. Ela estava com uma calcinha rasgada na mão, e, assim que me viu, sorriu e a sacudiu, segurando-a com dois dedos.

— Ele rasgou. — disse toda sorridente.

Abaixei a cabeça e segui com minhas obrigações. Que direito eu tinha de revidar? Ela era sua noiva, eu havia saído com um homem comprometido. Eu era a errada ali.

Os dias foram passando e nós dois nos afastávamos cada vez mais. O meu coração estava em pedaços. Talvez, eu devesse tê-lo questionado sobre aquilo, mas quem sou eu na vida aquele homem? Sou apenas a babá do seu filho. Nada mais.

Rendi-me à necessidade de ficar sozinha e sempre que chegava do trabalho, trocava poucas palavras com Marcelly, antes de seguir para o quarto. E antes de mamãe chegar, saía um pouco para não lhe deixar preocupada, mesmo sabendo que eu não conseguia fingir que estava bem, não com elas.

— Boa noite! — mamãe disse empolgada ao entrar no apartamento.

— Boa noite. — respondemos em uníssono.

— O médico disse que seu pai logo irá receber alta. — olhou para mim e depois para Marcelly. — Isso não é ótimo? — bateu palmas, dando um longo suspiro.

— Sim, é ótimo. — ao menos algo para me alegrar.

— O que foi, querida? — mamãe afinou os olhos e sentou-se ao meu lado, tomando minhas mãos. — Venho notando que você está tristonha. Aconteceu algo?

Dei uma rápida olhada para Marcelly que lançou-me aquele olhar de “abra o jogo de uma vez”, em seguida, encarei mamãe e dei um longo suspiro.

— Eu conheci um cara... — comecei.

— Ah, eu sabia! — mamãe deu um pulinho no sofá, empolgada.

— É, estava sendo legal no começo, sabe? Acontece que eu acabei descobrindo que ele está comprometido com outra mulher. — dizer aquilo foi como ter a garganta rasgada.

Lembro-me bem quando perguntei se ele tinha namorada e ele negou com todas as letras. Aquele canalha!

— Que filho da puta! — Marcelly disparou.

— Oh, não... — minimizei com uma das mãos. — A mãe dele é um amor...

— É o seu patrão? — mamãe arregalou os olhos. Engoli em seco, sem saber o que dizer.

— É... — encostei-me no sofá, cruzando as pernas. — Isso não importa mais, só mais uma semana e eu estarei fora daquela casa. Vou apenas cumprir o que combinamos.

— Sinto muito por isso, amiga. — Marcelly saiu de onde estava e sentou-se do meu lado, abraçando-me rapidamente. — Ele não sabe o que está perdendo.

— É... — *na verdade ele não liga*. Quis dizer, mas resolvi não insistir nessa ideia boba.

— Fodam-se os homens! — Marcelly pegou um copo de água em cima da mesa e o ergueu, fazendo um brinde.

— Nem todos os homens. — mamãe acentuou e, em seguida, ergueu uma das mãos, com o punho fechado. — Fodam-se os canalhas!

— Fodam-se os canalhas! — Marcelly se corrigiu.

— Fodam-se os canalhas! — ergui o braço, com o punho fechado, unindo-me a elas.

Dei um suspiro longo, sentindo o cheiro dele invadir minhas narinas. Quando eu fechava os olhos, conseguia ver seus lábios tocarem os meus, com suas mãos deslizando por meu corpo, tocando-o como se lhe pertencesse.

Depois de tantos anos sem me envolver com um cara, eu já tinha me esquecido o que era decepção.

• • •

Desde o acontecido, eu não entrava mais no quarto reservado para mim, o quarto da babá. Aquele lugar se tornou maldito. Ao chegar eu me dirigia para a cozinha. Passei um café e servi-me uma xícara. Por conta da chuva, eu havia me adiantado, até demais, e Sandra ainda não havia chegado.

— Ora, ora, ora... — desviei os olhos do jornal, mirando Laura com aquele maldito sorriso na cara. — Se não é a *gata borralheira*.

Abaixei a cabeça, começando a repetir mentalmente: *Não vou me render às suas provocações. Não vou me render às suas provocações...*

— Quer dizer que a história de amor entre o patrão e a empregadinha acabou? Oh, é uma pena. — o seu salto ecoava de forma irritante, conforme ela rodeava a mesa, em passos lentos.

— Nunca tivemos uma história de amor! — rosnei.

— É verdade, é verdade. — debochou, parando atrás de mim. — Estava mais para um extra depois do trabalho... — senti meu sangue ferver.

— O que está insinuando? — levantei-me, olhando-a nos olhos.

— Insinuando? — Laura franziu a testa, fazendo “tsc tsc tsc” enquanto balançava a cabeça. — Estou narrando os fatos. Se não foi isso, foi o quê?

— Uma transa entre duas pessoas adultas. — respondi, erguendo os ombros. — Melhor do que sair registrando o sexo em fotografias... — abri um pequeno sorriso.

— Foi ideia dele. — meu coração tremeu. — Você ainda vai passar uma semana conosco, certo? — cruzou os braços, mordiscando a boca.

— Sim.

— Senhora.

— Oi? — franzi a testa.

— Sou a noiva de Miguel, por isso, de hoje em diante quero que me trate por “Senhora”. — forçou um sorriso.

Engoli em seco, sentindo meus olhos arderem. Abri o meu melhor e mais falso sorriso, assentindo com a cabeça.

— Sim, senhora Laura.

Ela deixou a cozinha carregando um sorriso de satisfação. Eu já havia entendido que minha última semana na mansão seria um verdadeiro inferno. Claro, eu também não tiro a razão de Laura. Saí com o homem dela. Eu não sabia, juro que não sabia...

Não demorou muito e Maic entrou correndo na cozinha, parou em minha frente coçando os olhos e me abraçou.

— Bom dia, tia Liandra.

— Bom dia, meu amor. — sorri, beijando sua testa.

Ah, meu pequeno anjinho. Você é a única razão pela qual estou aqui ainda, sabia? Esses dias tem sido uma verdadeira tortura e sei que só está começando.

— Papai vai nos levar para sair hoje. — ele contou, empolgado, me fazendo endireitar na cadeira.

— O papai contou aonde vamos? — se fosse algum lugar que possibilitasse qualquer aproximação, eu já bolaria uma forma de fugir da sua presença.

— Não... — tombou a cabeça para o lado, pensando um pouco. — Ele não disse aonde vamos. Apenas pediu para que eu te avisasse.

— Ah, ele pediu? — balancei a cabeça. *Covarde!*

— Sim. — ele balançou a cabeça.

Depois de todos prontos, seguimos para o carro. Sentei-me no banco de trás. Miguel encarava-me sem parar pelo espelho.

— Posso me sentar no banco da frente, papai? — Maic quebrou o gelo, em total expectativa.

— Já conversamos sobre isso, campeão. — Maic cruzou os braços, respirando fundo.

— A tia Liandra não quis ir no banco da frente e está no banco de trás. Então eu... — pensou um pouco. — Poderia trocar meu lugar com o dela.

— A tia Liandra não quer papo com o papai, por isso ela foi para o banco de trás. — senti meu rosto corar. Maic encarou-me sem entender, dando risadinhas.

— O papai às vezes é muito chato, não é?

— Estou ouvindo isso. — Miguel respondeu em tom brincalhão.

— Põe chato nisso. — prontamente concordei.

— Um complô dentro do meu carro? O que é isso? — resmungou, rindo em seguida.

— Vamos assumir o comando do veículo, papai! — Maic socou o ar, voltando-se a mim. — Não vamos, Tia Liandra?

— Sim, nós vamos controlar o veículo! — mesmo desconfortável com a situação, acabei entrando na brincadeira do meu pequeno.

Chegamos a um ginásio com várias pessoas na entrada. Estava acontecendo um evento ali. *Skatistas*. Passei os olhos pelas pessoas que rodeavam o carro, enquanto procurávamos uma vaga para estacionar.

— U-a-u! — Maic estava com as mãos apoiadas no vidro, encarando os garotos e as garotas do lado de fora. — Está vendo, tia? Está vendo? — disse empolgado.

— Estou sim.

— Papai nunca me deixou ter um skate. — ele murchou. — Diz que causa acidentes...

— Na verdade, papai disse que você era muito novo para ter um skate, mas agora pode. — disse Miguel, descendo do carro.

Maic abriu um lindo sorriso. Os seus olhos azuis brilharam de alegria. Ele rapidamente desceu e eu o acompanhei. Quando Miguel parou ao seu lado, ele pegou sua mão, em seguida, olhou para mim, procurando a minha.

Miguel prontamente notou meu desconforto e parecendo não querer insistir naquilo, o apressou.

— Vamos?

— Não, papai, a tia Liandra ainda não me deu a mão. — ele encarou o pai ao responder e depois se voltou a mim, balançando a mão. Olhei rapidamente para Miguel e peguei a mão do pequeno. — Agora sim, podemos ir.

Eu odiava visualizar aquela cena na minha cabeça. Estávamos parecendo um casal. Não somos! Nunca seremos!

Passamos por várias barracas antes de entrar no ginásio. Miguel comprou um skate para Maic e, finalmente entramos.

— Papai, posso ir? — pediu, apontando em direção a um circuito para crianças.

— Pode. Apenas tome cuidado, ok? — ele se abaixou, ficando na altura de Maic. — Não precisamos de um campeão machucado em casa, certo? — Maic assentiu e saiu segurando o skate desajeitadamente em direção da pista.

— Um minuto. — Miguel encarou-me rapidamente seguindo atrás do filho.

Assim que ele se afastou, comecei a rodear a pista. A pequena ficava quase na entrada, a maior ficava mais ao fundo, uma do lado da outra com uma grande divisa para separar as crianças dos adultos.

Acabei me perdendo entre as manobras dos adultos. Eles realmente iam alto, giravam no ar e até saltavam, tirando o skate dos pés, segurando-os com uma mão.

— Meu Deus! — gritei, cobrindo a boca quando vi um cair.

— Ele não se machucou. — meu coração tremeu. Quando foi que você...

— É, parece que não... — respondi sem encarar Miguel. — Vou tomar uma água. — preparei-me para sair quando ele me acompanhou.

— Ótimo, também estou com sede.

Parei subitamente, respirando fundo.

— Está me deixando irritada! — sussurrei baixinho, de costas para ele, com os dentes cerrados.

— Em qualquer outra ocasião eu diria que isso me deixaria excitado, mas nessa não. — arregalei os olhos. — Precisamos conversar.

— Não, não precisamos! — respondi baixinho.

— É claro que precisamos, Liandra. Você vem me ignorando há dias. Qual é o problema? — ele parou em minha frente, erguendo as mãos para cima, parecendo não saber a razão.

— Não se faça de vítima! Você sabe muito bem do que se trata. — virei o rosto para o lado, sentindo as primeiras lágrimas descenderem. — Mentiu para mim. Você mentiu... — contive a raiva. — Isso é imperdoável!

— Menti? — ele ergueu as sobrancelhas, surpreso.

Até eu mesma me surpreendi com sua reação. Não! Não acredite nele, Liandra. Os homens são assim. Eles sabem se comportar nesse tipo de situação. Não acredite nele.

— Mantenha-se longe de mim ou não vou terminar os dias que ainda faltam para acabar a experiência. — ameacei em alto e bom som, deixando-o ali plantado.

E, graças aos céus, ele não veio atrás de mim, muito menos me procurou outra vez aquele dia. O motorista me deixou em casa como havíamos combinado no contrato de experiência.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS



Eu e ela voltamos para casa em completo silêncio. As únicas vezes que abrimos a boca tinha sido para partilhar da empolgação de Maic ao andar pela primeira vez de skate.

Deixei-os na sala e subi para o quarto. Assim que entrei, soquei a porta com toda minha força. *Que droga eu fiz?*

Aqueles olhos cor-de-mel estavam tão vivos que senti como se uma faca atravessasse meu peito quando lágrimas surgiram neles.

O que eu fiz, caralho?! Chutei a cadeira que estava à minha frente, jogando-a para o lado.

Esse é o grande problema. Não sei como chegamos a esse ponto. Suspirei profundamente, encarando o relógio de pulso. Dezenove horas. Desci até a cozinha, deparando-me com Sandra.

— Ainda não foi embora, minha querida? — sentei-me à mesa.

— Estou com alguns problemas em casa, então pedi a dona Ana para dormir aqui hoje. — Sandra forçou um sorriso. — Café? — ergueu a garrafa. — Fiz agora.

— Por favor. — assenti com a cabeça. — Acho que todos nós estamos com problemas...

— É o meu marido. Ele voltou a beber e anda meio agressivo... — contou baixinho, envergonhada.

— Ele te agrediu? — encarei-a fixamente.

— Não, ainda não chegamos a esse ponto.

— Nem permita. — respondi de imediato. — É um círculo vicioso. Se fizer a primeira, fará outras.

— Eu sei... — ela pareceu lamentar, dando um longo suspiro, em seguida, nos serviu café.

— Odeio agressores. — balancei a cabeça. — É a pior raça que caminha sobre a Terra. — pontuei.

— E quanto ao senhor, o que o incomoda?

Tomei um gole de café, coloquei ambas as mãos sobre a mesa, roçando os dedos na xícara.

— O meu coração. Ele está sangrando.

— Ah, entendo. — ela sorriu, abaixando a cabeça. — Liandra parece ser uma boa moça. — Sandra disse aquilo de forma tão simples que eu logo havia entendido que ela sabia.

Confesso que isso me deixou confortável para me abrir com ela.

— Ela é uma mulher perfeita. — sorri ao dizer aquilo. — Estávamos indo bem, mas alguma coisa aconteceu e foi como uma explosão nuclear... — parei, franzindo a testa. — Não sobrou nada...

— Acredito que não seja apenas o seu coração que esteja sangrando. — Sandra comentou. — A vi chorando esses dias após conversar com a — trouxe o rosto para frente, sussurrando: — Dona Laura.

— Laura? — arregalei os olhos.

Vaca!

— Sim, senhor.

— Ah, eu deveria ter imaginado. Ela anda muito quietinha esses dias... — mordi os lábios balançando a cabeça.

— E hoje a senhora sua mãe saiu do quarto da senhorita Liandra com algumas fotos na mão e me questionou de modo insistente sobre alguém tê-las visto. — contou.

— Que fotos?

— Não sei, ela não me permitiu ver, apenas questionou se vi alguém entrar no quarto, além de Liandra. — explicou, mantendo o tom baixo.

— E o que você disse? — levei o rosto para frente, sentindo que estava pondo os pés na raiz do problema.

— O mesmo que acabei de dizer ao senhor. — assentiu com a cabeça, erguendo ambas as mãos em minha direção. — Por favor, senhor Miguel, não sou nenhuma fofoqueira. Eu só achei que o senhor deveria saber...

— Ora, não se preocupe com isso... — balancei a cabeça, minimizando a situação. — Será o nosso segredo. Esqueça que disse isso a alguém.

— Sim, senhor.

Dei mais um gole no café e levantei-me.

— Boa noite, Sandra e muito obrigado. Você realmente salvou minha vida. — sorri.

— Só cumpro com minhas obrigações, senhor. — assentiu com a cabeça.

Marchei em direção ao quarto da minha mãe e entrei sem bater. Ela estava sentada de frente à

penteadeira, provando algumas joias.

— Perdeu o pouco de educação que lhe resta? — arqueou uma das sobrancelhas, fulminando-me com os olhos.

— A senhora não bate ao entrar no meu quarto. — trouxe a cabeça para trás.

— Sou sua mãe, não você a minha. — rosnou. — Sente-se e diga logo o que quer.

— Estou apaixonado. — confessei-lhe.

— Ah, sério? — girou o corpo e cruzou as pernas antes de me encarar com aquela cara de “isso não é novidade”. — Ninguém notou isso.

— Acho que fiz merda. — gemi.

— Acha? — ela ergueu as sobrancelhas. — Então você acha que fez merda e por isso veio procurar os conselhos da mamãe? — levantou-se, num tom de irritação extrema.

Engoli em seco.

— Mamãe, a senhora está sendo grosseira!

— Grosseiro é uma mulher da minha idade encontrar fotografias onde o filho está nu com outra mulher, ou melhor dizendo, fazendo sexo com ela. — disparou.

Pisquei algumas vezes, abaixando a cabeça. Aquilo havia vindo como um nocaute.

— Então você não nega? — colocou ambas as mãos na cintura.

— Não! Quer dizer, não sei de onde saíram essas fotos. — ergui o rosto, encarando-a.

— Encontrei-as no quarto de Liandra, no chão. É claro que sei quem as colocou lá, assim como também sei que a razão da pobrezinha te evitar não é sem fundamento, mas pelo amor de Deus, Miguel, fotos desse tipo? Isso é completamente...

— Pare, por favor, mamãe. — abaixei a cabeça outra vez. — Eu já disse que não tirei essas fotos, muito menos permiti que fossem tiradas.

— Permitindo ou não, foram tiradas. — puxou uma das gavetas da penteadeira e me entregou em mãos. — Queime essa merda!

Assim que as peguei, arregalei os olhos. Laura e eu? Essas fotos são do apartamento. Eu usei essa roupa há dois anos. Lembro-me bem dessa noite. Bebemos muito e... Ela tirou as fotos sem eu saber?
Filha de uma puta!

— Mamãe... — murmurei baixinho, completamente envergonhado de algo daquele tipo ter parado

em suas mãos.

— Hum?

— Quero Laura fora da minha casa. Amanhã vou descer apenas depois do almoço e quando descer, não quero ver seu rastro no meu piso. — ordenei, cerrando os dentes, antes de amassar todas aquelas malditas fotos.

Deixei os aposentos da minha mãe, seguindo para o meu. Assim que entrei, tranquei a porta. Eu havia terminado de encaixar o quebra-cabeça. A víbora estava picando meus calcanhares debaixo do meu próprio teto. Eu imaginava que isso pudesse acontecer, mas não nessa proporção.

Você simplesmente perdeu comigo, Laura. Não vou perdoar essa invasão na minha vida particular. Como você teve a coragem de divulgar fotos de nós dois sem a minha permissão? Divulgasse apenas as suas, não as minhas!

Respirei fundo, tentando controlar aquela vontade súbita de invadir o quarto de hóspedes e lhe dizer umas boas verdades.

— Você achou o problema, Miguel. Agora é hora de apresentar a solução. — disse a mim mesmo.

Amanhã sem falta falarei com Liandra. Ela precisa me ouvir, precisa saber que isso é coisa do passado e que depois que a conheci, não tenho olhos para outra mulher.

Ela precisa saber!

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

POR MARCELLY



Ao acordar, levantei-me para tomar café e acabei me deparando com Liandra sentada no sofá, encarando o nada. Parei em sua frente, acenando, mas ela sequer me notou.

— Terra para Liandra?

— Oi? — forçou um sorriso. — Bom dia.

— Bom dia? — arqueei uma das sobrancelhas, cruzando os braços. — A sua cara está amarrotada e você parece ter chorado a noite inteira.

— Ele tentou falar comigo ontem, acho que era para se explicar. — disse, franzindo os lábios. — Mas ele iria dizer o quê? — deu de ombros. — Eu vi com meus próprios olhos.

Dei um longo suspiro, sentando-me ao seu lado no sofá e prontamente a puxei para um abraço.

— Miguel é um otário.

— É sim. — Liandra fungou chorosa.

— Posso cancelar o encontro com Leonardo e você o seu dia na mansão, que tal? Podemos passar a manhã juntas tomando sorvete de chocolate. — tentei soar o mais empolgante possível.

— Não... — ela negou com a cabeça. — Maic precisa de mim.

— Tudo bem, mas se mudar de ideia... — arranquei-lhe um pequeno sorriso, fazendo-a assentir com a cabeça.

Homens são cruéis. Eles não fazem noção do estrago que podem fazer a uma mulher. Talvez, se soubessem, não fariam... Ou fariam, depende do homem.

Entrei para o quarto para organizar algumas coisas e quando saí, ela já tinha ido para o trabalho. Voltei para dentro e me aprontei. Leonardo disse que tinha uma surpresa para mim.

Como combinado, encontrei Leonardo em seu escritório, no centro de Goiânia. Assim que entrei, fui recebida com um forte abraço, seguido de vários beijinhos nos lábios.

— Está com muito trabalho, hein? — comentei, passando os olhos por sua mesa.

— Um pouco. — ele confirmou, soltando minha cintura. Afastou-se, deu um longo suspiro e sorriu. — Espere um minuto, ok?

— O.K. — assenti com a cabeça.

Leonardo deixou a sala. Permaneci de pé, encarando as prateleiras ao meu redor. Havia outra mesa em sua sala, mas tudo indicava que era para acumular papelada, pois não havia computador, excluindo a possibilidade de outro funcionário.

Cinco minutos depois ele voltou, ofegante.

— Eu fui correndo no carro... — disse ofegante.

— Correndo mesmo.

— Bom... — aproximou-se e parou em minha frente, olhou-me nos olhos e se ajoelhou. Abri um sorriso bobo. Imediatamente ele retirou uma pequena caixinha do bolso, pondo-a na palma de uma das mãos e com a outra, a abriu. — Quer ser minha namorada?

Senti meus olhos arderem. O meu coração batia a mil por hora. Cobri o rosto com ambas as mãos. Aquilo foi realmente uma surpresa. Eu não esperava por isso, não hoje.

— Não sei... — brinquei, mordendo os lábios, arrancando um beicinho dos seus lábios. — É claro que eu quero!

Leonardo colocou-se de pé imediatamente. Puxou-me pela cintura e beijou-me outra vez. Seus lábios eram macios quando acariciavam os meus. O seu beijo era quase como um carinho.

Em seguida, ele se afastou e colocamos as alianças. Confesso que eu estava muito feliz. Há muito tempo eu não conhecia um homem tão gentil quanto ele. Leonardo era compatível comigo. Na verdade, foi o primeiro homem com quem me identifiquei totalmente.

— De hoje em diante você é minha. — ele sorriu ao dizer aquilo.

— E você é meu. — segurei na gola do seu terno, puxando-o para outro beijo.

Passei o resto da manhã com ele, acompanhando seu trabalho, enquanto ele comentava sobre cada um dos milhares de clientes com quem trabalhava. Acabei escorando-me na beirada da mesa onde havia pilhas de papéis.

— Esses dias deparei-me com um caso muito engraçado. O empregador queria processar a funcionária por tê-lo levado à justiça e o caso dela, que foi iniciado primeiro, sequer havia sido julgado. — gargalhou.

— Que louco! — franzi a testa, esbarrando em uma das pilhas, que tombou um pouco para trás, mas Leonardo sequer notou. Ele estava ocupado demais me contando sobre as situações engraçadas que um advogado é obrigado a passar.

— Outro dia, uma mulher quis processar o entregador de jornais por... — virei-me para trás,

prestando atenção na papelada, talvez eu tivesse que ajeitar a bagunça feita por mim.

Os meus olhos fixaram-se em um nome: *Miguel Souza*. Rapidamente peguei o papel, vasculhando-o com os olhos. Era um documento, um comprovante de doação feito para *Juarez Alves Bezerra*, o pai de Liandra. Arregalei os olhos com aquilo. Conferi a localização do hospital e se tratava do mesmo lugar. Não, não era um engano.

Pisquei outras vezes, desacreditada daquilo. A minha mente ligou os pontos em um instante. Eu só conheço um Miguel. Não, não pode ser! Um homem desinteressado em uma mulher não faria uma doação desse valor, faria? São quase duzentos mil reais até o momento.

— Meu amor? — Leonardo parou ao meu lado e encarei-o rapidamente. — Isso é documento sigiloso. Eu posso ter problemas, caso caia nos ouvidos do meu cliente...

— E quem vai contar? — ergui uma das sobrancelhas, sorrindo.

— De todo modo, seria antiprofissional da minha parte...

— Quem é esse Miguel? — interrompi-o outra vez.

Leonardo olhou para cima, procurando alguma desculpa, mas nesses meses de convivência, ele sabia como eu era quando queria descobrir algo.

— É um amigo de faculdade. Nos conhecemos há um bom tempo.

— Por que ele fez essa caridade? É um ato muito generoso cobrir quase duzentos mil reais em despesas hospitalares de um estranho.

— Ele tem o costume de fazer doações... — não parecia ser apenas isso.

— Doações são feitas a instituições, pessoas jurídicas, e nesse caso foi pessoa física. — pontuei.

— O que quer saber, meu amor? — Leonardo deu um longo suspiro, colocando ambas as mãos na cintura.

— Por que ele fez essa doação? Só isso. — balancei a folha em minha mão, entregando-a a ele.

— Ah, acredito que ele se apaixonou pela moça, mesmo negando isso... — riu, balançando a cabeça. — Então acabou fazendo uma doação anônima ao pai dela, sem que ela soubesse.

Cacetada!

Eu sabia! Eu sabia que se tratava do mesmo Miguel. Puxei uma cadeira e me sentei, dando um longo suspiro.

— Aconteceu algo? — Leonardo segurou minhas mãos. — Você se sentou de repente. — olhou-me preocupado.

— Está tudo bem. Pode pegar uma água para mim, por favor? — pedi.

— Claro. — Leonardo deixou o escritório a passos largos.

Cacetada dupla!

Tem algo estranho nisso. Não faz sentido. Se ele não queria nada sério com Liandra, por qual razão ele teria tido um gasto dessa magnitude com o pai dela? Esse papo de caridade comigo não cola!

— Pense, Marcelly, Pense! — disse a mim mesma.

Liandra estava triste por conta de um homem. Quando a questionamos, descobrimos que se tratava de Miguel e a razão era uma mulher. Ele está comprometido com essa mulher, mas...

Não faz o menor sentido!

Massageei minhas têmporas, respirando fundo. Leonardo entrou na sala, entregando-me o copo de água. Peguei-o e o tomei aos goles, entregando-lhe o copo vazio.

— Está se sentindo bem? Posso te levar ao hospital.

— Foi só um mal-estar. — levei uma das mãos à sua nuca, puxando-o para um beijo.

Que maldade, Marcelly. Você quase mata seu namorado com uma das suas crises “cacetadas”. Claro, nem eu mesma esperava por isso. Foi uma enorme surpresa.

Eu deveria contar a Liandra, mas fazê-lo nesse momento, se a conheço bem, faria com que ela se sentisse em débito com Miguel, e isso era o que eu menos queria para uma amiga que considero como uma irmã.

O melhor a se fazer seria acompanhar de longe, buscando colher todos os detalhes possíveis de como tudo se desenrolou. Mas há algo dizendo dentro de mim que alguma coisa nessa história está muito mal contada.

Detesto ter que me posicionar ao lado de homens canalhas, mas até segunda ordem, estou te dando o benefício da dúvida e, se for provada sua inocência, Miguel, você terá minha ajuda. O ato para com o pai de Liandra é algo impagável.

— Podemos jantar hoje? — Leonardo sugeriu, ainda me encarando.

— É claro.

— Nosso primeiro jantar como namorados. — ele disse aquilo de forma tão fofa, que nem vi quando saltei em seu colo.

— Leo, Leo, não me provoque! — mordisquei sua orelha.

— Ui, a tigresa pretende me arrancar um pedaço essa noite? — ele lançou-me um sorriso sacana, segurando-me pelas coxas, com minhas pernas passadas por sua cintura e os braços pelo seu pescoço.

— Talvez depois do jantar. — sussurrei em sua orelha.

— Podemos jantar agora, que tal? — brincou, me fazendo gargalhar.

— Agora não. Eu tenho que voltar para casa e organizar algumas coisas. — suspirei, encarando-o fixamente. — Estou feliz por tê-lo ao meu lado.

— Estou explodindo de alegria pela mesma razão.

Beijamo-nos novamente.

Voltei para casa feliz da vida com a surpresa. Eu queria me focar naquele momento, no meu momento, mas a minha cabeça estava navegando em águas desconhecidas. A questão entre Miguel e Liandra continuava me incomodando.

INTERLÚDIO 4

POR LAURA



Quase deitada na poltrona, eu encarava o teto, repassando as etapas do plano, balançando a taça de vinho em minha mão. A empregadinha nunca mais vai confiar nele. Agora, Miguel é um mentiroso, um homem da pior espécie. E quem poderá uni-los novamente?

Um sorriso de canto escapou. A minha rival havia sido massacrada. Foi tão fácil que cheguei a sentir sono. Agora, preciso eliminar de vez aquela praga, antes que ela se regenere.

Lembrei-me da cara da mosca-morta quando lhe mostrei a calcinha rasgada outro dia. Eu sou mesmo um gênio. Bastou esperá-la indicar que iria subir as escadas para entrar no quarto de Miguel e sair no momento certo. Ele não estava lá, mas ela não sabia disso.

Uma risada escapou, me fazendo aconchegar-me ainda mais na poltrona.

— Ela quase chorou... — fiz um beicinho, tornando a rir.

Resolvi sair do quarto para andar um pouco e quem sabe, consolar Miguel. Coitadinho, ele deve estar desolado nesse momento, e quando ele fica assim, sexo é o melhor remédio.

Assim que me aproximei da porta, ouvi passos pesados no corredor. O piso parecia querer ceder a qualquer momento. Espiei pela porta, vendo Miguel entrar no quarto da mãe, trazendo no rosto a expressão de um demônio, completamente enfurecido.

— O que aconteceu dessa vez? — arqueei uma sobrancelha.

Pé ante pé, fui até a entrada do quarto de dona Ana. Colei a orelha na porta, buscando ouvir a conversa dos dois. *Eles estão falando sobre mim!* Arregalei os olhos.

Dona Ana parecia furiosa, ela estava falando com ele sobre fotografias. Um sorriso frustrado brotou em meu rosto. *Velha maldita! A culpa também é minha, óbvio. Foi muito amorismo não ter pedido as fotos de volta.*

Respirei fundo, atenta ao ritmo da conversa. Eles sabiam, os dois tinham certeza de que havia sido eu quem colocou as fotos lá.

— Eu esperava isso... — murmurei. — Não afeta os meus planos. Você vai ficar com raiva uns dias, mas depois virá correndo para os meus braços...

Emudeci quando Miguel rugiu no quarto, ordenando a minha saída imediata da mansão. Engoli em seco, sentindo meu coração quase parar.

Você vai mesmo me trocar por uma professora sem classe, sem família, sem fineza?

Ouvi seus passos se aproximarem. Corri em direção ao meu quarto e fechei a porta silenciosamente, trancando-a. O que eu menos queria era um homem furioso no meu quarto, e me enchendo de perguntas.

— Ele vai perguntar por que não pedi para tirar as fotos... — sussurrei para mim mesma, seguindo para a cama, onde me sentei. — E o que eu vou responder é...

Eu precisava pensar em algo que não me complicasse tanto ou que minimizasse esse estrago.

— Eu posso alegar que estava bêbada e que perdi as fotos. — mordi os lábios, seguindo até a mesa de bebidas. Servi-me um pouco de uísque, dando uma golada. — Não há álibi melhor.

Contudo, ainda temos outro problema. Conhecendo-o como conheço, meus dias aqui estão encerrados, exceto se...

— Preciso ludibriar aquela velha. — dei outro gole na bebida. — Chantageá-la caso necessário, mas não posso sair daqui agora. Isso frustraria todos nossos planos!

O que fazer? Preciso agir depressa. Ela não vai demorar em vir falar comigo.

O celular tocou. Estiquei uma das mãos, pegando-o em cima da cama. *Mamãe*.

Minha salvação!

— Pronto, mamãe. — atendi depressa.

— Boas notícias?

— As melhores. — mordi os lábios. — Dei um fim no caso de amor da empregadinha. — contei-lhe, eufórica.

— Ótimo. Quando ela sai da casa?

— Acho que em uma semana, não sei ao certo. — dei de ombros.

— Então não é o fim, ainda não. Só teremos liquidado essa pobretona quando ela estiver fora da mansão.

— Concordo.

— Sobre o rapaz, ele irá à mansão amanhã cedo, alegando estar levando algumas peças de roupas suas. — explicou. — Não se preocupe com nada, apenas deixe-o entrar no seu quarto, ele cuidará do resto.

— Como quiser... — eu precisava contar o imprevisto.

— Algo errado?

— Bom... — comecei. — O fim do romancezinho entre Liandra e Miguel custou minha saída daqui. Eu o ouvi conversando com a mãe sobre isso...

— Você foi descuidada!

— Agi rapidamente, como a senhora falou.

— Ser ágil não quer dizer ser burra, minha filha. — rosnou.

— Preciso ficar na mansão. Miguel foi bem claro. Ele não quer falar comigo, então quem virá comunicar minha saída será dona Ana. Eu gostaria de saber se a senhora pode me ajudar... — balancei a cabeça de um lado a outro, sorrindo. — A senhora disse que tinha uma carta na manga...

Dona Rosália emudeceu do outro lado da linha.

— Mamãe? Mamãe?

— Estou aqui. — rosnou novamente.

— E então?

— Primeiro, ouça a história com calma e sem questionamentos. Entendeu? — disse em tom irritadiço.

— Sim.

— Segundo, quando eu terminar de contar, não questione, apenas faça como eu lhe mandar fazer.

— Sim.

Engoli em seco, com tantas regras envolvendo um segredo. Será que elas cometeram algum crime ou coisa do tipo quando eram mais jovens?

— Pois muito bem! — tossiu, limpando a garganta. — Quando éramos jovens...

Eu sentia que aquela seria uma história de cair o queixo. Dona Rosália não costumava fazer suspense, mas, dessa vez, a coisa parecia ser melhor do que eu havia imaginado.

Não vou sair dessa casa enquanto a professorazinha ainda nutrir o mais mínimo sentimento por ele!

Era quase onze da noite quando dona Ana veio até o meu quarto. Ela bateu e entrou, sem esboçar qualquer emoção.

— Boa noite, dona Ana. — permaneci deitada na cama, com as pernas cruzadas.

— Boa noite. — respondeu, aproximando-se da cama em passos lentos, até que parou. — Podemos conversar?

— É claro. — forcei um sorriso e sentei-me, encarando-a.

— Não farei rodeios. — uniu as mãos religiosamente. — Você está incomodada com a professora Liandra, agora babá do meu neto. Não bastasse isso, vem atacando-a de incontáveis formas e eu, por acaso, achei algumas fotos desavergonhadas no quarto, onde você e Miguel estão... — gesticulou com as mãos, torcendo a boca. — Diante disso, sua permanência nessa casa se tornou insustentável.

Ao morder os lábios, abaixei a cabeça.

— Dona Ana...

— Não posso fazer nada por você. — cortou-me com rispidez.

Enchi o peito de ar e coloquei-me de pé, encarando-a fixamente.

— É claro que pode. A senhora ainda estaria nas ruas se não fosse minha mãe. — balancei a cabeça.

— Já a recompensei por isso.

Aproximei-me um pouco mais e, ao encostar a boca em sua orelha, sussurrei:

— Eu sei o seu segredo. — afastei-me rapidamente para poder saborear a cara daquela velha. Ela estava pálida, desconcertada e nervosa. — Ah, não se preocupe, eu não vou contar a ninguém.. — comecei a rodeá-la em passos lentos. — Desde que me faça um pequeno favor.

— Ninguém vai acreditar em você. — rosnou.

— Quer descobrir? — parei em sua frente, erguendo as sobrancelhas. — A senhora vai ficar mal falada, e foi bem *trabalhoso* chegar aonde chegou para jogar tudo por terra assim...

— O que quer? — esfregou as mãos, virando o rosto para o lado.

— Não se meta entre mim e Liandra. Com o seu filho, eu me entendo. — fui objetiva, fazendo-a engolir em seco. — Conto com a sua ajuda?

— A sua mãe sabe que você está fazendo isso? — Dona Ana afinou os olhos, que queimavam como brasas.

— Não, claro que não. A sua amizade é importante para ela, mas eu e a senhora não somos amigas. — dei um longo suspiro. — Sei que nunca gostou de mim e que nunca me aprovou também.

— E está certa.

— Isso não importa. — dei de ombros. — Conto com a sua ajuda?

A velha ficou imóvel na minha frente, parecendo pensar um pouco sobre o impacto da revelação daquele segredo na sua família. Eu diria até que conseguia ler sua mente: ela estava imaginando qual seria a reação de Miguel.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO



Não consegui dormir naquela noite. Coincidentemente, Laura não surgiu para tentar me levar para os seus braços. Ah, ela sabia que as coisas poderiam se complicar e, certamente, estava aguardando o momento certo para tentar colocar suas mãos em mim.

Você se acha muito esperta, mas não é tão esperta quanto pensa. Suas últimas horas aqui estão contadas!

Tomei uma ducha fria às cinco da manhã. Aquilo talvez refrescasse minhas ideias. Quando Liandra chegasse, eu teria de encarar uma mulher enfurecida, magoada e que, talvez, estivesse sentindo ódio de mim.

— Paciência. Lembre-se disso, Miguel. — disse a mim mesmo.

Com aquele pensamento, desci para o primeiro andar. Sentei-me no sofá da sala principal e a aguardei. Quanto mais próxima sua chegada ficava, mais nervoso eu me sentia.

Estou com os nervos à flor da pele. Ela precisa saber a verdade, mais que isso, precisa entender que tudo foi uma armadilha de Laura para nos afastar.

Oito em ponto. Coloquei-me de pé na sala quando ouvi o motorista chegar. Assim que ela entrou, nossos olhares se cruzaram. Como estava bela, meu Deus!

Liandra assentiu para mim, desviando nossos rostos em seguida. Em passos lentos, ela se dirigiu para a cozinha. Fui atrás dela. Quando entrei, Sandra estava toda sorrisos, mas o sorriso se desfez quando me viu.

— Sandra, pode nos dar um minuto, por favor? — pedi.

— Não! — Liandra se levantou. — Por favor, Sandra, fique. — disse, apoiando as mãos na mesa, em uma posição completamente ofensiva.

Ali eu havia entendido. Liandra não estava para brincadeira. Eu diria que ela estava pronta para o ataque, apenas esperando o momento para me destroçar.

— Sandra... — insisti.

Sandra pareceu desorientada, sem saber o que fazer. Num gesto de impaciência, colocou ambas as mãos na cintura, encarando-nos.

— Devo ou não devo sair?

— Sim!

— Não!

Liandra e eu respondemos ao mesmo tempo. Sandra sacudiu a cabeça, jogou o pano de prato que carregava nos ombros sobre a mesa e saiu, revirando os olhos.

Rapidamente fechei as duas entradas da cozinha e parei em frente à Liandra. Seus olhos faiscavam, seus lábios estavam crispados e os braços cruzados.

— Pensei ter deixado claro qual era minha posição na nossa última conversa. — encarou-me com tamanha frieza que senti meu estômago se revirar.

— Ótimo. Se depois que eu explicar tudo e você ainda quiser sair dessa casa, sinta-se à vontade. — parti para o ataque.

— Não quero saber de nada, Miguel, eu quero apenas...

— Você precisa saber! — interrompi-a, fazendo-a soltar um suspiro frustrado.

— Pois muito bem, comece. — estendeu uma das mãos, apontando para uma cadeira, sentando-se em seguida.

— Obrigado. — sentei-me.

Dei um longo suspiro, apoiando os cotovelos na mesa, deixando as mãos unidas.

— Laura e eu tivemos um envolvimento...

— Sério? — debochou, cruzando as pernas. — Se não me contasse, juro que eu não saberia que a sua namorada, agora noiva, tem envolvimento com você.

— Como é? — franzi a testa.

— Não me faça de otária! — rosnou, socando a mesa. — Eu sei de *tudo*. — fez questão de enfatizar a última palavra.

— Não estou entendendo. — sacudi a cabeça.

Então tem mais? Laura não parou nas fotos? Engoli em seco, começando a sentir a esperança esvair-se das minhas mãos.

— Não preciso ouvir mais nada... — levantou-se, pegando a bolsa.

— Espere, por favor. — implorei. — Por favor, me deixe falar.

— Falar mais o quê, Miguel? Eu já sei tudo... — seus olhos estavam marejados. — Sei que fui apenas uma das suas muitas fudas, enquanto a mulher que você escolheu para ser sua esposa, está na sua

casa...

— Não! — gritei, assustando-a. — Não é ela quem eu escolhi. — aproximei-me de Liandra, ofegando entre as palavras. — Eu escolhi você. — sussurrei, alinhando nossos olhos. — Foi você quem eu escolhi...

Liandra uniu os lábios, sacudindo a cabeça. Encostou-se a um dos armários e abaixou a cabeça, emudecendo.

— Pare de mentir para mim, por favor... — pediu entre sussurros.

— Eu não estou mentindo. Vou começar a contar tudo e depois você fala, certo? — Liandra sacudiu a cabeça. — Eu imploro... — sussurrei, fazendo-a olhar em minha direção, sem dizer nada.

Enchi o peito de ar e comecei.

— Como eu estava dizendo, Laura e eu tivemos um envolvimento. Nós dois tínhamos um acordo de que seria apenas sexo casual, nada mais além disso. Devido a nossas mães serem amigas, acabou que a proximidade aconteceu, mas eu e ela *não temos nada*. — frisei aquilo. — Aquelas fotos que você encontrou foram tiradas sem minha permissão, provavelmente de alguma noitada onde ficamos muito bêbados...

— E o anel? Você deu a ela um anel de noivado. — ouvir aquilo de Liandra foi como tomar um tiro no peito. *Eu o quê?*

— Não dei anel nenhum a ela. — uma risada frustrada escapou. — Eu jamais faria isso. Ela é completamente diferente de mim... — franzi a testa, aproximando-me ainda mais de Liandra. — Ela não gosta do Maic. Por que diabos eu me envolveria com uma mulher assim? — os olhos de Liandra se arregalaram.

— Não sei se devo acreditar no que você diz... — Liandra sacudiu a cabeça.

— Pergunte a minha mãe. Sim, pergunte. Ela pode confirmar que estou dizendo a verdade. — peguei em suas mãos, completamente ofegante. — Ela não mentiria sobre algo assim.

— Se Laura não gosta do seu filho, por qual razão ela ainda está na sua casa? — Liandra tombou a cabeça para o lado.

— Ela veio para cá sem o meu consentimento. Mamãe a aceitou por conta da amizade com Rosália, mãe de Laura, e, por isso, ela acabou vindo. — expliquei.

Liandra respirou fundo, passando as mãos que tremulavam pelo rosto, completamente avermelhado.

— Por favor, acredite em mim...

— Aquelas fotos não saem da minha cabeça. — gemeu baixinho.

Subitamente a abracei, pousando uma das mãos em sua nuca, afagando seus cabelos. Aos poucos a senti passar os braços pelo meu pescoço, rendendo-se ao choro.

— Você caiu em uma armadilha. Foi isso que aconteceu. — contei-lhe.

— E-E-Eu não sei o que pensar. A única coisa que preciso nesse momento é que o meu coração pare de doer. — disse em tom choroso, fungando.

Fechei os olhos ao ouvir aquilo. Eu a fiz chorar. Sem querer, mas fiz. Naquele instante, me senti o pior homem do mundo, pois eu havia causado uma ferida no coração da minha amada.

— Depois que eu conheci você, nenhuma outra mulher se tornou atraente para mim... — confessei com a voz embargada. — Eu só quero estar ao seu lado, só quero ter você como minha mulher, como mãe do meu filho.

— Mas...

— Ela está tentando nos afastar. Eu juro por tudo que é mais sagrado. — afastei-me, encarando-a. — Juro por Maic que essa é a mais pura verdade.

Havia receio em seu rosto e certa descrença. Eu daria tudo para saber o que se passa na cabeça dessa mulher agora.

— O que preciso fazer para você acreditar em mim? — perguntei entre sussurros, sem enxergar outra saída.

— Preciso de tempo. — ela fungou, enxugando as lágrimas com o dorso das mãos. — É o que preciso. Só isso. — balançou a cabeça, abaixando-a.

Eu sei que é difícil. O veneno da cobra está agindo, não é? A sua cabeça está contra mim. A verdade está lutando contra a mentira.

— Tudo bem. — uni os lábios, abaixando a cabeça, sentindo meus olhos lacrimejarem. — Como quiser, Liandra.

— Vou subir para o quarto de Maic. — fungou, pegando a bolsa em cima da mesa, dirigindo-se para a porta que dava para a sala.

— Liandra? — chamei-a e ela parou com a mão na maçaneta. — Eu te amo. — mal falei e ela deixou a cozinha, apressada.

Foi a primeira vez que confessei isso. Eu senti que a estava perdendo. Era como se eu estivesse vendo a mulher da minha vida atravessando aquela porta, que naquele momento, representava o meu coração. Ela estava me deixando para trás.

Então, antes de perdê-la por completo, eu expus meus mais profundos sentimentos para ela: o meu

amor. O amor que somente outra mulher, que já não está mais entre os vivos, despertou no passado. Um sentimento que por vezes considerei maldito, por me fazer sofrer tanto.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

POR LIANDRA



Deixei a cozinha sem fôlego. As minhas pernas estavam bambas, minhas mãos suadas e o coração palpitando com força. Quando ele disse “eu te amo”, foi como se eu tivesse sido beijada.

Puxei ar e subi as escadas apressada. Entrei no quarto de Maic e coleí as costas na porta. Não posso negar, eu também te amo, Miguel, mas, de repente, as coisas se tornaram tão complicadas...

O meu pequeno estava dormindo. Sentei-me na poltrona que fica ao lado da sua cama e escorreguei por ela. Aquela conversa toda havia me deixado ainda mais confusa.

Diante de tudo isso, só consigo me fazer uma única pergunta: por qual razão Laura ainda continua na mansão? Ela era uma mentirosa e estava tentando nos prejudicar de algum modo, ou ele era o mentiroso?

Sacudi a cabeça, lembrando qual era o meu lugar. Liandra, essa não é a sua casa, você não pode simplesmente querer que a mandem embora.

Não posso, mas *queria muito!*

Maic acordou por volta das dez horas; tomou banho, vestiu uma roupa leve e descemos para que ele tomasse o café da manhã. Não encontrei Sandra na cozinha aquela manhã, ela provavelmente tinha ido fazer compras para a mansão.

— Tia Liandra. — Maic me chamou, mordiscando o sanduíche de presunto e queijo, antes de pousar aqueles lindos olhos azuis em mim.

— Diga, meu amor. — sorri.

— Sabia que eu tenho um anjo da guarda? — contou baixinho, do mesmo modo que se conta um segredo.

— Sério? — fingi surpresa. Crianças são criativas e tendem a ter uma grande imaginação.

— Hum-hum. — ele confirmou com a cabeça.

— E como se chama seu anjo da guarda? — arregalei os olhos, fazendo-o rir.

— Karine, o mesmo nome da mamãe. Ela é muito boa comigo e sempre conversamos quando estou triste. — disse, mordiscando o sanduíche outra vez.

Senti um aperto no peito ao ouvir aquilo. Era fruto da imaginação dele, mas eu não iria destruir isso nunca!

— E ela te dá bons conselhos?

— Sim!

— E o que mais?

Maic pareceu um pouco pensativo. Segurando o sanduíche com uma mão, ele pegou o copo de suco, tomando um gole, e tornando a pensar.

— Ela disse que a minha mamãe está chegando a essa casa. — sorriu, tombando a cabeça para o lado.

Franzi a testa em estranhamento, piscando algumas vezes. Como dizer a ele que ninguém pode voltar dos mortos?

— Fico muito feliz que ela volte. — abri um largo sorriso.

— Ela quem? — Maic arregalou os olhos, parecendo não ter me entendido.

— Sua mamãe.

— Não é ela quem virá, Tia Liandra. O meu anjo da guarda disse que aqueles que descansam, dormem no Senhor, mas o Senhor está me preparando uma nova mamãe, uma boa e que cuide de mim e do papai. — assentiu com a cabeça, dando outra mordiscada no sanduíche.

Engoli em seco.

Como uma criança... Quer dizer, não é invenção, não tem como ser. Sacudi a cabeça, atordoada com o que havia acabado de ouvir.

— Eu tenho certeza que... — respirei fundo, ainda não acreditando que eu estava dando asas a uma ideia que poderia decepcioná-lo no futuro. — o nosso Senhor sabe o que faz. Se ele prometeu, ele irá cumprir. — sorri.

Depois daquele choque de palavras que me atordoou por toda a manhã, reunimo-nos na mesa de almoço. Laura não descia para nos acompanhar a alguns dias.

— Papai. — Miguel voltou o rosto na direção do filho, encarando-o fixamente, um pouco aéreo. — Onde moram os sonhos?

— Acho que os sonhos moram em nossos corações. — disse Miguel, me arrancando um sorriso de canto. — Eles surgem na nossa cabeça, — apontou com o indicador. — mas é no coração que ganham vida. — tocou o peito.

— Quando eu crescer, eu quero ser um astronauta. — disse sorridente. — As estrelas são muito bonitas e a tia Liandra me disse que cada estrela no céu é um anjo. — Miguel voltou-se a mim, dando um

breve sorriso.

— E ela está certa. — Miguel assentiu com a cabeça.

Estávamos comendo a sobremesa — mousse de maracujá — quando Miguel apontou uma situação que eu não havia notado.

— Algum problema, mamãe? — voltei-me a dona Ana. Ela parecia um pouco abatida.

— É apenas um mal-estar. — minimizou com uma das mãos.

— Marque um médico, por favor. — disse Miguel, mantendo os olhos firmes nela.

— Não é necessário. — levantou-se e, ao passar por Maic, beijou sua cabeça, deixando a sala de almoço.

Miguel franziu a testa com aquela situação, abaixando a cabeça. Fiz o mesmo. Aquilo não era da minha conta, mas não podia negar que havia uma expressão de extrema tristeza em seu rosto.

Passei a parte da tarde brincando de memorização com Maic. Era um quebra-cabeça de rostos. Às seis horas em ponto, Miguel me levou para casa. O motorista poderia ter feito isso e, se eu quisesse, poderia ter insistido em ir com ele, mas por alguma razão que nem mesma eu sei, permite que fosse ele a me levar.

— Boa noite, senhorita Liandra. — disse quando paramos na porta do meu condomínio.

— Boa noite, senhor Miguel. — assenti com a cabeça, seguindo para dentro.

• • •

O apartamento estava vazio. Mamãe provavelmente ainda estava no hospital e Marcelly com Leonardo. Deixei a bolsa em cima da mesa de centro e sentei-me no sofá, abraçando uma almofada.

Naquele momento recapitulei tudo que aconteceu na cozinha da mansão mais cedo. Palavra por palavra passou por minha cabeça e foi quando me dei conta dos seus olhos. Eles estavam transmitindo verdade.

Dei um longo suspiro, encarando o nada.

Talvez tudo fosse um mal-entendido. Poderia ser como ele dizia: Laura estava tramando aquilo e simplesmente encontrou um meio de nos afastar. E aparentemente conseguiu.

E se não fosse verdade, como eu ficaria nessa história? Só de imaginar que fui apenas um brinquedo, um objeto usado e que a qualquer momento poderia ser descartado, o meu coração voltava a se apertar.

Dar ou não dar a ele um voto de confiança, eis a questão.

— Boa noite, Li. — Marcelly entrou toda sorridente no apartamento e de imediato me mostrou o dorso da mão, exibindo um lindo anel.

— Mentira! — saltei do sofá, segurando sua mão para poder admirar aquele belezura de mais perto. — É lindo. — sorri, abraçando-a. — Meus parabéns! Eu estou muito feliz por você, muito mesmo!

— Obrigada. — ela suspirou, jogando-se no outro sofá. — Ah, acho que estou apaixonada.

— Se apaixonou só depois do anel? — brinquei, levando as mãos à cintura.

— Não! — arremessou uma almofada em minha direção, acertando-me em cheio. — O Leonardo é encantador e eu já estava gostando dele. Você sabe que não sou materialista. Eu só achei que não rolaria entre nós...

— E acabou sendo surpreendida. — acrescentei.

— Exatamente. — suspirou outra vez.

— Ao menos alguém está feliz por aqui. — forcei um sorriso, sentando-me ao seu lado.

— Eu não quis perguntar na frente da sua mãe, mas acho que estamos sozinhas agora, não estamos? — passou os olhos pela casa, procurando por mamãe.

— Sim, ela ainda não chegou.

— Ótimo. Quero saber tudo! Entendeu? Detalhe por detalhe. — segurou minhas mãos, encarando-me fixamente.

— Certo. — assenti com a cabeça.

Comecei contando as partes que ela ainda não sabia, como quando fomos para a cama pela primeira vez e depois o que tudo isso desencadeou. Também contei sobre Laura e sua irritante presença e a mania de me importunar, parecendo querer me provocar a todo o instante. Cheguei a lacrimejar quando cheguei à parte do apartamento, pois eu realmente senti que poderíamos dar certo, mas quando cheguei à mansão, deparei-me com aquelas malditas fotos e foi quando o tormento começou. Por fim, finalizei com as explicações de Miguel.

— Ca-ce-ta-da! — ela abriu a boca, piscando algumas vezes.

— Não sei o que fazer. — sacudi a cabeça.

Marcelly encarou o nada, um pouco pensativa. Volta e meia seu rosto se recheava com as mais variadas expressões. Ela parecia desprezar algumas e aprovar outras.

— Miguel não parece ser o tipo de homem que diria “eu te amo” para qualquer mulher. Sentiu

verdade nele?

— É, ele não parece. — sacudi a cabeça de um lado a outro. — Sim, senti. — torci a boca.

— Laura parece estar decidida a atrapalhar vocês dois de toda forma. Ela me soa como aqueles ex-namorados inconformados com o término da relação, só que claro, em uma versão feminina. — rimos.

— É...

— Já pensou em conceder o benefício da dúvida? — arqueou uma das sobrancelhas.

— Sim, eu pensei, mas eu tenho receio de que...

— Tudo que Laura disse seja verdade. — Marcelly emendou, assentindo com a cabeça. — Ele disse para você falar com a mãe, não disse?

— Eu jamais faria isso! — senti meu rosto arder. — Seria inapropriado.

— Isso sanaria todas as suas dúvidas. Uma senhora como ela não me parece ser alguém que mente.

— Eu sei disso, mas isso é tão... — sacudi a cabeça. — Ela vai saber que eu e o filho estamos... — entrelacei os dedos, engolindo em seco. — Ela me parece ser conservadora.

— Conservadora? — Marcelly revirou os olhos. — Com aquele filho bonitão? De uma coisa eu tenho certeza: ela tem consciência de que o filho não é um padre. Então...

— Vou pensar sobre isso e depois vejo o que faço. — suspirei fundo.

Por instantes, Marcelly abriu a boca para me dizer algo, mas a fechou rapidamente.

— O quê?

— Nada. — negou com a cabeça. — Eu só pensei um pouco longe.

— Como não pensar? Está *toda toda* com esse anel no dedo. — esbarrei meu ombro no dela, arrancando-lhe um sorriso.

— Não posso negar, estou muito feliz.

— Vamos comemorar? — levantei-me e corri até a cozinha. Peguei as duas maiores colheres que havia naquela cozinha e coloquei um pote fechado de sorvete de chocolate sobre o balcão.

— Eu te amo, garota! — Marcelly veio em minha direção, mordendo os lábios.

Estávamos quase terminando o pote de sorvete quando mamãe chegou em casa. Assim que me viu, ela sorriu.

— Tenho ótimas notícias! — anunciou, entreabrindo os braços no ar, fazendo as mãos tremerem.

— Diga, mamãe! — insisti com impaciência.

— O seu pai vai receber alta!

Marcelly e eu gritamos e mamãe uniu-se a nós. Os vizinhos provavelmente fariam uma ocorrência junto ao síndico contra nós, mas... Foda-se! O meu pai vai receber alta. Finalmente, finalmente!

Desde que as visitas foram permitidas, deixei que mamãe permanecesse ao seu lado. Eles são o companheiro um do outro e eu não gostaria de, por qualquer razão, ser um muro nesse momento.

— O médico disse que só serão feitos mais alguns exames e ele finalmente poderá vir para casa, onde necessitará de repouso e silêncio. — explicou.

— Conte comigo! — Marcelly ergueu sua colher.

— Comigo também! — ergui a minha.

As comemorações daquela noite não pararam por ali. Pedimos uma pizza grande de dois sabores, algumas guloseimas e muito refrigerante.

O meu pai era o homem da minha vida. Ele foi o único homem que nunca me fez derramar uma lágrima, que me ensinou a ser forte e a lutar pelos meus objetivos. Apesar de ser um retrato da sua época, mamãe se preocupou mais em me ensinar a ser uma boa esposa, uma boa dona de casa e coisas que meninas deviam saber para quando se casarem.

Meu pai, meu herói! Por ele eu faria qualquer coisa. Assim como também faria por mamãe.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE



Eu me sentia rodando em uma roda-gigante sem parar. Eram tantas perguntas a serem feitas que eu não saberia por onde começar a responder.

Ela acreditou em mim? Será que vamos ter uma chance de reconciliação? Vamos nos reaproximar?

Confesso que a ideia de perder aquela mulher era mais que repudiada cada vez que surgia em minha mente. Eu não iria desistir sem lutar por ela, sem esclarecer aquilo do modo mais rápido possível.

As coisas vão melhorar. Sem dúvida vão. Mamãe disse que falaria com Laura. Assim que eu descesse, não a veria mais em minha casa e toda a paz que reinava no meu lar antes da sua chegada, regressaria.

Pouco depois do almoço, desci e encontrei mamãe na sala, quando um homem estranho, vestido como um motorista, entrou.

— Posso te ajudar? — encarei-o.

— Estou com as malas da senhorita Laura no carro, posso descê-las? — arregalei os olhos, descrente do que havia acabado de ouvir.

— Acho que houve um pequeno engano, amigo...

— Deixe as malas no andar de cima, rapaz. — mamãe levantou-se, deixando-me perplexo. O rapaz a obedeceu, voltando para o carro.

— Ela ainda está na mansão? — arregalei os olhos.

— Ao que tudo indica sim, mas não tem saído muito do quarto. — isso explicava o motivo de eu achar que ela já tinha ido embora.

Uma fúria despertou dentro de mim, me fazendo cerrar os punhos. Ela continuava na minha casa! Laura, a serpente, continuava debaixo do meu teto, esperando o próximo momento oportuno para destilar seu veneno outra vez.

— A senhora ficou louca? — rosnei baixinho.

— Mais respeito com a sua mãe, rapaz. — retrucou erguendo a voz, me fazendo virar o rosto para o lado. — Pensei muito sobre o que aconteceu, sobre as coisas que estão ocorrendo e mandar Laura embora não é a solução.

— Então me diga qual é a solução, mamãe. — coloquei ambas as mãos na cintura. — Queimá-la

na fogueira como uma bruxa? — ergui as mãos para o alto, sacudindo a cabeça.

— Sem ironias, Miguel. — Dona Ana disse em tom baixo. — Sei que você está interessado na professora Liandra e eu a aprovo, sabe disso tanto quanto eu, mas não posso enxotar da minha casa a filha de uma grande amiga. — pontuou.

— Uma grande e velha amiga que mal vem te ver. — bati as mãos nas coxas, frustrando-me cada vez mais.

Por instantes, nos calamos. Ao menos até o rapaz subir com as malas para o primeiro andar.

— Até quando?

— A reforma da casa dela já deve estar chegando ao fim. — mamãe deu um longo suspiro e segurou minhas mãos. — Perdoe-me por isso. Eu sou apenas uma velha e...

— Não diga isso, mamãe. — abracei-a, beijando sua testa. — Eu só não queria essa *mulherzinha* aqui. — rosnei, arrancando-lhe uma gargalhada. — O que foi? — encarei-a com estranheza.

— Eu bem que avisei. — balançou a cabeça. — Se ouvisse mais a sua mãe, ela jamais teria se aproximado. — pontuou.

Pior que mamãe realmente avisou várias vezes que tipo de mulher era Laura. E não errou, não errou mesmo!

— Então era essa a razão do mal-estar no almoço? — encarei fixamente. — É difícil de acreditar que uma senhora tão bem cuidada e repleta de saúde tenha algum problema.

— Senhora bem cuidada? Senhora já remete à velhice. — rosnou. — E sim, esse era um dos motivos.

— E tem mais? — ergui as sobrancelhas.

— Nada que lhe interesse, por enquanto...

Por enquanto?

— Entendido. — ergui as mãos para o alto, rendendo-me.

— Senhor. — dirigiu-se a mim, depois a minha mãe. — Senhora. Aparentemente alguns itens não vieram, mas estarei retornando em outro momento. Obrigado pela cortesia. — assentiu com a cabeça e se retirou.

— Por nada... — respondi a contragosto. O rapaz não tinha nada a ver com o que estava acontecendo, não custava ser educado.

— Se precisar de algo, estarei no meu quarto. — mamãe assentiu com a cabeça, subindo as

escadas.

• • •

Passei a noite planejando alguma coisa que pudesse minimizar a situação. Havia melhorado, pois eu a levei em casa... Mas ainda era pouco, muito pouco em relação a como estávamos.

Era bem tarde quando aquela ideia genial surgiu. Um sorriso automaticamente emergiu em meu rosto. Ah, sem dúvida ela adoraria isso!

Pela manhã, esperei-a do lado de fora. O carro chegou pontualmente, como de costume. Assim que ela desceu, seus olhos encontraram os meus.

— Bom dia, professora Liandra.

— Bom dia, senhor Miguel.

Enfiei a mão nos bolsos quando ela passou por mim e a acompanhei com os olhos.

— Por favor, teria um minuto?

— Um? — girou a cabeça para trás, mirando-me.

— Talvez mais que um. — franzi a testa, arqueando a bochecha, a fazendo sorrir.

— Pois muito bem, pode dizer.

— Na verdade, eu gostaria de mostrar. — parei ao seu lado, esticando o braço.

— Não acho que seja necessário. — sacudiu a cabeça.

— Também posso te lembrar da sensação de ser carregada no colo. — Liandra corou, socando meu braço.

— Ai!

— Seu idiota!

— Por favor, não vamos demorar. — insisti.

— Vai me deixar em paz? — ergueu as sobrancelhas.

— Prometo tentar.

Sem relutar, ela segurou em meu braço. Subimos para o terceiro andar. As escadas findavam-se em uma grande porta de aço, blindada, com um painel de dígitos e um apoio de leitura biométrica para a mão.

— O que é isso? — Liandra não escondeu a estranheza.

— Aqui é o meu refúgio, a minha fortaleza. — expliquei.

— O que tem aí dentro?

— Você já vai ver.

Liandra deu um longo suspiro, um pouco incomodada com alguma coisa. Eu diria que com o tamanho da porta e com o fato de ela estar cogitando a possibilidade de eu ser um doente mental que a estava arrastando para a morte.

— Não sou nenhum psicopata. — sussurrei, começando a colocar os seis dígitos.

— Oi? — exclamou, sem entender.

— Sete. Nove. Cinco. Zero. Zero. Um. — disse em voz alta. Assim que apertei o “ok”, a porta se destrancou, ficando meio aberta, dando a visão de um corredor com algumas portas.

— Que números são esses? — encarou-me.

— É a senha do cofre. — contei, fazendo-a corar.

— Pois você vai mudá-la imediatamente, Miguel Souza! — apontou o dedo em minha direção, furiosa.

— Eu confiaria a minha vida a você. — respondi com um sorriso de canto. — Vamos? — estendi uma das mãos.

Liandra espiou dentro do cofre, encarou-me outra vez e depois espiou novamente. Deu um longo suspiro e pegou em meu braço novamente. Assim que entramos, a porta se fechou atrás de nós.

Entramos na primeira porta à direita. Sala de câmeras. Liandra rodeou os olhos pelo cômodo e prontamente comentou.

— Isso parece um quartel-general. É meio doentio... — fez uma careta. — Você gosta de espionar as pessoas? — afinou os olhos ao questionar aquilo.

— Gosto de saber o que acontece na minha casa. — encarei-a, apontando para cada uma das câmeras, dizendo onde ficavam. — Apesar de serem tantas, como notou, não há câmeras dentro dos quartos.

— Menos mal. — ela tombou a cabeça para o lado.

— Você as olha com quem frequência?

— Não perco tempo com isso. Na verdade, as instalei apenas para o caso de acontecer alguma eventual emergência na mansão, mas fora isso... — neguei com a cabeça.

Seguimos para a sala de estar. Não havia nada de especial. Apenas dois sofás a um palmo das paredes, um frigobar, uma mesa de centro e nada de equipamentos eletrônicos. Ali era um local para refletir, pensar.

— Parece aconchegante. — Liandra ponderou.

— É sim. Venha, quero lhe mostrar mais. — peguei em sua mão, puxando-a.

Ao paramos na entrada do último cômodo à direita, Liandra arregalou os olhos. Ela entrou, girando o corpo para poder visualizar tudo.

— Ela era linda. — comentou baixinho.

— Era sim. — apoiei o corpo na parede, encarando-a admirar os quadros que mandei fazer de Karine.

— Ele tem os olhos da mãe. — ela disse, sorrindo para mim.

— Mas a aparência é do pai. — assenti com orgulho.

— Ainda bem que é só a aparência. — murmurou, erguendo o tom de voz em seguida. — Maic é a criança mais doce que já conheci. Ele nem parece seu filho.

— Mamãe vive dizendo isso. — sorri.

— Vou mandar limpar esse quarto. Eu estou com essa ideia na cabeça. — enfiei as mãos nos bolsos.

— Por quê?

— É hora de enterrar o passado e focar no presente. Eu a amei, nós nos amamos, mas agora preciso dar continuidade a minha vida. Venho adiando isso há muito tempo. — aproximei-me dela, parando em sua frente. — Depois de anos, aprendi novamente o que é o amor.

Liandra engoliu em seco, abaixando a cabeça. Com a ponta dos dedos, ergui seu rosto, deixando-o fixado ao meu.

— Miguel...

— Por favor, repita. — sorri ao pedir aquilo. Ela havia deixado o “senhor” de lado naquele momento.

— Miguel?

Puxei-a pela cintura, colando seu corpo ao meu. Lentamente aproximei nossas bocas e ela se rendeu. Era gostoso, era reconfortante e sentimental. Sentir seus lábios juntos aos meus era o mesmo que ganhar na loteria. Nossas línguas esfregavam-se, paravam e esfregavam-se novamente. Um beijo longo, quente e repleto de paixão.

— Eu... Nós... — Liandra se afastou, ofegando, parecendo um pouco atordoada.

— Eu te amo, mulher! — sorri ao confessar aquilo pela segunda vez.

— E-E-Eu... — seus olhos começavam a marejar. — Eu também! — saltou em cima de mim, abraçando-me.

A alegria que emanava de mim era tamanha que eu me sentia capaz de desafiar o sol para uma competição de brilho.

— Prometa que não irá me esconder mais nada. — pediu entre sussurros, com os braços em volta do meu pescoço.

— Eu prometo. E prometa que vai sempre me questionar sobre o que ouvir a meu respeito antes de tomar qualquer conclusão. — pedi.

— Eu prometo.

Beijamo-nos novamente. Que saudades de deslizar as mãos por seu corpo, de segurar sua nuca enquanto nossos lábios se tocavam, de sentir-me assim, desse modo que só ela conseguia fazer.

Era como se nossas almas fossem uma única, uma só. Encostamos nossas testas, sorrindo.

— Obrigado por acreditar em mim.

— Acreditar? — arqueou uma sobrancelha. — Você terá sua chance de provar inocência. — abriu a boca, fechando-a rapidamente. — Certo?

— Certo.

Antes de sairmos, passamos na última porta, a única do lado esquerdo. Liandra a encarou primeiro, depois me encarou.

— O que há aí dentro?

— Dinheiro. — ela arregalou os olhos. — Não faça essa cara.

— É muito perigoso guardar dinheiro em casa. — sussurrou, parecendo preocupada.

— Talvez. — tombei a cabeça para o lado. Respirei fundo e peguei em sua mão. — Sabia que nenhuma pessoa, além de mim, nunca entrou aqui? — ela corou, negando com a cabeça. — Esse andar é como o meu interior. Você é a primeira a explorá-lo.

Liandra sorriu, abaixando a cabeça. Entrelaçamos nossas mãos e deixamos o terceiro andar.

Seguimos pelo corredor e demos de cara com mamãe. Rapidamente Liandra soltou minha mão, tossindo. Dona Ana deixou um sorriso discreto escapar, encarando-nos fixamente. Em questão de segundos sua expressão mudou tantas vezes que não consegui imaginar o que se passava naquela cabecinha loira.

— Senhorita Liandra. — ela sorriu, voltando-se a mim, erguendo as sobrancelhas.

— Vou conferir se Maic já acordou. — Liandra gemeu e em passos apressados, entrou no quarto de Maic.

— Pelo visto vocês dois se entenderam. — mamãe sorriu.

— Acho que começamos a nos entender. — franzi a testa, abrindo um largo sorriso, o que fez mamãe sorrir também.

— Isso é ótimo. — respirou fundo, abaixando a cabeça.

— Há algo errado? — estranhei aquela reação.

— Venha. — deu-me as costas, entrando no quarto. Acompanhei-a e, assim que entrei, fechei a porta. — Trancou?

— Sim.

— Acho que as paredes ganharam ouvidos. — arqueou uma sobrancelha.

— Ouvidos e presas. — acrescentei, entendendo o que ela queria dizer.

Mamãe deu-me as costas e seguiu para a penteadeira, abriu a gaveta e pegou um caderno, uma espécie de agenda. Em passos lentos, veio até mim e encarou-me fixamente.

— Prometa que irá ler tudo ainda essa noite. — sussurrou.

Quis dizer que não, mas mesmo que ela não pedisse, seus olhos pediam por aquilo.

— Já fiz muitas promessas hoje. — franzi a testa. Mamãe pigarreou, me fazendo engolir em seco. — Prometo.

Em seguida, dona Ana deu-me um forte abraço e tornou a falar em tom baixo em minha orelha.

— Tudo que fiz foi para sobrevivermos. Eu não podia te perder. Eu não suportaria. Não há nada nesse caderno que me cause orgulho, mas espero que não olhe para sua mãe com outros olhos. — aquilo fez meu coração gelar.

Engoli em seco e quando ela se afastou, seus olhos estavam marejados.

— Por que isso agora, mamãe? — balancei a cabeça, sem entender.

— É por querer te ver feliz, pois eu te amo, meu filho. — disse sorridente, abaixou a cabeça e fechou o cenho. — Agora saia do quarto! — rugiu.

Eu estava me preparando para deixar o quarto, quando a ouvi novamente. Parei com a mão na maçaneta.

— Guarde com você. — disse em tom sério.

— Tudo bem.

Deixei o quarto de mamãe e entrei no meu. Em seguida, fui para o closet e abri a última porta. Puxei as camisas nos cabides para o lado e retirei o fundo falso, que revelava um pequeno cofre. O abri e guardei o diário dentro.

Às seis horas em ponto desci para levar Liandra para casa. Maic estava ao seu lado, todo sorridente.

— Papai, posso ir junto? — ele pediu, com os olhinhos brilhosos.

Chamei-o com o indicador. Ele veio e então me abaixei em sua altura. Aproximei os lábios da sua orelha e contei um segredo, fazendo-o primeiro arregalar os olhos e depois saltar.

— Quero muito isso! — ele gritou e rapidamente voltou-se a Liandra, abraçando-a, antes de subir as escadas correndo.

Ela franziu a testa, não escondendo a surpresa.

— O que disse a ele?

— Só vou dizer quando chegarmos à porta da sua casa. — sorri, fazendo-a revirar os olhos.

— Vamos?

— Sim.

Seguimos em silêncio no carro. Ela não disse nada, nem eu. Assim que paramos na entrada do condomínio, sentei-me de lado no banco, encarando-a fixamente.

— Diga! — pediu, roçando os dedos uns nos outros. Ela estava nervosa.

— Quer jantar comigo amanhã à noite? — sorri ao pedir aquilo.

— Não sei... — sacudiu a cabeça. — Eu ainda preciso ter certeza de que você não é um...

— Cafajeste? — abaixei a cabeça. — Eu já lhe disse, pergunte a minha mãe. Ela não mentiria sobre isso.

— A mãe é sempre suspeita. — ela sorriu de lado.

— As coisas já deveriam ter se ajeitado. Pedi que ela mandasse Laura embora, mas, por alguma razão, ela não o fez. — ergui os ombros, dando um longo suspiro. — Apenas por isso Laura ainda está na minha casa, mas vai sair e, quando isso acontecer, a farei pagar por essa mentira. — disse com firmeza.

— Você não vai... — franziu a testa.

— Vou apenas falar. Não pense coisas ruins sobre mim. Não sou o melhor dos homens, nem o mais perfeito, mas estou bem longe de ser um lixo. — sorri de lado.

— Bom, então... Amanhã lhe dou uma resposta.

— Tudo bem.

Liandra desceu do carro e correu para dentro do condomínio. Ao entrar, virou-se para trás, conferindo se eu ainda estava ali. E eu estava. Confesso que aquilo me encheu de esperanças outra vez.

Sei que ela sente o mesmo por mim, que nós nos amamos e que ela é apaixonada pelo meu filho. *A professorinha* conseguiu me ensinar bons modos. Na verdade, ela me ensinou bem mais que isso.

Com você, Liandra, a palavra *amor* voltou a ter significado em minha vida.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO



Se você soubesse o quanto me faz bem, jamais me deixaria sozinho por um segundo que fosse, Liandra. Respirei fundo e retornei para casa. O mesmo homem de ontem, o motorista de Laura, aguardava na porta.

— Boa noite, senhor. — assentiu com a cabeça. — Posso levar as malas?

— Pode... — gemi baixo.

Entramos juntos. Ele na frente e eu atrás. Contudo, parei ao ver que Maic estava me esperando na sala, com um sorriso sapeca no rosto.

— É a nossa noite de jogos. — lembrou-me.

— Treinei bastante nos últimos dias. — esbocei um sorriso de canto, fazendo-o afinar os olhos.

Mentira! Eu não havia treinado nada. Apenas queria ver qual seria sua reação.

— Assim não vale, papai. Eu só jogo quando estamos juntos. — cruzou os braços, mantendo os olhos firmes em mim.

— Era brincadeira. — afaguei seus cabelos.

Seguimos para a sala de estar. Maic ligou o videogame e sentou-se ao meu lado no sofá. O jogo ainda estava iniciando quando ele se voltou para mim.

— O senhor gosta da tia Liandra, papai?

— Gosto.

— Muito?

— Sim.

— Muito quanto? — tombou a cabeça para o lado.

— Apenas muito. — lancei-lhe um sorriso. — Há coisas que não podemos medir.

— Gosta mais dela do que de mim, papai? — arregalou os olhos me fazendo gargalhar.

— Claro que não! São diferentes modos de gostar, entende? — aproximei o rosto do dele. — Eu te amo como um pai ama um filho. E eu amo a tia Liandra como um homem ama uma mulher.

Maic permaneceu parado, com os olhos fixos em mim, parecendo tentar entender aquilo.

— Quando você crescer, saberá bem quais são os tipos de amor presentes na vida de uma pessoa.
— assenti com a cabeça.

— Acho nojento quando as pessoas se beijam na boca. — fez uma careta, seguido de um *eca!*

Gargalhei.

Jogamos até às dez horas, quando ele começou a dar sinais de sonolência. Depois do banho, deitei-me na cama com ele, após insistentes pedidos para que eu contasse uma história, como Liandra fazia durante o dia.

— Qual é a história de hoje, papai? — Maic aconchegou a cabeça no travesseiro.

— Pinóquio. — sorri.

— Mas eu já ouvi essa, papai...

— Não com a emoção narrativa de quando o papai conta. — ele riu. — Posso começar?

— Pode!

O clássico era curtinho e não demorei a terminar a história, arrancando-lhe risadas a cada parágrafo. Quando terminei, ficamos em silêncio.

— Eu tenho um sonho igual ao Pinóquio, papai. — ele sussurrou.

— E qual seria? — questionei no mesmo tom.

— Pinóquio quer ser criança e eu quero ter uma mamãe. — sorriu.

Aquilo me tocou profundamente. Passei a mão por sua nuca e beijei sua testa. Ao afastar-me, olhei-o nos olhos por alguns segundos.

— Se pudesse escolher uma mãe, quem seria?

— Tia Liandra! — a resposta veio imediatamente, me fazendo sorrir.

— Acho que ela adoraria ser sua mamãe.

— Sério? — levantou-se da cama, espantado com aquilo. — Eu gostaria muito disso.

— Eu sei, sei... — baguncei seus cabelos. — Agora vá dormir. — ordenei, levantando-me da cama.

— Boa noite, papai.

— Boa noite, campeão. — acenei com uma das mãos, deixando o quarto.

Parei do lado de fora do quarto de Maic, com um sorriso bobo em meu rosto. Eles se adoram e isso é mais que perfeito. Eu os amo e ela nos ama. O que mais eu poderia pedir a Deus?

Entrei em meus aposentos e joguei-me na cama, dando um longo suspiro. Os meus pensamentos vagavam no futuro. Amanhã ela me daria a resposta do convite e eu torcia com todas as minhas forças para que aceitasse. Seria o nosso recomeço, depois do veneno de Laura.

Os meus pensamentos foram interrompidos por um estalo que vinha do *closet*. Vi um vulto branco caminhando para dentro dele e me levantei, mas ele simplesmente sumiu. Eu tinha certeza de ter visto Karine brevemente... Parei por completo quando vi o fundo falso aberto, deixando o cofre trancado à mostra.

Lembrei-me imediatamente do diário e do que mamãe havia me dito: *Prometa que irá ler tudo ainda essa noite*. Coloquei a combinação do cofre e peguei-o, seguindo para uma poltrona.

— Se a senhora insiste... — respirei fundo, abrindo o diário.

Ana Souza Eliabe. Era o nome que havia no título. O nome de casada da minha mãe. “Eliabe” é o sobrenome do meu doador de esperma. Chamar de pai seria inapropriado, uma vez que ele nunca cumpriu com esse papel.

Comecei a leitura do primeiro parágrafo e parei na palavra “estupro”. Pisquei algumas vezes, sentindo meus olhos se encherem de água. Reli outras duas vezes para ver se não tinha me confundido.

— Desgraçado! — soquei a mesinha ao meu lado com tanta força que o abajur caiu no chão.

A minha respiração estava acelerada e as minhas veias ardiam com o bater do meu coração a mil por hora. Eu estava enfurecido de ódio. *Maldito seja esse homem que se diz meu pai!*

Quanto mais eu lia, era como eu estivesse vendo tudo, visualizando todas aquelas cenas...

[...]

— Não toque em mim! — gritei, esfregando meus braços que ardiam com as pancadas da noite passada. — Fique longe.

Tadeu tinha os olhos de um demônio. Ele era alcoólatra. Não sei como a situação chegou a esse ponto, mas quando me dei conta, eu tomava uma surra todos os dias. Duas, quando o impedia de fazer algum mal a Miguel, que tinha apenas seis anos.

O meu filho não deveria presenciar esse tipo de cena. Não era justo uma criança ver o pai agredir a mãe.

Quando ameacei levá-lo à polícia, ele sumiu por um tempo. Contudo, não trazia nada para casa.

Não fosse eu pegando roupas para lavar, além de fazer algumas faxinas de vez em quando, estaríamos passando fome.

Eu jamais confiaria Miguel a ele. Se na minha presença ele tentava bater no meu filho apenas por prazer, o que ele faria com a minha criança longe dos meus olhos?

O nosso começo foi difícil, foi lento e passamos por muita dificuldade. Depois de alguns meses, consegui comprar alguns móveis para a casa e até ganhei uma televisão antiga de uma das mulheres que me davam roupa para lavar. Não era nada espetacular, mas, naquela época, era um luxo.

— Mamãe, quando eu crescer serei advogado. — disse Miguel, sentado no tamborete, terminando de comer a sopa de feijão com carne que fiz para o jantar.

— Você pode ser o que quiser, meu filho. — sorri ao ver o brilho em seus olhos.

Só por você que ainda sigo em frente. Apenas e unicamente por você, Miguel.

Nossa paz não durou. Pouco mais de seis meses depois, Tadeu retornou. Ele arrombou a porta e acordamos assustados com seus berros. Por morarmos em uma invasão, ainda no começo, não tínhamos muitos vizinhos.

— Debaixo da cama, agora! — puxei Miguel pelo braço, na tentativa de protegê-lo.

— Ana? — a voz enrolada denunciava que ele estava bêbado. O meu coração disparou imediatamente.

A nossa casa era simples. Dois pequenos cômodos, sem reboco, sem piso e com janelas e porta de madeira. Abaixei o lençol que separava o quarto da cozinha e encarei-o, sentindo todo meu corpo tremer.

— Onde você conseguiu essas coisas? — apoiou a mão em uma das cadeiras da mesa, derrubando-a no chão.

— Comprei.

— Comprou com o quê? Você não trabalha... — piscou algumas vezes, gargalhando. — A não ser que tenha virado puta. — o riso cessou, dando espaço para uma expressão séria.

— Estou lavando roupa para fora e fazendo faxina... — calei-me quando ele me acertou a primeira pancada com um pedaço de pau. Só Deus sabe de onde ele tirou aquilo.

Depois do primeiro golpe, tomei tantas pancadas que imaginei que nunca mais fosse sentir minha carne novamente. Tentei não gritar, tentei ao máximo esconder a minha dor para que Miguel não ouvisse, mas simplesmente não consegui.

E, em meu socorro, um garoto de seis anos saiu pela cortina improvisada com duas pedras nas mãos. Ele acertou-as no pai, em Tadeu, mas o que poderia uma criança fazer contra um adulto? Então,

caída no chão, vi o horror em minha frente.

Tadeu agarrou Miguel pela garganta e o ergueu contra a parede, alto o suficiente para que seus pés não tocassem o chão.

— Não! Não! — gemi baixo, ainda zozza para me levantar. — É o seu filho... O seu próprio filho...

Só Deus sabe de onde tirei forças, mas quando me levantei, fui direto para a pia e peguei a primeira coisa que vi em minha frente. Naquela noite, Tadeu foi morto com quinze facadas.

[...]

“E essa pequena cicatriz nas suas costas?”, lembrei-me da pergunta de Liandra.

O meu estômago se revirou, enquanto lágrimas desciam por meus olhos. Eu já havia passado da metade do diário e, apesar de ler tantas coisas, apenas as mais traumatizantes permaneciam gravadas na minha cabeça.

— Que desgraça de homem era esse? — ofeguei em tom choroso, levando uma das mãos à cabeça.

Foi quando me lembrei de que aquela cicatriz que eu tinha nas costas havia sido causada quando aquele homem tentou me matar.

Estiquei um dos braços pegando uma garrafa de vodca, destampeei-a e dei uma golada. Eu precisava de coragem para ler o resto, pois o título trazia.

“Outro inferno...”

[...]

Fugimos. Naquela época a polícia do interior não era tão eficaz. Ele havia sumido e voltou sem ninguém saber. Carreguei a faca comigo durante toda a viagem, desde o interior de Goiás, quase na divisa com Minas Gerais, até Goiânia, quando a joguei dentro do Rio Meia Ponte. Ali era enterrada a única prova que teriam contra mim e, com isso, eu poderia criar meu filho.

O começo em Goiânia foi muito difícil. Não tinha emprego e a competição por “mudas de roupa” era muita. Consegui algumas, mas mal sobrava dinheiro para comermos. Dormimos na rodoviária por quase um mês, até que eu a conheci.

— Você é muito bonita. — ela se aproximou, com um largo sorriso.

— O que quer? — cobri Miguel, que estava encolhido em meu colo com um casaco.

— É seu?

— Sim!

— Acalme-se, quero apenas ajudar. — lançou-me um sorriso que prometia os céus e a terra.

Conversamos por algumas horas e então me senti segura para contar tudo a Rosália. Ela não esboçou reação diante da morte do meu ex-marido. Pelo contrário, apenas me aconselhou a seguir em frente.

Foi assim que entrei no mundo da prostituição. Era nojento me deitar com vários homens desconhecidos, sujos e violentos, mas que escolha eu tinha? Morreríamos de fome. Em dois dias consegui dinheiro para alugar um barraco. Em um mês, mobiliei nossa casa.

Conforme ele foi crescendo, comecei a mentir, dizendo que trabalhava em um supermercado e que um dia ficaria rica e o compraria. Então aconteceu. Um dos meus clientes fiéis e, também um dos poucos gentis, era muito rico, já velho e sem filhos, morreu. Aquele foi o meu prêmio da loteria. Herdei o supermercado e alguns outros imóveis e, finalmente, comecei a nossa vida sem ter pesadelos à noite.

Depois daquilo, nunca mais me deitei com homem nenhum. Eu havia tomado nojo de todos eles. Eu não os queria por perto. O que eu mais temia na vida era que o meu filho, o meu Miguel, se tornasse um dos muitos tipos de homem que encontrei durante minha cruzada.

[...]

Pisquei algumas vezes, dando outra golada farta na garrafa de vodca, chegando a engasgar, tossindo. Passei mais uma folha, chegando ao fim do diário.

“Essa é a verdade sobre a sua mãe. Se um dia me odiar, eu vou entender, mas espero que me perdoe, do mesmo modo que você um dia possa vir a esperar pelo perdão”.

— Mãe, a senhora não tem culpa... — murmurei choroso. — Aquele desgraçado... Aquele infeliz... Foi tudo culpa dele! — caí de joelhos no chão, escondendo o rosto com ambas as mãos. — A senhora não merecia isso...

Chorei feito uma criança que havia perdido seu mais precioso bem. Depois do choro, mais uma vez entendi uma importante lição sobre pais e filhos. Quando amamos os pequenos que dependem de nós, estamos dispostos a tudo para não deixá-los sofrer.

— Eu jamais te julgaria por isso. — forcei um sorriso, sentindo meus olhos ainda queimarem. — Você é minha mãe, droga! Eu só... Eu só me sinto completamente desolado por não ter podido fazer algo. — sacudi a cabeça. — Se há alguém que deve pedir perdão, esse alguém sou eu, mãe...

O álcool já havia me tomado a cabeça. Senti uma leve tonteira e arrastei-me até a cama. Eu mal conseguia ficar de pé, pois havia tomado uma garrafa inteira.

“Você quer se tornar um alcoólatra feito seu pai?”, sua voz ecoou em minha mente.

— Juro que nunca mais colocarei uma gota de bebida na boca, mamãe. — sussurrei, sentindo

minha visão se embaçar.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

POR LIANDRA



Dessa vez Marcelly estava em casa. Sentei-me ao seu lado e comecei a contar como havia sido o meu dia, detalhe por detalhe. O meu coração batia forte, como se tivesse ganhado uma nova carga de paixão.

— *Cacetada!* Que reviravolta. — comentou, mantendo os olhos arregalados.

— O que acha? — franzi a testa, receando ouvir algo que me deixasse desanimada.

— Acho que Miguel já provou que merece sua confiança. Esses dias no escritório do Leonardo... — sacudiu a cabeça. — Esquece! — fez uma careta, me fazendo responder com outra.

Ignorei aquilo.

— Eu o amo como nunca amei outro homem. — confessei a ela.

— Se o ama, não o deixe escapar das suas mãos por causa de uma vadia mentirosa. — segurou meus ombros, abraçando-me.

— Isso mesmo! Amanhã quando eu o ver, direi que aceito seu convite. — soquei minha mão.

— É isso aí.

Eu não consegui esperar mamãe acordada. Acabei dormindo bem cedo. Miguel estava até nos meus sonhos. A demonstração de confiança em mim que ele havia dado ao me mostrar o terceiro andar era algo que eu prezava muito, pois essa é uma das bases de um relacionamento.

“Eu te amo, mulher!”. Acordei ouvindo sua confissão.

Eu me sentia muitíssimo bem naquela manhã. A razão de tamanho bom humor tinha nome. Cheguei pontualmente às oito horas na mansão e corri para a cozinha.

— Bom dia, Sandra! — disse empolgada.

— Bom dia, menina. — ela me encarou e sorriu. — Se entenderam?

— Acho que sim.

— Ah, isso é ótimo! — ergueu as mãos fechadas para cima. — Vamos comemorar! Um minuto... — ergueu o indicador, lançando-se em direção à saída. — Vou buscar algo que guardei no freezer do salão de festa há alguns minutos. — sumiu, mas eu ainda ouvia sua voz. — Cheguei mais cedo apenas para fazê-lo.

Eu já imaginava uma daquelas sobremesas deliciosas que só Sandra conseguia fazer. Eu trocaria meu café da manhã por suas receitas prontas sem pestanejar.

Ouvi saltos se aproximando. Laura entrou na cozinha, passou ao meu lado sem dizer nada e apoiou as mãos na pia, de costas para mim.

— Voltou a sair com o meu homem? — perguntou em um tom irritadiço.

Preparei-me para abrir a boca, quando ele surgiu do nada, colocando-se ao meu lado.

— Quem é o seu homem, Laura?

A venenosa tomou tamanho susto que se virou bruscamente em nossa direção. Primeiro, ela sorriu sem graça, depois respirou profundamente.

— Você é o meu homem. — disse, encarando-o.

— Nem nos seus mais profundos sonhos eu já fui seu homem. — Miguel pontuou. — Você se hospeda na minha casa e acha que pode tratar minha funcionária como uma qualquer?

Acompanhei ambos em silêncio. Eu queria ver onde aquilo iria dar.

— Sendo sua noiva...

— Chega de mentiras! — Miguel berrou. Até eu me assustei, dando um saltinho na cadeira. — Você quer infernizar a minha vida, é isso?

— Só quero que o nosso compromisso seja cumprido. — Laura deu dois passos à frente, parando ao ouvir Miguel rugir, furioso.

— Não se aproxime de mim! — apontou o indicador contra Laura. — Quero distância de você. Como que... — sacudiu a cabeça. — Em algum momento eu pensei que você fosse decente? — abaixou a cabeça, respirando fundo.

Senti que aquela era minha chance.

— Chega disso, Laura! — levantei-me, batendo as mãos na mesa. — Eu já sei de tudo. Não precisa fingir mais. — *joguei verde*, esperando colher maduro.

— Sabe o quê? — ela voltou-se a mim, arqueando uma sobrancelha.

— Quem era só uma foda, era você. — sorri de lado ao dizer aquilo. — Miguel nunca teve interesse afetivo ou qualquer outra intenção além de sexo, e você sabe muito bem disso, não sabe?

O rosto de Laura se avermelhou completamente. A sua expressão dócil mudou, ganhando os traços de um cão raivoso.

— É verdade. — ela assentiu com a cabeça, finalmente confessando suas mentiras. — Mas você sabe de tudo?

Primeiro me senti aliviada em saber que Miguel não estava mentindo, depois, senti medo, pois havia mais.

— Tudo o quê? — franzi a testa, querendo entender o que “tudo” significava.

— Não se atreva! — Miguel rosnou outra vez, deixando-me tensa.

— Ora, Miguelzinho, eu contei apenas algumas mentirinhas, mas e você? O que vem escondendo de Liandra? — Laura sorriu.

— Nem uma palavra mais! — apontou o indicador em sua direção. — Isso é entre eu e ela. Você não tem nada a ver com minha vida pessoal.

— Ah, eu tenho sim. Eu sempre fui a amiga fiel que te dava consolo na hora da dor. — berrou. — Quem que te amparou quando seus demônios quase o levaram à loucura? — perguntou quase histérica, batendo uma mão no peito continuamente. — Fui eu! E o que você fez?

— Eu sempre deixei claro que não haveria nada além de sexo e amizade. — insistiu Miguel.

— Você me trocou por *umazinha* de merda! E esperava que eu fosse ficar quieta, vendo os dois pombinhos felizes debaixo do mesmo teto, enquanto eu era desprezada? — gargalhou, com os olhos repletos de lágrimas. — *Nunca!*

— Chega disso! — disse Miguel.

— Liandra... — encarei Laura quando a ouvi me chamar. — Você já se perguntou como Miguel se tornou tão rico? E não me refiro à fortuna da mãe, mas sim à própria.

— N-Não... — dei de ombros. — Isso não me importa!

— Será que não? — mordeu os lábios, sacudindo a cabeça. E então se voltou a Miguel. — Você diz ou eu digo, meu amor?

— Cale essa maldita boca! — Miguel rosnou, cerrando os punhos.

Havia algo estranho naquilo. Ela parecia insinuar alguma coisa que, pela reação de Miguel, era verdadeira. Provocá-la foi um meio inteligente para desmentir suas artimanhas. Eu agora tinha certeza de que nunca houve algo sério entre eles. Contudo...

— Do que ela está falando, Miguel? — encarei-o, temendo pela resposta.

— Diga a ela, Miguel. Vamos, diga! — Laura gritou, caindo na gargalhada. — Se me dão licença, vou deixar os pombinhos a sós. — lançou-se em direção à saída.

Miguel tentou ir atrás dela, mas o segurei pelo braço. Ele parou, abaixando a cabeça, completamente ofegante.

— Qual é a sua profissão, Miguel?

— Eu ia te contar... — murmurou. Senti um frio súbito tomar minha barriga.

— Qual é? — insisti.

— Eu estava pensando em um modo de explicar isso da melhor forma. — suspirou, abaixando a cabeça.

— Diga de uma vez! — rosnei.

— Eu sou o Doutor Prazer, Liandra. — confessou.

— Como é? — pisquei algumas vezes, sorrindo de frustração.

— É isso mesmo que você ouviu. Eu sou o Doutor Prazer. — repetiu, sem me encarar.

Caí sentada na cadeira, sem saber como reagir diante daquela surpresa. Então quer dizer que ele... Os momentos no consultório passaram por minha cabeça em questão de segundos. Ele sempre se negou a me mostrar seu rosto e... *A voz!* Eu sabia que conhecia aquela voz. Quando transamos, a voz de Miguel era a mesma que a do Doutor Prazer. Aquele jeito com as palavras, aquela sensualidade, o tom...

— Eu planejava te contar no jantar dessa noite. Não era para ter sido dessa forma... — Miguel manteve-se parado e de cabeça baixa.

Só de imaginá-lo com outras mulheres o tempo inteiro quando estava naquele consultório, eu sentia vontade de socá-lo sem parar. Se ele agiu como agiu comigo, e com as outras, como era?

— Você transa com suas clientes? — foi doloroso perguntar aquilo, mas eu precisava saber.

— Sim.

— Age com elas do mesmo modo como agiu comigo, quando tentou me tocar?

— Sim.

Engoli em seco, sentindo as primeiras lágrimas descenderem. Como eu vou confiar em você depois de uma revelação dessas? Talvez você nunca fosse me contar. Talvez...

— Liandra... — Miguel ajoelhou-se em minha frente, segurando minhas mãos. — Depois que me dei conta de que estou perdidamente apaixonado por você, nunca mais toquei em outra mulher. — disse ofegante.

Eu queria confiar em suas palavras, juro que queria, mas naquele momento eu necessitava de uma única coisa.

— Desculpe-me, mas não estou bem. — levantei-me, passando por ele. — Por favor, não me ligue. Estou indo para casa... — implorei.

— Liandra! Liandra! — sua voz ecoava atrás de mim, mas não me importei, apenas apressei o passo.

Cheguei em casa de táxi e, graças a Deus, não havia ninguém. Entrei para o quarto e derramei um rio de lágrimas. Por que as coisas tinham que ser assim? Em um momento, tudo conspirava a nosso favor, em outro, contra.

Será que eu nunca vou encontrar um homem que não minta para mim nessa vida? Essa é a segunda vez que algo acontece, e agora ele não negou. Laura pode ter mentido a respeito do suposto relacionamento, mas sobre Miguel ser o Doutor Prazer, não. Ele mesmo confirmou isso.

Como posso amar um homem sabendo que o seu trabalho é... Tocar, beijar e acariciar outras mulheres? Se eu pudesse, eu arrancaria todos aqueles sentimentos de dentro do meu peito, pois o meu coração nesse momento agia contra a minha razão. A cada batida ele me ordenava para escutar todas as explicações, para conversar e entender aquilo, mas eu estava cansada, magoada e não conseguia lidar com aquela situação sem imaginá-lo saindo com uma mulher diferente a cada dia da semana...

CAPÍTULO CINQUENTA



Filha da puta!

Laura desmentiu tudo, desarmando as pequenas bombas, mas, ao mesmo tempo, colocou em campo uma ogiva nuclear. Permaneci parado no meio da sala, sem saber o que dizer.

— O que vou fazer agora? — murmurei. — Ela destruiu tudo. A maldita pensou em tudo...

É incrível como uma antiga amizade pode se tornar a grande pedra no seu caminho. Laura tentou de todas as formas impedir que eu me aproximasse de Liandra, e finalmente conseguiu.

Acho que depois disso não temos reconciliação. *Logo hoje? Logo hoje quando eu iria pedi-la em casamento? É loucura, eu sei! Mas eu me sinto completamente insano ao lado de Liandra.* Ri sozinho.

— Laura destruiu tudo... — murmurei outra vez, com meu rosto se aquecendo a cada linha de água que descia, marcando minha pele. — Os meus sonhos, a minha futura família e a mim.

Abaixei a cabeça e virei-me para trás, dando de cara com mamãe. Avancei em sua direção, abraçando-a com força.

— Ela se foi, mamãe. Liandra se foi... — sussurrei, ofegando entre as palavras. — E-E-Eu perdi a mulher que eu amo...

Dona Ana permaneceu em silêncio e não disse nada. Depois de um tempo, segui para o terceiro andar, onde me trancafiei. Assim que entrei na sala de estar, abri o frigobar e peguei uma garrafa de bebida; quando a abri, o cheio de álcool invadiu minhas narinas, lembrando-me do diário.

— Não vou beber... Nunca mais. — devolvi a garrafa, jogando-me no sofá.

Fechei os olhos, tentando limpar minha mente apenas por um momento, para tentar pensar em algo que pudesse me ajudar naquela situação, mas eu simplesmente não conseguia. A cena de Liandra indo embora não saía da minha cabeça.

— Ninguém disse que seria fácil. — ouvi uma voz. Era a mesma dos meus sonhos. Era Karine. — Não há vitória sem batalha!

— Eu perdi a batalha. — sacudi a cabeça.

— Sim, a batalha, mas ainda não perdeu a guerra!

— Eu estou ficando louco, não estou? — mordi os lábios, gargalhando. — Nesse momento imagino estar falando com minha ex-noiva sobre minha futura mulher, que agora não é tão futura assim. —

sacudi a cabeça, frustrado. — Eu estou completamente maluco.

— Ela te ama, Miguel. Ela te ama!

Permaneci em silêncio. Dar corda para a minha maluquice não me levaria a lugar algum. Era quase uma hora da tarde quando resolvi me levantar. Ao apontar no corredor, deparei-me com uma cena inusitada. A porta do quarto estava aberta. O quarto onde eu guardava dinheiro.

Lancei-me em sua direção e notei uma bagunça total. Passei os olhos pelo cômodo, um tanto quanto assustado. Onde estava o dinheiro?

Respirei fundo, tentando afastar aquela maldita possibilidade da minha cabeça, mas era a única. Só uma pessoa sabia a senha... Mas não poderia ser ela. Eu sabia que não era. Liandra nunca faria isso.

Só que é muito estranho. Eu lhe disse a senha e logo em seguida sou assaltado? Não! Não foi ela, Miguel! Não foi ela!

Retirei o celular do bolso e imediatamente liguei para Leonardo.

— Pronto.

— Fui roubado.

— Onde?

— Em casa. Entraram no cofre e levaram todo o dinheiro que tinha. — expliquei, respirando fundo.

— Porra! Eu falei que isso ia dar merda.

— Tem seguro, mas esse não é o problema, o problema é que... — quis contar, mas eu sabia que ele a acusaria. — Esquece.

— Diga, Miguel. — insistiu.

— Eu te ligo outra hora. Vou verificar algumas coisas, tudo bem?

— Certo. — desliguei o telefone.

Dirigi-me à sala de câmeras, que também estava aberta. Assim que comecei a procura pelos arquivos de gravação, descobri que não havia nada, nenhum único registro. Tudo foi apagado e as câmeras estavam desativadas.

— Isso é... — sacudi a cabeça, socando a mesa com fúria. — *Merda!*

Levantei-me e segui para a entrada do cofre. Analisei cuidadosamente a porta e não havia nenhum sinal de arrombamento ou de que havia sido forçada.

Como não havia nada mais de valor, simplesmente a deixei aberta. Segui diretamente para o quarto de mamãe. Ao entrar, coloquei o indicador em riste contra os lábios, pedindo silêncio. Puxei-a pela mão e entramos no banheiro, fechando a porta em seguida, antes de começarmos um diálogo entre sussurros.

— Roubaram o cofre do terceiro andar.

— C-Como? — mamãe piscou, atordoadada. — Ninguém sabe aquela senha a não ser você.

— contei a Liandra alguns dias atrás... — balancei a cabeça.

— Eu ponho a minha mão no fogo por aquela garota. Te dou absoluta certeza de que não foi ela.

— Bom, foi alguém... — respirei fundo.

Mamãe subitamente arregalou os olhos, abrindo um largo sorriso, me causando um estranhamento que fiz questão de mostrar.

— Qual a graça?

— A víbora vai morder o próprio rabo. — mordeu os lábios, balançando a cabeça positivamente.

— Não estou entendendo... — franzi a testa.

— Leu o meu diário? — abaixei a cabeça.

— Sim, eu li mamãe e quero dizer que sinto muito...

— Agora não. — interrompeu-me. — Vou lhe explicar tudo lá embaixo. Já consigo imaginar qual será o próximo passo da vadia e estaremos lá para recebê-la de braços abertos.

— Vadia? — sacudi a cabeça, ainda sem entender.

— Vamos? — abriu a porta do banheiro, seguindo na frente.

Dei de ombros e apenas a acompanhei.

INTERLÚDIO 5

POR LAURA



Mamãe enviou Ramon, um homem da sua confiança, para nos ajudar a abrir o cofre, mas o inútil não conseguiu. Com a desculpa de que voltaria outro dia, tentaríamos novamente. Entretanto, não foi necessário. Espiar os outros veio a calhar. Que prato cheio ouvir Miguel dizer a senha do cofre para Liandra.

Três coelhos com uma cajadada só! Primeiro a discussão na cozinha, onde revelei a ela o maior segredo de Miguel; mesmo admitindo que as outras coisas fossem mentira, aquilo certamente pesaria muito. E depois, o roubo dos cinco milhões de reais. Em quem vai cair a culpa? Por fim, mesmo que Miguel não seja meu, ele e Liandra estão separados para sempre!

Gargalhei sozinha na cama, coberta com bolos de dinheiro. Eu adorava aquele cheiro de papel novo, aquelas cores azuis com peixes adornando-as, milhares delas.

Contudo, quando aquela velha entrou no quarto, e eu não consegui ouvi-los, achei muito estranho. Por um momento tive a impressão de que havia sido descoberta, mas não, ela não é inteligente o suficiente para isso. Dona Ana só tem uma língua afiada e nada mais.

Estiquei o braço e peguei o telefone, ligando para mamãe. Assim que ela atendeu, anunciei empolgada.

— Tudo feito como planejado ou quase como planejado.

— Quase? — senti a irritação em sua voz.

— Se dependêssemos do seu enviado, ainda estaríamos sem um centavo. — pontuei, dando um longo suspiro. — Isso não importa. Agora que tudo entre eu e Miguel foi destruído... — um bolo se formou em minha garganta, me fazendo parar por instantes. Tossi e continuei. — Ao menos temos o dinheiro.

— Homens vão e vem, lembre-se disso.

— Lembrarei, mamãe.

— Quando vem para casa?

— Ainda hoje. Só vou terminar de arrumar minhas malas. — gargalhei.

— Foram suficientes?

— Mais que suficientes. As roupas vão por cima. — expliquei.

— Excelente. Estarei aguardando-a, minha menina. — desligou o telefone.

— Minha menina? — encarei o telefone e franzi a testa. — Falsa!

Mamãe sempre foi assim. Se algo a agradava, logo ela se tornava um doce, caso contrário, era o demônio em forma de gente.

Terminei de organizar minhas malas. O dinheiro foi por baixo, em um fundo falso, e as roupas por cima. Era apenas uma precaução, caso alguma coisa desse errado.

— Miguel, Miguel... — murmurei seu nome, sentada na cama encarando aquelas malas. — Por que me abandonou, Miguel?

Lembro-me como se fosse ontem. Conhecemo-nos na adolescência através de nossas mães. Primeiro conhecidos, depois amigos e, por fim, amantes. Agora? Não sei bem o que nos tornamos, mas acredito que não seja nada bom.

Quando ele gritou na cozinha, senti raiva e ódio em suas palavras. Ele estava muito bravo comigo e eu, em seu lugar, teria a mesma reação, mas foi *você* quem começou isso, meu querido. Se *essazinha* nunca tivesse entrado nessa casa, em nossas vidas, talvez a minha intenção de casar com você se tornasse realidade.

Respirei fundo e, ao sair no corredor, deparei-me com uma funcionária.

— Por gentileza, peça ao motorista para vir me ajudar com as malas. — parei-a no corredor, instruindo-a.

— Sim, senhorita Laura.

— Obrigada.

Agora é tarde demais para se arrepender, Laura. Um dia você amou Miguel, mas esse amor morreu. Quantas vezes confessei-lhe que o amava? Que queria ser sua, inteiramente sua? Quantas vezes ele me rejeitou, alegando que a amizade poderia chegar ao fim?

Miguel sempre preferiu as outras. Sempre!

Após alguns minutos, o motorista entrou e pegou as malas. Depois que todas desceram, ainda fiz um pouco de *sala*, despedindo-me daquele casarão, pois, provavelmente, eu jamais voltaria ali. Assim que apontei no topo da escada, deparei-me com dona Ana e Miguel sentados no sofá. Ambos me encaravam fixamente.

— Já vai, minha querida? — Dona Ana se levantou, unindo as mãos, deixando um sorriso de ponta a ponta cobrir seu rosto. — É uma pena. Eu contava com a sua presença por mais alguns dias.

— A reforma da mansão acabou, e depois do desentendimento que tive com Miguel, — encarei-o rapidamente, abaixando a cabeça. — decidi deixar a mansão. A senhora bem sabe os sentimentos que

nutro pelo seu filho... — usei de toda minha doçura para dizer aquilo.

— E como sei... — balançou a cabeça.

Miguel permanecia sentado, imóvel e com os olhos fixos em mim. Havia algo estranho nele, em seus olhos. Era como se ele quisesse me dizer algo.

Será que ele finalmente acordou? Sorri. É, pode ser isso. Talvez ele tenha dado conta de que sou a mulher perfeita para estar ao seu lado.

Só quando desci as escadas e parei ao seu lado, notei que as minhas malas estavam atrás de um dos sofás.

— O motorista não levou minhas malas para o carro? — franzi a testa, encarando-os rapidamente, antes de me aproximar delas, conferindo com discrição se haviam sido abertas.

Eu não esperava um abraço de despedidas, não. Longe disso. Quem sabe ela quisesse fingir na frente de todos que sou uma amiga. Tenho certeza de que Miguel ainda aguardava boas explicações a respeito da minha permanência na mansão exceder suas ordens.

Com a raiva que essa velha maldita deve estar sentindo de mim, não duvido que esteja planejando me escorraçar dali feito um animal sem dono. Se ela fizer isso, serei obrigada a lembrar seu passado na frente de todos!

CAPÍTULO CINQUENTA E UM



Sem questionar, desci. Mamãe não costumava fazer suspense sobre o que iria dizer, mas ela parecia decidida a esconder qual era a pauta que trataríamos. Depois de alguns minutos, dona Ana juntou-se a mim na sala principal.

— Então? — ergui as sobrancelhas.

— Leu o diário? — engoli em seco, abaixando a cabeça. — Leu.

Respirei fundo, forçando um sorriso. Então era isso? Sacudi a cabeça.

— Mamãe, eu jamais a julgaria por qualquer coisa que a senhora tenha feito...

— Sei disso. — ela assentiu com a cabeça.

— Só me dói saber o quanto foi horrível... — enruguei os lábios, sentindo meus olhos arderem ao me lembrar do que havia lido. — Eu queria não ser uma criança quando tudo isso aconteceu. As coisas poderiam ter sido diferentes...

— Nessa vida só acontece o que tem de acontecer. Se você não fosse uma criança, poderia estar carregando hoje o sangue do seu pai nas mãos.

— Ele não é meu pai. — rosnei, socando o sofá. — Aquela coisa é apenas um doador de esperma. — virei o rosto para o lado.

— Longe da bebida ele era um bom homem. O problema era encontrá-lo sóbrio. — mamãe riu, com os olhos marejados e continuou. — Não pense que eu sou uma vadia de bar ou que...

— Pare, mamãe! — sacudi a cabeça. — Eu nunca pensaria isso da senhora e ainda que fosse... — levantei, me ajoelhando entre suas pernas e, segurando suas mãos, mirei seus olhos. — A senhora é a minha mãe. — ela sorriu, deixando as primeiras lágrimas caírem.

— Eu pretendia levar essas verdades comigo para o túmulo. — fungou, assentindo com a cabeça.

— E o que a fez mudar de ideia? — balancei a cabeça de um lado a outro, sem entender a razão de ela nos propor tal sofrimento.

Aquela história deveria ter sido enterrada. É triste saber que a caminhada de alguém que amamos foi tão sofrida. Pior que isso, saber que o próprio “pai” um dia tentou lhe matar.

— Chantagem. — arregalei os olhos. — Isso mesmo. Eu fui chantageada.

— Por quem? — levantei-me rapidamente, sentindo meu corpo ferver em fúria.

— Pela vadia que está no quarto de hóspedes.

— Laura? — fiquei ainda mais surpreso.

Como ela sabia? Quando descobriu? Fiquei um pouco atordoado, até que tudo se encaixou. A amizade de mamãe com Rosália sempre foi estranha. A mãe contou para a filha e a filha resolveu fazer o que a mãe não fez, ou fez?

— Rosália? — ergui as sobrancelhas.

— Sem dúvida.

— O que Laura pediu em troca? — comecei a andar de um lado a outro na sala.

— Pediu para que eu não interferisse entre ela e Liandra, mas quando eu vi vocês dois descendo do terceiro andar, notei que seu rosto nunca esteve tão feliz. — sorriu, abaixando a cabeça. — E pela minha família eu faço tudo, inclusive destruo a mim mesma, antes que ela seja destruída.

— Mamãe... — lancei-me em sua direção, abraçando-a. — Achou mesmo que eu fosse te julgar por isso algum dia? — sacudi a cabeça, beijando seu rosto.

— Eu tive medo. — respondeu chorosa.

— Não consigo imaginar o quanto, mas agora... — afastei-me dela, segurando suas mãos. — Não precisa ter medo. Nunca mais.

— Você se tornou um bom homem. — disse, acariciando meu rosto com uma das mãos. — Um homem que jamais esperei que se tornasse. — rapidamente torceu a boca. — Apesar de ser um cafajeste quando se trata de mulheres. — enrijeceu os lábios.

— Era antes de conhecer Liandra, mas agora... — engoli em seco. — Acho que ela não quer me ver nunca mais.

— É natural que isso a assuste, mas no tempo certo, vocês vão se entender. — sorriu outra vez.

Uma das empregadas desceu e assentiu ao passar por nós, seguindo para a garagem. Em questão de segundos, o nosso motorista entrou e parou.

— Sim? — encarei-o.

— A senhorita Laura pediu para buscar suas malas, senhor. — assentiu com a cabeça, subindo.

— Graças a Deus. — ergui as mãos para o alto, jogando-me no sofá.

— Chegou o momento. — mamãe murmurou, abrindo um sorriso maldoso.

— Que momento? — estranhei aquela postura, mas logo me veio à mente imagem das duas se pegando na sala. — Não vão brigar, pelo amor de Deus. — revirei os olhos.

— E eu lá sou uma mulher de brigar? Só entro no campo para hastear a bandeira da vitória. — balançou os ombros, encarando o nada, mantendo aquele sorriso no rosto.

Permaneci em silêncio, esperando para ver no que aquilo iria dar. Assim que o nosso motorista desceu as escadas, mamãe se voltou a ele.

— Coloque as malas atrás do sofá, todas elas e não comente nada com Laura. Entendeu? — ordenou ameaçadoramente.

De duas em duas, as malas foram colocadas atrás do sofá, até que Laura apontou no topo da escada. Assim que mamãe a viu, se levantou.

— Já vai, minha querida? É uma pena. Eu contava com a sua presença por mais alguns dias.

Ah, aquele tom de voz. Adoro quando mamãe se arma com ironias e acidez. Tive que me policiar para não esboçar outra reação, além de indiferença, para com Laura.

— A reforma da mansão acabou e depois do desentendimento que tive com Miguel, decidi deixar a mansão. A senhora bem sabe os sentimentos que nutro pelo seu filho... — esse sorrisinho falso não cola comigo, não mais. Essa doçura na sua voz é apenas uma das suas armas, sempre foi.

— E como sei... — disse mamãe.

Eu já descobri o tipo de mulher que você é, e nem em outra vida eu dividiria uma cama com você sendo minha mulher. A minha intuição nunca falhou, mas eu não esperava tanto de você. Tentar chantagear minha mãe foi muito baixo. Por mais que eu estivesse furioso com suas atitudes contra Liandra, após a raiva eu conseguiria entender que havia uma mulher ferida por trás de tais atos, mas atacar a minha mãe? Não, não mesmo!

Quando Laura desceu as escadas, ela finalmente notou que as malas estavam atrás do sofá.

— O motorista não levou minhas malas para o carro? — Laura não escondeu o estranhamento. Eu estava louco para saber o que dona Ana estava tramando.

— Não, não levou. Na verdade, foi um pedido meu. — mamãe abriu um sorriso largo, fazendo Laura empalidecer como eu nunca havia visto.

— P-Posso saber a razão disso? — Laura colocou-se atrás do sofá. Levantei-me, encarando-a. Eu realmente estava curioso para saber do que se tratava.

— Fomos roubados. — mamãe fez um beijo, unindo as mãos. — Cinco milhões de reais. — pontuou.

— A senhora está me acusando? — Laura arregalou os olhos. — Ficou louca? — gritou histérica.

Permaneci calado, revezando os olhos entre as duas.

— Sim, estou. — mamãe insistiu naquilo.

Então veio a minha mente: “as paredes têm ouvidos”. Ela estava se referindo a Laura. É claro! Eu sabia que Liandra jamais tocaria nesse dinheiro, pois ela era muito nobre para isso, mas Laura...

Senti meu peito doer. Por mais que as coisas tivessem tomado esse rumo, eu não esperava que Laura fosse chegar ao fundo do poço, não dessa maneira.

— Eu não fiz isso, Miguel. — Laura sacudiu a cabeça, com lágrimas descendo pelo seu rosto. — Não sou uma ladra. A sua mãe está me acusando injustamente. — a postura doce e vulnerável voltou, com ela lançando-se em minha direção.

Rapidamente coloquei-me ao lado de mamãe.

— Se não há o que temer, abra as malas. — pedi educadamente.

— Até você? — fungou, balançando a cabeça. — Acha mesmo que eu fiz isso? — sussurrou, unindo os lábios para conter o choro.

Se era falso, ela estava fingindo muito bem, pois meu peito continuava doendo ao obrigá-la àquilo, mas em todo caso...

— Abra as malas, por favor. — insisti.

Mamãe permaneceu imponente, encarando-a de cima, como um monarca faz ao olhar para os seus súditos.

— Está bem, está bem... — balançou a cabeça.

Laura abriu mala por mala e só havia roupas dentro. Encarei mamãe constrangido e abaixei a cabeça. *Merda!*

A porta principal subitamente se abriu. Leonardo entrou por ela, acompanhado por oito policiais. Respirei fundo e tornei a mirar mamãe.

— Continue observando. — murmurou, voltando-se a Leonardo. — Eis a suspeita. — mamãe apontou com uma das mãos para Laura.

— Suspeita? — Laura rugiu. Eu conseguia ouvir sua respiração à distância. Ela parecia pronta para voar em mamãe a qualquer momento. — Uma puta feito você me chamando de suspeita? — cuspiu no chão. — Você matou um homem, você enriqueceu transando com tantos homens que não conseguiria contar. — riu, balançando a cabeça. — É verdade, Miguel, sua mãe matou seu pai e fugiu com você. Depois disso, ela se tornou a maior rameira que já existiu nessa capital. Até conseguiu um supermercado e só Deus sabe como fundou a rede...

— Não sei do que está falando. — permaneci indiferente diante da verdade. Eu não poderia confirmar tais palavras na frente da polícia.

— Senhoras, se acalmem. — Leonardo precipitou-se em nossa direção, posicionando-se no meio da sala, erguendo as mãos, uma em direção à mamãe e outra na direção de Laura. — Ambas as partes estão fazendo acusações muito graves...

— Doutor Leonardo, estou autorizando a revista do quarto da hóspede. — mamãe assentiu com a cabeça.

Leonardo encarou-me rapidamente, parecendo receoso com o rumo que as coisas começavam a tomar. Apenas assenti com a cabeça. Se mamãe começou aquilo, sem dúvida, ela estava se garantindo e eu iria até o fim.

— Quatro de vocês me acompanhem, por favor. — Leonardo subiu as escadas, levando consigo quatro homens, os outros quatro ficaram.

Laura os encarou e abaixou a cabeça. Rapidamente, sacou o celular e ligou para alguém. Um dos homens fardados tomou o aparelho da sua mão.

— Sem ligações até que tudo se explique, senhorita. — determinou.

— Isso é contra a lei. — ela riu, frustrada. — Hoje mesmo você perderá a farda que está vestindo.

— Garanto que isso não irá acontecer, oficial. — mamãe interveio.

Essas duas vão acabar se pegando! Laura aproximou-se lentamente de mamãe e os policiais a acompanharam. Mantive-me perto o bastante, pronto para ganhar algum dos golpes que pareciam iminentes.

— Quando for provado que eu não roubei nada, eu vou te processar, sua velha puta... — Laura se calou diante da bofetada que mamãe lhe deu no rosto. — Como se atreve... — e outra.

Como duas leas se atracavam na selva, ambas investiram uma contra a outra. Os quatro policiais puxaram Laura para trás, enquanto eu tentava soltar as mãos de dona Ana dos cabelos de Laura.

— Que isso valha a educação que a sua mãe não te deu! — mamãe rugiu, dando-me tapas no braço, para soltá-la.

— Acalme-se! — pedi, completamente assustado ao ver mamãe daquele jeito.

— Eu estou calma! — rugiu outra vez.

— Deus me livre me deparar com a senhora nervosa... — respondi, respirando fundo.

Os policiais desceram, juntamente com Leonardo. Ele se aproximou, negando com a cabeça. *Putá merda!* Tentei manter a calma, as coisas não estavam a nosso favor.

— E agora, sua rameira, vai me acusar do quê mais? — Laura gritou, com os policiais ainda a segurando.

Mamãe lançou-se em sua direção, mas entrei em sua frente. Ela sacudiu a cabeça e me empurrou para o lado.

— Não vou tocar na merda novamente. — ralhou, lançando-se em direção às malas, conferindo-as novamente. Subitamente se levantou, com um sorriso vitorioso no rosto. — Rasguem as malas, as abram por inteiro! — ordenou.

— Não! — Laura gritou. — São presentes de família. Você não pode...

Ela parecia desesperada, mas não foi ouvida. Os quatro policiais que desceram fizeram como mamãe ordenou e *Deus do Céu!* O dinheiro! Laura estava com o dinheiro. Era ela a ladra.

Senti um frio subir por minha barriga, engolindo em seco. Isso é surreal. Por instantes, pensei que tudo poderia ter sido engano, mas...

— Deixo a decisão em suas mãos, meu filho. — mamãe se colocou ao meu lado. Os seus cabelos ainda continuavam arrepiados, devido à atracada com Laura.

Leonardo me lançou uma olhada, receoso. Aquilo jogaria o nome dos Cavallera na lama, mais do que já estava, mas era tudo questão de tempo, não era?

Laura se ajoelhou aos meus pés, tornando a chorar outra vez.

— Eu imploro, Miguel. Em nome da nossa amizade, eu imploro...

Olhei-a naquele estado. Uma das mais conhecidas damas da alta sociedade envolvidas em um roubo. Eu até a perdoaria, se não tivesse presenciado tamanho teatro. Ela chorou, fingiu-se de inocente com tanta verdade e agora não há dúvida, é a culpada.

— Levem-na. — ordenei aos policiais.

— Você não pode fazer isso! — gritou, fazendo birra igual a uma criança. — A minha família é muito importante! Isso não vai ficar assim, não vai!

Os seus gritos ainda ecoavam do lado de fora. Leonardo engoliu em seco, deu um longo suspiro e se aproximou.

— Não sei o que fazer, isso é...

— Presa! — determinou dona Ana.

— O que está acontecendo, papai? — Maic surgiu no topo da escada e ao voltar para sua avó, abriu a boca. — Nossa, vovó, por que o seu cabelo está todo arrepiado? — arregalou os olhos.

— Nada, meu amor. — mamãe lançou-se em direção à escada e, pegando-o pela mão, sumiu com ele pelo corredor.

— Miguel, você não quer mesmo... — sacudiu a cabeça. — Sei que é uma situação complicada, mas as coisas não estão boas para os Cavallera. Isso vai ser um escândalo, o pontapé final para toda a família...

— E você acha que vão ficar boas para mim? — ergui as sobrancelhas. — Faça exatamente como mamãe ordenou.

— Sinto muito por isso. — sacudiu a cabeça. — Preciso que me acompanhe até a delegacia e preste queixa do flagrante.

— Com todo prazer! Vou buscar meu paletó. — assenti com a cabeça.

Perdão? Há algumas situações que perdoar é um ato de burrice. Depois de tudo que essa mulher fez, depois de ter humilhado Liandra o quanto pode e dizer aquelas coisas para mamãe e de ter me roubado? Não, não há perdão.

Fico imaginando quando sua maldade chegaria até Maic. Só de pensar, aquilo me deixava com mais raiva ainda!

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

POR LIANDRA



As lágrimas não cessavam. Era como dar braçadas contra a correnteza de um rio. Ao chegar em casa, deparei-me com Marcelly na sala. Rapidamente escondi o rosto.

— Eita, eita, eita! O que foi dessa vez? — se levantou, colocando as mãos na cintura. Apenas sacudi a cabeça. — Sua mãe não está em casa. Pelo visto, seu pai recebeu alta.

Funguei algumas vezes, enxugando o rosto.

— Finalmente! — respirei fundo.

Eu queria ficar feliz por aquilo, mas não conseguia. Era impossível sentir alegria quando as coisas só davam errado. Tudo parece caminhar no rumo certo, então a vida vem e te dá outra rasteira. Sinceramente, não tenho a intenção de me levantar dessa vez.

— Foi ele de novo? — Marcelly veio até mim, abraçando-me antes de deitar meu rosto em seu ombro. — Esse cara é muito problemático.

Depois que chorei tudo que tinha para chorar, sentei-me no sofá e respirei fundo.

— Na verdade, não foi ele.

— Então o que foi? — subitamente Marcelly arregalou os olhos. — Ai, meu Deus! Algum tarado tocou em você? — saltou do sofá, completamente enfurecida.

— Não foi ele, mas tem a ver com ele. — ela murchou, revirando os olhos.

— Eu já deveria saber... — sentou-se novamente.

Calmamente contei-lhe como o dia começou. Narrei desde as provocações de Laura até a chegada de Miguel, que desmentiu tudo, e que eu também aproveitei a deixa para tirar minhas dúvidas. Sim, ele era inocente, mas...

— O quê? — Marcelly se levantou, rodeando a sala de um lado a outro. — Isso é mentira! Só pode ser mentira!

— Não, não é. Ele mesmo confirmou, dizendo que pretendia me dizer... — comentei, deitando a cabeça no braço do sofá, encarando o teto vazio.

— Eu com um homem daqueles... — corrigiu-se rapidamente. — Quer dizer, é uma situação complicada. Ao menos ele não mentiu, não é? Em nenhuma das vezes... — pareceu querer levantar um lado positivo.

— É...

Do que adianta dizer a verdade quando convém e esconder quando acha que deve? Relacionamentos não são jogos. Eles devem ser abertos e sem segredos. Para que tudo corra bem, deve prevalecer apenas a verdade e nada além da verdade!

Marcelly não disse mais nada. Apenas me encarou, bastante pensativa.

• • •

— Meninas, chegamos! — mamãe anunciou.

Sentei-me no sofá, abrindo um largo sorriso ao ver meu pai. Um enfermeiro conduzia sua cadeira de rodas, enquanto mamãe abria espaço pela casa.

— Onde está Marcelly? — encarou-me rapidamente, apressando-se para ajudar papai a se levantar e sentar no sofá.

— Eu acabei dormindo, mas acho que ela foi ver o namorado.

— Oh, estamos com muitas moças namorando por aqui. — brincou papai.

— Estamos sim, papai. — forcei um sorriso para fingir que tudo estava bem. Preocupá-lo estava fora de cogitação!

Mamãe acompanhou o enfermeiro até a porta e finalmente se sentou ao lado de papai, começando a me colocar a par de tudo.

— O médico disse que ele seguirá tomando algumas medicações até que se recupere totalmente.

— E a cadeira de rodas?

— Seu pai ficou muito tempo deitado, então é natural que as pernas estejam enfraquecidas. Ele não deve forçar, mas em poucos dias estará andando como um garotão. — mamãe brincou, arrancando-nos uma risada.

— Ouviu só, papai? Como um garotão! — levantei-me, sentando ao seu lado para lhe dar um forte abraço.

— Que Deus as ouça!

— Vou preparar algo para comermos. — disse mamãe, seguindo para a cozinha, mas não antes de olhar por cima do ombro e me recomendar: — Entretenha seu pai. Ele disse que vem sofrendo de tédio agudo.

— Tédio agudo? — encarei-o, contendo uma risada.

— O apartamento era meio solitário. — deu de ombros.

— Optei por deixar mamãe ficar ao seu lado. Ela precisava disso mais do que eu. — ele assentiu com a cabeça.

— Ainda assim senti sua falta.

— Sei que sim, papai. — beijei sua testa. — Imagino que tenha feito amizade com os enfermeiros... — franzi os olhos.

— Ah sim, claro. Eles foram muito educados e prestativos...

Papai iniciou mais uma de suas longas histórias. Ele sabia o nome de todos os enfermeiros de cor, inclusive da junta médica que o tratou e acompanhou todo seu progresso. Depois do almoço, ele foi para o quarto descansar e mamãe o acompanhou.

Era ótimo tê-los comigo, contudo, ainda assim eu me sentia sozinha. Eu parecia ter me acostumado com a rotina da mansão. Ao lado de Maic, brigando e brincando com Miguel, sentindo o amor em meu peito cada vez mais forte, como se meu coração fosse explodir em confetes coloridos a qualquer momento.

Só de lembrar, meus olhos ardiam outra vez.

Acordei no dia seguinte com sacolejos.

— Liandra? Liandra? — entreabri os olhos. — Você tem que ver isso! — Marcelly sentou-se ao meu lado na cama, com um jornal em mãos.

— Que horas são?

— Sete. — gemi, enfiando a cabeça no travesseiro novamente.

Eu havia me demitido, então não tinha mais o compromisso de levantar cedo como vinha fazendo. O meu coração seguia apertado. Eu imaginava como Maic estava se sentindo. Eu deveria ligar e me explicar, inventar alguma coisa...

— Liandra!

— Se é tão importante assim, leia para mim. — murmurei, com os olhos fechados.

— A *socialite* Laura Cavallera foi presa na tarde de ontem, juntamente com seu comparsa Ramon, acusados do roubo de cinco milhões de reais na mansão de Miguel Souza Eliabe, um empresário que atua em vários ramos. — acordei imediatamente.

Sentei na cama e tomei o jornal das mãos de Marcelly.

— Dê-me isso aqui. — afinei os olhos, relendo tudo. Que loucura! — “Por ser ré primária, Laura foi solta mediante fiança, enquanto o rapaz, que já tem quatro passagens pela polícia, segue preso. O julgamento ainda será marcado”.

— Justiça! — Marcelly esfregou as mãos, mordendo os lábios.

— Eu achei que ela gostava dele, mas, depois disso, ficou evidente que Laura tinha interesse apenas no dinheiro de Miguel. — comentei.

Preparei-me para fechar o jornal quando Marcelly berrou:

— Ainda não acabou!

— Não? — trouxe a cabeça para trás.

— Olhe a página seguinte.

Virei a página e arregalei os olhos com o título que ocupava toda a folha. “Doutor Prazer anuncia aposentadoria”.

— Nossa!

— Foi por você. — disparou Marcelly.

— Claro que não!

— Eu tenho certeza que sim!

Revirei os olhos e comecei a ler a matéria: “O misterioso Doutor Prazer, aclamado por mulheres de todo o país, anunciou sua aposentadoria na tarde de hoje. O homem, cuja identidade nunca foi revelada, chegou a faturar cerca de dois milhões de reais mensais nos últimos meses. Doutor Prazer acalma as fãs dizendo que surgirão outros homens levando o mesmo título que o dele, juntamente com as diversas franquias da Clínica do Prazer que deverão ser abertas em breve pelo país”.

— Ao menos ele não vai mais lidar diretamente com mulheres. — Marcelly deu de ombros.

— É... — fechei o jornal, colocando-o de lado na cama. — Pensei muito essa noite e vou pedir demissão do colégio.

— O quê? Ficou louca? — Marcelly colocou-se de pé, indignada com minha decisão.

— Será melhor para todos nós. Eu vou dar entrada em uma casa no interior com o dinheiro que foi devolvido e passar um tempo maior com meus pais. — expliquei.

— Você está fugindo!

— Sim, eu estou. — não neguei. Eu estava cansada demais para continuar sofrendo tantas

pancadas no coração.

— Liandra, a solução não é essa. Ele ama você. Ele fez isso por você! Ele não mentiu, ele só não disse antes justamente por ter medo de acontecer o que aconteceu... Por medo de perder você.

— Posso estar sendo apenas uma boba, mas eu não saberia compartilhar o homem que amo. — fui sincera.

— Ele se aposentou, Liandra!

— Miguel é coisa do passado. — pontuei, esperando findar o assunto.

— Tudo bem, mas há algo que eu preciso te contar. — sentou-se ao meu lado, encarando-me com seriedade.

— O quê?

— Bom...

O meu celular tocou. Estiquei a mão para atendê-lo. Era um telefone fixo que eu não conhecia. Assim que o levei à orelha, ouvi aquela voz doce que me fazia sorrir.

— Tia Liandra?

— Oi, meu amor. — era Maic.

— Você não gosta mais de mim? — perguntou choroso.

— Claro que eu gosto! — respondi imediatamente.

— Por que não veio mais? Hoje é o segundo dia que não vejo a senhora. — lembrou-me.

Engoli em seco. Partia meu coração vê-lo assim. Eu amava aquela criança. Respirei fundo, tentando me explicar da melhor forma, pois ele não estava errado. Quando toda a confusão com Laura se instaurou e eu fui embora, ele ainda estava dormindo.

— O papai da tia Liandra chegou em casa e eu precisei vir cuidar dele. — eu odiava mentir desse jeito. Merda!

— Eu estou com saudades. — gemeu baixinho.

— Podemos combinar uma coisa? — propus, empolgada.

— Sim!

— Enquanto a tia Liandra não puder ir te ver, podemos nos falar por telefone, que tal?

— Ah... — a decepção veio na voz. — Vai demorar muito para vir me ver?

— Não sei, meu amor. — eu não queria alimentar falsas esperanças, para não magoá-lo e nem me magoar.

Maic ficou mudo. Naquele momento o imaginei, e a imagem dele fazendo caras e bocas enquanto pensava invadiu minha mente, me arrancando um sorriso.

— Então eu vou te ligar todos os dias até que a senhora possa vir me ver, está bom? — tamanha empolgação me partiu ao meio.

— Sim, meu amor.

“Com quem está falando?”. Ouvi dona Ana questioná-lo.

“Eu liguei para a tia Liandra, vovó”. Ele respondeu.

“Diga a ela que mandei um beijo”.

— Tia, a vovó te mandou um beijo.

— Mande outro para ela.

— O papai chegou. Quer falar com ele, tia? Eu pedi para ele ir te buscar, mas ele disse que você estava doente. É verdade? — engoli em seco.

— A titia te liga mais tarde, está bem, meu amor?

— Está bem... — gemeu outra vez.

Desliguei o telefone e respirei fundo. Mentir para uma criança é um ato imperdoável, mas que escolha eu tinha? Ele se apegou a mim, eu me apeguei a ele e agora estamos distantes, sentindo isso na pele.

— Era o filho dele? — assenti com a cabeça. — A criança te adora! Vai mesmo abandonar os grandes olhinhos azuis?

— Não me lembre disso... — joguei-me na cama, fechando os olhos. — Só de imaginar que posso magoá-lo, me sinto a pior pessoa do mundo.

— Ora, não magoe!

— Queria que fosse fácil assim! — retruquei, irritada e acabei me lembrando do que Marcelly iria me dizer antes do telefone tocar. — Você estava falando sobre me contar algo, o que era?

— N-Nada. — deu de ombros.

— Estranha... — afinei os olhos, dizendo aquilo como se fosse um “quase” xingamento.

Ela nem se importou, apenas deixou o quarto e eu voltei a dormir. Ao menos no sono eu encontrava paz, diante de tantas questões delicadas.

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

POR KARINE



— Você acha isso mesmo? — aqueles olhinhos brilhantes me arrancaram um sorriso.

— Acho! Liandra é a melhor para ser sua mamãe. — respondi com firmeza.

— Se eu pedir ela vai aceitar? — levantou-se da cama repleto de expectativa, parando em minha frente.

— Tenho certeza que ela já aceitou. — tombei a cabeça para o lado, sentindo um misto de alegria em sua felicidade e de dor pelo que aconteceria naquele dia.

Algumas pessoas não entendem o poder do amor, mas quando entenderem, saberão do que esse sentimento é capaz. A minha presença ainda é permitida aqui puramente por amor e misericórdia, mas só aqueles que quero que me vejam podem me ver.

Acompanhei Maic até o andar de baixo, admirando-o separar os livros que ele queria que ela lesse, assim que Liandra voltasse para a mansão.

— Bom dia, campeão. — Miguel surgiu na sala, passou por Maic e bagunçou seus cabelos, fazendo-o sorrir.

— Bom dia, papai. — ele respondeu sem tirar os olhos da pilha de livros.

— Onde está a vovó? — Miguel perguntou, passando os olhos pela sala.

— Não sei, mas talvez esteja no quarto, papai.

Miguel lançou-lhe outro sorriso e subiu as escadas. Sabe, faz um tempo que eu não o sinto triste. Aconteceu exatamente como eu previ. As coisas mudaram para melhor.

Agora Miguel tinha mais tempo para brincar e sair com o nosso filho. E ele também demonstrava gostar disso. Não era como antes, quando ele fugia de Maic. Eu sabia que a minha missão estava chegando ao fim.

Hoje faz quatro dias que Liandra não vem cuidar de Maic. Consigo sentir um aperto em seu coraçãozinho, consigo sentir a ligação entre eles. Consigo sentir o amor entre mãe e filho que se instaurou entre aqueles dois. E eu aprovo isso, pois desde que a vi pela primeira vez na mansão, eu sabia que ela seria a escolhida.

O telefone tocou. Maic rapidamente abandonou os livros e correu para atendê-lo. Senti meu coração pesar naquele momento.

— Tia Liandra?

— Ah, aqui não é a tia Liandra, meu amor. — Maic franziu a testa, tombando a cabeça para o lado.

— E quem é você?

— Sou uma amiga da sua mãe. — sacudi a cabeça. *Ah, isso não era verdade.*

— Da minha mãe? — Maic exclamou, arregalando os olhos.

— Sou eu, a tia Laura. Fui uma das melhores amigas da sua mãe nos tempos de faculdade. — ela insistiu.

— Papai falou para eu não conversar com você, tia Laura. — ele respondeu baixinho para que ninguém ouvisse com quem estava falando.

Sim, foi o que Miguel disse e ele está certo. Laura é uma pessoa ruim. Ela gosta de machucar as pessoas, e agora você é o seu alvo, meu filho.

— Naturalmente, seu pai teme que você descubra a verdade.

— Que verdade, tia?

— Sobre a morte da sua mãe. — mesmo à distância, pude sentir seu coraçãozinho começar a palpitar sem parar. — Você quer saber o que aconteceu?

Senti meus olhos arderem e abaixei a cabeça, unindo as mãos. Eu queria interferir, mas não podia. Não me foi permitido.

— E-E-Eu...

— Você precisa saber, Maic, antes que aconteça o mesmo com você. — agora senti medo vindo dele.

— V-V-Vou chamar a vovó...

— Não! Não precisa, meu amor... A tia vai te contar tudo, ok?

Maic passou os olhos ao redor da sala e não viu ninguém. Seus olhinhos buscavam por socorro, por Liandra. Eu queria surgir em sua frente e abraçá-lo, mas havia sido proibida. Partia meu coração saber que a omissão era uma obrigação naquele momento.

— A sua mãe não morreu em um acidente como dizem. Karine foi assassinada pela imprudência do seu pai.

— O que é *assassinado*? — perguntou receoso, começando a ficar ofegante.

— Quer dizer que seu papai matou a sua mamãe. — os meus olhos arderam e os dele também. Imediatamente vi Maic deixar o telefone cair e junto dele, de nós, lágrimas que marcavam nossa pele.

Eu conseguia ouvir seus pensamentos, eu conseguia sentir sua dor.

“O papai matou a mamãe? Não, o papai é bom, ele não faria isso com a mamãe. Ele amava a mamãe. E eu não corro perigo, por que o papai me ama, ele não faria isso comigo... Faria?”.

Isso não é verdade, meu filho... Queria dizer, queria explicar, mas não era o momento.

A sua aceleração explodiu, juntamente com os batimentos cardíacos. Maic correu o mais rápido que pode para o quarto e se trancou lá dentro, rendendo-se ao choro. E eu chorei enquanto caminhava em seu socorro.

“Não! O papai não é mau, ele não faria isso. Ele me ama, ele não quer me matar”.

“...Karine foi assassinada. Quer dizer que o papai matou a mamãe. Você precisa saber, antes que aconteça com você...”.

— É mentira, o papai disse que a tia Laura é uma mentirosa. É mentira! — gemeu encolhido na cama.

Atravessei a porta do quarto, como quando o vento passa por ela, e parei em sua frente. O meu coração estava partido, mas eu sabia que aquilo era preciso, pois assim como ele aproximou Liandra e Miguel, ele iria uni-los novamente.

— Maic? — chamei.

— Tia Karine... — ele saltou da cama, sacudindo as mãozinhas em meio ao choro. — O meu peito está doendo. — soluçou.

— Eu sei que está, meu amor. — respondi chorosa.

— A tia Laura disse que o papai matou a mamãe. — contou-me, entre soluços. — O papai vai fazer o mesmo comigo, tia Karine? Eu preciso fugir, eu não quero que o papai faça isso comigo.

— Acalme-se, meu amor. — aproximei-me dele e me ajoelhei em sua frente, encarando-o nos olhos.

— Não quero ficar aqui, por favor, me leve embora daqui. Eu não quero, eu não quero! — insistiu choroso, balançando a cabeça para os lados sem parar.

— E para onde você iria? — passei a mão por seu rosto.

— Para junto da mamãe. Pode me levar até ela? — o choro parou e ele me encarou com esperança. — Você é um anjo. Você pode, não pode? — fungou.

— Vai deixar a vovó e o papai?

— O papai vai fazer comigo o mesmo que fez com a mamãe. Ele vai, a tia Laura contou que vai. O papai é um mentiroso. — ofegou ao dizer aquilo, fazendo meu coração se apertar novamente.

— Dê-me sua mão e feche os olhos. — pedi, o vendo fechar os olhos. — Vamos buscar a mamãe, meu amor. — peguei-o no colo, deitando seu rosto em meu ombro.

— Tia Karine?

— Sim, meu amor.

— Eu não quero nunca sair do seu lado. — o senti abraçar-me com força. O amor... Aquele sentimento era quente, era acolhedor. Era um alívio para uma mãe que nunca pegou seu filho no colo.

— Eu prometi que lhe daria uma mãe, não foi isso? — ele assentiu com a cabeça. — Ela te ama do mesmo modo que eu te amaria.

— Então ela é boa, não é?

— Sim, ela será tudo que eu não pude ser.

— O que você não pode ser, tia Karine?

Naquele momento, havíamos chegado a nossa última parada. Assim que o coloquei no chão, encarei-o. E ao passar suavemente a mão em frente ao meu rosto, retirei o véu que cobria minha face, revelando ao meu filho quem eu era.

Seus olhinhos brilharam e ele se agarrou a mim com força, chorando como nunca antes. Sentei-me com ele ali e o peguei no colo, fazendo-o adormecer ao som de uma canção:

*Você nunca estará só, pois vivo em seu coração e,
Em sua mente, minha criança inocente,
Você nunca estará só, pois uma mãe nunca,
Nunca abandona o seu filhote,
Meu leãozinho.*

*Quando seu coraçãozinho se apertar,
Olhe para as estrelas, pois os anjos te olham de lá.
E é de lá que vou guiar seus passos, meu pequeno
Grande homem*

*Antes de você nascer, o amei e mesmo não o vendo nascer,
Crescer e caminhar, segui ao seu lado.
Vi seu primeiro sorriso, seu primeiro andar,
Pois o amor de Deus é como o amor de uma mãe
É Eterno.*

*Então quando estiver sofrendo, lembre-se
Que lá do alto eu estarei olhando por você.
Lembre-se que eu lhe providenciei uma mãe*

*Tão boa quanto eu seria, uma mãe
Que também dança ao som da poesia
Do amor entre uma mulher e seu filho
E quando despertar, a sua mamãe estará lá.*

Lágrimas de alegria desciam por meu rosto. Estava chegando a hora de eu deixá-lo. Respirei fundo e beijei sua testa. Aqueles eram nossos últimos momentos juntos, antes de eu subir, outra vez, juntando-me às estrelas que regem o universo e que circundam o trono de Deus.

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO



Quanto mais tempo passávamos longe, mais eu pensava nela. Era impossível tirá-la da cabeça. Liandra não atendia minhas ligações, não respondia minhas mensagens. Havia se levantado uma muralha de pedra entre nós. Um muro tão alto que quando eu me atrevia a olhar para cima, tinha a certeza de que não conseguiria escalar.

Pensei nunca mais ter que voltar a esse lugar, mas cá estou, no mesmo parque, no muro das lamentações, onde me ponho a admirar o lago e a sua calmaria, esperando que tal sentimento se apoderasse do meu coração.

— Por que as coisas conspiram contra nós? Eu sou um homem tão ruim assim que não merece uma chance de amar e viver esse amor? — murmurei, encarando o chão de terra vermelha.

Nem tudo foi ruim. Ao menos, agora, eu e Maic temos uma relação de pai e filho como nunca tivemos. Tudo isso graças a ela, Liandra.

Quer mesmo saber? Não vou desistir facilmente de você, Liandra. Se for preciso esperar, esperarei. Se você quiser um tempo, te darei. Ainda que eu precise me ajoelhar para confessar o meu amor, farei.

Deixei o parque com aquele pensamento, decidido a me reaproximar dela outra vez. Quando cheguei em casa, dei de cara com mamãe na sala.

— Boa tarde, dona Ana. — sorri, enfiando as mãos nos bolsos. — A que se deve essa expressão de felicidade em seu rosto?

— O império dos Cavallera continua desmoronando. — indicou com a cabeça para o jornal que segurava em mãos. — Primeiro, Laura, e agora vêm à tona as fraudes no mercado financeiro que sua mãe, Rosália, utilizava para manter a empresa sempre no azul e com falsos índices bons de investimento.

— Está com raiva de Rosália também? — arqueei uma sobrancelha.

— Obviamente. A filha não tinha uma bola de cristal. Se ela sabia sobre as confissões que fiz à mãe, foi pela mãe ter lhe dito, e com alguma intenção. — assentiu com a cabeça, fechando o jornal. — E agora vejo bem qual era. Elas estavam falidas.

Uma das mais ricas e tradicionais famílias da capital estava na merda. O boato que Leonardo havia me contado se confirmou ser verdadeiro.

Que ironia do destino. Quantas vezes presenciei Laura humilhando e menosprezando pessoas mais pobres e agora ela está abaixo da linha da pobreza.

— Tem falado com Liandra?

— Não... — respirei fundo. — Tento todos os dias, mas ela simplesmente não me atende.

— O problema é só com você, pois Maic fala com ela todos os dias. — mamãe respirou fundo. — Eu, no lugar dela, teria a mesma reação.

— Isso é reconfortante, mamãe. — enruguei os lábios.

— Estou sendo sincera, tentando lhe mostrar que é necessário dar espaço a ela. — explicou.

— Espaço demais gera ausência e quem muito se ausenta, logo deixa de fazer falta. — acenei com uma das mãos, dirigindo-me para as escadas. — Maic está no quarto?

— Sim.

— Ele está chateado com algo? — parei no penúltimo degrau.

— Um pouco com a ausência de Liandra, mas passou a manhã separando os livros que eles vão ler quando ela voltar. — engoli em seco, imaginando o que aconteceria caso ela não voltasse. Eu e Maic estaríamos perdidos. — E é bom que ela volte, para o bem do seu filho!

— Para o bem de nós dois. — balancei a cabeça e segui para o quarto de Maic. — Campeão... — emudeci ao entrar, deparando-me com o cômodo vazio. — Maic? — entrei no banheiro. — Maic? — voltei para o quarto, abrindo as portas do guarda-roupas, talvez ele quisesse brincar. — Campeão?

Saí no corredor, colocando ambas as mãos na cintura, e subitamente cocei a cabeça. *Brincar? Mas ele não gosta de brincar de esconde-esconde.*

Só depois que reuni todos os funcionários foi que a ficha caiu. Maic simplesmente desapareceu da mansão. Como uma criança de sete anos some sem deixar nenhum rastro? Isso é surreal.

— Certo. — uni a ponta dos dedos das duas mãos, encarando todos os meus funcionários. — O meu filho sumiu e todos o conhecem. O condomínio é muito grande, então conto com a ajuda de vocês para encontrá-lo. Batam de porta em porta, perguntem a todos que encontrarem se eles viram uma criança sozinha no condomínio. — gesticulei com ambas as mãos. — Deem suas características físicas, seu nome e nosso endereço. Vou falar com o síndico e pedir o registro de hoje das câmeras.

Eu até faria isso na mansão, mas o técnico que chamei para consertar o estrago no terceiro andar ainda não havia chegado. Essas malditas câmeras não funcionam quando mais preciso!

— Sim, senhor. — responderam em coro, seguindo para a porta principal.

— Eu não entendo. — mamãe passou uma das mãos pelo cabelo, aflita. — Eu o vi mais cedo aqui organizando os livros e o motorista sempre fica de prontidão do lado de fora. O fundo não tem saída... — ofegou entre as palavras, levando uma das mãos à cabeça. — Estou ficando tonta.

— Sente-se, mamãe. — segurei-a, ajudando dona Ana a se sentar. — É coisa de criança. Ele saiu

e não avisou. — assenti com a cabeça.

— O meu coração está tão apertado que eu gostaria de acreditar que é realmente uma brincadeira de criança. — mamãe murmurou, encarando-me com os olhos marejados.

— Sandra. — berrei.

Sandra foi a única funcionária que ficou em casa. Ela estava começando a preparar o jantar. Eram quase seis horas da tarde. Assim que a cozinheira apontou na sala, ordenei:

— Uma água com açúcar para a minha mãe. Se puder se dividir entre a cozinha e fazer companhia a ela, agradeço muito.

— Sim, eu posso. — assentiu com a cabeça, enxugando as mãos no pano de prato que guardava em cima dos ombros.

— Estou saindo também. Logo estarei de volta, o trazendo pela orelha. — abri um largo sorriso para mamãe.

— Não, não faça isso. Apenas o traga. — mamãe pediu, dando um longo suspiro.

— Tudo bem, tudo bem. — acenei com uma das mãos.

Aquele sapeca! Crianças de vez em sempre aprontam alguma. Não é muito a cara do Maic fazer isso, mas sempre há uma primeira vez.

Contudo, as coisas não seguiram como eu esperava. Aos poucos, os funcionários voltavam para casa e nenhum deles tinha informações sobre Maic. A brincadeira foi perdendo a graça e ficou pior quando verificamos as câmeras do condomínio.

— Nenhum sinal do seu garoto, senhor Miguel. — engoli em seco, sentindo meus olhos arderem.

— Pode olhar de novo, por favor?

— Fizemos isso quatro vezes. — bufei, balançando a cabeça.

— Certo...

Deixei a guarita da entrada do condomínio completamente atordoado. Aquilo era uma piada, só poderia ser. Quando cheguei em casa, mamãe havia se rendido ao choro.

— Meu Deus, onde esse garoto foi? — esfreguei o rosto. — Ele não saiu do condomínio, isso ficou claro nas câmeras. Então onde Maic está?

— Ligue para Liandra, talvez ela esteja com ele. — mamãe sugeriu entre fungadas.

— Ela não vai me atender. — gesticulei com uma das mãos.

— Vou buscar meu celular. — mamãe se levantou e em passos rápidos, seguiu até uma mesinha no canto da parede. Pegou o aparelho, apertou alguns números e o colocou na orelha. — Liandra? Aqui é a dona Ana, avó do Maic. Eu queria saber se por acaso o meu neto está com você. — mamãe emudeceu por um tempo, tornando a chorar. — É que o Maic sumiu! Ele desapareceu da mansão e do condomínio. Eu não sei mais o que fazer, eu... — sua voz falhou, seguido de um ruído.

Mamãe havia desmaiado. Lancei-me em sua direção apressadamente, peguei-a no colo e a carreguei até o sofá, onde a deitei.

— Deus do céu, o que aconteceu? — Sandra parou boquiaberta no meio da sala. Ela provavelmente veio anunciar que o jantar estava pronto.

— Chame um médico, depressa!

— Sim, senhor. — correu em disparada até o telefone, fazendo uma ligação.

Encarei o relógio de pulso. Eram oito horas da noite. Já estava escuro lá fora. Eu me negava a ir contra todas as possibilidades e crer que Maic havia conseguido, de algum modo, sair do condomínio.

Liguei para Leonardo e pedi para ele acionar a polícia, mas ele me informou que só poderíamos prestar queixa de desaparecimento após vinte e quatro horas. Contudo, reuniu uma equipe para seguirmos buscando Maic dentro do condomínio.

O médico não demorou a chegar e mamãe foi rapidamente atendida. Ela havia tido um mal-estar por conta do sumiço do neto. Ah, aquele garoto era tudo na sua vida.

— Passei alguns calmantes para ela. Um pouco de repouso e tudo ficará bem. — disse o médico no corredor que levava aos quartos.

— Providenciarei isso.

— Caso precise, é só me ligar. — estendeu a mão e eu a apartei.

Acompanhei o médico até a saída e lá mesmo permaneci. Estava começando a ficar frio e cada vez mais escuro. Ele tem medo do escuro. Ao mirar o céu, o vi repleto de estrelas.

— Onde você foi, campeão? — murmurei, começando a perder o controle. Eram nove horas da noite.

Leonardo chegou com alguns amigos da polícia. Eles estavam de folga, mas seriam de excelente ajuda. Retomamos a busca dentro da mansão, mas não havia nada. Então seguimos para o condomínio.

— Onde o viram pela última vez?

— Dentro de casa. — expliquei.

— Acabamos de vasculhar toda a mansão, Miguel... — Leonardo respirou fundo. — Vamos seguir pelo condomínio com as fotos que você nos deu. Fique aqui, descanse um pouco.

— Certo.

Meia noite.

Sentei na calçada em frente de casa, encarando o chão. Eu ainda não acreditava que aquilo estava acontecendo.

Meia noite e três. O meu celular tocou. Retirei-o do bolso rapidamente, talvez fosse alguém que o encontrou. Desde muito pequeno o ensinamos a decorar o número de casa.

— Alô? Maic? — levantei-me, ofegante.

— Não o encontraram ainda? — era Liandra. — Eu estava falando com sua mãe mais cedo, mas a ligação caiu.

— Ela desmaiou. — expliquei, fazendo-a emudecer por alguns instantes.

— Você já verificou as câmeras? Não tem como uma criança sair de um condomínio fechado, ainda mais com um que possui tamanha segurança...

— Não sei no que acreditar mais. Reviramos a mansão duas vezes e agora estamos batendo de porta em porta, mais uma vez. — ofeguei entre as palavras. — Preciso do meu filho, Liandra... Quero meu filho o quanto antes em casa...

— Acalme-se, eu estou indo para ajudar na busca. — confesso que senti certo alívio ao ouvir aquilo.

— Obrigado, muito obrigado.

— Eu amo aquela criança como se fosse minha. — ela disse, aquecendo meu coração que se encontrava diante do desespero. — Fique calmo, nós vamos encontrá-lo, Miguel.

— Estou tentando, juro que estou tentando. — respirei fundo, fechando os olhos. — Só de imaginar que algo aconteceu... — cerrei os punhos. — Não sei viver sem ele, eu não conseguiria. Ele tem sete anos, Liandra, sete anos... — os meus olhos ardiam como nunca.

— Eu estou chegando. Vamos procurá-lo juntos, mas agora se mantenha calmo. — pediu.

— Certo. — enchi o pulmão de ar, fechando os olhos.

— Vou desligar, está bem?

— Certo. — foi a única coisa que consegui responder.

Meia noite e dez.

O tempo não passava. Ele havia parado apenas para me atormentar. Vi vários homens vindo do final da rua. Eram eles. Lancei-me em sua direção em meio a uma corrida curta, até que parei.

Leonardo simplesmente sacudiu a cabeça, negando qualquer notícia positiva.

Meia noite e quinze.

Eu havia chegado ao meu limite. Caí de joelhos no chão e rendi-me ao choro, escondendo o rosto com as mãos.

Que pecado tão grave eu cometi a ti, Deus? Diga-me o que eu fiz para que meu filho desaparecesse dessa maneira?

— O desespero não vai ajudar em nada, Miguel. — Leonardo puxou-me para um abraço, voltando-se aos outros. — Ajudem a levantá-lo. Vamos nos reunir na mansão.

Por instantes, vi seu rosto em minha mente. Aqueles lindos olhos azuis, a sua maneira de sorrir. Lembrei-me de quando chorei ao pegá-lo no colo pela primeira vez, quando lhe dei sua primeira mamadeira e das vezes em que ele fez xixi em mim quando tentei trocar suas fraldas. Lembrei-me da sua primeira palavra: *papai*.

— Traga o meu filho para mim, Deus! — urrei, só então me dando conta que já estava dentro de casa. Quando firmei meus olhos, eu estava rodeado por pessoas e por ela, que se lançou em minha direção sem pensar duas vezes, abraçando-me.

— Vamos encontrá-lo, Miguel, eu prometo. — Liandra sussurrou em minha orelha, afagando meus cabelos. Abracei-a com força, escondendo o rosto em seu ombro e outra vez, rendi-me ao choro.

Onde está o meu filho? O meu campeão? Aonde ele foi?

CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

POR LIANDRA



No dia seguinte fui para a escola, onde assinei minha demissão. Estava tudo certo: eu comunicaria meus pais sobre a minha decisão de voltar com eles para o interior. Estou fugindo, tenho consciência disso, mas preciso colocar minha cabeça no lugar. Eu ainda não consegui digerir muito bem o fato de Miguel e Doutor Prazer serem a mesma pessoa.

Eram quase oito horas da noite quando o telefone tocou.

— Liandra?

— Sim.

— Aqui é a dona Ana, avó do Maic. Eu queria saber se por acaso o meu neto está com você. — perguntou nervosa, começando a chorar.

— N-Não, ele não está aqui. Aconteceu algo? — uma aflição intensa me tomou por inteira.

— É que o Maic sumiu! Ele desapareceu da mansão e do condomínio. Eu não sei mais o que fazer, eu... — sua voz embargou e a ligação caiu.

Pisquei algumas vezes, ofegante. Será que aconteceu algo?

Ao desligar o telefone, uma sensação ruim se apoderou do meu peito, fazendo-o doer. Eu amo aquela criança. Só de imaginar que alguma coisa possa ter acontecido durante a minha ausência, me sinto imensamente culpada.

— Quem era? — mamãe perguntou, mexendo a grande panela de caldo de feijão com carne.

— A mãe de Miguel... — ela enrijeceu os lábios. — Parece que Maic desapareceu da mansão. — respirei fundo, ainda incomodada com aquilo.

Eu não o conhecia bem, mas conhecia o suficiente para dizer que aquilo não era do seu feitio.

— O garotinho?

— Sim. — sorri ao lembrar aqueles grandes olhos azuis. — Estão procurando por ele.

— Ah, não se preocupe. Crianças fazem coisas desse tipo o tempo inteiro. Você mesma, uma vez desapareceu e quase nos matou do coração. — gargalhou, ainda mexendo na panela.

— É...

A graça do meu dia havia sumido. Aquela sensação não passava. Por mais que eu tentasse desviar meus pensamentos daquilo, a preocupação se tornava maior a cada instante.

Tentei me distrair um pouco jogando damas com papai.

— Ah! Que sacada, hein? Três peças de uma vez. — ele comemorou ao fazer sua terceira dama.

— O senhor está muito atento hoje... — comentei, sem emoção.

— Há algo errado, minha filha? — ele franziu a testa, encarando-me.

— Não sei, mas... — *sinto como se alguma coisa grave tivesse acontecido*. — Ah, besteira minha. — sacudi a cabeça, livrando-o de preocupações.

— Sendo assim, preste atenção no jogo! — insistiu.

Jogamos até onze da noite, quando ele foi dormir junto com mamãe. Quase meia-noite e a aflição havia me tomado por completo. Eu não sei como, mas algo dentro de mim dizia que Maic estava a minha espera.

Depois de rodear a sala incontáveis vezes, resolvi que deitar seria a melhor solução. Eu queria ligar, queria perguntar como as coisas estavam, mas eu acabaria falando com Miguel e...

Sacudi a cabeça e entrei para o quarto apressadamente. Assim que fechei a porta, meus olhos se fixaram na foto do último aniversário dele. Sentei-me na cama e peguei o retrato, encarando-o.

— Ah, meu pequeno, como eu gostaria que você fosse meu. — abri um pequeno sorriso, tocando seu rosto na foto.

De repente, o vidro do retrato trincou, fazendo meu coração acelerar. Aquela sensação de que algo ruim havia acontecido, naquele instante, veio com mais força.

Rapidamente peguei o celular. Meia noite e três... Liguei para Miguel. Assim que ele atendeu, meu coração parou com suas primeiras palavras.

“Alô? Maic?”. Havia desespero em sua voz, sentimento esse que me tomou imediatamente. Engoli em seco e perguntei apenas para confirmar.

— Não o encontraram ainda? — perguntei temendo pela resposta. — Eu estava falando com sua mãe mais cedo, mas a ligação caiu...

— Ela desmaiou.

Respirei fundo. É mais de meia noite e ele continua desaparecido. Senti todo meu corpo tremer, juntamente com o medo tomando conta de mim.

Miguel estava desesperado. Tentei acalmá-lo no telefone de todas as maneiras possíveis, mas não

havia muito a se fazer. Eles precisavam de mim. Os dois.

— Eu estou chegando. Vamos procurá-lo juntos, mas agora se mantenha calmo. — avisei, levantando-me rapidamente para pegar minha bolsa.

Depois de trocar mais algumas palavras, desliguei o telefone. Ao sair do quarto, deparei-me com Marcelly que havia acabado de chegar. Assim que me encarou, ela franziu a testa.

— O que aconteceu?

— Maic sumiu. — respondi chorosa. — Ele sumiu da mansão e já deram várias buscas, não só lá, mas também no condomínio. — expliquei.

— Meu Deus! — ela abriu a boca, se sentando no sofá, sem reação.

— Preciso ir ajudar, preciso... — murmurei. — Só de pensar que algo de ruim possa ter acontecido a ele, eu, eu, eu... — ofeguei entre as palavras.

— Você ama aquela criança, não é? Sempre notei que havia algo de especial entre vocês dois. — Marcelly comentou, com os olhos marejados.

— O amo como se fosse meu, como se tivesse saído de mim. Quando vi aqueles olhinhos pela primeira vez, clamando por carinho, rendi-me a ele.

Marcelly passou a mão no rosto, enxugando as lágrimas. Em seguida, se levantou, dando um longo suspiro.

— Eu vou com você.

— Então vamos, toda ajuda será necessária. — apontei em direção à porta, com ela seguindo atrás de mim.

Pegamos um táxi. Estávamos a caminho da mansão, em completo silêncio quando, do nada, Marcelly murmurou algo que quase fez meu coração parar.

— Foi ele quem fez a doação. — encarei-a com estranheza, sem entender o que ela queria dizer com “ele”.

— Ele quem?

— Miguel. — pisquei algumas vezes, virando o rosto na direção contrária a sua. — Eu descobri isso quando Leonardo me pediu em namoro. Eles são amigos e acabei vendo um documento em cima da mesa do escritório...

— Por que ele faria isso? — franzi a testa. — Quer dizer... — gesticulei com uma das mãos. — Nós não nos gostávamos nessa época, então não vejo razão para isso e...

— Ele é um bom homem, Liandra. E o fato de ele nunca ter lhe contado isso, só prova que ele te ama e que não queria que você visse essa ação como um ato de caridade, como algo que necessitasse de retorno. — Marcelly murmurou.

Engoli em seco, abaixando a cabeça. Todos os nossos momentos juntos passaram por minha mente de uma vez, rendendo-me um misto de emoções.

— Sim, ele é um bom homem. — concordei.

Por que ele faria isso?

Aquela pergunta não durou. Quando chegamos ao condomínio, nossa entrada foi liberada. Assim que desci do carro, vi Miguel sendo carregado por alguns homens, completamente transtornado.

Uma pontada no peito me fez engolir em seco. Dentre os homens, vi o doutor Leonardo. Marcelly rapidamente correu até ele, abraçando-o, enquanto eu acompanhei Miguel até a sala. Ele não estava me vendo, estava cego, aos berros.

Eu queria ser forte, eu precisava ser seu suporte, mas minhas pernas pareciam estar dispostas a fraquejar a qualquer momento, pois eu partilhava da sua dor.

— Traga o meu filho para mim, Deus! — ele urrou, aparentemente zozinho, até que seus olhos se firmaram em mim. Vi um pedido de socorro em suas pupilas e não hesitei, lancei-me em sua direção, abraçando-o contra meu corpo.

— Vamos encontrá-lo, Miguel, eu prometo. — sussurrei, afagando seus cabelos, deixando-o esconder seu rosto em meu ombro, antes de dar lugar ao choro.

Era contagiante. Chorei com ele e senti sua dor, pois também estava me rasgando ao meio. Onde foi parar nosso menino, Senhor?

Depois de alguns minutos, Miguel se acalmou e subiu para o quarto. Respirei fundo, tentando conter minhas lágrimas, que não cessavam.

— Agradeço a sua presença aqui, senhorita Liandra. — disse Leonardo. Marcelly estava sentada ao seu lado.

Os demais homens haviam sido dispensados, pois já era bem tarde.

— Não precisa agradecer. — sacudi a cabeça.

— Vamos encontrá-lo, amiga. — Marcelly se levantou e sentou ao meu lado, abraçando-me. Instintivamente a abracei com força. — Tenha fé, vamos achar o Maic.

— Eu acredito nisso. — respondi chorosa.

Sandra desceu as escadas, parando na sala. Deu longo suspiro e abaixou a cabeça.

— Ele vinha todas as manhãs na minha cozinha pedir seu amado bolo de chocolate. — ela sacudiu a cabeça, chorosa. — Dona Ana está passando mal, completamente dopada. — soluçou. — Desculpem! — ergueu uma das mãos antes de cobrir o rosto. — Vou fazer um café. — disse chorosa, saindo da sala.

“Liandra. Liandra”. Senti um arrepio percorrer todo meu nome.

— Ouviu isso? — encarei Marcelly assustada.

— Isso o quê? — sacudiu a cabeça. — Eu não ouvi nada.

Respirei fundo e levantei-me. Esfreguei o rosto com ambas as mãos.

— Vou ver como ele está. — avisei, lançando-me em direção às escadas.

Eu estava prestes a bater na porta do quarto de Miguel quando notei que o quarto de Maic estava entreaberto. Ao entrar, senti seu cheiro invadir minhas narinas.

A nossa foto continuava em cima da cômoda. Os lençóis estavam desarrumados, como ele sempre deixava, mesmo eu o ensinando a arrumar. Um sorriso bobo tomou meu rosto ao lembrar-me daquilo.

Sentei-me em sua cama e passei os olhos por todo o cômodo.

“Tia Liandra, você quer ser a minha mãe?”.

Sua voz ecoou em minha cabeça, me fazendo ofegar, enquanto as lágrimas desciam, uma atrás da outra.

“Eu te amo, tia Liandra”.

Fechei os olhos, deitando-me encolhida em sua cama. Onde você está, meu amor? Por que você faria isso?

Adormeci.

Acordei com uma forte brisa atravessando a porta. Quando entreabri os olhos, fechei-os novamente. Havia um clarão diante de mim e uma silhueta se aproximava. Quanto mais perto, mais nítido ficava que se tratava de uma mulher.

O ar se aqueceu instantaneamente e vi grandes pares de asas, mas seu rosto permanecia escondido. Aos poucos, a luz foi se dissipando, então me deparei com a empregada misteriosa, cujo nome eu nunca descobri. Como mágica, ela se vestiu como uma dama e meus olhos se arregalaram.

— K-Karine? — gaguejei.

Um lindo sorriso tomou seu rosto e ela se aproximou em passos lentos, olhando-me de maneira

terna. Primeiro para mim, depois para a foto onde eu estava abraçada a Maic.

— Você o ama.

— Sim. — respondi entre sussurros.

Seu rosto transmitia tamanha paz que perguntas sobre a sua presença ali simplesmente foram ignoradas. De repente, ela tombou a cabeça para o lado, sorrindo novamente e, então me deu as costas.

Rapidamente segui atrás dela pelo corredor. A mansão estava completamente silenciosa e estranhamente escura. Apenas a luz que irradiava do seu corpo iluminava o caminho. Ao passar pela sala, vi Marcelly e Leonardo dormindo no sofá.

— Liandra? — Karine me chamou, me fazendo voltar os olhos para a entrada. — Vamos?

— Para onde?

— Buscar o nosso filho. — sorriu outra vez.

Não importa se isso é apenas um sonho. Mesmo que seja, se houver uma chance de encontrá-lo, seguirei até o fim!

Era estranho. Todo o pesar que havia se apossado do meu coração tinha sumido. As ruas estavam completamente vazias e escuras e aquela mulher, Karine, era como um grande farol iluminando nosso caminho.

Andamos por muito tempo, por tanto tempo que eu começava a sentir minhas pernas doerem, até que ela parou na frente do cemitério Santana, me fazendo parar também.

— E-E-Ele não está... — senti meu queixo tremular.

— Dormindo. — estendeu-me uma das mãos. — Ele aguarda a mãe. O que está esperando?

Senti minha respiração acelerar e enchi-me de coragem. Entramos juntas, em plena madrugada, no cemitério. Após caminhar um pouco mais, parei subitamente ao ver o meu pequeno encolhido no chão.

Era ele, era Maic!

CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

POR LIANDRA



Corri o mais rápido que pude em sua direção. Ao parar em sua frente, ajoelhei-me e o peguei no colo. Ele estava dormindo em cima de uma lápide. Abracei-o ao meu corpo e o beijei. Maic estava quente, como se algo o estivesse cobrindo naquela madrugada fria.

Karine permaneceu em nossa frente, encarando-nos e rapidamente desviou os olhos para o nome inscrito no túmulo. Acompanhei-a.

Karine Razone Mariel. Era o nome inscrito ali, acompanhado de uma foto sua.

— Maic? — chamei-o. — Maic?

— Ele está em um sono profundo, assim como toda a cidade. — arregalei os olhos, encarando-a. — Você sabe por qual razão ainda permaneço entre os vivos, Liandra?

Engoli em seco, negando com a cabeça.

— Quando sofremos o acidente de carro... — imagens tomaram a minha mente. Karine e Miguel de mãos dadas seguindo por uma pista escura. — Clamei a Deus por misericórdia, pois senti que havia me deparado com a morte. Naquele instante, eu soube que não veria meu filho crescer, então implorei por misericórdia... — sorriu, voltando seus olhos a Maic. — E Ele me ouviu.

Um arrepio intenso percorreu-me por inteira.

— O amor de mãe é a única forma de amor que se aproxima do amor de Deus, e é por essa razão que ainda estou aqui, mas é chegada a hora de partir.

Pisquei algumas vezes, ainda desacreditada no que via e ouvia.

— Por quê?

— O meu filho agora tem uma mãe, uma boa mulher que cuidará dele e que o fará feliz, sanando todas as lacunas que eu deixei. — ajoelhou-se em minha frente, tomando as minhas mãos. — Ele agora é seu. Seu filho, Liandra.

Os meus olhos marejavam. Senti-me ofegante outra vez, sem saber o que dizer. Eu o aceito como meu filho, mas ainda havia questões com Miguel que eu não resolvi e...

— Feche os olhos. Antes de partir, preciso lhe mostrar algo. — pediu e eu obedeci.

Vi Miguel completamente desesperado em um consultório médico, aos prantos. Ele havia acabado de receber a notícia da morte dela, de Karine. As imagens mudaram e agora eles estavam na mansão.

Uma senhora o acusava de assassinato, dizia que ele havia matado a filha. A imagem borrou-se outra vez e o vi na faculdade, abandonando o curso de Direito.

Era a história dele.

De repente, o vi em boates, enchendo a cara, saindo com várias mulheres e também o vi projetando a Clínica do Prazer, transformando-se em Doutor Prazer. Assustei-me quando me vi naquelas imagens. Era o nosso primeiro encontro, quando brigamos. Depois no consultório, no lago e por fim, na mansão, sorrindo ao encarar minha foto com Maic.

— O que é isso? — murmurei.

— Por muitos anos ele vem fugindo dos demônios do passado, e a forma que Miguel encontrou de fazer isso foi se tornando um homem de muitas mulheres. — sussurrou. — Contudo, a dor nunca cessou, ao menos não até ele conhecer você...

— Eu?

— Aos poucos, você retirou todo sentimento de culpa que ele possuía pela minha morte e, devagar, ele se aproximou do filho, que ele tanto teme julgá-lo por conta do acidente que me levou à morte. — explicou.

— E-Eu não fiz nada.

— Você encheu o coração de um homem perdido com amor. — Liandra segurou meu rosto com ambas as mãos, sorrindo ternamente. — Liandra, você salvou Miguel da escuridão, salvou Maic da revolta e salvou dona Ana do remorso.

Abaixei a cabeça, tentando digerir aquelas coisas da melhor maneira possível.

— Sabe tanto quanto eu que ele a ama. Ele até abandonou a profissão por sua causa. — encarei-a novamente. — Ele está a sua espera, assim como Maic também está.

— E-E-Eu não sei o que fazer... — respondi em meio às lágrimas que desciam.

— Antes de tomar qualquer decisão, saiba que você mudou a vida de Miguel, ou do Doutor Prazer, como descobriu há alguns dias. Agora que você sabe os bastidores desse homem ferido, deixa-a livre para tomar sua decisão. — se levantou, afastando-se lentamente.

— Aonde você vai? — estiquei uma das mãos, tentando puxar seu vestido.

— Para as estrelas, de onde estarei sempre olhando por vocês. — assentiu com a cabeça e abriu as grandes asas, estendendo os braços. — A felicidade está à sua frente, Liandra, agarre-a com todas as forças, pois será para toda a vida.

Uma luz intensa me cegou, obrigando-me a cobrir os olhos. Quando voltei a enxergar, eu estava no mesmo lugar. Não tinha sido um sonho, era real! O sol começava a nascer no horizonte.

Por instantes, lembrei-me do primeiro momento em que a vi na mansão, lá na cozinha. Sim, ela falou dele, depois me ensinou sua torta preferida. E eu também a vi no quadro do terceiro andar, mas não a reconheci. Ela... Ela... Karine queria isso?

Maic deu um suspiro, me fazendo voltar ao mundo real. Peguei o celular e liguei para Miguel. Assim que ele atendeu, anunciei ofegante, tentando conter minha euforia:

— Eu o encontrei. — foi um alívio dizer aquilo. — Encontrei o nosso menino, Miguel.

— Onde vocês estão? — perguntou ofegante.

Passei o endereço para ele e permaneci sentada sobre o túmulo de Karine, com Maic em meus braços. O seu sono parecia pesado e eu não queria acordá-lo agora, pois tê-lo junto a mim, ao meu corpo, era como ter uma parte que eu havia perdido há muito tempo e reencontrado apenas agora.

— Tudo vai ficar bem agora, meu filho... — meus olhos arderam quando eu falei aquilo. Em seguida, beijei sua testa.

Passos rápidos vinham em nossa direção. Era Miguel, acompanhado por Leonardo e Marcelly. Assim que ele nos viu, correu ainda mais, caindo de joelhos próximo a nós. Sem hesitar, pegou Maic no colo, abraçando-o com força ao seu corpo.

— Obrigado, meu Deus! Obrigado! — disse ofegante e choroso.

Sorri ao vê-los assim. Eu estava feliz por eles, por mim, por nós.

— Liandra, eu... — estapeei seu rosto, com os olhos repletos de lágrimas, fazendo-o emudecer.

— Nunca mais esconda algo de mim! — pedi, abraçando-os em seguida.

Miguel assentiu com a cabeça e me abraçou com força ao seu corpo, deixando Maic entre nós. Eu ainda estava confusa sobre muitas coisas, mas tínhamos tempo suficiente para conversar sobre isso depois. O importante é que encontramos o nosso Maic.

CAPÍTULO CINQUENTA E SETE



Quando Liandra me ligou dizendo que o havia encontrado, quase tive um troço. Acordei todos na mansão aos berros, em comemoração.

Segui dirigindo para casa, olhando pelo espelho do carro para ambos, que estavam no banco de trás. Maic continuava aninhado no colo de Liandra, que não tirava os olhos dele.

Ao chegarmos, fomos recebidos com festa. Até os funcionários pareciam partilhar da nossa alegria. Mamãe veio às pressas, correndo de salto até Liandra, pronta para pegar Maic no colo, mas hesitou, sorrindo.

— Ah, ele finalmente encontrou alguém. — ela sussurrou, inclinando-se para beijar sua testa, em seguida, abraçou Liandra com força. — Eu sempre soube que seria você.

— Sempre soube o que, mamãe? — franzi a testa.

Ela simplesmente sacudiu a cabeça e todos entramos em casa. Chamei um médico para avaliar Maic. Ele parecia estar envolto em um sono pesado, mas, às vezes, falava sozinho.

“O meu anjo da guarda prometeu. Ela prometeu que quando eu acordasse, veria minha mamãe”.

Depois de um breve diagnóstico, o médico nos disse que ele estava apenas dormindo e que acordaria a qualquer momento. Maic não havia sofrido nenhuma pancada, nenhum trauma, nem nada do tipo. Confesso que eu estava ansioso para vê-lo acordar e entender o que o levou a fugir dessa maneira.

— Miguel... — Liandra me chamou. Desviei os olhos de Maic, encarando-a parada na porta do quarto, com os braços cruzados. — Por que não me contou sobre a doação?

— Não fiz com a intenção de contar... — murmurei, voltando-me a Maic, passando o dorso da mão em seu rostinho. — Naquele dia, quando você me narrou no consultório sobre o seu pai e depois no lago, me senti tocado. Então o fiz por simples e pura empatia... — forcei um sorriso. — Sei bem o que é perder alguém amado e sei como seria ruim se isso acontecesse por falta de recursos...

Ouvi seus passos se aproximando lentamente. Liandra sentou-se atrás de mim, abraçando-me pela cintura e, em seguida, apoiou o queixo no meu ombro.

— Obrigada.

— Não precisa agradecer. — sacudi a cabeça.

— Sobre a sua profissão...

— Estou aposentado. — respirei fundo. — Já não sinto mais a dor que sentia antes; já não necessito daquilo para curar minhas feridas, pois o meu remédio está aqui, ao meu lado. — murmurei, abaixando a cabeça.

— Até ontem eu não sabia de nada. — Liandra disse baixinho. — Então ela me mostrou tudo e eu entendi. — franzi a testa, virando-me para trás, ficando frente a frente com Liandra.

— Ela quem?

— Karine. — senti meu coração palpitar.

Isso é... Não! Não é possível! Eu também a via, ela também falava comigo. Abaixei a cabeça, sorrindo.

— Pode parecer estranho, mas...

— Eu entendo. — assenti com a cabeça. — Eu também a tenho visto... Isso não importa mais. Agora tudo vai ficar bem. — murmurei, encarando meu amado e pequeno filho.

— O nosso menino está de volta. — Liandra sorriu, segurando meu rosto com ambas as mãos.

— Adoro quando você o chama de nosso. — inspirei profundamente, abrindo um pequeno sorriso.

— Ele é nosso. Seu e meu filho. — ela reafirmou, com os olhos marejados.

— Para todo o sempre. — aproximei meus lábios dos seus, tocando-os suavemente.

Senti-me o homem mais feliz do mundo naquele instante. O meu filho havia sido encontrado e a mulher que mudou a minha vida, que curou minhas feridas, que me deu uma razão para continuar quando eu só pensava em desistir, havia voltado para mim.

— Mamãe? — ambos giramos o rosto para trás. Maic havia acordado.

— Estou aqui. — disse Liandra com um sorriso acolhedor, abrindo os braços para recebê-lo.

Aqueles grandes olhos azuis brilharam e ele se levantou bruscamente, abraçando-a com força, rendendo-se a um choro sentido, que chegava a fazê-lo soluçar.

Os meus olhos imediatamente se encheram de lágrimas e os abracei, beijando a ambos. Um dia a vida me tomou minha família. Eu nunca entendi a razão disso. Contudo, hoje Deus a devolveu.

— Maic... — chamei-o.

— Sim, papai. — ele se aproximou, abraçando-me pelo pescoço.

— Por que fugiu? — franzi a testa.

— Eu não saí do quarto, papai. — negou com a cabeça. Liandra e eu nos entreolhamos. — Eu tive um sonho com o meu anjo da guarda, papai. — sorriu, dando pulinhos na cama. — E eu descobri que o meu anjo da guarda é a mamãe. E fomos passear, mas eu não me lembro do motivo disso... — olhou para cima, parecendo pensativo. — Então eu estava num lugar grandão e cheio de flores, onde ela me empurrava em um balanço.

Arregalei os olhos, piscando algumas vezes. E-E-Eu vi isso em um sonho...

— Tem certeza de que não se lembra de nada, campeão? — insisti.

— Eu estava organizando os livros para ler assim que a... — encarou Liandra, todo risonho. — mamãe Liandra viesse me ver, — corou completamente. — então ouvi meu anjo da guarda me chamar. O anjo que é a mamãe. — assentiu com a cabeça. — Eu vi o rosto dela, eu vi. Era a mamãe. — disse com um largo sorriso.

— E então? — insisti e Liandra sorriu. Analisei seu rosto com mais atenção e estava claro que ela acreditava naquilo.

— Então ela me disse que eu não me lembraria de nada de ruim e que, quando acordasse, a primeira pessoa que visse eu deveria chamar de mãe. — sorriu novamente. — E eu te vi, mamãe Liandra.

Liandra sorriu, tombando a cabeça para o lado. Em seguida, o abraçou outra vez.

— E-E-Eu... — emudeci quando Liandra pegou minha mão, sacudindo a cabeça para que eu não dissesse nada.

Daquele dia em diante nossa vida mudou completamente. Tornamo-nos uma família sem segredos. Antes de queimar o diário de mamãe, o mostrei a Liandra e finalmente lhe dei uma explicação convincente do motivo de Laura ter permanecido na mansão. E também expliquei a ela todos os detalhes sobre minha aposentadoria: reuni-me com as meninas da clínica, que me acompanharam naqueles longos sete anos, e nomeei Janaína como a diretora-geral da rede de *Clínicas do Prazer*. Ela ficaria encarregada de cuidar de todos os assuntos, inclusive de preparar as funcionárias que trabalhavam conosco a serem os novos braços direitos dos futuros doutores do prazer que surgiriam.

EPÍLOGO



Um mês depois...

Primeiro fui com meus pais até o interior e conseguimos recomprar nossa casinha com a ajuda de Miguel. Uma semana depois nos casamos em uma cerimônia privada, apenas no cartório, e depois uma festa para amigos íntimos, como eu sempre quis.

Miguel e eu conversamos bastante sobre o futuro e ele pediu para que eu continuasse apenas em casa, cuidando do nosso filho. Confesso que, apesar de gostar da independência, a ideia de curtir a maternidade me era mais que agradável, por isso, prontamente aceitei.

— Bom dia, esposa. — ele gemeu ao meu lado, beijando meu rosto.

— Bom dia, esposo. — sorri, ainda de olhos fechados.

O som de pequenos passinhos parecia cada vez mais próximo. Logo o senti subir na cama e sentar-se em meu colo, esperando-me abrir os olhos como fazia todos os dias.

— Mamãe?

— Bom dia, meu amor. — abracei-o junto ao meu corpo. — Está muito cedo para acordar.

— Eu gosto de ver a senhora acordando. — entreabri os olhos, o vendo sorrir.

— E eu gosto de te ver dormir enquanto leio. — retribuí o sorriso.

Miguel beijou o rosto de Maic, em seguida inclinou-se para beijar meus lábios, fazendo nosso pequeno expressar uma cara de nojo. Aos risos, ele seguiu para o banheiro.

— A vovó disse que vocês vão sair para o mel. O que é o mel, mamãe? — ele tombou a cabeça para o lado.

— Lua de mel. — o corrigi, sentando-me na cama. Passei a mão por seu rosto, encarando-o fixamente.

— Vão me deixar para trás? — arregalou os olhos.

— Você nunca irá ficar para trás. — ri com tamanha inocência. — A nossa lua de mel, hum... É apenas algo que acontece após o casamento, mas o papai e eu preferimos tirar férias... — encostei minha testa a sua.

— E a escola?

— Serão só alguns dias. Apenas nós seis.

Maic parou, enumerando com os dedos.

— Somos três.

— Seus avós também vão. — ele sorriu, abraçando-me pelo pescoço.

— Oba! — saltou do meu colo, parando na porta. — Vou contar para eles.

“Na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na prosperidade e nas dificuldades... O verdadeiro amor nunca sucumbirá às provas”.

Você nunca mais se sentirá perdido ou esquecido, meu filho. Quando chorar, estarei aqui para secar suas lágrimas. Se precisar de colo, o pegarei nos braços. Ainda que se sinta perdido, surgirei onde estiver para te guiar e o lembrarei, todos os dias, do quanto eu te amo, pois sou sua mãe, não de sangue, mas escolhida por você. E isso vale mais que qualquer outro laço que possa existir no mundo.

• • •

Na mesa do café da manhã não se falava em outra coisa. Os jornais locais noticiavam a todo instante o desfecho do caso envolvendo a família Cavallera.

“Laura Cavallera e seu comparsa, Ramon Thales Rouriz, foram condenados por unanimidade. A *ex-socialite* foi presa em flagrante ao tentar roubar uma alta quantia em dinheiro da residência de Miguel Souza Eliabe, um dos maiores empresários goianos. Ao que tudo indica, a desgrça de uma das mais antigas e tradicionais famílias do centro-oeste não para por aí. O caso de Laura foi o pontapé inicial para as empresas de mineração em posse de Rosália Cavallera, que também está presa por fraudar o mercado financeiro, decretarem falência. Rosália é acusada de vender dados falsos para captar investidores na bolsa”.

— Que triste. — murmurei, dobrando o jornal sobre a mesa.

— Isso é a justiça, minha querida. — Dona Ana assentiu com a cabeça.

— Não sinto por Rosália, mas ainda tenho um pouco de pena de Laura. — Miguel comentou. — Eu acho que ela estava desesperada com a questão da família estar falida...

— Desesperada ou não, a maldade corria em seu sangue. — Dona Ana assentiu com a cabeça, bebericando o café.

Maic estava alheio à nossa conversa. Ele parecia mais interessado no livro que havia ganhado. Era do seu *youtuber* preferido. Ao menos ele está lendo, não é?

O meu celular tocou. Pedi licença da mesa e o atendi. Era Marcelly.

— Então resolveu aparecer?

— Amiga, eu tenho um *babado* para te contar. — disse eufórica.

— Conte de uma vez! — insisti, curiosa.

— Leonardo me pediu em casamento!

Ela gritou, eu gritei, ambas gritamos.

— Cacetada! — a imitei. — Fico muito feliz por você, muito mesmo.

— E quando é?

— Daqui a duas semanas.

— Uau! — mordi os lábios. — Obviamente, eu sou a madrinha e Miguel é o padrinho.

— Claro que sim! Agora tenho que desligar. Estamos indo na casa dos pais dele contar as novidades. — disse apressada.

— Não suma, ok?

— Prometo.

Desliguei o telefone e dei um longo suspiro, feliz por ela. As coisas parecem estar se ajeitando para todos. Finalmente!

[...]

Decidimos passar nossas férias no *Balneário de Camboriú, Santa Catarina*. O nosso destino era a Praia das Laranjeiras.

— Mamãe, posso entrar na água? — Maic parou em minha frente, encarando-me com aqueles olhos pidões.

— Depois que eu passar o protetor solar e vestirmos a boia em você e... — Miguel riu, encarando-nos. — O que foi?

— Nada. — ele abriu um sorriso bobo.

— Ah, eu tenho uma ideia melhor, campeão. — meu pai se aproximou com uma bola na mão, fazendo Maic saltar.

— Vovô!

Os dois saíram correndo feito loucos para jogar o esporte preferido dos meninos. Como mamãe havia previsto, papai realmente estava correndo como um *garotão*. Girei a cabeça para trás, deparando-

me com as duas “Anas” conversando. A senhora minha mãe e a senhora minha sogra.

— Ei, moça das pernas tortas. — Miguel me chamou; assim que o encarei, ele sorriu. — Eu te amo!

— Eu também te amo, Doutor Prazer. — esbocei um sorriso de lado, segurando seu queixo antes de selar seus lábios.

— Acho que deveríamos te arrumar um nome também... — olhou para cima, pensativo.

— Doutora Dominadora.

— Não! — franzi a testa.

— Doutora Paixão?

— Hum... — sacudi a cabeça para os lados.

— Esse parece bom...

— E aquela biografia que você pretendia lançar?

— Não vou mais. — Miguel deu de ombros, me fazendo olhá-lo com incredulidade. — Quero preservar minha família da minha antiga identidade. O Doutor Prazer morreu, agora só há o Miguel, o *seu* Miguel. — selou meus lábios, arrancando-me um sorriso bobo.

— Por que mandou guardar todas as coisas dela? — encarei o mar, vendo o sol começar a descer no horizonte.

Miguel abaixou a cabeça.

— *Você é um pássaro ferido cujas asas foram cortadas, mas elas cresceram, então por que se recusa a voar?* — murmurou, abrindo um sorriso de canto. — Por que ela me disse que eu precisava voar. Por muito tempo meu coração foi dela, mas agora ele é seu, Liandra.

Encarei-o e trocamos sorrisos.

— Pode parecer loucura, mas sinto que foi ela quem escolheu você para mim... — Miguel segurou meu queixo, olhando-me nos olhos.

Não, não era loucura. Tudo que nos ligou desde o começo foi obra dela.

— Olha, olha! — Maic seguiu gritando para a beirada da praia, chamando nossa atenção.

Miguel e eu nos levantamos para ver do que se tratava. Quando paramos ao seu lado, erguemos o rosto para o céu. Estava chovendo estrelas cadentes em plena luz do dia. Subitamente, peguei Maic no colo. Ele estava encantado com aquilo.

— São os anjos, mamãe. — murmurou, assentindo com a cabeça.

— Sim, são eles. — beijei seu rosto e em seguida, encarei Miguel, que entrelaçou sua mão na minha. Uma leve brisa esvoaçou meus cabelos e a ouvi pela última vez. *Karine*.

“A felicidade está à sua frente, Liandra, agarre-a com todas as forças, pois será para toda a vida”.

— Para toda a vida! — sussurrei, enchendo os pulmões de ar.

~FIM~

Gostou do livro? Por favor, deixe uma avaliação, é muito importante para o autor <3

SOBRE O AUTOR



RODOLPHO SOUSA TOLEDO, mais conhecido como Tom Adamz. O autor atingiu a marca de dois milhões de leituras — com todas as suas obras somadas —, na plataforma de autopublicação *Wattpad*.

Tom escreve desde os doze anos de idade, tendo escrito mais de cem livros, contos e crônicas até os dias de hoje. Atualmente mora em Goiânia - Goiás com seus pais.

Livros na Amazon:

<https://www.amazon.com.br/tomadamz>

Página do Facebook:

<https://www.facebook.com/tomadamzautor>

(Curta e participe dos sorteios).

Grupo do Facebook:

<https://www.facebook.com/groups/tommyadamsautor/>

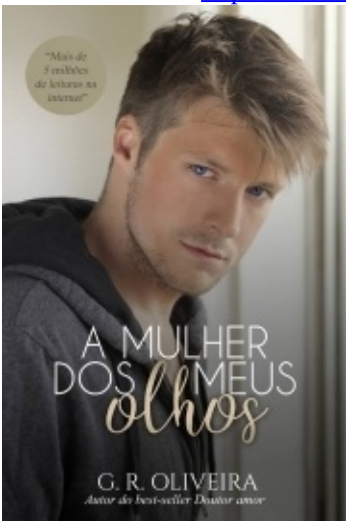
RECOMENDAÇÕES



Barriga de Aluguel: Talita Borges orgulha-se de sua vida simples: de dia trabalha como manicure, de noite assiste novelas. Após uma infância tão pobre e difícil, a última coisa que ela deseja é complicação. Nada de homens, nada de filhos, apenas curtir a vida de solteirona e relaxar. Seria o plano perfeito se não fosse pelo rico e delicioso com olhos de safira e corpo de modelo, Charles Jean-Lucc.

Bilionário, sedutor e obstinado, Charles Jean-Lucc vê em Talita a presa perfeita para uma noite de prazeres em sua mansão, e a teimosia da moça é o tempero perfeito para apimentar a luxúria deste alfa mulherengo. Mas uma emergência no orfanato onde cresceu força Jean-Lucc a recuar de seus jogos de conquista e encarar um enorme desafio: Ele precisa de um herdeiro, e imediatamente.

Leia na Amazon: <http://amzn.to/2BXoBwm>



A Mulher dos Meus Olhos: Nicole Campbell sempre foi uma aluna brilhante. Sua força de vontade e foco sempre foram notórios não só para sua família, mas também para seus amigos. De origem humilde, e extremamente apegada aos pais, sempre custeou seus estudos com muita garra e dedicação. Prestes a se formar, ela conhece um forasteiro misterioso em sua cidade, e se vê tentada a desvendar seus segredos. Os homens que passaram em sua vida só a usaram, mas Nicole enxerga nele algo diferente, uma notória cumplicidade. O que Nicole não sabe é que ela apareceu na vida de um homem até então desiludido, e o fez repensar sobre a sua existência...

Alex Scott sempre teve tudo do bom e do melhor em sua vida. Por ser filho dos empregados de confiança da família Esperanza, sempre esteve presente em festas e eventos em geral na cidade de Oregon. Extremamente bonito, e bastante atraente, conseguia facilmente ter qualquer mulher em sua cama. Apesar de viver em meio a tanta riqueza e luxúria, ele sempre foi um homem que fez de tudo por seus pais. Em sua cabeça, sua família era o seu bem mais precioso, e não tinha nenhuma vergonha em ter um pai jardineiro e uma mãe cozinheira. Só que em um momento de tensão as coisas mudaram, e ele se declarou culpado por um crime que não cometeu, protegendo seus pais, e assim

foi mandado para a prisão. Anos após sair da cadeia, Alex mudou, mas se viu em uma encruzilhada, principalmente após conhecer uma linda moça na cidade em que estava preso...

Leia na Amazon: <http://amzn.to/2EHctT6>

Table of Contents

<u>CAPÍTULO UM</u>	
<u>CAPÍTULO DOIS</u>	
<u>CAPÍTULO TRÊS</u>	
<u>CAPÍTULO QUATRO</u>	
<u>CAPÍTULO CINCO</u>	
<u>CAPÍTULO SEIS</u>	
<u>CAPÍTULO SETE</u>	
<u>CAPÍTULO OITO</u>	
<u>CAPÍTULO NOVE</u>	
<u>CAPÍTULO DEZ</u>	
<u>CAPÍTULO ONZE</u>	
<u>CAPÍTULO DOZE</u>	
<u>CAPÍTULO TREZE</u>	
<u>CAPÍTULO QUATORZE</u>	
<u>INTERLÚDIO 1</u>	
<u>CAPÍTULO QUINZE</u>	
<u>CAPÍTULO DEZESSEIS</u>	
<u>CAPÍTULO DEZESSETE</u>	
<u>CAPÍTULO DEZOITO</u>	
<u>CAPÍTULO DEZENOVE</u>	
<u>CAPÍTULO VINTE</u>	
<u>CAPÍTULO VINTE E UM</u>	
<u>CAPÍTULO VINTE E DOIS</u>	
<u>CAPÍTULO VINTE E TRÊS</u>	
<u>CAPÍTULO VINTE E QUATRO</u>	
<u>CAPÍTULO VINTE E CINCO</u>	
<u>CAPÍTULO VINTE E SEIS</u>	
<u>CAPÍTULO VINTE E SETE</u>	
<u>CAPÍTULO VINTE E OITO</u>	
<u>CAPÍTULO VINTE E NOVE</u>	
<u>CAPÍTULO TRINTA</u>	
<u>CAPÍTULO TRINTA E UM</u>	
<u>CAPÍTULO TRINTA E DOIS</u>	
<u>CAPÍTULO TRINTA E TRÊS</u>	
<u>INTERLÚDIO 2</u>	
<u>CAPÍTULO TRINTA E QUATRO</u>	
<u>CAPÍTULO TRINTA E CINCO</u>	
<u>CAPÍTULO TRINTA E SEIS</u>	
<u>CAPÍTULO TRINTA E SETE</u>	
<u>CAPÍTULO TRINTA E OITO</u>	
<u>INTERLÚDIO 3</u>	
<u>CAPÍTULO TRINTA E NOVE</u>	
<u>CAPÍTULO QUARENTA</u>	
<u>CAPÍTULO QUARENTA E UM</u>	

[CAPÍTULO QUARENTA E DOIS](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO](#)
[INTERLÚDIO 4](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E CINCO](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E SEIS](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E SETE](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E OITO](#)
[CAPÍTULO QUARENTA E NOVE](#)
[CAPÍTULO CINQUENTA](#)
[INTERLÚDIO 5](#)
[CAPÍTULO CINQUENTA E UM](#)
[CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS](#)
[CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS](#)
[CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO](#)
[CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO](#)
[CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS](#)
[CAPÍTULO CINQUENTA E SETE](#)
[EPÍLOGO](#)
[SOBRE O AUTOR](#)
[RECOMENDAÇÕES](#)

